

JULIANA CASAROTTI FERREIRA

AS ENTREVISTAS DO *JORNAL DE LETRAS, ARTES E IDEIAS _JL_* (1990-1999) COMO
FONTE DE PESQUISA DAS LITERATURAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

ASSIS
2013

JULIANA CASAROTTI FERREIRA

AS ENTREVISTAS DO *JORNAL DE LETRAS, ARTES E IDEIAS _JL_* (1990-1999) COMO
FONTE DE PESQUISA DAS LITERATURAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

Tese apresentada à Faculdade de Ciências e Letras
de Assis – UNESP – Universidade Estadual
Paulista para a obtenção do título de Doutora em
Letras (Área de Conhecimento: Literatura e Vida
Social)

Orientadora: Dra. Rosane Gazolla Alves Feitosa

ASSIS
2013

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca da F.C.L. – Assis – UNESP

F383e Ferreira, Juliana Casarotti
As entrevistas do Jornal de Letras, Artes e Ideias _JL_ (1990-1999) como fonte de pesquisa das literaturas de língua portuguesa. Juliana Casarotti Ferreira. Assis, 2013
221f. : il.

Tese de Doutorado - Faculdade de Ciências e Letras de Assis - Universidade Estadual Paulista.

Orientadora: Dr^a Rosane Gazolla Alves Feitosa

1. Literaturas de língua portuguesa - História e crítica. 2. Literatura e sociedade. 3. Jornalismo e literatura. 4. Entrevistas. 5. Periódicos. 6. Anos 1990. I. Título.

CDD 869.09

JULIANA CASAROTTI FERREIRA

AS ENTREVISTAS DO 'JORNAL DE LETRAS, ARTES E IDEIAS _JL_'
(1990-1999) COMO FONTE DE PESQUISA DAS LITERATURAS DE
LÍNGUA PORTUGUESA

Tese apresentada à Faculdade de
Ciências e Letras – UNESP/Assis para
obtenção do título de Doutora em
Letras. (Área de Conhecimento:
Literatura e Vida Social)

Data da Aprovação: 24/06/2013

COMISSÃO EXAMINADORA


Presidente: PROFA. DRA. ROSANE GAZOLLA ALVES FEITOSA - UNESP/Assis


Membros: PROF. DR. MARCIO ROBERTO PEREIRA - UNESP/Assis


PROFA. DRA. SANDRA A. FERREIRA - UNESP/Assis


PROFA. DRA. LUCIANA BRITO - UENP/Jacarezinho


PROFA. DRA. RAQUEL DOS SANTOS MADANELO SOUZA -
UNIFESP/São Paulo

AGRADECIMENTOS

A realização deste trabalho só foi possível graças à colaboração direta ou indireta de diversas pessoas. Manifesto minha gratidão a todas elas e de forma particular:

à minha orientadora Prof^a. Dra. Rosane Gazolla Alves Feitosa, que me acompanha desde a Iniciação Científica, sempre com muita dedicação, eficiência e amizade;

à Prof^a. Dra. Sandra A. Ferreira e ao Prof. Dr. Marcio Roberto Pereira, pelas competentes orientações, críticas e sugestões durante o Exame de Qualificação;

aos professores e funcionários da UNESP – Câmpus de Assis, pelo carinho e atenção;

à CAPES pelo apoio financeiro essencial para a concretização deste trabalho;

a todos os que me apoiaram e acreditaram em mim, especialmente ao Daniel, pelo amor, companheirismo e compreensão durante os anos;

à UNESP – Universidade Estadual Paulista – Câmpus de Assis, minha Instituição querida.

Jornal antigo é melhor do que cemitério, por esta razão que no cemitério tudo está morto, enquanto que no jornal está vivo tudo. (...) As letras impressas na gazeta antiga são variadas, as notícias parecem recentes; é a galera que sai, a peça que se esta representando, o baile de ontem, a romaria de amanhã, uma explicação, um discurso, dois agradecimentos, muitos elogios; é a própria vida em ação.

Machado de Assis

FERREIRA, Juliana Casarotti. **AS ENTREVISTAS DO JORNAL DE LETRAS, ARTES E IDEIAS _JL_ (1990-1999) COMO FONTE DE PESQUISA DAS LITERATURAS DE LÍNGUA PORTUGUESA**. 2013. 221 f. Tese (Doutorado em Letras). – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2013.

RESUMO

Esta tese apresenta um estudo crítico das entrevistas de escritores de língua portuguesa publicadas na década de 1990 no *Jornal de Letras, Artes e Ideias _JL_*, de Lisboa, sob a perspectiva do conceito de sistema literário de Antonio Candido (autor/obra/público), em que se demonstra que as entrevistas do *JL* são fonte documental e de informações para a história e a crítica das literaturas de língua portuguesa, particularmente contemporâneas, já que, por meio das entrevistas do *JL*, podem-se entender aspectos fundamentais da vida literária dos anos 90. A pesquisa aponta como a análise da entrevista contribui para a discussão acerca do papel social do escritor, de valores e ideologias presentes nos romances da época e da imagem que o escritor tem do público leitor. O *JL* foi fundado em 1981 e dirigido, desde o seu início, por José Carlos Vasconcelos, jornalista, escritor, advogado, um defensor da língua portuguesa. O *JL* contempla diversos assuntos da área cultural, segundo os mais variados gêneros: notas, notícias, reportagens, ensaios, entrevistas, crônicas, resenhas, dossiês e outros. A primeira etapa da pesquisa consistiu em reunir os exemplares do periódico da década de 1990. Para isso, três centros de referências foram visitados: a) CEDAP - Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa /UNESP-Assis; b) Biblioteca da Escola de Comunicações e Artes – ECA/USP (Universidade de São Paulo); c) Hemeroteca Municipal de Lisboa, Portugal. Após uma análise do conjunto de jornais, a entrevista foi eleita como o *corpus* deste trabalho. Dada a grande quantidade de entrevistas encontradas, alguns critérios de seleção foram estabelecidos: O entrevistado é um autor de língua portuguesa; O tema motivador da entrevista relaciona-se ao lançamento de um romance. A construção da pesquisa, referenciada na abordagem quanti-qualitativa, teve como apoio teórico os conceitos de Antonio Candido (sistema literário) e Pierre Bourdieu (campo literário). A tese está estruturada em três capítulos: no primeiro, fazem-se algumas considerações sobre características fundamentais do *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, enfatizando-se sua atuação enquanto publicação da área cultural da língua portuguesa; o segundo capítulo é dedicado às entrevistas do *JL*, em que se apresenta um breve esboço sobre a estrutura das entrevistas; no terceiro capítulo estão os comentários das entrevistas, de modo que neles se pode perceber a dinâmica do diálogo entre literatura e sociedade, a divulgação do que se lê em Portugal na década de 1990 e conteúdos reveladores de representações e valores envolvidos na produção literária. A análise das entrevistas mostra como o escritor dialoga sobre o seu fazer literário e como ele se relaciona com a literatura portuguesa contemporânea ao fornecer subsídios para estabelecer o panorama de um período ainda pouco estudado (década de 90) de modo verticalizado pela crítica literária. A leitura das entrevistas traz contribuições para uma reflexão sobre o relacionamento complexo literatura/sociedade e sobre a configuração das literaturas de língua portuguesa na década de 1990, fornece informações sobre escritores/obras que fizeram parte do cenário cultural desses anos e possibilita tanto conhecer a respeito do caráter estético das obras publicadas quanto de sua recepção na época.

PALAVRAS-CHAVE: Literaturas de Língua Portuguesa; História e Crítica Literária; *Jornal de Letras, Artes e Ideias*; Entrevistas; Periódicos; Década de 1990.

FERREIRA, Juliana Casarotti. **THE INTERVIEWS OF JORNAL DE LETRAS, ARTES E IDEIAS_JL_(1990-1999) AS SOURCE FOR RESEARCH OF PORTUGUESE LANGUAGE LITERATURES.** 213. 221 f. Thesis (Doctorate in Letters) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2013.

ABSTRACT

This thesis presents a critical study of the Portuguese Language writers interviews published in the years 90 in *Jornal de Letras, Artes e Ideias_JL_*, of Lisbon, from the perspective of the literary system formulated by Antonio Candido (writer/ production/public), demonstrates that the interviews of *JL* are source of document and information for History and Literary Criticism of Portuguese Language, as they permit to understand fundamental aspects of literary life of years 90. The research shows that interviews analysis contributes to the discussion of social writer's role, values and ideologies in novels and the image that writer has of readership. The *JL* was founded in 1981 and led by, since its creation, José Carlos Vasconcelos, journalist, writer, lawyer, defender of the Portuguese language. The *JL* has several subjects of cultural area according to a range of genders: note, news, report, interview, chronicle, review, dossier and others. The first step in the research consisted in bringing together the copies of the years 90 newspapers. In order to do so, three reference centers were visited: a) CEDAP - Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa /UNESP-Assis; b) Biblioteca da Escola de Comunicações e Artes – ECA/USP (Universidade de São Paulo); c) Hemeroteca Municipal de Lisboa, Portugal. After an analysis of set of newspapers, the interview was chosen object of this thesis. Due to the great number of interviews, some criterions have been established: The interviewee is a writer of Portuguese Language; - The theme of interview is an appearance of novel. The building of the study, referenced in qualitative approach, based on concepts of Antonio Candido (literary system) e Pierre Bourdieu (literary field). This thesis has three chapters, in the first chapter contains some observations on the characteristics of the *Jornal de Letras, Artes e Ideias* emphasizing its role as publication of cultural area of Portuguese Language. The second chapter is dedicated to the interviews of *JL*, summarizes the structure of interviews. In the third chapter deals with comments of interviews pointing out the dialogue between literature and society; disclosure of novels of 90s; representations and values involved in literary production. The analysis of the interviews shows how the writer talks about his production and how it relates to Portuguese language contemporary literature by providing information to overview of a little studied period (decade of 90) in more depth for literary criticism. The reading of interviews brings in contributions to a reflection on the complex relationship of literature/society and the Portuguese language literature configuration in the years 90. It provides information about writes/literary compositions that are part of cultural scene of 90s makes possible to know about artistic nature of novels and their reception at the time.

KEYWORDS: Portuguese Language Literatures; Literary History and Literary Criticism; *Jornal de Letras, Artes e Ideias*; Interviews; Newspaper; Decade of 90.

LISTA DE GRÁFICO

Gráfico 1 - Gastos públicos portugueses com cultura e lazer – 1992 a 1999.....	11
Gráfico 2 - Gastos públicos com cultura e lazer na Europa – 1996 e 1999.....	11
Gráfico 3 - Práticas culturais de saída da população portuguesa com 15 anos e mais anos - 1999	12
Gráfico 4 - Museus e números de visitantes em Portugal – 1970 a 2002.....	13
Gráfico 5 - Gastos públicos com educação em países da União europeia - 1999	14
Gráfico 6 - Gastos das famílias portuguesas em educação – 1995 a 2001.....	14
Gráfico 7 - Alunos matriculados no ensino superior em Portugal, divididos por sexo – 1990 a 2001	15
Gráfico 8 - Bibliotecas, utilizadores e documentos consultados em Portugal – 1970 a 2002..	16
Gráfico 9 - Número de publicações periódicas em Portugal, por gênero - 1999	17
Gráfico 10 - Os 10 autores que mais foram entrevistados pelo <i>JL</i> – 1990-1999	99
Gráfico 11 - Número de autores entrevistados por país - 1990-1999.....	100
Gráfico 12 - Principal motivo para a realização da entrevista – 1990-1999	101
Gráfico 13 - Tipo da entrevista – 1990-1999	102
Gráfico 14 - Principais entrevistadores do <i>JL</i> – 1990-1999	103

LISTA DE QUADRO

Quadro 1 - Hábito de leitura da população com 15 anos e mais anos em Portugal - 1999	16
Quadro 2 - Seleção dos Escritores entrevistados pelo <i>JL</i> na década de 1990	21
Quadro 3 - Depoimentos das edições de 10 anos (nº 453 de março de 1991), 20 anos (nº 768 de março de 2000) e milésima edição (nº 1000 de janeiro de 2009) do <i>JL</i>	37
Quadro 4 - Colaboradores do <i>JL</i> : número: 1, de 1981	59
Quadro 5 - Colaboradores fixos do <i>JL</i> : número: 391, de 1990	60
Quadro 6 - Colaboradores fixos do <i>JL</i> : número: 763, de 2000	60

LISTA DE FIGURA

Figura 1 - Capa da edição de número 1065, de 2011 do <i>JL</i>	39
Figura 2 - Capas: José Cabral de Melo Neto, Guimarães Rosa e Mário de Andrade.....	41
Figura 3 - Capas: Jorge Amado, Affonso Romano Sant’anna, Lygia Fagundes Telles	42
Figura 4 - Capas: “África Minha” e “Vozes de Cabo Verde”	43
Figura 5 - Capas: Pepetela, Mia Couto.....	44
Figura 6 - Capas: Craveirinha, José Eduardo Agualusa	45
Figura 7 - Capas: Rimbaud, Lorca, Neruda.....	46
Figura 8 - Capas: Isabel Allende, Borges, Hemingway	47
Figura 9 - Capas: Camilo Castelo Branco, Camilo Pessanha, Fernando Pessoa.....	49
Figura 10 - Capas: Florbela, António Nobre, Eça de Queiroz	50
Figura 11 - Capas: Carlos Paredes, João Abel Manta, Fotografia Portuguesa.....	52
Figura 12 - Capas: Fado, Paula Rego, Manoel de Oliveira	52
Figura 13 - Capas: José Mattoso, A. H. de Oliveira Marques, Vasco da Gama	53
Figura 14 - Capas: José Mariano Gago, Eduardo Lourenço, Utopias	53
Figura 15 - Capas: Exemplares de nº 01 (1981), 736 (1998), 1056 (2011).....	54
Figura 16 - Carta da Suécia. <i>Jornal de Letras, Artes e Ideias</i> , nº608, 1 a 7 de março de 1994, p.27	62
Figura 17 - Carta do Brasil. <i>Jornal de Letras, Artes e Ideias</i> , nº 613, 13 a 26 de abril de 1994, p. 46.	63
Figura 18 - Carta de Luanda, <i>Jornal de Letras, Artes e Ideias</i> , nº 557, 9 a 15 de março de 1993, p.11	64
Figura 19 - Carta do Rio, <i>Jornal de Letras, Artes e Ideias</i> , nº 645, 5 a 18 de julho de 1995, p.44	65
Figura 20 - Memória Infiel. <i>Jornal de Letras, Artes e Ideias</i> , nº 553, 9 a 15 de fevereiro de 1993, p. 31	66
Figura 21 - Os antigos lidos. <i>Jornal de Letras, Artes e Ideias</i> , nº 431, 9 a 15 de outubro de 1990, p. 32	67
Figura 22 - Ao pé das letras. <i>Jornal de Letras, Artes e Ideias</i> , nº 546, 22 a 28 de dezembro de 1992, p. 7	68

Figura 23 - Trabalho de casa, <i>Jornal de Letras, Artes e Ideias</i> , nº 398, 13 a 26 de janeiro de 1999, p.12	69
Figura 24 - A crítica (im) possível, <i>Jornal de Letras, Artes e Ideias</i> , nº 532, 15 a 21 de setembro de 1992, p.13.....	70
Figura 25 - Escrituralismo, <i>Jornal de Letras, Artes e Ideias</i> , nº 401, 13 a 19 de março de 1990, p.32	71
Figura 26 - Algumas rubricas da seção “JL” Leitores.....	72
Figura 27 - JL Leitores. <i>Jornal Letras, Artes e Ideias</i> , nº 395, de 30 de janeiro a 5 de fevereiro de 1990, p. 30	78
Figura 28 - Aviso publicitário recorrente nos exemplares do <i>JL</i>	79
Figura 29 - Anúncio publicitário do <i>JL</i> . <i>Jornal de Letras, Artes e Ideias</i> , nº 600, de 4 a 10 de janeiro de 1994	80
Figura 30 - Anúncios publicitários do <i>Diário de Lisboa</i> . <i>Jornal de Letras, Artes e Ideias</i> , nº 600, de 4 a 10 de janeiro de 1994.....	80
Figura 31 - Programação cultural da Fundação Calouste Gulbenkian. <i>Jornal de Letras, Artes e Ideias</i> , nº 391, de 2 a 8 de janeiro de 1990	81
Figura 32 - Anúncio da peça “Casa de boneca”, de Henrik Ibsen. <i>Jornal de Letras, Artes e Ideias</i> , nº 391, de 31 de dezembro a 7 de janeiro de 1991	82
Figura 33 - Anúncio publicitário da peça “Nunca nada de ninguém”, de Luísa Costa Gomes. <i>Jornal de Letras, Artes e Ideias</i> , nº 496, de 7 a 13 de janeiro de 1992	83
Figura 34 - Anúncio do livro <i>A Casa dos Mestros</i> , de Orlanda Amarílis. <i>Jornal de Letras, Artes e Ideias</i> , nº 391, de 31 de dezembro a 7 de janeiro de 1991	83
Figura 35 - Anúncio do livro <i>Sombras e Lugares</i> , de Serafim Ferreira. <i>Jornal de Letras, Artes e Ideias</i> , nº 600, de 4 a 10 de janeiro de 1994	84
Figura 36 - Anúncio do livro <i>A Cavalo no Diabo</i> , de José Cardoso Pires. <i>Jornal de Letras, Artes e Ideias</i> , nº 631, de 21 de dezembro de 1994 a 3 de janeiro de 1995	84
Figura 37 - Anúncio do livro <i>Seta Despedida</i> , de Maria Judite de Carvalho. <i>Jornal de Letras, Artes e Ideias</i> , nº 657, de 20 de dezembro de 1995 a 2 de janeiro de 1996	85
Figura 38 - Exemplo de <i>layout</i> de entrevista do <i>JL</i> – nº411 (1990).....	96
Figura 39 - Exemplo de <i>layout</i> de entrevista do <i>JL</i> – nº436 (1990).....	97

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1 JORNAL DE LETRAS, ARTES E IDEIAS	23
1.1 A palavra de quem faz o jornal.....	27
1.2 Textos de apresentação e depoimentos.....	32
1.3 Um passeio pelas capas do <i>JL</i>	38
1.3.1 Letras	40
1.3.2 Artes e Ideias	51
1.4 Seções e colaboradores.....	54
1.5 Cartas do leitor	72
1.6 Anúncios publicitários.....	79
2 AS ENTREVISTAS DO <i>JL</i>: ESTRUTURA E CONTEÚDO.....	86
2.1 Literaturas de língua portuguesa	86
2.2 A entrevista do <i>Jornal de Letras, Artes e Ideias</i>	91
2.2.1 Balanço das entrevistas do <i>JL</i> (1990-1999).....	98
2.3 José Carlos de Vasconcelos entrevista Saramago	103
3 COMENTÁRIO DAS ENTREVISTAS DO <i>JL</i> (1990-1999)	117
3.1 Autores entrevistados com nome iniciado pela letra A a G	120
3.2 Autores entrevistados com nome iniciado pela letra H a N	153
3.3 Autores entrevistados com nome iniciado pela letra O a Z	186
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	205
REFERÊNCIAS	207
APÊNDICE	216

INTRODUÇÃO

Em uma sociedade democrática, o papel da imprensa consiste em trazer para o público a reflexão e o debate de ideias. Nos meios de comunicação de massa, o jornal destaca-se por revelar uma capacidade de registrar o dia a dia da história de forma contínua e sob diferentes pontos de vista, abarcados na multiplicidade de seções contidas no veículo.

Torna-se relevante apontar que a trajetória da tese “As entrevistas do *Jornal de Letras, Artes e Ideias_JL_* (1990-1999) como fonte de pesquisa das Literaturas de Língua Portuguesa” é um prolongamento das pesquisas realizadas na Iniciação Científica e no Mestrado, sob a orientação da Professora Rosane Gazolla Alves Feitosa. A Iniciação Científica, financiada pelo Programa de bolsas UNESP/PIBIC/Reitoria, desenvolveu-se, em 2004-2005, com o projeto “A produção crítica em periódicos portugueses – Revista *Colóquio/Letras* (121/140) – Seção Ensaio – Catalogação”. No mestrado (2006-2009) – CNPq –, apresentou-se a dissertação “Revista *Colóquio/Letras* (Nº 1/1971-Nº169/2004) e a crítica literária: Eça de Queirós/Seção Ensaio”. Nas pesquisas realizadas na Graduação e no Mestrado, o trabalho privilegiou o caráter descritivo e promoveu reflexões sobre uma revista considerada referência no âmbito da crítica literária portuguesa. Esses anos de envolvimento com o estudo da imprensa contemporânea ajudam a confirmar o valor de se ter periódicos como objeto de estudo na área de Letras.

A presente pesquisa mostra que os textos das entrevistas publicados no *Jornal de Letras, Artes e Ideias* não constituem uma produção efêmera, fadada ao esquecimento. Ao contrário, a leitura das entrevistas revela a preocupação dos escritores sobre o fazer literário e sobre a literatura. Assim, esses textos registram debates importantes sobre uma época, colaborando, dessa maneira, para os estudos de História da Literatura. A entrevista permite a discussão de temas relacionados a diversos campos do saber: o campo intelectual, o campo artístico e o campo político-social, por isso merece ser incluída nos estudos literários.

Este trabalho insere-se na área de conhecimento Literatura e Vida Social, do Programa de Pós-graduação em Letras, e na Linha de Pesquisa “Arquivos da Memória: fontes e periódicos literários e culturais”. Essa linha tem como objetivo traçar reflexões sobre questões referentes à recepção literária em variados contextos, ao discurso da

crítica e da historiografia literárias e à organização das fontes primárias, com o objetivo de se compreenderem as categorias e os problemas específicos dos gêneros e discursos literários e suas relações ao longo do tempo.

A pesquisa documental, isto é, o estudo em fontes como cartas, fotografias, jornais e revistas tem despertado o interesse das mais diversas áreas do conhecimento, como a Sociologia, a Pedagogia, a Antropologia, a História e a Arte, que, cada vez mais, têm voltado o olhar para a análise desses documentos como suporte de informações para pesquisas.

O *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, comumente denominado de *JL*, começa a ser publicado no ano de 1981, na cidade de Lisboa. O seu grande idealizador é o jornalista José Carlos de Vasconcelos, diretor da publicação desde seu lançamento até os dias de hoje. Graças ao seu formato próprio e à sua periodicidade ininterrupta, o *Jornal de Letras, Artes e Ideias* consagra-se como uma atuante publicação da área cultural da língua portuguesa. O diretor do *JL* luta para que o jornal mantenha-se no mercado editorial, sem abrir mão de seus valores e princípios iniciais. A qualidade dos colaboradores – críticos, colunistas, cronistas, articulistas, ensaístas – mostra-se como um dos fatores que faz do *JL* um jornal respeitado no universo da língua portuguesa. Agustina Bessa-Luís, Augusto Abelaira, Carlos Reis, David Mourão-Ferreira, Urbano Tavares Rodrigues, Vasco Graça Moura e Vergílio Ferreira são alguns dos nomes que deixaram sua marca no periódico.

Em termos de público leitor, o *Jornal de Letras, Artes e Ideias* procura não se restringir aos estudiosos das artes e letras. O periódico trata principalmente da literatura, mas também exhibe uma diversidade de temas em suas seções fixas. Existe espaço para o teatro, cinema, televisão, música e artes plásticas. Ao se deparar com o *JL*, o leitor encontrará textos que privilegiam a crítica, a invenção, a opinião e as notícias da atualidade.

No *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, as crônicas, entrevistas, dossiês, ensaios, reportagens, cartas, escritos literários e registros iconográficos colaboram para se entender a configuração da cultura de língua portuguesa a partir das últimas décadas do século XX. Os milhares de páginas do *JL* passam a servir como uma espécie de repositório de informações, fatos históricos e pensamentos relacionados principalmente às literaturas de língua portuguesa.

As entrevistas concedidas por escritores ao *JL* são descritas como um meio em que os criadores têm voz a respeito dos mais variados temas, constituindo-se como um

lugar no jornal onde o escritor tem a oportunidade de expressar sua opinião. Não obstante a sua importância desde logo conferida pelo fato de constituir uma seção regular no *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, observa-se ainda nas entrevistas uma forma de investigação de uma época da literatura de maneira ampla. Por isso, abordar uma temática tão rica e complexa como é das entrevistas realizadas com os escritores afigura-se como algo premente no contexto dos estudos da história da literatura.

O principal objetivo do presente estudo consiste no comentário de aspectos contidos no discurso proferido pelos escritores ao *JL*, conceituando as entrevistas como uma fonte de pesquisa das literaturas de língua portuguesa. Seleciona-se como centro da pesquisa o estudo de caso das entrevistas do *Jornal de Letras, Artes e Ideias* da década de 1990. Os anos 90 constituem uma época de amadurecimento do periódico, momento em que a publicação consolida-se como uma referência no âmbito cultural e como um dos mais tradicionais órgãos de comunicação impressos em Portugal.

No contexto português, os anos 1990 refletem mudanças significativas no panorama cultural. A cultura ganha cada vez mais espaço, passando a configurar uma das preocupações de Portugal devido à melhoria das condições de vida e, conseqüentemente, do alargamento da classe média portuguesa. A realização de grandes eventos culturais na década de 90 como a EXPO'98 confirma essa tendência.

O gráfico 1 registra o ritmo de crescimento das despesas que o conjunto da administração pública portuguesa despendeu com cultura e lazer. Complementando as informações do gráfico, em 1999, as Administrações Públicas gastaram em “Serviços Recreativos, Culturais e Religiosos” aproximadamente 130 euros por indivíduo residente no país, um valor que representa cerca do dobro da cifra registrada em 1992: 61 euros¹.

¹ INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA. *Portugal Social 1991-2001*, 2003, p. 225.

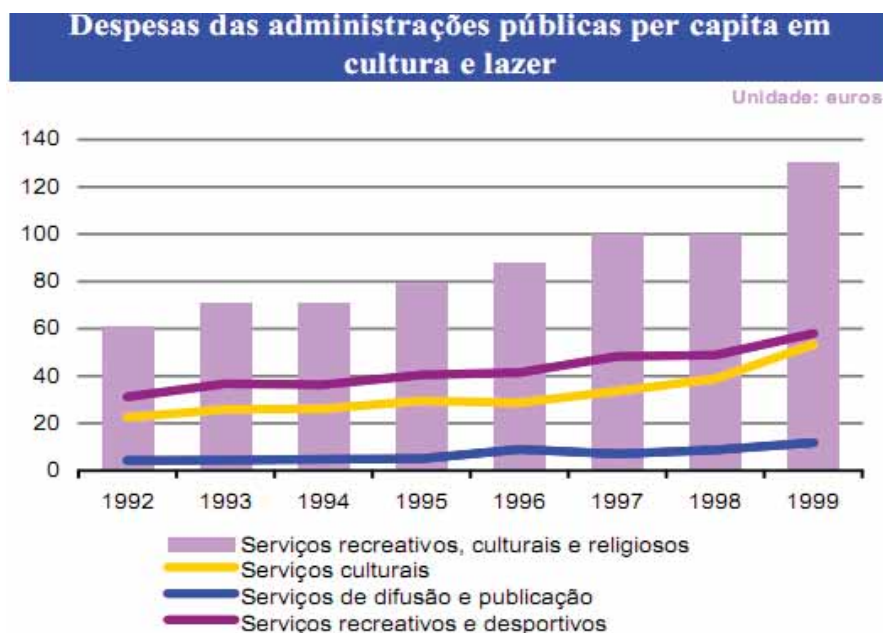


Gráfico 1 - Gastos públicos portugueses com cultura e lazer – 1992 a 1999

Fonte: INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA. *Portugal Social 1991-2001*, 2003, p. 225.

Em termos de comparação com alguns países europeus, no que se refere às despesas do PIB com cultura e lazer, Portugal se destaca. Como apresentado no gráfico 2, em 1999, somente as Administrações Públicas de Suécia, Luxemburgo e Dinamarca conseguem se manter superiores a Portugal com as despesas em cultura e lazer representativas nos respectivos PIB. Outro aspecto curioso é que na maior parte dos países observados no gráfico houve uma diminuição dos gastos com cultura e lazer entre o período de 1996 e 1999, e, contrariando essa tendência, Portugal apresenta um crescimento de despesas na porcentagem do PIB nesse tempo, sendo o maior aumento do conjunto de países.

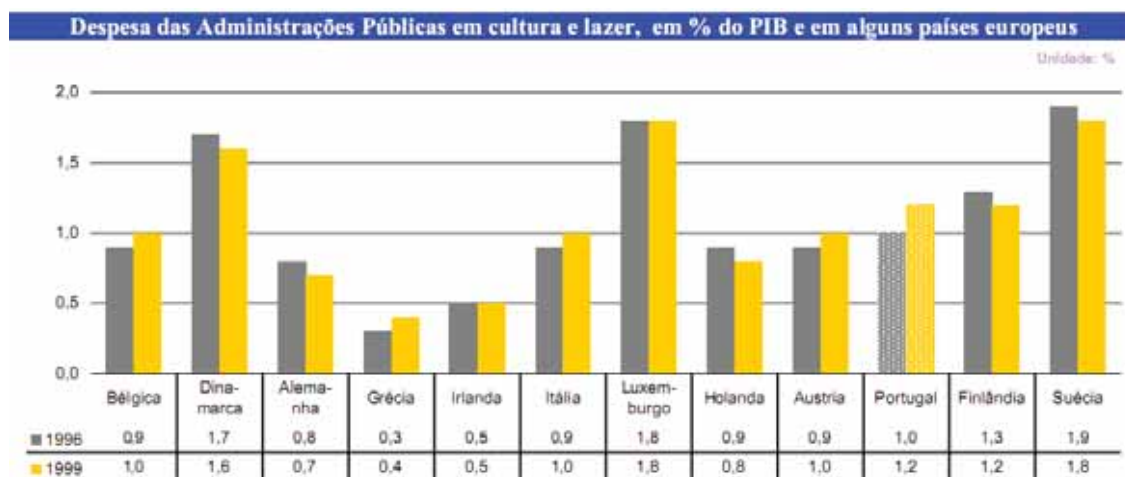


Gráfico 2 - Gastos públicos com cultura e lazer na Europa – 1996 e 1999

Fonte: INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA. *Portugal Social 1991-2001*, 2003, p. 226.

Classificando como práticas culturais de saída o conjunto de atividades que agrega o cinema, espetáculos ao vivo e visitas ao patrimônio artístico e cultural, o gráfico 3 apresenta a frequência dessas práticas em Portugal no ano de 1999. Nota-se que as pessoas de 15 e mais anos residentes em Portugal preferem, em primeiro lugar, as visitas aos Museus e Exposições (30%), seguidas pelas idas ao Cinema (29,9%) e Concertos de música popular/contemporânea (23,1%). Na última posição, está a predileção ao gênero Ópera (2,6%), que registrou a menor frequência entre essa parcela da população.

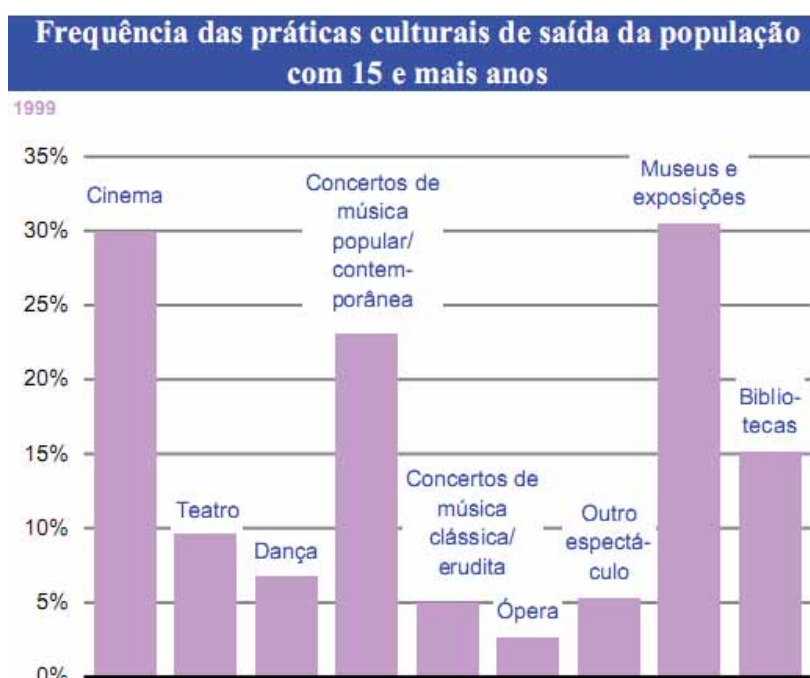


Gráfico 3 - Práticas culturais de saída da população portuguesa com 15 anos e mais anos - 1999
 Fonte: INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA. *Portugal Social 1991-2001*, 2003, p. 232.

O historiador português António José Telo atribui uma importância aos museus no panorama da educação, cultura e turismo. Nas palavras do historiador português:

Mais significativo tem sido o crescimento do número de museus e dos seus visitantes, o que reflecte simultaneamente o aumento do nível médio de educação e a crescente importância do turismo – os turistas continuam a ser os grandes frequentadores dos museus. O número de museus duplicou entre 1970 e 2002, com um crescimento intenso até 1990 (330 registados), uma queda, a partir daí, com tendência para um aumento recente – 201 museus, em 200, para 260, em 2003. Há aqui igualmente uma tendência para a descentralização e a diversificação [...] O número de visitantes de museus triplicou de 1970

(cerca de 3 milhões) para 2003 (8,9 milhões). (TELO, 2007, p. 372-373)

Museus e número de visitantes por mil habitantes

Quadro 10.1

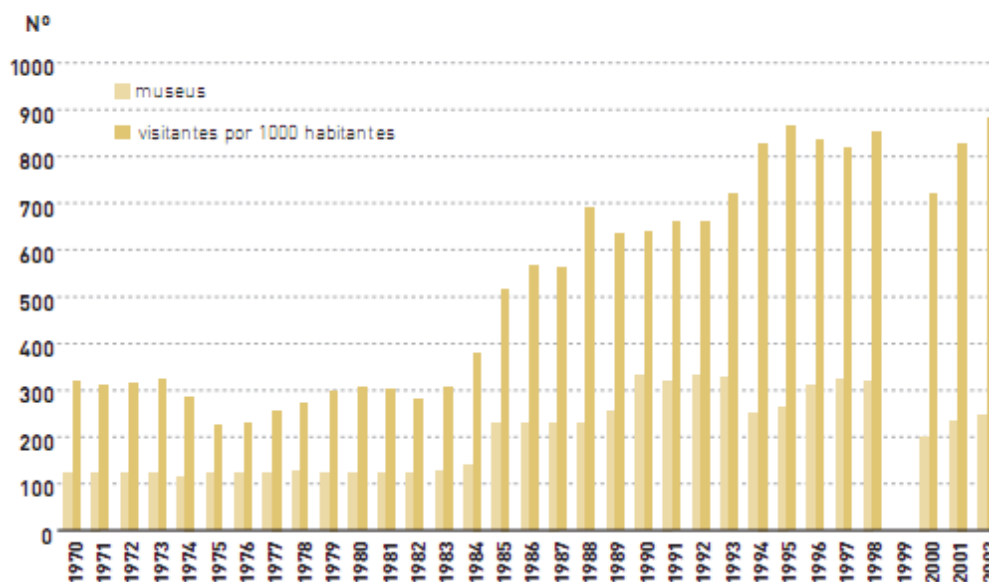


Gráfico 4 - Museus e números de visitantes em Portugal – 1970 a 2002

*Não há informações sobre o ano de 1999

Fonte: INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA. *30 Anos de 25 de Abril*. Um retrato estatístico, 2004, p.70.

É consenso afirmar que a educação serve de base para o desenvolvimento de um país e para a melhoria da qualidade de vida de sua população. Telo (2007, p.323) aponta que a educação impedia o crescimento econômico moderno de Portugal. No início do século XX, a taxa de analfabetismo no país era cerca de 80% (75,1% em 1910). A partir de 1975, passa-se a ver um esforço efetivo no alargamento do sistema de ensino.

Seguindo este processo, as despesas públicas com educação tendem a aumentar. No período entre 1990 e 1999, os gastos públicos em educação subiram em média 12,4% referentes ao PIB português². Os investimentos de Portugal na educação estão um pouco acima dos observados nos países da União Europeia. Em 1999, os valores mais altos são os apresentados por Dinamarca (8%) e Suécia (7,7%), e os mais baixos pertencem à Grécia (3,7%).

² Ibid., p. 71.

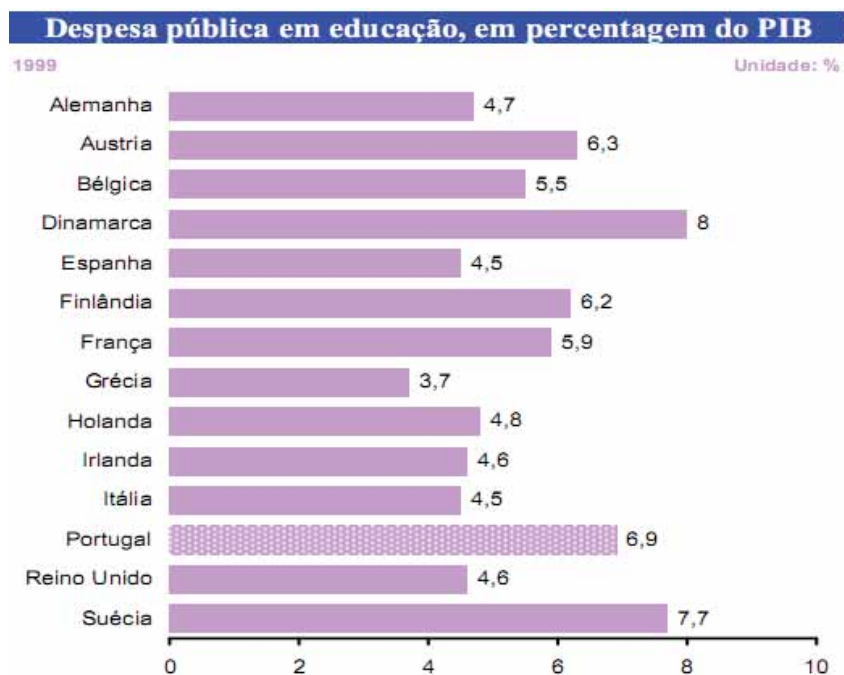


Gráfico 5 - Gastos públicos com educação em países da União europeia - 1999

Fonte: INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA. *Portugal Social 1991-2001*, 2003, p. 71.

Acompanhando o crescimento dos gastos públicos em educação, as famílias portuguesas demonstram um esforço cada vez maior para investir nesse setor. O consumo familiar em educação em Portugal intensificou-se entre os anos de 1995 a 2001.

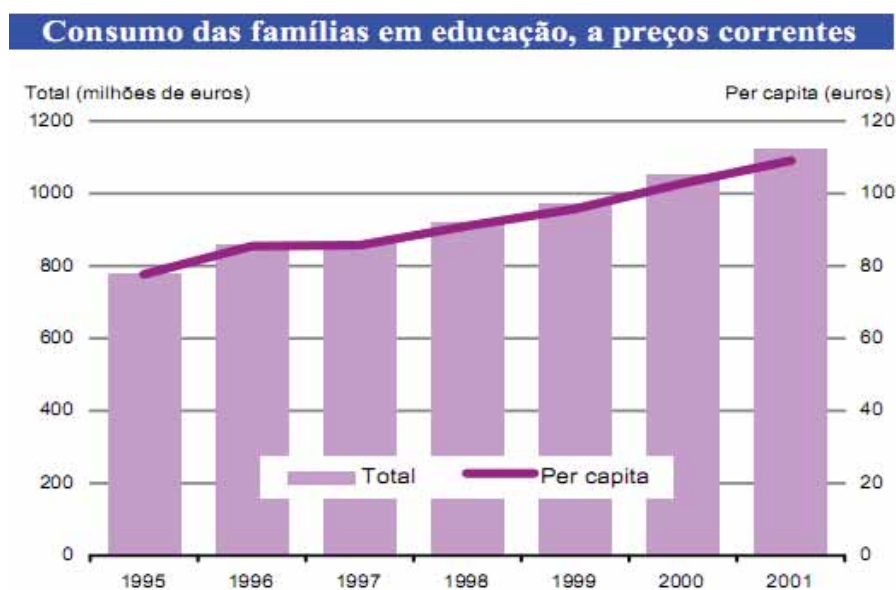


Gráfico 6 - Gastos das famílias portuguesas em educação – 1995 a 2001

Fonte: INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA. *Portugal Social 1991-2001*, 2003, p.71.

Uma das mudanças nos últimos trinta anos em Portugal foi o aumento do acesso da mulher ao sistema de ensino, com destaque para sua presença no ensino superior: “As mulheres passam a ser a maioria dos alunos no ensino superior a partir de finais da década de 1980. Verifica-se mesmo que não só as mulheres estão em maior número nas universidades como a sua taxa de sucesso escolar é superior” (TELO, 2007, p. 322). Essa tendência para uma crescente predominância da mulher no ensino superior é visível nos últimos dez anos, como mostra o gráfico 7, esse fato poderá refletir no aumento da média da remuneração feminina e no maior acesso das mulheres a cargos de responsabilidade no mercado de trabalho.

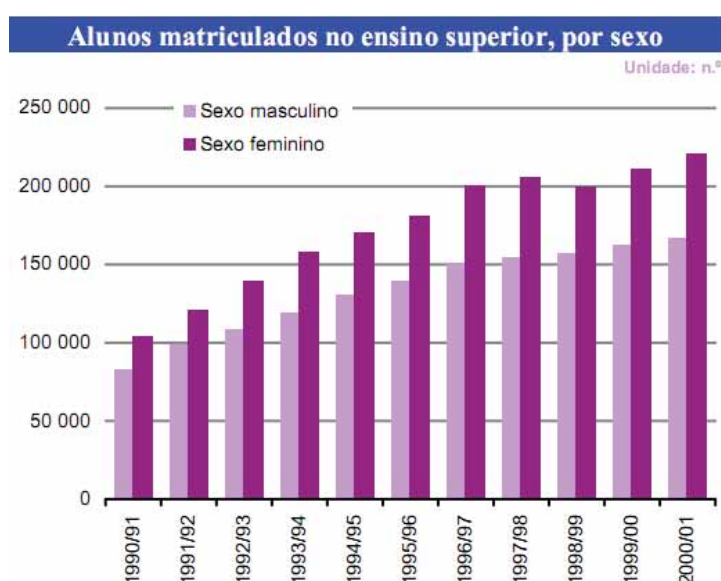


Gráfico 7 - Alunos matriculados no ensino superior em Portugal, divididos por sexo – 1990 a 2001
 Fonte: INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA. *Portugal Social 1991-2001*, 2003, p. 79.

Observa-se, em Portugal, um movimento ascendente no aumento do número de bibliotecas, documentos consultados, sobretudo utilizadores das bibliotecas. No caso das bibliotecas, em 1970, existiam apenas 288, enquanto em 2002 existiam 1917. O número de bibliotecas aumentou significativamente entre 1975 e 1977 e no ano 1999. O número de utilizadores teve forte aumento na década de 90 (1143 utilizadores por 1000 habitantes, em 2002, contra 319, em 1970), e também o dos documentos consultados (1565 por 1000 habitantes em 2002 contra, apenas, 842 em 1970).³

³ INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA. *30 Anos de 25 de Abril*. Um retrato estatístico, 2004, p.70.

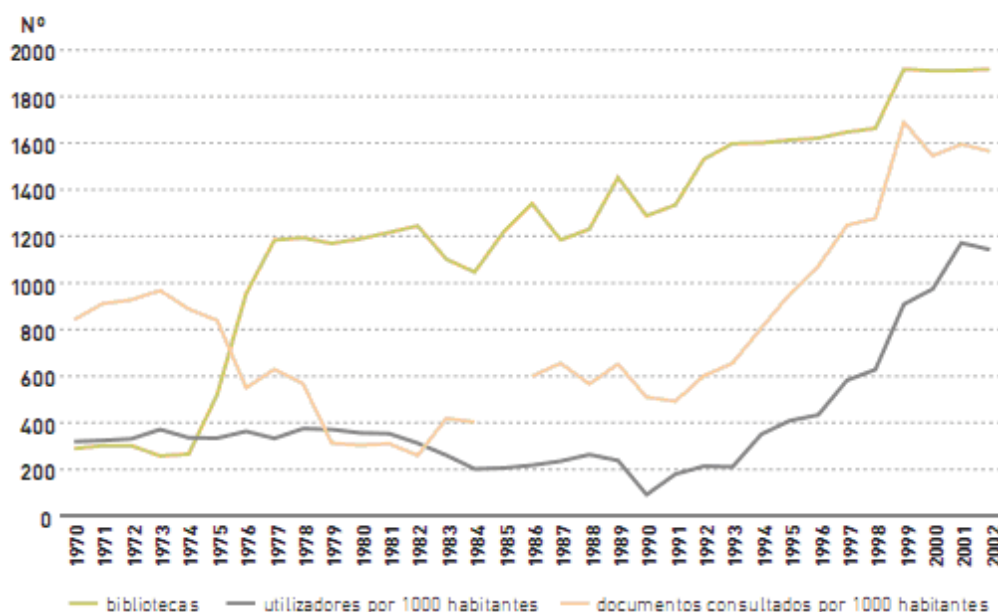


Gráfico 8 - Bibliotecas, utilizadores e documentos consultados em Portugal – 1970 a 2002

*Em 1985, não existem dados para o número de documentos consultados.

Fonte: INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA. *30 Anos de 25 de Abril*. Um retrato estatístico, 2004, p.70.

Em Portugal, as publicações periódicas aumentam no volume de tiragem e em número de publicações. Segundo Telo (2007, p. 374) “[...] os 192 diários e semanários existentes em 1979 [...] passaram para 280, em 2003 [...]. A tiragem anual dos jornais cresceu nos últimos tempos (340 milhões, em 1995, para 587 milhões, em 2003)”. Entretanto, Portugal continua a ser um dos países da Europa onde se leem menos jornais por mil habitantes.

Em relação ao hábito da leitura de livros, por meio dos dados do ano 1999, nota-se que 34,7% das mulheres entre 15 e 24 anos dizem ter o costume da leitura, enquanto 30,2% dos homens do mesmo grupo etário afirmam possuir o hábito de ler. Nas demais faixas de idade, 25-34 anos, 35-54 anos, 55-64 anos e 65 ou mais anos, a percentagem de homens que assinala cultivar o hábito da leitura supera o número de mulheres.

População com 15 e mais anos, por sexo e grupo etário, segundo o hábito de leitura de livros				
1999				
	Homens		Mulheres	
	Sim	Não	Sim	Não
15 - 24 anos	30,2%	16,7%	34,7%	9,8%
25 - 34 anos	21,0%	18,9%	19,9%	16,5%
35 - 54 anos	29,3%	33,0%	28,7%	32,0%
55 - 64 anos	10,1%	13,5%	7,9%	15,7%
65 ou mais anos	9,4%	18,0%	8,7%	25,9%

Quadro 1 - Hábito de leitura da população com 15 anos e mais anos em Portugal - 1999

Fonte: INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA. *Portugal Social 1991-2001*, 2003, p. 231.

No ano de 1999, a tiragem anual das publicações periódicas registrou um total de 786,5 milhões de exemplares, destacando-se os jornais que, no seu conjunto, representam 69% da tiragem total⁴.

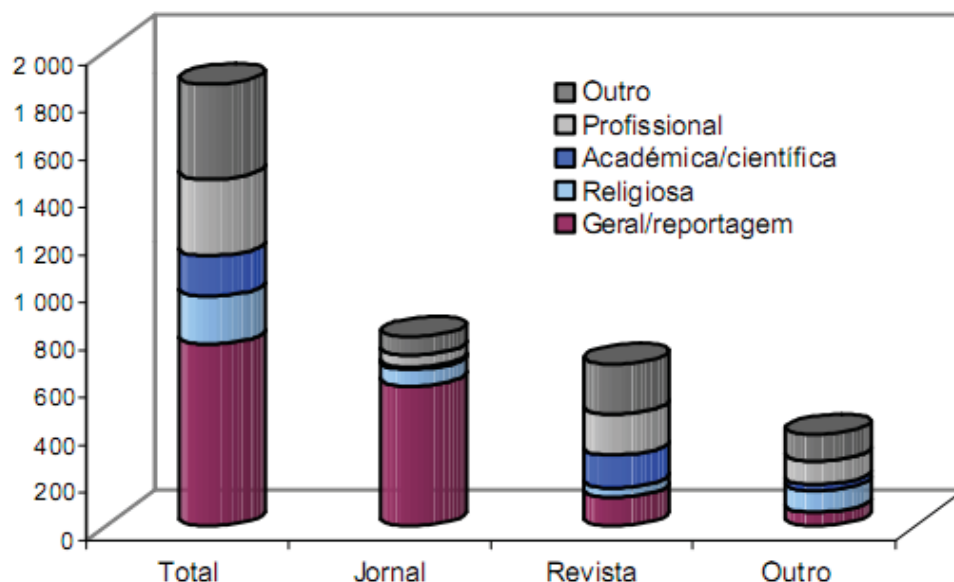


Gráfico 9 - Número de publicações periódicas em Portugal, por gênero - 1999
Fonte: INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA. *Destaque do INE*, 2001, p. 2.

Não menos simples que a definição do objeto de estudo da tese, no caso, as entrevistas do *Jornal de Letras, Artes e Ideias* da década de 1990, surge um dos grandes desafios impostos aos pesquisadores de fontes primárias que reside no acesso ao *corpus* do trabalho. É comum que esses pesquisadores dediquem muitas horas em visitas a bibliotecas e centros de documentação, com a finalidade de reunir o material necessário ao trabalho. No caso do *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, a primeira etapa da pesquisa consistiu em encontrar os exemplares do periódico e tirá-los das prateleiras para que pudessem receber o tratamento analítico que, orientado pelo problema da pesquisa, conseguisse o resultado esperado.

Os exemplares do *JL* se encontram somente na versão em papel e dispersos por alguns centros de referência. Para que fosse possível se desenvolver uma pesquisa tendo como objeto essa publicação, tornou-se fundamental realizar a reunião desse material. Para isso, três espaços foram visitados: a) CEDAP⁵ - Centro de Documentação e Apoio

⁴ INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA. *Destaque do INE*. Lisboa: INE, 2001.

⁵ Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa (CEDAP) é uma Unidade Auxiliar criada pela Resolução Unesp 59, de 22/11/96. Sua origem, no entanto, remonta a 1973, quando foi criado, por iniciativa do Departamento de História, um espaço com o objetivo de propiciar as condições necessárias de pesquisa

à Pesquisa /UNESP-Assis; b) Biblioteca da Escola de Comunicações e Artes – ECA/USP⁶ (Universidade de São Paulo); c) Hemeroteca Municipal de Lisboa⁷, Portugal.

O CEDAP é um Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa existente na Faculdade de Ciências e Letras da UNESP de Assis-SP. Esta Unidade Auxiliar da Faculdade fornece serviço nas áreas de memória social e de preservação do patrimônio histórico, literário e de bens culturais; apoiando a Iniciação Científica, os cursos de pós-graduação e estudiosos em geral. O acervo do Centro é formado de Arquivos e Coleções provenientes de convênios entre a Universidade e instituições públicas ou privadas, doações ou custódia de documentos, de fontes de informação compostas de conjuntos documentais complementares disponibilizados por meio de biblioteca especializada, hemeroteca (impressa e microformas), documentação cartográfica, fitas magnéticas, material iconográfico e CD-ROM. Suas linhas de acervo, apesar de distintas, complementam-se, e, em cada uma delas, pode ser encontrada a mesma tipologia documental. São elas: Memória Local e Regional; Cultura e Literatura; Memória Nacional. O *JL* encontra-se na linha Cultura e Literatura. Essa linha concentra os arquivos pessoais (Alceu Amoroso Lima, Acervo João Antônio e Acervo Nilo Odália) e os periódicos marcadamente culturais e literários: *A Cigarra*, *Cultura*, *Folhetim*, *Letras & Artes* e *Suplemento Cultural de Minas Gerais*, entre outros que possibilitam as pesquisas dedicadas às questões culturais e literárias sobre diferentes temas.

A Escola de Comunicações e Artes/USP oferece cursos de graduação e pós-graduação nas áreas de artes, comunicações e ciência da informação. Essa variedade de cursos tem reflexo no acervo da Biblioteca, que, além dos materiais comuns a outras bibliotecas da USP, como livros, e-books, revistas etc., trabalha também com acervos importantes de DVDs, CDs, imagens digitais, partituras, peças de teatro e quadrinhos. O número total do acervo em dezembro de 2011 era de 23736, sendo 1572 o número de títulos de revistas e jornais.

ao curso. Em 1996, mediante a referida Resolução Unesp, tornou-se oficialmente Unidade Auxiliar, recebendo a denominação que vigora até hoje. Fonte: Site oficial do Cedap. <http://www.assis.unesp.br/#!/cedap---centro-de-documentacao-e-apoio-a-pesquisa/cedap---centro-de-documentacao-e-apoio-a-pesquisa/>.

⁶ O Serviço de Biblioteca e Documentação da Escola de Comunicações e Artes/USP, que teve sua estrutura aprovada pelo processo RUSP n. 86.1.149.76.1.0 de 20 de novembro de 1992, ocupa 1.648 m² no piso térreo do prédio central da ECA/USP. Fonte: <http://www3.eca.usp.br/biblioteca/sobre>.

⁷ A Hemeroteca Municipal de Lisboa, instalada no Palácio dos Condes de Tomar, ao Bairro Alto, é uma biblioteca de jornais e revistas, beneficiária de Depósito Legal desde 1931. O catálogo bibliográfico da Hemeroteca está disponível na Internet, em <http://catalogolx.cm-lisboa.pt/>.

A Hemeroteca de Lisboa integra a Rede Municipal de Bibliotecas de Lisboa. Possui um valiosíssimo e extenso espólio documental dos mais importantes do país, constituído por milhares de publicações periódicas e jornais editados em Portugal desde 1715 até a atualidade, o que faz dessa biblioteca uma referência incontornável para estudantes, pesquisadores, jornalistas e historiadores. Frequentada anualmente por mais de 50.000 leitores, oferece ainda uma vasta programação cultural e educativa, com destaque para os seus colóquios, exposições, visitas guiadas pela cidade de Lisboa e atividades no campo da promoção da leitura e do periódico.

O processo utilizado para se conseguir coletar os exemplares do *JL* e assim efetuar as leituras necessárias para a pesquisa foi a transferência do meio físico (papel) para o digital por meio de fotografias. Com uma máquina fotográfica comum, inicialmente, foram capturadas imagens dos números do *JL* das décadas de 1980 e 1990, página por página. Essa digitalização transforma o jornal de papel em arquivo de imagem para que este possa ser manuseado em computadores, o que facilita o estudo. Após algumas leituras do material, optou-se por fazer um recorte e o estudo se delimitou na década de 1990.

Durante os anos 1990, foram publicados 369 exemplares do *JL*, cada um contendo em média 32 folhas. Portanto, esse acervo é composto por quase 12.000 folhas. Depois de todos os exemplares digitalizados, o próximo passo foi a catalogação do material e a descoberta de que seção poderia se adequar melhor à proposta da pesquisa.

Quando se tem um objeto de estudo tão amplo e diverso como o jornal, a escolha das categorias de análise e a decisão de que seção ou aspecto será levado em conta para que se possa compreender a publicação como um todo nem sempre ocorre de maneira fácil. O que se constatou foi que na área da Literatura, contrariamente ao destaque que tem sido dado aos estudos dos textos literários publicados em periódicos e ensaios críticos em geral, as entrevistas não têm sido objeto de atenção, o que contribuiu para a entrevista ser eleita, após uma análise do conjunto de jornais, como o *corpus* deste trabalho.

Dada a grande quantidade de entrevistas encontradas – praticamente todos os exemplares do *JL* têm pelo menos uma entrevista –, alguns critérios foram estabelecidos para que uma entrevista fizesse parte do *corpus* da tese: o entrevistado deve ser um

autor de língua portuguesa⁸ e o tema motivador da entrevista deve ser o lançamento de um romance. Com isso, chegou-se ao número de 61 entrevistas.

Ano	Número do JL	Escritor	Romance
1990	411	Almeida Faria	<i>O Conquistador</i>
1990	420	Augusto Abelaira	<i>Deste Modo ou daquele</i>
1990	428	Maria Roma	<i>Sorri, Francisca</i>
1990	429	Clara Pinto Correia	<i>Ponto Pé de Flor</i>
1990	430	Pepetela	<i>Luegi</i>
1990	433	Fernando Campos	<i>O pesadelo de dEus</i>
1990	436	Mário Cláudio	<i>A Quinta das Virtudes</i>
1990	438	António Lobo Antunes	<i>Tratado das Paixões da Alma</i>
1990	440	Álvaro Guerra	<i>Crimes Imperfeitos</i>
1991	460	Urbano Tavares Rodrigues	<i>Violeta e a Noite</i>
1991	462	Hélia Correia	<i>A Casa eterna</i>
1991	473	Maria Ondina Braga	<i>Nocturno em Macau</i>
1991	487	José Saramago	<i>O Evangelho Segundo Jesus Cristo</i>
1991	488	Hélder Macedo	<i>Partes de África</i>
1991	491	Baptista-Bastos	<i>Um Homem parado no Inverno</i>
1991	495	Wanda Ramos	<i>Litoral</i>
1992	505	Mário Ventura	<i>Évora e os dias da Guerra</i>
1992	509	Maria Isabel Barreno	<i>O Chão Salgado</i>
1992	511	Fernando Dacosta	<i>Os Infiéis</i>
1992	513	Francisco José Viegas	<i>As Duas Águas do Mar</i>
1992	515	Inês Pedrosa	<i>A Instrução dos Amantes</i>
1992	518	António Rebordão Navarro	<i>As Portas do Cerco</i>
1992	519	Natália Correia	<i>As Núpcias</i>
1992	527	Pepetela	<i>A Geração da Utopia</i>
1992	534	Lídia Jorge	<i>A Última Dona</i>
1992	537	Helena Marques	<i>O Último Cais</i>
1992	538	António Lobo Antunes	<i>A Ordem natural das coisas</i>
1992	541	João Aguiar	<i>Os Comedores de Pérolas</i>
1992	545	Mário Cláudio	<i>Tocata para Dois Clarins</i>
1993	547	Vitório Káli	<i>Terramoto</i>
1993	548	António Manuel Pires Cabral	<i>A Casa Ardida</i>
1993	549	Mia Couto	<i>Terra Sonâmbula</i>
1993	549	José Eduardo Agualusa	<i>Feira dos Assombrados</i>
1993	569	Urbano Tavares Rodrigues	<i>Deriva</i>
1993	570	Álvaro Guerra	<i>A Guerra Civil</i>
1993	574	Júlio Moreira	<i>A Barragem</i>
1933	579	Paulo Castilho	<i>Sinais exteriores</i>

⁸ Optou por excluir os escritores de origem brasileira, privilegiando os portugueses e africanos, por se entender que não existem muitas dificuldades em se obter informações sobre a literatura brasileira da década de 1990.

1993	582	Seomara da Veiga	<i>Memórias de Agripina</i>
1993	599	Rita Ferro	<i>O Vento e a Lua</i>
1994	604	António Alçada Baptista	<i>O Riso de Deus</i>
1994	606	Francisco Duarte Mangas	<i>Diário de Link</i>
1994	609	Orlando da Costa	<i>Os Netos de Norton</i>
1994	613	António Lobo Antunes	<i>A Morte de Carlos Gardel</i>
1994	624	Helena Marques	<i>A Deusa sentada</i>
1995	650	Rui Nunes	<i>Que sinos dobram por aqueles que morrem como gado?</i>
1995	652	Baptista-Bastos	<i>O Cavalo e a Tinta-da-China</i>
1995	653	José Saramago	<i>Ensaio sobre a Cegueira</i>
1995	654	Manuel Alegre	<i>Alma</i>
1995	656	Lídia Jorge	<i>O Jardim sem limites</i>
1996	658	Mário Cláudio	<i>As Batalhas do Caia</i>
1996	665	Augusto Abelaira	<i>Outrora Agora</i>
1997	698	Manuel Rui	<i>Rioseco</i>
1998	717	Helder Macedo	<i>Pedro e Paula</i>
1998	718	Germano Almeida	<i>A Família Trago</i>
1998	723	Mário Cláudio	<i>Peregrinação de Barnabé das Índias</i>
1998	734	Manuel Alegre	<i>A Terceira Rosa</i>
1998	734	Fernando Campos	<i>A Sala das Perguntas</i>
1998	735	Jacinto Rego da Silva	<i>Crime de Estado</i>
1998	735	Fernanda Botelho	<i>As Contadoras de Histórias</i>
1999	742	Mia Couto	<i>Vinte e Zinco</i>
1999	757	António Lobo Antunes	<i>Exortação aos crocodilos</i>

Quadro 2 - Seleção dos Escritores entrevistados pelo *JL* na década de 1990

Reunido o *corpus* da pesquisa, outro desafio encontrado pelos pesquisadores que optam pela análise de fontes primárias é a decisão pelo trajeto metodológico a ser seguido, uma vez que os livros sobre jornalismo e comunicação em geral não sugerem os passos para que se alcancem resultados em estudos interdisciplinares. Assim, o objetivo da pesquisa e as características do *corpus* passam a orientar as estratégias de metodologia utilizadas.

O capítulo 1 da tese aborda algumas das características fundamentais do *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, a partir de entrevistas realizadas pela pesquisadora com o diretor do periódico José Carlos de Vasconcelos e com Maria Leonor Nunes, uma das jornalistas responsáveis pelas entrevistas no *JL*. Além disso, surge o estudo das capas, das seções, dos anúncios publicitários, dos textos de edições comemorativas encontrados no *Jornal de Letras, Artes e Ideias* para se formar uma ideia dos princípios editoriais da publicação.

O capítulo 2 é dedicado às entrevistas do *JL*. Nele, apresenta-se um breve esboço sobre a estrutura e conteúdo das entrevistas e exibe-se a transcrição de uma entrevista publicada no *JL*. O comentário propriamente dito das entrevistadas da década de 1990 é o assunto do capítulo 3, a partir da eleição de cinquenta e quatro entrevistas do *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. O estudo das entrevistas mostra como o escritor dialoga sobre o seu fazer literário e como ele se relaciona com a literatura portuguesa contemporânea ao fornecer subsídios para estabelecer o panorama da década de 1990. Foram selecionados trechos das entrevistas do *JL* que promovem a discussão dos elementos do sistema literário definido por Antonio Candido (produtores literários, produção simbólica e público receptor) e do campo literário (Pierre Bourdieu). As influências dos escritores, a classificação dos romances, a relação autor-crítica, o papel do público leitor, as dificuldades para se viver exclusivamente da escrita são temas que aparecem nas entrevistas. A leitura das entrevistas permite uma reflexão sobre o complexo relacionamento literatura/sociedade e sobre a configuração das literaturas de língua portuguesa na década de 1990.

A tese “As entrevistas do *Jornal de Letras, Artes e Ideias_JL* (1990-1999) como fonte de pesquisa das Literaturas de Língua Portuguesa” demonstra que as entrevistas do *JL* configuram-se, além de um espaço de divulgação e de projeção de grandes obras e nomes da literatura, como uma fonte de pesquisa para a compreensão da dinâmica de uma época literária.

1 JORNAL DE LETRAS, ARTES E IDEIAS

Este primeiro capítulo da tese “As entrevistas do *Jornal de Letras, Artes e Ideias* _JL_ (1990-1999) como fonte de pesquisa das Literaturas de Língua Portuguesa” explora algumas das características fundamentais do jornal, dentre elas, a forma como se descreve o projeto editorial – as bases doutrinárias – da publicação. Para isso, busca-se comentar elementos que possam ajudar a traduzir as principais diretrizes do periódico português.

José Carlos de Vasconcelos cumpre, desde 1981, data do surgimento do *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, a função de diretor do periódico. Jornalista, escritor, advogado, Vasconcelos define-se como um defensor da língua portuguesa; um homem que acredita na História, na língua e na cultura como elementos de ligação entre os países. É, acima de tudo, crítico inserido em seu tempo e nos problemas e temas da cultura de língua portuguesa.



Fotografia 1 - José Carlos de Vasconcelos

Com o projeto do *Jornal de Letras, Artes e Ideias* há mais de trinta anos, consegue influenciar na formação da opinião de leitores ao redor do mundo, fazendo com que o *JL* rastreie temas importantes, levante teses e amplie argumentos para melhorar o nível de debates sobre as literaturas de língua portuguesa.

O prestígio do jornal como fonte de informação cultural nasce principalmente do trabalho do seu diretor em conseguir reunir um corpo editorial da mais alta qualidade e em não interromper a circulação do jornal, mesmo nos piores momentos de crise financeira. Pelo *JL* passaram quase todos os grandes nomes da cultura portuguesa e do chamado jornalismo cultural atuantes nas décadas de 1980, 1990 e anos 2000. Por

exemplo, Clara Ferreira Alves⁹, Inês Pedrosa¹⁰, Carlos Vaz Marques¹¹, Luís Carlos Patraquim¹² (Moçambique), Nelson Saúte¹³ (Cabo Verde).

Por meio do *JL*, José Carlos de Vasconcelos delimita um cânone literário; em outras palavras, um corpo de obras social e institucionalmente consideradas importantes, perenes, comunicando valores essenciais do universo da língua portuguesa – por isso, na sua visão, dignas de serem estudadas e transmitidas para os leitores. O intuito é promover o gosto pelo literário.

De acordo com o currículo informado pelo Sindicato dos Jornalistas de Portugal¹⁴ e de informações fornecidas pelo Projeto “Perfil Sociológico do Jornalista Português”¹⁵, José Carlos de Vasconcelos nasceu em Freamunde, Portugal, em 10 de setembro de 1940, mas viveu e estudou durante a infância e adolescência em Póvoa de Varzim. Freamunde pertence ao concelho de Paços de Ferreira, distrito do Porto, e tem uma área de 4,68 km² e 7.452 habitantes (2001).

É em Póvoa de Varzim, cidade que pertence à grande área metropolitana da cidade do Porto, que José Carlos de Vasconcelos inicia uma intensa atividade de intervenção cultural. Seus primeiros artigos saem na imprensa local quando tinha treze anos de idade, e, com dezesete, começa a colaborar de forma mais regular no semanário local *O Comércio da Póvoa de Varzim*, um jornal republicano de oposição. No ano seguinte, passa a dirigir a página literária da publicação. Dirige também outra página

⁹ Clara Ferreira Alves é licenciada em Direito pela Universidade de Coimbra. Trocou a advocacia pelo jornalismo e a escrita. Foi editora e redatora principal do jornal *Expresso*. Colabora e colaborou em diversas publicações, tendo-se dedicado durante anos ao exercício da crítica literária e feito jornalismo de guerra. Foi Diretora da Casa Fernando Pessoa e da revista literária *Tabacaria*. É autora de dois documentários sobre dois escritores portugueses: José Saramago e José Cardoso Pires. É membro do júri do Prémio Pessoa, importante prémio português de Artes, Ciências e Humanidades. Fonte: Fundação Luso-Americana. <http://www.flad.pt/uploads/Clara%20Ferreira%20Alves.pdf>

¹⁰ Inês Pedrosa é licenciada em Ciências da Comunicação. Trabalhou em rádio, imprensa e televisão. Manteve durante anos uma crônica semanal no jornal *Expresso*. Atualmente é diretora da Casa Fernando Pessoa, colunista do semanário *Sol* e da revista *Ler*. Ao longo de 20 anos de escrita, publicou diversos romances e novelas. Fonte: http://www.inespedrosa.com/inespedrosa/a_autora.html

¹¹ Carlos Vaz Marques é jornalista profissional desde 1987. O jornalista integra a redação da TSF Rádio Notícias de Portugal desde 1990. É autor do programa *Pessoal e Transmissível*, na TSF, veículo através do qual já entrevistou centenas de personalidades: Dalai Lama, Xanana Gusmão, José Saramago, Mário Vargas Llosa, Caetano Veloso, entre outros nomes. Começou sua carreira como jornalista no *JL*.

¹² Luís Carlos Patraquim é poeta e jornalista moçambicano. Trabalhou na Televisão Moçambicana no plano da produção e realização. Colaborou na imprensa moçambicana e portuguesa, em publicações como *Gazeta de Artes e Letras* da revista *Tempo*, *Colóquio/Letras* e *África*.

¹³ Nelson Saúte é escritor, jornalista e comentador político moçambicano. Licenciado em Ciências da Comunicação pela Universidade Nova de Lisboa, foi redator no jornal *Público*. Exerce também funções de docente universitário. Como escritor, publicou várias obras.

¹⁴ Sindicato dos Jornalistas de Portugal. <http://www.jornalistas.eu/?n=417>

¹⁵ Estudo financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia de Portugal e coordenado por José Rebelo, docente do ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa. http://perfildojornalista.eusou.com/pt/entrevista_documento.asp?det=4500&id=1876&mid=295

literária no *Fangueiro*, um jornal de Fão, uma freguesia portuguesa do concelho de Esposende. Publica artigos ainda no *Diário do Norte*, sendo seu primeiro texto sobre o escritor brasileiro José Lins do Rego. Mais tarde, começa a publicar no *República* e na *Seara Nova*.

Forma-se em Direito pela Universidade de Coimbra. Em Coimbra, exerce a função de chefe de redação do *Via Latina*, um jornal semanal, órgão da Associação Acadêmica, que luta pela liberdade contra a ditadura em 1961/62, tornando-se uma espécie de “jornal dos estudantes portugueses”. Vasconcelos atua primeiro como redator e, depois, como chefe de redação da *Vértice*¹⁶. Um fato marcante em sua passagem pela *Vértice* é terem entrado para a redação, no mesmo dia, José Carlos de Vasconcelos, Manuel Alegre, Francisco Assis Pacheco e Silva Marques.

Durante a primeira metade da década de 60, junta-se a outros estudantes portugueses na luta contra a ditadura. Sua vida é marcada pelo envolvimento na direção de diversas associações: presidente da Assembleia Magna da Associação Acadêmica de Coimbra (a maior associação de estudantes do país na época), membro do Secretariado Nacional dos Estudantes Portugueses (ilegal), dirigente e ator do teatro universitário (TEUC – Teatro de Estudantes da Universidade de Coimbra).

No ano de 1966, Vasconcelos chega à redação do *Diário de Lisboa*, onde permanece trabalhando até 1971, concomitante à função de advogado. Vasconcelos comenta o que representava ser um jornalista profissional na década de 1960:

Chegar à redação do *Diário de Lisboa* dava uma certa noção de “importância”, pela influência que se percebe ou se julga que se vai ter. Também representava — para mim representou — responsabilidade. E, sobretudo no meu caso, a concretização de um sonho e de uma paixão. Costumo dizer à malta que está a começar que o jornalismo ou se faz com paixão ou não vale a pena. Ainda sobre a minha chegada ao *DL*, devo dizer que fui recebido com muito mimo. Hoje nem se percebe bem como isso era possível, mas houve uma notícia na primeira página género «concluiu a sua licenciatura em Direito com média de x valores o nosso colaborador», ou «futuro redactor», não recordo bem, fulano de tal. Depois também deram logo honras de primeira página, com muito destaque, à primeira série de reportagens, «Como viveremos no ano 2000», que me tinha sido «marcada» por Mário Neves ainda antes de eu entrar.¹⁷

¹⁶ “Revista Portuguesa de Cultura”, lançada em Coimbra em maio de 1942. Nela colaboraram, ao longo dos anos 40, nomes que acompanharam a afirmação de uma estética neorrealista, como Carlos de Oliveira, Joaquim Namorado, Mário Dionísio, Manuel Campos Lima ou Eduardo Lourenço.

¹⁷ VASCONCELOS, José Carlos. As novas tecnologias são ótimas, mas não mudam o essencial do jornalismo. Entrevista concedida a Adelino Gomes. Disponível em: <

Suspendeu o jornalismo profissional em 1971, devido à perseguição da censura prévia, e passou a exercer apenas a advocacia, mantendo colaborações em diversos jornais e revistas.

Após a Revolução do 25 de Abril – data marcante para Portugal, quando tem fim um período de mais de quarenta anos de ditadura –, regressou ao jornalismo como diretor-adjunto do *Diário de Notícias*, onde permaneceu até 11 de março de 1975. Exerceu ainda, por pouco tempo, funções de direção na Informação da Rádio Televisão Portuguesa (RTP), na qual, em 1974, com Fernando Assis Pacheco, fez o programa “Escrever é lutar”.

Em Maio de 1975, foi um dos fundadores, com outros jornalistas, da Projornal e do semanário *O Jornal*, publicação que dirigiu entre 1977 e 1985, ano em que deixou o cargo para ser candidato a deputado. Como deputado, foi presidente da Comissão Inter-Parlamentar Luso-Brasileira.

Em 1981 surge o *JL, Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Além de diretor do *JL* até os dias de hoje, Vasconcelos exerce a função de coordenador editorial da revista *Visão* e é presidente do Conselho Geral do Sindicato de Jornalistas.

Como escritor, tem nove títulos de poesia, dois livros infanto-juvenis e um livro sobre Lei de Imprensa. As suas últimas obras editadas são *O Mar A Mar A Póvoa*, com ilustrações de Júlio Resende (2001); *Repórter do Coração*, com uma pintura de Graça Morais (2004); *Caçador de Pirilampos* (2007), com ilustrações de Júlia Landolt, todas com a chancela da ASA; e *Florzinha, gota de água* (2010).

Entre outras distinções, foram-lhe atribuídos todos os prêmios de carreira do jornalismo português: o do Clube Português de Imprensa; o da Casa de Imprensa; o de Manuel Pinto de Azevedo, da Fundação Século XXI; *O Primeiro de Janeiro*; o Gazeta Prestígio, do Clube de Jornalistas; ainda na sua 1ª edição, o Prêmio Cultura, da Fundação Luso-Brasileira (para personalidades dos dois países); o Prêmio Farnheit 451, da União dos Editores Portugueses; o Açor Reconhecimento, do III Encontro Internacional de Imprensa não Diária, nos Açores.

José Carlos de Vasconcelos continua sua defesa pela lusofonia, acreditando que o projeto do *Jornal de Letras, Artes e Ideias* terá uma vida longa. Quando questionado

sobre a possibilidade de o jornal em formato de papel desaparecer, Vasconcelos tem a seguinte opinião:

A realidade mostra-nos uma diminuição progressiva das tiragens, mesmo em países «letrados». — Admito que possa tratar-se de algo transitório. Quando apareceu a rádio, pensou-se que os jornais diários ficavam condenados, e não ficaram. Nem o teatro e o cinema desapareceram ou passaram em definitivo a ter menos espectadores após a criação da televisão, embora sofrendo períodos de crise. Penso que a afectividade da relação com o papel não acabará, mesmo que diminua. [...] ¹⁸

Como reconhecimento pelo seu trabalho nas letras de língua portuguesa, no ano de 2012, recebe o título de sócio correspondente da Academia Brasileira de Letras. É o primeiro jornalista português a ocupar este lugar.

1.1 A palavra de quem faz o jornal

A partir das informações recolhidas pela presente pesquisadora em um encontro realizado em julho de 2011, na sede do *Jornal de Letras, Artes e Ideias* – freguesia portuguesa de Paço de Arcos do concelho de Oeiras, Lisboa –, com o diretor da publicação, José Carlos de Vasconcelos, e com uma das jornalistas responsáveis pelas entrevistas do *JL*, Maria Leonor Nunes, descrevem-se as informações obtidas, em função de alguns tópicos: a) história do jornal; b) perfil dos colaboradores e do público; c) papel da crítica literária; d) espaço da literatura na publicação.

O *Jornal de Letras, Artes e Ideias_JL_* percorreu um longo e complicado caminho desde a sua fundação, em março de 1981. O imenso trabalho de seus colaboradores e, principalmente, a fiel dedicação de seu diretor e idealizador, José Carlos de Vasconcelos, tornaram possível superar os problemas financeiros e continuar em um mercado no qual muitos periódicos não chegam a completar um ano de vida.

Nascido em uma época em que não havia qualquer jornal dedicado exclusivamente à cultura em Portugal e na qual os próprios jornais diários não tinham

¹⁸ VASCONCELOS, José Carlos. As novas tecnologias são ótimas, mas não mudam o essencial do jornalismo. Entrevista concedida a Adelino Gomes. Disponível em: <http://perfildojornalista.eusou.com/pt/entrevista_documento.asp?det=4500&id=1876&mid=295>. Acesso em: 20 fev. 2013.

em suas páginas um amplo espaço para as artes e letras, o *JL* surge com a missão de ser um jornal cultural, sobretudo defensor da língua portuguesa e do conceito que seria mais tarde chamado de lusofonia¹⁹.

Ainda se mantém único em Portugal, bem como em todos os países de língua portuguesa, tendo em vista seu propósito, periodicidade, regularidade e história. Não sofreu interrupção de publicação, mesmo nas piores crises vividas. A opinião de Jorge Amado, escritor brasileiro e amigo de longa data do jornalista José Carlos de Vasconcelos, é a de que o *JL* se mantém como um “autêntico milagre”.

A trajetória do *JL* tem início com a ideia de se criar, em Portugal, no princípio dos anos 1980, um jornal cultural que pudesse unir os países de língua portuguesa. Esse projeto só se consolidou graças à Projornal, empresa jornalística fundada depois do 25 de abril de 1974²⁰, por José Carlos de Vasconcelos e alguns amigos.

A Projornal pertencia aos próprios jornalistas. Era uma empresa privada, que se destacava pelo dinamismo e independência. O primeiro lançamento desse grupo de jornalistas foi um semanário de informação geral, intitulado *O Jornal*, nas palavras de José Carlos de Vasconcelos, diretor tanto do periódico quanto da empresa: “... não só um projecto jornalístico (e de vanguarda), como também um projecto cívico e cultural”. (*JL*, 1981, p.2).

O Jornal, hoje substituído pela revista *Visão*, obteve êxito, o que contribuiu para o desenvolvimento da empresa Projornal, que continuou a lançar títulos e a arriscar-se em outras iniciativas, sempre com sucesso. Exemplos de alguns projetos da Projornal: semanário de espetáculo e livros em Portugal, chamado *Se7e*; uma revista chamada *História*; o *Jornal da Educação*. Mais tarde, a empresa conseguiu organizar uma rádio, algumas livrarias e uma editora, por meio da qual publicou obras de grande parte dos mais reconhecidos autores portugueses.

José Carlos de Vasconcelos se orgulha de algumas façanhas, como de ter sido o pioneiro na edição de livros de autores brasileiros, como João Ubaldo Ribeiro e Lygia Fagundes Telles, e de ter editado a obra integral de Carlos Drummond de Andrade, fato que não ocorria em Portugal havia trinta anos.

¹⁹ Lusofonia: Adoção da língua portuguesa como língua de cultura ou língua franca por quem não a tem como vernáculo; tal ocorre, p. ex, em vários países de colonização portuguesa. Comunidade formada por povos que habitualmente falam português. *Novo Aurélio*, 2004, p.1236

²⁰ 25 de abril de 1974: Explode a revolução que derrubou o regime salazarista em Portugal, de forma a estabelecer as liberdades democráticas promovendo transformações sociais no país.

No campo do jornalismo, José Carlos de Vasconcelos configurou-se como o líder do grupo de jornalistas associados à Projornal. Partiu dele a ideia de estabelecer, nos anos 1980, um jornal que privilegiasse a língua portuguesa, em um momento em que a cultura não tinha muito espaço na mídia lusitana.

Os amigos de José Carlos de Vasconcelos viam com certo ceticismo o projeto, uma vez que não existia um modelo a ser seguido. Achavam que a publicação não passaria de seis meses de vida. Emergem, por outro lado, os esforços e o entusiasmo de José Carlos de Vasconcelos, sempre diretor do *JL*.

O jornalista trabalha para tornar possível a publicação de um quinzenário cultural português. Seleciona uma pequena equipe de colaboradores chamada de conselho editorial. Inicialmente, um chefe de redação, Fernando Assis Pacheco, um dos grandes poetas portugueses, e, em seguida, mais dois, Eduardo Prado Coelho (1944-2007)²¹ e Augusto Abelaira (1926-2003)²²; o projeto gráfico, sobretudo a ilustração do jornal, fica a cargo de um dos maiores artistas portugueses, o artista gráfico e cartunista João Abel Manta (1928-)²³, que é autor do logotipo do jornal.

Dessa forma, entra em cena, no mês de março de 1981, o *Jornal de Letras, Artes e Ideias_JL*. Nessa altura, foi fundamental o prestígio que a empresa Projornal e o semanário *O Jornal* tinham no mercado. O nome da publicação nasceu do resultado de uma reunião, com cerca de vinte pessoas, realizada na casa de José Manta. José Carlos de Vasconcelos pensou em vários nomes, sempre tendo em mente uma sigla pequena e um símbolo de fácil reconhecimento. Uma de suas sugestões foi *Jornal de Letras, Artes e Pensamentos*, mas Eduardo Prado Coelho recomendou a designação de “Ideias”.

No início, pensava-se que o *Jornal de Letras, Artes e Ideias* seria quinzenal e que suas vendas se manteriam no plano de oito mil exemplares, mas o primeiro número

²¹ Eduardo Prado Coelho: Professor na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Reconhecido por sua atividade como Crítico literário e de cinema. Divulgador da cultura e das questões sociais e políticas de Portugal. Colaborou em importantes publicações: *Seara Nova*, suplemento literário do *Diário de Lisboa*, *A Capital*, *Comércio do Porto*, *Colóquio/Letras*, *Vértice* e *O Tempo e o Modo*. Fonte: Base de Dados de Autores Portugueses, da responsabilidade da Direção-Geral do Livro e das Bibliotecas.

²² Augusto Abelaira: Romancista, dramaturgo e tradutor. No jornalismo, foi diretor da *Seara Nova* e da *Vida Mundial*, além de cronista de *O Jornal* e do *JL*. Seu primeiro romance foi *A Cidade das Flores* (1959). Fonte: Base de Dados de Autores Portugueses, da responsabilidade da Direção-Geral do Livro e das Bibliotecas.

²³ José Abel Manta: Formou-se em Arquitetura pela Escola Superior de Belas Artes de Lisboa (1951). Desenhou para *O Século Ilustrado*, *Gazeta Musical* e de *Todas as Artes*, *Seara Nova*, *Eva*, *JL* e, sobretudo, para o *Diário de Lisboa*. Dedicou-se à pintura, cerâmica, tapeçaria, mosaico, ilustração, artes gráficas e *cartoon*. Amplamente conhecido pelas caricaturas que fez da sociedade portuguesa. Fonte: Base de Dados de Autores Portugueses, da responsabilidade da Direção-Geral do Livro e das Bibliotecas.

do *JL* saiu com trinta mil exemplares, esgotados rapidamente, o que gerou mais duas reimpressões, totalizando quarenta mil exemplares – um número bem maior do que a tiragem de muitos jornais diários portugueses. Apesar do sucesso, o jornal não possuía um espaço físico para sua redação, o que reforça a ideia de que o essencial do jornal, como continua sendo, são os seus colaboradores.

Logo, o *JL* permanece na casa dos vinte mil exemplares por edição, e, em 22 de novembro de 1983, passa a ser publicado semanalmente, fato que supera as expectativas de seu lançamento. Consegue resistir como semanário por quase 11 anos, até 13 de abril de 1994, voltando, então, a ser quinzenário até o momento presente, entretanto, com um aumento significativo no número de páginas e com um projeto gráfico reformulado. Em 1999, a empresa abril/Controljornal associou-se ao Grupo Edipresse/Suíça e passou a ser responsável pela publicação do *JL*.

Passadas mais de três décadas de existência, mesmo com algumas alterações necessárias pelas circunstâncias e meios, o *JL* permanece com o objetivo de reunir qualidade e divulgação, contribuindo para a união dos países de língua portuguesa.

O *JL* oferece, regularmente, suplementos aos seus leitores. É publicado, como destacável, o *JL/Educação*, que funciona de modo independente do jornal, com as suas seções próprias. De quatro em quatro edições, o *JL* oferece também o encarte “Camões”, publicação dirigida por Jorge Couto, editada desde 1998 pelo jornal, em colaboração com o Instituto Camões, do Ministério dos Negócios Estrangeiros.

O *Jornal de Letras, Artes e Ideias* tem um público muito fiel. São pessoas que leem o jornal desde o número 1. Entretanto, como afirma o diretor José Carlos de Vasconcelos, as pessoas vão morrendo, e é necessário pensar em cativar novos leitores sem perder a qualidade e a lealdade aos princípios e valores do início do jornal. Maria Leonor Nunes, jornalista do *JL*, relata que o público do jornal não se restringe a especialistas; pelo contrário, quem lê o *JL* é aquele indivíduo que demonstra interesse por questões culturais.

A importância do *JL* vai muito além do número de exemplares e de leitores. Um exemplar do *JL* é lido por muita gente, em princípio, uma vez que continua a ser o único jornal cultural deste molde em língua portuguesa e que está presente em qualquer parte do mundo onde haja alguma presença da língua portuguesa, como em universidades, associações e bibliotecas.

No que diz respeito ao Brasil, atualmente isso não acontece, porém, quando primeiro Eduardo Portela e depois Affonso Romano de Sant'Anna dirigiram a Fundação

da Biblioteca Nacional do Brasil, esta comprava cerca de 50 exemplares do *JL* para as principais bibliotecas públicas brasileiras. O Brasil, sendo geograficamente muito maior do que Portugal, nunca possuiu um jornal cultural com essa amplitude e que se mantivesse no mercado por tanto tempo.

Em relação à escolha dos colaboradores, não existe uma preocupação com as tendências da moda. O critério para a seleção baseia-se na qualidade. Existe uma mistura de gerações: o consagrado com o novo. Boa parte dos principais escritores portugueses contemporâneos começou no *JL*, por exemplo, José Luis Peixoto (1974-)²⁴ e Nuno Júdice (1949-)²⁵. O *JL* mantém-se sempre atento aos novos valores, contudo, sem confundir o que são novos valores com aquilo que tem mais propaganda.

O entendimento que Maria Leonor Nunes, que acompanha o dia a dia da redação do *JL*, tem da crítica literária publicada regularmente no jornal é expresso na vontade em conciliar, no jornal, duas vertentes da crítica: por um lado, uma crítica mais extensa, sistemática e aprofundada; por outro, uma crítica com textos curtos, ou apenas um destaque para algum escritor ou obra.

O *JL* possui colaboradores que escrevem sobre os livros. No caso da poesia, Fernando Guimarães²⁶ e António Carlos Cortez²⁷; no da ficção e do ensaio, Miguel Real²⁸. De modo menos frequente, aparecem, no *JL*, alguns ensaios e artigos de fundo sobre figuras importantes da literatura, que são feitos por acadêmicos ou especialistas.

O *Jornal de Letras, Artes e Ideias* dedica-se, com mais constância, à literatura, embora também trate das artes e das ideias, como diz o título. Evidencia-se esse fato pelo espaço dado às Letras, por exemplo: nas notícias da parte inicial do jornal, existem sempre uma maior incidência sobre os fatos literários e um privilégio inegável pelas literaturas de expressão portuguesa. Entretanto, as demais literaturas ganham destaque no *JL* de acordo com a importância de seus autores. De acordo com Clara Crabbé Rocha:

²⁴ José Luis Peixoto: Jornalista, escritor e crítico literário. Vencedor do Prêmio Jovens Criadores do Instituto Português da Juventude em 1997, 1998 e 2000.

²⁵ Nuno Júdice (Mexilhoeira Grande/Portimão, Portugal, 1949): Professor da Universidade Nova de Lisboa. Poeta e ficcionista. Recebeu importantes prêmios de poesia portugueses.

²⁶ Fernando Guimarães (Porto, 1928): Poeta, ensaísta, crítico literário e tradutor português. Podem ser encontrados textos seus (ensaio e crítica de poesia) em algumas publicações estrangeiras e em revistas e jornais portugueses dos últimos quarenta anos. Fonte: Base de Dados de Autores Portugueses, da responsabilidade da Direção-Geral do Livro e das Bibliotecas.

²⁷ António Carlos Cortez (Lisboa, 1976): Professor de Literatura Portuguesa, crítico literário (*JL*, *Relâmpago*, *Colóquio/Letras*) ensaísta e poeta.

²⁸ Miguel Real (Lisboa, 1953): Ficcionalista e ensaísta, Miguel Real é o pseudônimo do professor e também escritor Luís Martins.

O título duma publicação periódica é, desde logo, o seu cartão de apresentação: é ele que designa e individualiza a publicação, é por ele que o leitor trava relações com ela, é a sua permanência que constitui um dos sinais indicativos de que se trata de uma revista. (ROCHA, 1985, p.147)

A escolha da capa de um autor de língua estrangeira está condicionada, na maior parte das vezes, ao lançamento mundial – ou em Portugal – da obra do escritor.

Pensando na literatura estrangeira, os autores hispânicos saem na frente pela proximidade linguística. O que não quer dizer que autores franceses, ingleses ou alemães não possam aparecer no jornal. Já a literatura brasileira é bem recebida nas páginas do jornal, tem muito espaço em diversas edições. Comemorações de centenários de autores brasileiros importantes são lembradas e o registro da recepção da literatura brasileira em Portugal também.

Segundo José Carlos de Vasconcelos, o *JL* tenta ser algo “multitudinário”; valorizar, em plano de igualdade, as várias tendências. Em primeiro lugar, aprecia tudo que seja português, especialmente o que é de língua portuguesa. Fazendo um paralelo com alguns suplementos culturais portugueses que estão em circulação, por exemplo, o suplemento cultural do jornal português *Público*, o do *YPson* e o do jornal *Expresso*, estes chegam a ter quase 90% de suas publicações pertencentes a autores estrangeiros. Em segundo lugar, o *JL* esforça-se para alcançar o maior número de pessoas, fazendo bom jornalismo na área da cultura, publicando textos que sejam compreendidos por muita gente.

Maria Alzira Seixo, uma das grandes escritoras da língua portuguesa, colaboradora desde o início do *JL*, relatou certa vez ao diretor José Carlos de Vasconcelos que aprendeu a escrever com uma linguagem menos hermética graças à oportunidade de publicar seus textos no *JL*, quando era imposto um total de 3000 caracteres e a utilização de uma linguagem acessível a todos.

1.2 Textos de apresentação e depoimentos

A leitura de alguns textos de apresentação de edições especiais do *JL* contribui para o entendimento de aspectos da configuração do periódico português. Merecem atenção as palavras de José Carlos de Vasconcelos, diretor do jornal, anunciadas em

diferentes momentos: no número de inauguração do jornal –, em março de 1981; nos textos escritos em comemoração aos dez anos, em março de 1991; pelos vinte anos de existência do *JL*, em março de 2000; e pela chegada da edição de número 1000, em janeiro de 2009. Constatam-se também que depoimentos de pessoas atuantes na esfera social e cultural confirmam o papel desempenhado pelo *JL*, por isso apresentam-se exemplos de alguns testemunhos.

Pelo debate que promove, vale a pena inscrever aqui o registro da professora e pesquisadora brasileira Elza Miné sobre a função do editorial de inauguração, que se aproxima muito do papel desempenhado pelo texto escrito por José Carlos de Vasconcelos, na edição número 1 do *Jornal de Letras, Artes e Ideias*:

Lugar, pois, por excelência, da afirmação de propósitos, do delinear de projetos, da construção de um determinado “horizonte de expectativa” no leitor. Aqui é que sem dúvida se escreve a “grandeza” dos objetivos. [...] (MINÉ, 2000, p. 182-83)

E continua:

[...] podemos, portanto, afirmar que o editorial de apresentação é um tipo específico de texto de imprensa que participa do “gênero prefácio”. Tem por objetivo fundamental desempenhar uma função introdutória em relação à publicação periódica em que se insere e de cujo número inaugural consta em lugar determinado e de destaque, delineando com precisão maior ou menor e de modo mais ou menos explícito sua orientação e propósitos. (MINÉ, 2000, p. 188)

No texto inaugural do *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, nota-se a vontade, por parte dos idealizadores da publicação, representados pelo seu diretor, de estabelecer uma comunicação com os primeiros destinatários. É notória a antecipação dos objetivos, orientações do periódico, que nasce como propósito de ser “algo de novo entre nós”, no caso, falantes de Língua Portuguesa. Em linhas gerais, nesse texto, o *JL* diz a que veio e como pretende atuar no mercado editorial. Eis um trecho para comprovação:

Com efeito, o “JL” aspira a fazer jornalismo, e bom jornalismo especializado, na área a que se dedica. Compatibilizando no grau mais elevado possível a qualidade com a acessibilidade, ou mesmo a divulgação, queremos ser um quinzenário de cultura potencialmente para toda a gente. (*JL*, 1981, p.2)

O *JL* defende o equilíbrio entre uma linguagem que preza a qualidade e a missão de chegar a um maior número de leitores possível. Diante disso, esclarece seu diretor: “Recusamos, pois, os códigos das linguagens cifradas e os exercícios herméticos para pretensos iluminados.” (*JL*, 1981, p.2).

Outra informação relevante é o sentido que a palavra “Ideias” recebe no contexto do jornal. O diretor aponta que, mesmo sendo as “Letras” e “Artes” a essência do *JL*, o conceito de cultura adotado pela linha editorial da publicação alarga-se com a inclusão de discussões a respeito de “[...] questões relacionadas com o urbanismo ou a informação, a ecologia ou a antropologia, a história ou a psicologia, mesmo a política, embora não na sua visão imediatista e conjuntural”, (*JL*, 1981, p.2), daí a inclusão do termo “Ideias” no título.

José Carlos de Vasconcelos destaca, ainda, o projeto de fazer um jornalismo livre de pressões externas, um jornalismo que não esteja submetido a nenhum partido político, teoria ou grupo de pessoas. A finalidade é tornar o *JL* um lugar onde a qualidade possa ser o único critério: “Pretendemos fazer das nossas páginas um espaço de diálogo, uma mesa fraterna à qual se possam sentar escritores, artistas, intelectuais e cidadãos de variadas formações, escolas ou ideologias.” (*JL*, 1981, p.2).

Como se vê, a nova publicação não quer ser mais um jornal como muitos que surgem com vida curta; ao contrário, sabe dos desafios que irá enfrentar e de seu compromisso diante da situação da cultura nos países de Língua Portuguesa.

No caso do texto de apresentação do número 453 – de 12 a 18 de março de 1991, em comemoração aos 10 anos de vida do *JL* –, verifica-se uma retomada das palavras proferidas no exemplar de número 1 da publicação (1981), assinalando mais uma vez os ambiciosos objetivos impostos ao periódico em uma época que a cultura não tinha um espaço privilegiado na mídia. Isso muda na década de 1990, quando suplementos literários e culturais já ocupam uma posição destacada no jornalismo. José Carlos de Vasconcelos acredita que o *JL* tenha contribuído para essa mudança de perspectiva.

No texto publicado em 1991, o diretor do *JL* deixa claro seu espanto ao ver uma publicação dedicada à cultura sobreviver por tanto tempo, numa época em que, de acordo com ele: “[...] o dinheiro domina quase absoluto e os novos senhores pretendem que os escritores e os artistas sirvam fundamentalmente para abrilhantar o *décor* dos seus salões e das suas festas” (*JL* 10 anos, 1990, p. 2). Existe também o agradecimento

a algumas instituições e países falantes do Português que possibilitaram que o *JL* não fosse somente um projeto, mas que se concretizasse.

O número 768, de 8 a 21 de março de 2000, festeja os 20 anos de trabalhos desenvolvidos pelo *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Traz um artigo de uma página intitulado “*JL: uma data, uma vida*”, no qual José Carlos de Vasconcelos recupera mais uma vez o texto de apresentação do número 1, de 1981, e agradece aos “excepcionais colaboradores”. A reprodução da capa e da contracapa do exemplar inaugural do *JL* reforça a ligação do texto com o momento de nascimento do periódico.

Podem ser identificadas no texto, reflexões a respeito da identidade do *JL*, como, por exemplo, na afirmação da unicidade do jornal:

Não conhecemos, de facto, qualquer jornal, ou revista, com a periodicidade do **JL**, da área das letras, das artes, das ideias, que tenha existido e ‘resistido’ tanto tempo, sem soluções de continuidade, sempre fiel aos mesmos valores e objectivos. (*JL: uma data, uma vida*, 2000, p.2)

Vasconcelos aponta a dificuldade de se manter um jornal durante tantos anos, cita os problemas de falta de recursos e elogia a perseverança do *JL*: “Porque, para quem sabe de jornalismo e tem meios, o difícil não é fazer bom jornal ou uma boa revista: o difícil é mantê-los” (*JL: uma data, uma vida*, 2000, p.2).

O *JL*, mesmo passados 20 anos, busca manter-se fiel aos seus princípios iniciais: “Um jornal português e de língua portuguesa, aspirando a contribuir para aproximar todos os países de idioma comum e suas culturas e os que servem e para elas trabalham em qualquer parte do mundo” (*JL: uma data, uma vida*, 2000, p.2).

No que diz respeito aos colaboradores, dois parágrafos do texto são dedicados a eles. Nominalmente, José Carlos de Vasconcelos agradece-lhes a contribuição. Algumas figuras que aparecem: João Abel Manta, artista responsável pela concepção gráfica da publicação; Fernando Assis Pacheco, Eduardo Prado Coelho e Augusto Abelaira, lembrados pelo importante papel desempenhado na fundação do *JL*; colaboradores que já faleceram, como Alexandre Pinheiro Torres, David Mourão-Ferreira e Vergílio Ferreira; colaboradores em plena atividade na época, ano 2000: Agustina Bessa-Luís, Urbano Tavares Rodrigues, Eduardo Lourenço. Sempre que tem oportunidade, José Carlos de Vasconcelos demonstra publicamente seu profundo agradecimento aos

colaboradores do jornal, pois acredita que a qualidade da publicação está intimamente relacionada ao trabalho dessas pessoas.

Por fim, o diretor do *JL* escreve uma nota de solidariedade ao povo moçambicano, que sofria na época as consequências de uma grave inundação. Além disso, há um pequeno texto de Mia Couto que faz alusão à tragédia vivida por aquele povo. Postura que confirma a ligação do *JL* com os países de língua portuguesa.

No texto que abre a edição comemorativa do exemplar número 1000 do *JL*, de 28 de janeiro a 10 de fevereiro de 2009, José Carlos de Vasconcelos comenta alguns elementos que fazem do jornal um sucesso, um caso raro no jornalismo, e aponta a periodicidade e o objetivo de divulgar a língua portuguesa como características primordiais da publicação:

E por quê? Primeiro porque sabemos – é um facto, não é um juízo de valor – ser este um jornal a vários títulos único em Portugal e na nossa cultura, bem como em todo o mundo da língua portuguesa (e, em vários aspectos, talvez não só). Mais único ainda pela periodicidade, regularidade e persistência no tempo, sem qualquer interrupção: com períodos melhores e piores, mas sempre igual a si próprio, ao longo de mil edições. Segundo, porque, bem ou mal, entendemos que o *JL* teve, tem e deverá continuar a ter um papel significativo na cultura portuguesa, na defesa e promoção da nossa Língua, no intento de aproximar os países e povos que falam – mesmo como instrumento independente da sua Comunidade e do que, à falta de melhor designação, se chama Lusofonia. (*JL* vezes mil, 2009, p. 2)

Assim como os textos de apresentação, a compreensão que algumas personalidades representativas da sociedade e da cultura têm do *Jornal de Letras, Artes e Ideias* ajuda a dimensionar um pouco a influência do periódico no universo da língua portuguesa. Essas figuras comentam o passado, presente e fazem, ainda, predições para o futuro do jornal. Por isso, foram selecionados alguns trechos de depoimentos com a finalidade de mostrar o alcance que o *JL* vem conseguindo ao longo de sua história, seja em Portugal, Brasil ou África.

Personalidade	Trecho do depoimento	Número do <i>JL</i> /Data/ Página
Mário Soares, Presidente da República de	Estou certo de que o <i>JL</i> reflectirá nas suas páginas a diversidade e a novidade cultural deste tempo exaltante e complexo, ao mesmo tempo em que continuará a prestar a	nº 453, de março de 1991, p.33

Portugal	sua contribuição para a afirmação da língua portuguesa e a divulgação da nossa cultura.	
Luiz Francisco Rebello , Presidente da Sociedade Portuguesa de Autores	Ninguém, nenhuma entidade – mesmo (sobretudo?) as mais responsáveis – fez mais ou melhor pela divulgação da nossa cultura, nestes últimos dez anos, do que o <i>JL</i> . Sem ele, teríamos ficado mais pobres – todos nós, a cultura e o país.	nº 453, de março de 1991, p. 36
José Saramago , escritor português, Prêmio Nobel de Literatura	Algumas vezes me tenho perguntado como estaríamos nós de comunicação com aquelas partes do mundo que conosco culturalmente se preocupam se o <i>JL</i> não existisse. Penso que mal. É claro que as entidades oficiais da área dispõem de meios escritos próprios para a difusão dos seus projectos e actividades, mas essas publicações têm, quase sempre, salvo honrosa excepção, um ar de boletim paroquial, pouco atraente que não convida à leitura.	nº 768, de março de 2000, p. 3
Fernando Henrique Cardoso , Presidente da República do Brasil	Há vinte anos, cada número do <i>JL</i> , nos diz o que se cria e o que se pensa nos países de língua portuguesa. Porque é um jornal de verdade, informa acima de tudo e conta a história do que mal deixou de ser presente, e anuncia o que está pronto para surgir ou se promete, e comenta, e critica, e elucida. Independente e aberto a todas as idades e a todas as ideias, rever-lhe a coleção equivale a rememorar a vida cultural portuguesa nas últimas duas décadas e também a do Brasil, a de Angola, a de Cabo Verde, a da Guiné, a de Moçambique e a de S. Tomé e Príncipe, sem esquecer as angústias de Timor.	nº 768, de março de 2000, p.3
Lygia Fagundes Telles , Escritora brasileira	Saúdo esse belo <i>Jornal de Letras</i> , que tem sido o verdadeiro traço de união (tão profundo e tão vivo) entre dois povos de uma pátria comum, a bem-amada língua portuguesa.	nº 1000, de janeiro de 2009, p. 6
Manuel Veiga Ministro da Cultura de Cabo-Verde	Que ninguém pergunte à direção do jornal sobre os problemas mil que encontrou na materialização do projecto, porque a lista seria enorme. Apesar de tudo, a obra está lá para ser reconhecida. Com certeza de que não houve milagre. Houve, sim, ousadia, entusiasmo, dedicação, competência e tenacidade. Estas são as virtudes, mas também os segredos do <i>Jornal de Letras</i> .	nº 1000, de janeiro de 2009, p. 3

Quadro 3 - Depoimentos das edições de 10 anos (nº 453 de março de 1991), 20 anos (nº 768 de março de 2000) e milésima edição (nº 1000 de janeiro de 2009) do *JL*

Reconhece-se, pela leitura dos textos de apresentação escritos por José Carlos de Vasconcelos e pelos depoimentos sobre o *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, que a publicação persiste, ao longo de sua história, como um elo entre os países de Língua Portuguesa, divulgando essa cultura para todos os lugares. Tal como sublinha a escritora portuguesa Agustina Bessa-Luís: “O ‘Jornal de Letras’ foi, durante muitos anos já, o

nosso passaporte no estrangeiro, o nosso posto de conversação com o mundo” (*JL*, Inventário..., 1991, p. 42).

1.3 Um passeio pelas capas do *JL*

O principal objetivo desta etapa do trabalho consiste no comentário da multiplicidade temática apresentada nas capas do *JL*. Para o efeito, foi selecionada uma amostra de capas limitada ao período compreendido entre 1990 e 2011. Esse conjunto de capas serve para ilustrar a representatividade de alguns tópicos: “Letras” (Brasil; África; Estrangeiro não pertencente à língua portuguesa; Portugal – autores nascidos no século XIX); “Artes” e “Ideias”.

Por meio da observação do tema da capa, o propósito é responder à seguinte questão: Até que ponto a capa do *Jornal de Letras, Artes e Ideias* constitui-se como um espaço de diálogo entre os países de língua portuguesa?

A capa serve como uma “porta de entrada” para o jornal. É por meio dela que o leitor tem o primeiro contato com o conteúdo a ser encontrado nas páginas do periódico. No caso do *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, na capa acham-se também informações úteis para a contextualização do periódico (direção, preço, número, periodicidade). Observa-se que, no *JL*, tanto a chamada das matérias quanto as imagens estampadas na capa representam uma tentativa de estabelecer uma temática para o número.

Emanuel Araújo, Professor Emérito da Universidade de Brasília, afirma que a primeira capa merece atenção especial, pois exerce uma função publicitária. Segundo o autor:

Assim, o estilo de apresentação da primeira capa, como o de qualquer embalagem, varia bastante, sob construções simétricas ou assimétricas, mas buscando-se amiúde tirar partido dos efeitos visuais provocados por contrastes de tom e cor, por combinações de figuras geométricas, por fotos, gravuras e outras formas de ilustração, tudo disposto de modo a que se processe harmoniosamente a interação entre imagem e palavras. Como se vê, talvez a única regra a ser obedecida no *design* da primeira capa é que seu estilo se relacione, ou reflita, a matéria e o estilo gráfico do livro – o mais fica por conta das sensibilidade, da imaginação, do bom gosto e da técnica do capista. (ARAÚJO, 1986, p. 470)

No *JL*, o critério para que um autor, tema ou obra ganhe a capa é sua qualidade. A qualidade está ligada à importância do acontecimento, perpassando por um crivo jornalístico ligado à noticiabilidade, ou seja, aos interesses que os fatos podem gerar dentro do universo da cultura. Buscando não se sentir pressionado pela moda corrente ou publicidade, o *JL* procura demonstrar autonomia na seleção do que deseja publicar.

Outro critério básico para a apresentação das capas tem a ver com a preferência por escritores de língua portuguesa. O *Jornal de Letras, Artes e Ideias* não abre mão de ser o primeiro a divulgar os acontecimentos significantes relacionados à cultura de língua portuguesa.

Ainda como é comum acontecer na maioria dos jornais, o *JL* destaca as efemérides – notícias do que se passou em determinado dia de um ano qualquer. Por exemplo, a comemoração da data de nascimento ou morte de escritores ou o aniversário de alguma obra ou movimento artístico tem espaço na capa das edições, além dos resultados de premiações respeitadas como o Prêmio Camões e o Nobel de literatura.

Os festivais de músicas ocorridos no verão de Portugal já ganharam capa no *JL*. Outra capa lançada no período de férias trazia um inquérito sobre cidades turísticas inspirado no nome do livro *Viagens a minha terra*, de Almeida Garrett.



Figura 1 - Capa da edição de número 1065, de 2011 do *JL*

A capa se intitula “Viagens a nossa terra” e o número abarca um conjunto de comentários de 17 escritores – A. M. Pires Cabral, Afonso Cruz, Alice Viera, Catarina Fonseca, Frederico Lourenço, Helena Marques, Hélia Correia, J. Rentes de Carvalho, João de Melo, João Tordo, Lúcia Jorge, Marcelo Duarte Mathias, Mário Cláudio, Pedro Rosa Mendes, Rosa Alice Branco, Sofia Marrecas Ferreira e Teolinda Gersão.

Surtem capas com temas mais vinculados à atualidade, outros mais abstratos e ligados ao cotidiano. Embora haja um predomínio da literatura, tenta-se fazer capas de vários assuntos.

1.3.1 Letras

A literatura brasileira sempre recebeu uma atenção especial por parte da equipe de jornalistas do *JL*. José Carlos de Vasconcelos nutriu amizade com personalidades brasileiras como Jorge Amado e João Ubaldo Ribeiro. Presidentes da República como José Sarney e Fernando Henrique Cardoso deixaram testemunhos nas páginas do *JL* sobre o quanto estimavam a publicação. Uma das maneiras de se comprovar a presença das letras brasileiras é verificar o destaque que os autores do Brasil recebem nas capas do periódico.

O escritor brasileiro João Cabral de Melo Neto estampa a capa do número 448, de fevereiro de 1991, do *JL*. Nesta edição, o leitor encontra uma entrevista de duas páginas com o autor – realizada pela jornalista Maria Leonor Nunes – e um artigo de uma página intitulado “Poética de João Cabral: a metáfora de uma tradução” escrito pela Professora brasileira Maria Heloísa Martins Dias, da Universidade Estadual Paulista de São José Rio Preto. João Cabral já havia tido destaque na capa do exemplar de número 428, de setembro de 1990, quando foi aclamado com o Prêmio Camões.

Em homenagem aos 25 anos de morte do “nome maior da literatura de língua portuguesa”, como inscrito no *JL*, João Guimarães Rosa ganha espaço especial na edição de número 545, de dezembro de 1992, com um ensaio do brasileiro Alberto da Costa e Silva – poeta, romancista, ensaísta, historiador e diplomata – e dois textos de José Alberto Braga – jornalista e escritor português –, divididos em cinco páginas da publicação.

Outro escritor brasileiro que tem seu nome projetado na capa do *Jornal de Letras, Artes e Ideias* é Mario de Andrade. O número 587 do periódico, de outubro de 1993, não nos deixa esquecer o centenário do nascimento do autor de *Macunaíma*. Em sete páginas do número, encontra-se uma variedade de textos para homenagear o autor, textos esses compostos por Lygia Fagundes Telles, Leodegário A. de Azevedo Filho, António Olinto, Henrique L. Alves e Alexandre Pinheiro Torres. Também são publicadas duas cartas escritas por Mario de Andrade.



Figura 2 - Capas: José Cabral de Melo Neto, Guimarães Rosa e Mário de Andrade

Quem aparece na capa do número 646, de agosto de 1995 do *JL*, é Jorge Amado, ganhador do Prêmio Camões, o prêmio literário mais importante no universo da lusofonia, atribuído anualmente desde 1989 por um júri internacional. O autor mundialmente conhecido e muito prestigiado em Portugal surge como tema da edição, recebendo grande espaço na publicação da página 10 a 21. Publicam-se, a seu respeito, uma extensa entrevista realizada por José Carlos Vasconcelos, textos e depoimentos de alguns representantes dos países de língua portuguesa: Pepetela (Angola), Mia Couto (Moçambique), Nelson Saúte (Moçambique), Germano de Almeida (Cabo-Verde), José Sarney (Brasil), Josué Montello (Brasil), Eduardo Portela (Brasil), Eduardo Lourenço (Portugal), José Cardoso Pires (Portugal), Carlos Reis (Portugal), José Saramago (Portugal), Fernando Assis Pacheco (Portugal), Urbano Tavares Rodrigues (Portugal), Leonor Xavier (Portugal), António Alçada Baptista (Portugal), Raul Solnado (Portugal). Ainda são publicadas uma breve cronologia do autor e fotos inéditas de Zélia Gattai e do fotógrafo português Eduardo Baião.

Não podia ficar de fora das capas do *JL* um dos grandes intelectuais brasileiros contemporâneos: o professor, ensaísta e crítico literário Affonso Romano Sant'anna. Na ocasião de lançamento do número 610 do *JL*, de março de 1994, ele presidia a Fundação da Biblioteca Nacional do Brasil. Nesse número, publica-se uma entrevista de Maria Leonor Nunes em que são abordados temas como a política do livro brasileiro, a lírica latino-americana e o ofício de poeta.

Para exemplificar a presença das escritoras brasileiras no *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, destaca-se a capa de número 773, de maio de 2000, que tem como tema a obra da autora Lygia Fagundes Telles. Um conjunto de eventos determina a escolha desta ilustre leitora do *JL*: lançamento de um novo livro, homenagem na Bienal de São Paulo e aniversário de 77 anos. São incluídos nesta edição uma pequena entrevista de José Carlos de Vasconcelos, um texto escrito pela autora, breve síntese biográfica, nota crítica de seu novo livro, reprodução do conto “Que se chama solidão”, textos ou depoimentos de José Saramago, Carlos Graieb²⁹, António Alçada Baptista³⁰, Lídia Jorge³¹, Teolinda Gersão³² e Urbano Tavares Rodrigues³³.



Figura 3 - Capas: Jorge Amado, Affonso Romano Sant'anna, Lygia Fagundes Telles

Em relação à literatura africana de língua portuguesa, como é recorrente no *JL*, encontram-se exemplos de capas trazendo como temas não só autores individuais, mas também apostando na união de alguns escritores ou temas mais amplos para compor as matérias principais das edições. Este é o caso de duas capas: a do exemplar de número 549, de janeiro de 1993, e do número 718, de abril de 1998.

Na edição 549 do *JL*, observa-se o tema “África minha”, que traz um dossiê organizado por Nélson Saúte – escritor moçambicano - sobre a condição da literatura feita na África portuguesa no início dos anos 1990, pautando-se em entrevistas e artigos

²⁹ Carlos Graieb: Editor-executivo da revista *Veja*.

³⁰ António Alçada Baptista (Covilhã, 1927 - Lisboa, 2008): Ensaísta, ficcionista e memorialista.

³¹ Lídia Jorge (Boliquireme/Loulé, 1946): Romancista, contista e autora de peça de teatro.

³² Teolinda Gersão (Coimbra, 1940): Ficcionalista e professora universitária.

³³ Urbano Tavares Rodrigues (Lisboa, 1923): Um dos mais prestigiados escritores da segunda metade do século XX em Portugal.

sobre os escritores Mia Couto, José Eduardo Agualusa e Luís Bernardo Howana. Os dois primeiros escritores acabavam de lançar livros. O último, além de renomado escritor, foi Ministro da Cultura de Moçambique.

Já o exemplar de número 718 dedica especial atenção à literatura e à música produzidas em Cabo Verde. Por meio da reunião de alguns exemplos, a edição pretende mostrar um pouco da realidade cultural do país no conjunto de páginas compreendido entre os números 14 a 20. A literatura recebe um artigo crítico produzido pelo escritor Manuel Lopes e uma entrevista com Germano de Almeida. São publicados também inéditos do poeta José Luís Tavares. Na música, os cantores cabo-verdianos Baná e Cesária Évora são escolhidos e aparecem como referência. Além das fotos das personalidades retratadas, surge uma pintura da série Cabo Verde da premiada artista portuguesa Graça Morais, que viveu durante dois anos da infância em Moçambique. Também é em Moçambique que, segundo a própria artista, fez as primeiras amigas e ganhou do pai a primeira caixa de aquarelas.



Figura 4 - Capas: “África Minha” e “Vozes de Cabo Verde”

Ainda comentando as capas que representam a literatura africana de expressão portuguesa, existem mais quatro exemplares do *JL* cujos temas são os escritores Pepetela (nº 638, 1995), Mia Couto (nº 670, 1996), Craveirinha (nº 698, 1997) e José Eduardo Agualusa (nº 746, 1999). Com isso, certifica-se o interesse de ter presentes as Letras africanas nas páginas do jornal português.

A edição 638, de 29 de março a 11 de abril de 1995, intitula-se “Pepetela. Utopia e amargura”. O escritor apresenta a literatura feita em Angola nas páginas 14 a 20 do jornal. A palavra “utopia” do título remete à geração a que o escritor angolano julga pertencer, a geração da utopia da construção de um país novo. Nesse exemplar, existe um longo texto de Rodrigues da Silva³⁴ com a finalidade de traçar o perfil de Pepetela, falar dos desafios constantes de sua vida e de sua atuação como escritor. Também estão incluídos textos críticos de David Mestre³⁵ e Manuel Alegre sobre Pepetela.

A literatura de Moçambique chega à capa do *JL* por meio da figura do escritor Mia Couto. O número 670 (1996) traz a denominação “Mia Couto. À varanda da história”, referência ao romance do escritor *A Varanda de Frangipani*, lançado na época. No interior da edição, há um artigo de duas páginas a respeito do novo romance e da carreira de Mia Couto, passando por sua atuação como jornalista, biólogo e homem ligado à literatura.

Na seção “Leituras”, páginas 22 e 23 do número 670, a Professora Maria Alzira Seixo publica o texto “Mia Couto. Olhares sobre o mundo”. Seixo (1996, p.23) afirma: “**A Varanda do Frangipani** não é só um magnífico livro sobre Moçambique e sobre o pós-colonialismo; é uma reflexão sobre a possibilidade de conhecimento por parte do homem comum, a partir de uma experiência de olhar, de sensação e de quietude [...]”.



Figura 5 - Capas: Pepetela, Mia Couto

³⁴ José Manuel Rodrigues da Silva (1939-2009): Referência no jornalismo português. Começou a trabalhar no *JL* no ano de 1993.

³⁵ David Mestre (1948-1998): Poeta angolano, seu nome verdadeiro era Luís Filipe Guimarães da Mota.

Outro escritor da literatura africana a estampar a capa do *Jornal de Letras, Artes e Ideias* é José Craveirinha, número 698, de julho de 1997, com o título “Contos da Vida”, referência ao livro *Hamina e outros contos*, que acabava de ser publicado. No interior do periódico, publica-se um artigo intitulado “A boa alma de Craveirinha”, de autoria da jornalista Maria Leonor Nunes, onde são comentados diversos aspectos da vida do ganhador do Prêmio Camões de 1991: infância, adolescência, família, carreira jornalística, política. No texto também aparecem fragmentos do próprio autor. Por exemplo, quando trata de lances do tempo de menino:

“Lembro-me de amigos que tinham grandes problemas económicos e que passavam muito mal. Quando comecei a trabalhar, chegava a privar-me de peças de roupa ou de sapatos, porque não conseguia vê-los de pés descalços ou com dedos a saírem das sapatilhas rotas. Sentia-me mal. Tinha de partilhar”. (*Jornal de Letras, Artes e Ideias*, 1997, p.12)

José Eduardo Agualusa surge na capa do número 746, de maio de 1999, do *JL*, que recebe o nome de “Coração Crioulo”, alusão à obra *Nação Crioula* (1997). O destaque recebido pelo autor angolano deve-se ao lançamento do livro *Fronteiras Perdidas*. Nesse exemplar do jornal, o leitor depara-se com uma entrevista feita por Maria Leonor Nunes, chamada “A hora do viajante”.



Figura 6 - Capas: Craveirinha, José Eduardo Agualusa

A literatura estrangeira, entendida aqui como aquela que não pertence ao universo das letras de língua portuguesa, também tem seu espaço nas capas do *JL*.

Procurou-se separar alguns exemplares ilustrativos que possam dimensionar a relevância que essas outras literaturas alcançam como tema do jornal. Por ordem cronológica de publicação dos exemplares, têm-se: Jean Nicolas Arthur Rimbaud (1854-1891), escritor francês (nº 463 de maio de 1991); Federico García Lorca (1898-1936), escritor espanhol (nº 674 de agosto de 1996); Pablo Neruda (1904-1973), poeta chileno (nº 702 de setembro de 1997); Isabel Allende (1942), poetisa, nasceu em Lima, Peru, mas tem a nacionalidade chilena (nº 706 de novembro de 1997); Jorge Luís Borges (1899-1986), escritor argentino (nº 727 de agosto de 1998); e Ernest Hemingway (1899-1961), escritor norte-americano (nº 751 de julho de 1999).

Diferentes países, épocas e estilos das literaturas estrangeiras são abordados na capa do *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Em linhas gerais, os fatos que motivam o aparecimento desses autores são: a) efeméride: notícia do que se passou em determinado dia de um ano qualquer (no caso, cem anos da morte de Rimbaud; sessenta anos do assassinato de Lorca; cem anos do nascimento de Hemingway); b) publicação de livro: Isabel Allende lança o livro *Afrodite: Contos, Receitas e Outros Afrodisíacos*; lançamento da obra completa de Lorca em português; surgimento de livros de Neruda no Chile e sucesso do filme *O carteiro e o poeta*, em Portugal.



Figura 7 - Capas: Rimbaud, Lorca, Neruda



Figura 8 - Capas: Isabel Allende, Borges, Hemingway

Para verificar, de modo sumário, a participação da literatura portuguesa nas capas do *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, opta-se por privilegiar autores nascidos no século XIX e que permanecem no imaginário português. Foram selecionadas algumas edições que trazem ícones das Letras portuguesas, artistas reconhecidos pelo cânone literário.

Começa-se por Camilo Castelo Branco (1825-1890), que recebe o número 413, de julho de 1990, em recordação aos cem anos de sua morte. Grande parte desse exemplar, que conta com trinta e duas páginas, está inscrito com textos sobre a biografia e a obra de Camilo; isso ocorre no intervalo das páginas 4 a 15. Aparecem, além dos artigos críticos, entrevista, depoimento e cartas.

Ernesto Rodrigues³⁶ escreve o texto “Camilo de passagem”, e Ilídio Rocha³⁷ contribui com o artigo “Camilianas de Portugal e Brasil”. Para comprovar a atualidade da obra camiliana, alguns escritores portugueses são chamados a deixar seu depoimento sobre o autor de *Amor de Perdição* – “Camilo visto por escritores de hoje”. Eles se pautam nas seguintes perguntas: 1) O que subsiste de Camilo na literatura portuguesa contemporânea? 2) Que aspectos da obra camiliana mais o influenciaram como escritor?

³⁶ Ernesto Rodrigues: Professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

³⁷ Ilídio Rocha (1925): Documentalista e investigador bibliográfico. Tem colaboração literária espalhada por jornais e revistas de diversos países. É o coordenador do Dicionário Cronológico de Autores Portugueses, do Instituto Português do Livro e das Bibliotecas.

Uma entrevista proposta por Carlos Vaz Marques³⁸ – com o nome de “Agustina e Mário Cláudio: que mistério tem Camilo?” – tem o objetivo de ressaltar a admiração de Agustina Bessa-Luís e Mário Cláudio pelo escritor português. Há também um texto escrito por Maria Alexandrina Castelo Branco, bisneta do escritor, intitulado “Camilo será menos que Fernando Pessoa?”. Outros textos: “Ana Plácido Castelo Branco: Camilo por um traço”, de José Jorge Letria³⁹, e “1850: data determinante na carreira de Camilo”, de Alexandre Cabral⁴⁰. Por fim, são publicadas algumas cartas inéditas de Camilo a Ricardo Jorge.

Camilo Pessanha (1867-1926) surge como tema do exemplar de número 422 do *JL*, de agosto de 1990, com a manchete: “No 70º Aniversário de ‘Clepsidra’. O Grande Oriente Lusitano”. Por meio de uma entrevista – “Conversa vadia sobre Camilo Pessanha”, de Mário Viegas – e de artigos – “Pessanha e Fernando Pessoa: de ‘San Gabriel’ à ‘Mensagem’”, de António Quadros; “Variante de um soneto e uma carta mutilada”, do Professor brasileiro Paulo Franchetti; “Pedro Barreiros, Pessanha e a memória de Macau”, Isabel Fragoso; “O ‘Dr. Pessanha’”, de Guilherme de Castilho – divididos dentre as páginas 5 a 13, o *JL* evoca aspectos obscuros da vida do poeta e se propõe a não deixar esquecido um dos poetas mais notáveis da poesia portuguesa, na galeria de Camões, Pessoa e Cesário Verde.

Algumas das capas do *Jornal de Letras, Artes e Ideias* são dedicadas ao ilustre poeta português Fernando Pessoa (1888-1935). Como exemplo, tem-se o número 432, de outubro de 1990, que traz à tona a seguinte notícia: “Novo heterônimo no ‘Centenário de Álvaro de Campos’. A Arca do desassossego”. Essa efeméride motiva a publicação, no exemplar do jornal, de inéditos de Bernardo Soares e Álvaro de Campos, de textos da Professora Teresa Sobral Cunha e de uma entrevista com Teresa Rita Lopes – especialista na obra pessoana –, feita pela jornalista Maria Leonor Nunes. Nas palavras de Teresa Rita Lopes, temos a atualidade dos estudos pessoanos (1990, p.10): “[...] apesar das centenas de livros que existem sobre Pessoa, dos muitos congressos, das muitas publicações que saem constantemente, eu afirmo que Pessoa está por conhecer”.

³⁸ Carlos Vaz Marques (Lisboa, 1964): Jornalista desde 1987. Tem colaborado em diversos jornais e revistas: *DNa*, *Ler*, *JL*, *Visão*, *Pública*, *Focus*, *Grande Reportagem*, *Elle*.

³⁹ José Jorge Letria (Cascais, 1951): Poeta, dramaturgo, ficcionista e ensaísta português. Colaborou em várias publicações, dentre as quais se destacam *Colóquio/Letras*, *Hífen*, *Vértice*, *Boca Bilingue*, *Palimpsesto* e *Plural*. Foi subchefe de redação do *Jornal de Letras*.

⁴⁰ Alexandre Cabral (Lisboa, 1917-1996): estudioso da obra camiliana. Dedicou grande parte da sua vida à investigação da obra e da vida de Camilo Castelo Branco



Figura 9 - Capas: Camilo Castelo Branco, Camilo Pessanha, Fernando Pessoa

Dando continuidade à seleção de capas cujos temas são escritores portugueses nascidos no século XIX, chega-se ao número 512, de abril de 1992, que possui como assunto principal o poeta Ant3nio Nobre (1867-1900), especificamente sua obra *S3*. A edi33o faz uma homenagem aos cem anos de publica33o da primeira edi33o do livro de poesia *S3*. Nesse n3mero, o livro e o escritor s3o analisados por textos dos colaboradores do *JL*, Fernando Guimarães, Gast3o Cruz⁴¹, Jos3 Augusto Seabra⁴² e Paula Mor3o⁴³. Ainda h3 uma entrevista com o escritor M3rio Cl3udio e depoimentos de Ant3nio Ramos Rosa⁴⁴, Nuno J3dice e Vasco Graça Moura⁴⁵. O objetivo do jornal 3 demonstrar a contemporaneidade e a pluralidade presentes na poesia de Ant3nio Nobre.

Florbela Espanca (1894-1930) recebe uma homenagem do *Jornal de Letras, Artes e Ideias* pelos cem anos de nascimento, no n3mero 627, de outubro de 1994. A reuni3o de textos publicados pretende tra3ar o perfil da poetisa portuguesa. Os artigos cr3ticos s3o escritos por professores universit3rios e ensa3istas que possuem conhecimento a respeito da vida e obra de Florbela. Eis os textos: “A intransmiss3vel presen3a”, de Jos3 Carlos Seabra Pereira; “Uma linguagem po3tica”, de Nuno J3dice, e

⁴¹ Gast3o Cruz: (Faro, 1941): Poeta e ensa3ista portugu3s.

⁴² Jos3 Augusto Seabra (Vilarouco - Alto-Douro, 1937, Nova de Gaia, 2004): Poeta, ensa3ista, cr3tico, professor universit3rio e diplomata portugu3s. Catedr3tico da Universidade do Porto.

⁴³ Paula Mor3o: Especialista em literatura portuguesa dos s3culos XIX e XX. Grande divulgadora da obra de Irene Lisboa.

⁴⁴ Ant3nio Ramos Rosa (Faro, 1924): Poeta e cr3tico portugu3s.

⁴⁵ Vasco Graça Moura (Porto, 1924): Poeta, romancista, ensa3ista, tradutor, foi secret3rio de Estado de dois Governos provis3rios.

“A família poética”, de Fernando J. B. Martinho⁴⁶. O dossiê sobre Florbela é aberto pela jornalista Maria João Martins⁴⁷, com o texto “Florbela da alma”, e Susana Neves encerra a edição, com o texto “A poetisa no teatro”, seguido de depoimentos de figuras das Letras sobre Florbela sob o título de “Encontros com Florbela”.

O autor de *O Primo Basílio* surge como tema da edição 655, de novembro de 1995, do *JL*. A capa, que reproduz um desenho do artista português João Abel Manta, assinala os cento e cinquenta anos de seu nascimento. Acompanhando as comemorações realizadas, principalmente em Portugal, o jornal publica diversos textos sobre Eça de Queiroz (1845-1900). De início, quatro cartas inéditas de Emília de Castro para Eça e outra para Ramalho Ortigão – trata-se de uma antecipação do livro *Eça de Queiroz – Emília de Castro: Correspondência Epistolar*. Carlos Reis, ensaísta e Professor da Universidade de Coimbra, especialista na obra queirosiana, fala da Edição Crítica da obra de Eça de Queiroz, por ele dirigida. Esse número do *JL* traz, ainda, um trecho da introdução à Edição Crítica de *O Crime do Padre Amaro*, escrita por Reis. Já Frank de Sousa, Professor da Universidade de Massachusetts, fala da Edição Crítica do *Crime do Padre Amaro*. Os textos mostram um pouco da dinâmica empreendida na metade da década de 1990 nos estudos queirosianos.



Figura 10 - Capas: Florbela, António Nobre, Eça de Queiroz

⁴⁶ Fernando J. B. Martinho: Professor aposentado da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, onde se doutorou e lecionou entre 1982 e 2004. Dedicar-se especialmente ao estudo da Literatura Portuguesa Contemporânea.

⁴⁷ Maria João Martins (1967): Tornou-se jornalista aos 20 anos. Trabalha como redatora do *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, sendo colaboradora das revistas *Vogue*, *Máxima*, *Visão* e *DIF*. Recebeu vários prémios de jornalismo.

1.3.2 Artes e Ideias

Num quadro multidisciplinar do entendimento do conceito de cultura, o *Jornal de Letras, Artes e Ideias* possui, como seu próprio nome comprova, além das “Letras”, uma preocupação com as “Artes” e “Ideias”. Com o intuito de exemplificar como se dá a presença desses dois campos no jornal, foram separadas doze capas da publicação.

No *JL*, a denominação “Artes” anuncia que existe um espaço para as diversas manifestações artísticas como a música, a dança, a pintura, a escultura, o teatro, o cinema, a fotografia. O critério para saber o que vai ou não ser publicado pauta-se, como manifestado nos editoriais do jornal, na qualidade, na admiração causada pela obra artística no público e na sua importância para o contexto cultural.

As capas escolhidas demonstram a diversidade de temas e a vontade de trazer ao leitor do *JL* o que de melhor é produzido nas artes. Aqui também persiste o privilégio para o que pertence ao universo da língua portuguesa. Eis alguns exemplos: a) na música, temos Carlos Paredes (1925-2004), número 399, de 1990. Paredes destaca-se por ser um excelente compositor e instrumentista de guitarra portuguesa; b) nas artes gráficas, aparece João Abel Manta (1928), nº 502, de 1992. Artista plástico que elaborou o primeiro projeto gráfico para o *JL*, conhecido, principalmente, por seus desenhos e caricaturas; c) na fotografia, existe um exemplar dedicado à Fotografia Portuguesa, nº 514, de 1992, onde é publicado um dossiê sobre a uma nova geração de fotógrafos portugueses; d) símbolo da cultura portuguesa, o Fado surge como assunto principal do nº 620, de 1994; e) na pintura, a portuguesa Paula Rego (1935-1954) estampa a capa do nº 629, de 1994; f) no cinema, um dos mais conhecidos cineastas portugueses, Manoel de Oliveira, é homenageado no nº 650, de 1995, do *JL*.



Figura 11 - Capas: Carlos Paredes, João Abel Manta, Fotografia Portuguesa



Figura 12 - Capas: Fado, Paula Rego, Manoel de Oliveira

Já no título “Ideias” estão inseridas discussões acerca da história, política, urbanismo, antropologia e psicologia sob um ponto de vista reflexivo e não imediatista. No caso da história, alguns historiadores portugueses são lembrados: José Mattoso estampa a capa do nº 544, de 1992; já A. H. de Oliveira Marques aparece no nº 642, de 1995. Ainda Vasco da Gama recebe o nº 701, de 1997. O tema “A Ciência e a Vida” é o tema do nº 636, de 1995 do *JL*, que traz como figura principal o cientista português José Mariano Gago. Uma das personalidades mais importantes do ensaio de Portugal, Eduardo Lourenço, aparece na edição 667, de 1996. Ele reflete sobre o lugar que Portugal ocupa no mundo. Outro tema relacionado às “Ideias” é publicado no nº 641, de 1995, “Utopia: O Futuro Possível”; neste exemplar, as discussões giram em torno dos sonhos.



Figura 13 - Capas: José Mattoso, A. H. de Oliveira Marques, Vasco da Gama



Figura 14 - Capas: José Mariano Gago, Eduardo Lourenço, Utopias

As capas do *Jornal de Letras, Artes e Ideias* publicadas ao longo da história do periódico revelam o processo de formação de sua identidade. Constatase que o que faz parte da cultura de língua portuguesa tem uma valorização maior por parte da equipe de jornalistas do *JL*. Entretanto, a publicação portuguesa também acolhe em suas páginas as grandes figuras das literaturas estrangeiras, principalmente. É visível que houve um aprimoramento na parte gráfica das capas do *JL* ao longo das décadas.



Figura 15 - Capas: Exemplares de nº 01 (1981), 736 (1998), 1056 (2011)

O *JL* mostra-se preocupado em divulgar ao público o que de novo surge no universo da língua portuguesa, mas nota-se que o jornal não abre mão de contribuir também para que as obras e autores consagrados não sejam esquecidos.

1.4 Seções e colaboradores

De acordo com o estudioso português Nelson Traquina (2001), o jornalismo impõe um modo próprio de ver o mundo. Assim, a notícia passa a ser vista como uma “construção social”; os critérios para definir o que merece ser notícia são orientados por questões culturais resultantes de diversas interações entre os profissionais do jornalismo, como membros da sociedade que são, e a própria sociedade.

Nos dias atuais, existe uma tendência cada vez maior para se estudar o jornalismo de forma especializada. Assim, aparecem as divisões: jornalismo econômico, jornalismo esportivo, jornalismo cultural, entre outras.

Dentre os assuntos contemplados pelo chamado jornalismo cultural, foi a literatura que primeiro ocupou as páginas dos jornais. O encontro da literatura com o jornalismo é antigo. Renomados escritores tiveram passagem pela imprensa antes de se consolidar como ficcionistas. No século XIX, deparamos no Brasil com Machado de Assis publicando grande parte de seus contos em jornais; em Portugal, Eça de Queirós

foi jornalista durante toda a vida. Descobre-se com frequência nos seus textos de imprensa a matriz do que dele se conhece enquanto ficcionista.

Contemporaneamente, o diálogo entre literatura e jornalismo continua. Prova disso é o número de autores que colaboram com publicações jornalísticas. No Brasil, Luís Fernando Veríssimo, Ignácio de Loyola Brandão, Carlos Heitor Cony são exemplos.

Em Portugal, citam-se cronistas que publicam no *Jornal de Letras, Artes e Ideias* tais como Augusto Abelaira (1926-2003), que assinou, de 1981 a 1996, a seção de crônicas “Ao pé das letras”, e José Luís Peixoto (1974), Prêmio José Saramago 2001. Muitos jornalistas são também escritores: Fernando Assis Pacheco, José Cardoso Pires, Armando Baptista-Bastos, Fernanda Dacosta, Helena Marques, Inês Pedrosa, João Aguiar, João Maria Mendes, José Jorge Letria, Manuel António Pina, Maria Teresa Horta, Mário Ventura Henriques, Orlando Neves, Rui Zink, Urbano Tavares Rodrigues, por exemplo (FREITAS, 2002).

Não é só por meio dos textos literários (contos, poesia, crônicas, trechos de romances) que a literatura faz-se presente na imprensa. A literatura mostra-se capaz de transitar por diversos espaços dos periódicos, seja na parte dedicada à reflexão (resenha crítica, ensaio, artigo de opinião, entrevista), seja no âmbito da divulgação, reportagem, lista das obras mais vendidas.

Sabe-se que o jornalismo tem como serviço fundamental divulgar informação, cobrir fatos e fornecer notícias, mas, por outro lado, como aponta Cremilda Medina (2007, p.33) na história do jornalismo: “[...] sempre houve a necessidade da voz individual, da voz de opinião. No caso das artes, essa voz se manifesta através da crítica, das resenhas e dos ensaios.” Pode-se acrescentar a esses textos a crônica, que também apresenta um caráter reflexivo.

Quando se fala em jornalismo cultural, logo se estabelece uma amplitude temática (cinema, música, literatura, artes plásticas...) e de formatos – revista especializada, publicações acadêmicas, revistas de divulgação, fascículos, suplemento semanal de grandes jornais diários, o caso do *JL*, que se define como um jornal dedicado à divulgação da cultura de língua portuguesa; na Era da Internet, proliferam sites, blogs, revistas eletrônicas sobre o assunto.

O jornalismo voltado a temas da cultura apresenta algumas características que o distanciam do jornalismo visto nos demais editoriais (Esporte, Economia e Política, etc). Diz o ditado popular: “O jornal, no dia seguinte, serve para embrulhar peixe na

feira”. Essa frase ressalta o caráter efêmero, perecível do jornal – sua preocupação excessiva com a atualidade – e determina um ciclo de 24 horas para a existência desse meio de comunicação.

Já no jornalismo cultural, não é só o atual que recebe atenção. Além disso, existe uma oferta de outros gêneros textuais (conto, crônica, poesia, ensaio, resenha, entrevista), o que gera interesse de muitos leitores em colecionar as páginas dessas publicações, apontando uma diferença na recepção, na interação com o leitor. Nesse contexto do jornalismo cultural, existe uma ênfase na visão do jornalismo como discurso e forma de conhecimento. Com os ensaios, o jornalismo cultural mostra uma atitude marcadamente *analítica* frente aos temas que aborda, distanciando-se da imprensa generalizada caracterizada pelos aspectos *informativo* e *descritivo* (RIVERA, 2006).

Isabelle Anchieta (2009) coloca a função de mediar o conhecimento e aproximá-lo do maior número de pessoas como sendo o objetivo que desencadeou o nascimento do jornalismo cultural. Nota-se que há uma função social do jornalismo cultural, uma vez que aposta na divulgação das artes plásticas, filosofia, literatura e arquitetura a todas as esferas sociais.

A autora ainda estabelece três *premissas* para o jornalismo cultural: *Primeira premissa*: papel democrático e reflexivo do jornalismo cultural, que o conceitua como forma de conhecimento. *Segunda premissa*: importância da escrita jornalística na vida da sociedade. *Terceira premissa*: o jornalismo cultural torna acessíveis aspectos da vida cultural que muitos leitores desconheciam. Em meio às publicações sobre Política, Esporte, Economia, Celebidades emerge o jornalismo cultural destinado a leitores que buscam um conhecimento mais reflexivo e sensível.

Rivera (2006) aponta ainda que todo o jornalismo, fundamentalmente, é um fenômeno “cultural” por suas origens, objetivos e procedimentos; mas conceitua de *periodismo cultural* o jornalismo que historicamente relaciona-se com a criação, reprodução e a circulação do capital cultural, sem se valer dos canais institucionais (escola e universidades). Trata-se de um campo heterogêneo formado por meios de comunicação, gêneros e produtos que abordam com propósitos criativos, críticos e reprodutivos os bens simbólicos.

De acordo com Rivera (2006), uma das qualidades que distinguem o chamado jornalismo cultural da imprensa diária é sua capacidade de detectar as tendências vigentes e realimentar as demandas informativas sobre fenômenos passados, por

exemplo, o reconhecimento de grandes escritores, que, por vários motivos, não eram lembrados por gerações e gerações. Por isso, o jornalismo cultural tem um lugar de destaque dentro do campo da comunicação.

Em entrevista realizada em janeiro de 2011 pela própria pesquisadora, José Carlos de Vasconcelos mostrou-se contra a classificação de jornalismo cultural para o *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Para o diretor da publicação, o que o *JL* faz é jornalismo, e um bom jornalismo.

O *Jornal de Letras, Artes e Ideias* surge na década de 1980 em Portugal, momento em que se opera a privatização dos órgãos de imprensa estatizados. Ainda se percebem transformações no setor da comunicação social do país promovidas pelo fim da censura. Segundo dados do Gabinete para os Meios de Comunicação Social de Portugal⁴⁸, na década de 80 surgem novos títulos de orientação popular, gênero de imprensa representado por *A Capital* (1968-2005) ou por novos jornais como o *Correio da Manhã* (1979) e *Tal & Qual* (1980-2007). Concomitante ao gênero popular, nos anos 80, observa-se a consolidação dos semanários generalistas existentes e o aparecimento de novos semanários como principais jornais de referência - *Expresso* (1973), *O Jornal* (1975-1992), o *Semanário* (1983-2009), *O Independente* (1988-2006) e o *Euronotícias* (1999-2002). Ainda na década de 80, destaca-se o crescimento do jornalismo econômico através da edição de suplementos econômicos ao mesmo tempo em que surgem títulos especializados na matéria. Um fator que contribui para isso é a integração de Portugal na Comunidade Econômica Europeia, em 1986, o que provoca um maior debate sobre a área econômica.

Os anos finais da década de 1980 e anos iniciais de 1990 assistem ao nascimento de publicações especializadas no público feminino. Mais próximas a um determinado modelo europeu, *Elle* (1988), *Máxima* (1988), *Activa* (1991) e *Cosmopolitan* (1992). Entretanto, a revista feminina *Maria* (1978), longe deste padrão, apresenta as maiores tiragens do país.

O aparecimento do *Público*, em 1990, contribui para a consolidação do jornalismo dos chamados *quality papers*, publicações de referência que têm como objetivo a reflexão sobre temas de interesse público, cuja linha editorial privilegia política, economia e cultura, em oposição ao estilo popular-sensacionalista, que é consolidado em Portugal com o surgimento do matutino *24 Horas*, em 1988. Em

⁴⁸ Gabinete para os Meios de Comunicação Social. Disponível em: <http://www.gmcs.pt/_gmcs2008/index.php?op=cont&cid=78&sid=1234>. Acesso em: 20 set. 2011.

relação às *newsmagazines*, tem-se o início da publicação da *Visão*, em 1993, em substituição ao semanário *O Jornal* (1975-1992), e, em 1999, ao aparecimento da revista *Focus*. Em 2004, surge a revista *Sábado*.

Publicações que merecem destaque nos anos 2000.

- 2005: A edição portuguesa do *Courrier International* inicia sua publicação. Trata-se de um periódico que edita trabalhos dos maiores jornais de referências do mundo.
- 2006: O semanário generalista *Sol* inicia a sua publicação.
- 2009: Surge o primeiro número do diário *I*.

O mercado de revistas variadas para o público televisivo continuou a crescer, sobretudo a partir do aparecimento das televisões privadas, em finais de 1992. Outras especializações, como a decoração, viagens, informática, corridas de carro e saúde registraram uma crescente aceitação, o que revela a progressiva mudança dos hábitos de leitura dos portugueses.

O *JL* acompanha o desenvolvimento do jornalismo português no sentido de se abrir às discussões atuais. A publicação possui site, blog e está presente nas redes sociais. O comentário das seções que fazem parte do *Jornal de Letras, Artes e Ideias* serve para realçar o tratamento plural recebido pela cultura nas páginas da publicação. As seções estão de acordo com o título do jornal, “Letras”, “Artes” e “Ideias”, e com as partes de apresentação e encerramento do exemplar. A multiplicidade de seções presentes no *JL* revela a diversidade da linha editorial e a vontade por parte da publicação em proporcionar uma amplitude temática, alcançando sempre novos públicos.

Em relação aos colaboradores, pode-se afirmar que é a qualidade dos críticos, colunistas, cronistas, articulistas e ensaístas um dos fatores responsáveis pelo reconhecimento do *Jornal de Letras, Artes e Ideias* no universo da língua portuguesa.

No que toca à equipe de colaboradores fixos do *JL*, esta sempre foi constituída por um grupo pequeno e coeso de jornalistas. Profissionais de diferentes formações e gerações unidos pelo talento e pelo esforço na luta por um ideal comum. Na redação, José Carlos de Vasconcelos preza por estabelecer um clima estimulador, onde predomina a liberdade criativa.

Para se ter ideia – de forma panorâmica – de quem participou da história do *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, seguem abaixo três fichas de informações de diferentes

momentos da publicação. A primeira representa o início na década de 1980 (número 1); a segunda faz referência à década de 1990 (número 391); e a terceira contempla uma edição do começo dos anos 2000 (número 763). Como se pode observar, vários nomes importantes do contexto cultural da época estão presentes.

Número/Ano	Ficha de informações da edição
1 (1981)	Diretor: José Carlos de Vasconcelos Coordenadores: Augusto Abelaira, Eduardo Prado Coelho e Fernando Assis Pacheco. Orientação artística e ilustrações: João Abel Manta. Grafismo: João Segurado, José Pinto Nogueira e Joaquim de Brito. Colaboraram neste número: Agustina Bessa-Luís, Alexandre Pinheiro Torres, David Mourão-Ferreira, Eduardo Lourenço, Fernando Belo, Fernando Pereira Marques, Francisco Belard, Guilherme Ismael, Irineu Garcia, J. Nuno Martins, João de Freitas Branco, João Mário Grilo, Jorge de Sena, José Manuel Nunes, José Palla e Carmo, José Sesinando, José Vaz Pereira, M. A. Pina, Manuel Maria Carrilho, Maria Eduarda Reis Colares, Maria Estrela Serrano, Maria João Brilhante, Miguel Serras Pereira, Nuno Bragança, Paula Morão, Pedro Vieira, Silva Chicó, Urbano Tavares Rodrigues e Vergílio Ferreira. Fotografia: Joaquim Lobo e Inácio Ludgero. Redação: Av. da Liberdade, 232. Lisboa. Propriedade: José Carlos de Vasconcelos

Quadro 4 - Colaboradores do *JL*: número: 1, de 1981

Número/Ano	Ficha de informações da edição
391 (1990)	Diretor: José Carlos de Vasconcelos Diretor Adjunto e Chefe de Redação: Luís Almeida Martins Redatores e Colaboradores permanentes: Isabel Fragoso, Carlos Vaz Marques, Jorge Listopad, José Jorge Letria, Manuel Cadafaz de Matos, Ilídio Rocha, João Pinharanda, Manuel João Gomes e Manuel Batoréo. Colunistas e outros colaboradores regulares: Ana Paula Dias, António Mega Ferreira, Augusto Abelaira, Amadeu Lopes Sabino, Américo Guerreiro de Sousa, António Apolinário Lourenço, António Osório, António Ramos Rosa, Arnaldo Saraiva, Baptista-Bastos, Boaventura Sousa Santos, Carlos Porto, Carlos Reis, Custódia Domingues (Paris), David Mestre (Angola), David Mourão-Ferreira, Eduardo Lourenço, Eugénio de Andrade, Fernando Assis Pacheco, Fernando Dacosta, Filomena Cabral, Gabriela de Mello Vieira, Germano Silva, Guilherme d'Oliveira Martins, Helena Balsa, Henrique L. Alves (São Paulo), Isabel Vilanova, João Maria de Freitas Branco, Jorge Lima Barreto, José Cardoso Pires, José F. Lourido, José Manuel da Nóbrega, José Manuel Pedreirinho, José Rodrigues, José Sesinando, Lúcia Jorge, Linda Santos Costa, Luís Carlos Patraquim, Luís Filipe

	Barreto, Luiz Fagundes Duarte, Luiz Francisco Rebello, Manuel Verga (Cabo Verde), Moema Silva (Rio de Janeiro), Mário de Carvalho, Nuno Henrique Luz, Onésimo Teotónio de Almeida (EUA), Pedro Garcia Rosado, Rui Knopfli, Rui Mário Gonçalves, Silvia Chicó, Vergílio de Lemos (França), Viriato Soromenho Marques e Wanda Caio.
--	---

Quadro 5 - Colaboradores fixos do *JL*: número: 391, de 1990

Número/Ano	Ficha de informações da edição
763 (2000)	Diretor: José Carlos de Vasconcelos Editor: Rodrigues da Silva Redatores e Colaboradores permanentes: Maria João Martins, Maria Leonor Nunes, António Cândido Franco, António Osório, Carlos Porto, Carlos Reis, Eduardo Lourenço, Eugénio Lisboa, Fernando Guimarães, Guilherme d'Oliveira Martins, Jacinto Rego de Almeida, João Medina, João Ramalho Santos, Jorge Listopad, José-Augusto França, José Jorge Letria, Manuel Halpern, Maria Alzira Seixo, Maria João Fernandes, Raquel Gonçalves, Ricardo Nabais, Rocha de Sousa, Sara Belo Luís, Teresa Manzoni e Viriato Soromenho-Marques Grafismo: Miguel Eduardo Serrano Fotografia: João Ribeiro Secretariado: Maria Olívia Rebelo Produção: Pedro Possidónio e Paulo Duarte Colunistas e outros colaboradores: Augusto Abelaria, Alvaro Manuel Machado, Amadeu Lopes Sabino, Afonso Praça, Alexandre Pastor (Estocolmo), António Ramos Rosa, Boaventura Sousa Santos, Dário Moreira de Castro Alves, Eugénio de Andrade, Ernesto Rodrigues, Fernando Campos, Fernando Venâncio, João Abel Manta, João Govern, João Maria de Freitas Branco, João de Melo, João Rui de Sousa, Joaquim Francisco Coelho, Jorge Amado, Jorge Lima Barreto, José Augusto Seabra, Lídia Jorge, Luís Almeida Martins, Luiz Francisco Rebello, Manuel Alegre, Margarida Ferra, Marina Tavares Dias, Mário de Carvalho, Mário Vieira de Carvalho, Nelson Saúte (Moçambique), Nuno Júdice, Onésimo Teotónio de Almeida (EUA), Óscar Lopes, Ricardo Araújo Pereira, Rui Eduardo Paes, Rui Luís Romão, Rui Mário Gonçalves, Silvia Chicó, Urbano Tavares Rodrigues e Vasco Graça Moura.

Quadro 6 - Colaboradores fixos do *JL*: número: 763, de 2000

Em entrevista realizada pela presente pesquisadora em um encontro realizado em janeiro de 2011, na sede do *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, Maria Leonor Nunes, jornalista do *JL*, explica que os colaboradores fixos, no que diz respeito aos ensaístas, no âmbito das Letras, especificamente na crítica e na revisão de livros, são, na maior parte, pessoas ligadas à Academia: professores universitários, assim como os que escrevem a crítica de artes plásticas. Já em relação à crítica musical, os autores são

pessoas que possuem programas de rádio; não são musicólogos, com exceção da crítica de rock, que é feita pelos jornalistas do *JL*, assim como a crítica de cinema.

Existem, na equipe de colaboradores do *JL*, aqueles que são escritores literários. Destacam-se, nessa nova geração de escritores portugueses, Gonçalo Ramos Tavares, Valter Hugo Mãe e José Luis Peixoto, todos cronistas do *JL*. Dos cronistas que publicam desde o começo do jornal, pode-se citar o nome de Jacinto Rego de Almeida, autor de crônicas e textos publicados em vários jornais e revistas em Portugal e no estrangeiro.

Ao abrir as centenas de edições do *Jornal de Letras, Artes e Ideias* publicadas ao longo da década de 1990, o leitor encontra nas colunas⁴⁹, nas seções fixas assinadas, que figuram com certa regularidade na área de Letras, textos escritos por especialistas do âmbito acadêmico, jornalistas e autores literários. Nessas seções são encontrados artigos de crítica, crônicas, cartas e resenhas, vários textos que merecem ser reeditados.

Por exemplo, as seções denominadas de Cartas: “Carta da Suécia”, “Carta do Brasil”, “Carta de Luanda” e “Carta do Rio” mostram percepções sobre aspectos dos lugares mencionados nos títulos. Aproximam-se do conceito de crônica, uma vez que os autores procuram selecionar um fato como pretexto para opinar, discursar sobre a realidade social, cultural e política.

Alexandre Pastor, escritor que nasceu em 1929, em Luanda, e vive desde 1970 na Suécia, assina a coluna “Carta da Suécia”. Em março de 1994, publica o texto “Carta aberta a um leitor atento”, no qual aproveita o comentário de um leitor a respeito de um artigo de sua autoria publicado anteriormente no *JL* para tratar de nomes próprios ou sobrenomes que causam surpresa. Cita, como exemplo, os nomes de homem Sten (Pedra) e Björn (Urso) encontrados na Suécia.

⁴⁹ Coluna. De acordo com Rabaça e Barbosa (1978, p. 102): Seção especializada de jornal ou revista, publicada com regularidade, geralmente assinada e redigida em estilo mais livre e pessoal do que o noticiário comum. Compõe-se de notas, sueltos, crônicas, artigos ou textos-legendas, podendo adotar, lado a lado, várias dessas formas. As colunas mantêm um título ou cabeçalho constante e são diagramadas geralmente numa posição fixa e sempre na mesma página, o que facilita a sua localização imediata pelos leitores.



Figura 16 - Carta da Suécia. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, nº608, 1 a 7 de março de 1994, p.27

Já a seção “Carta do Brasil” possui dois autores responsáveis pela escrita dos textos: o crítico literário brasileiro Antônio Olinto e o português Jacinto Rego de Almeida. Em abril de 1994, Rego de Almeida comenta uma visita do Presidente de Portugal Mário Soares ao Brasil.



Figura 17 - Carta do Brasil. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, nº 613, 13 a 26 de abril de 1994, p. 46.

O poeta David Mestre, nome marcante da moderna literatura de Angola, responde pela “Carta de Luanda”. Em um texto publicado em março de 1993, apresenta o poeta também angolano Arlindo do Carmo Pires Barbeitos.



Figura 18 - Carta de Luanda, *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, nº 557, 9 a 15 de março de 1993, p.11

A “Carta do Rio” é assinada também por Jacinto Rego de Almeida. Na crônica “S. Paulo tem de tudo”, de março de 1995, enumera algumas qualidades da cidade de São Paulo.



Figura 19 - Carta do Rio, *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, nº 645, 5 a 18 de julho de 1995, p.44

Alexandre Pinheiro Torres, Álvaro Guerra, Augusto Abelaira, Fernando Campos, Alberto Pimenta, Carlos Nejar, Fernando Venâncio, J. Rentes de Carvalho, Luiz Francisco Rebello, Marcello Duarte Mathias, Affonso Romano de Santa'anna, João de Melo, Fernando Guimarães, Carlos Nejar e Manuel Halpern integram o conjunto de cronistas que figuram nas páginas do *JL* durante os anos 90.

Alexandre Pinheiro Torres escreve suas crônicas na seção “Memória Infiel”. Torres foi professor universitário na Inglaterra, onde criou na Universidade de Cardiff, em 1970, a cadeira de Literatura Africana de Expressão Portuguesa e fundou o Departamento de Estudos Portugueses e Brasileiros. Foi, ainda, tradutor, romancista, poeta, crítico literário, ensaísta, professor de literatura portuguesa, literatura brasileira e literaturas africanas de expressão portuguesa.

O autor, em um de seus textos, discute as razões da maior frequência de alguns adjetivos na Língua Portuguesa a partir de informação retirada de uma publicação (*Boletim de Filologia*, vol. XXII). Abusando da ironia, aponta alguns critérios sociais e

morais para as preferências apontadas. Indica, por meio de exemplos cotidianos, a predileção do Português pelo adjetivo *agradável* frente ao seu antônimo. O texto tem um tom sarcástico (1993, p.31): “O portuguesinho acha quase tudo agradável, mesmo quando se senta ao ar livre e respira monóxido de carbono proveniente dos carros, no metrô, no engarrafamento, lê um livro péssimo, diz sempre Que agradável!”



Figura 20 - Memória Infiel. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, nº 553, 9 a 15 de fevereiro de 1993, p. 31

O poeta e ficcionista Álvaro Guerra, pseudônimo de Manuel Soares, surge com a seção “Os antigos lidos de novo”. Escolhe para o título da crônica de outubro de 1990 o verso de Gil Vicente “Antes lavrador que Nero”, com o intuito de apontar algumas situações absurdas vistas no âmbito político português.



Figura 21 - Os antigos lidos. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, nº 431, 9 a 15 de outubro de 1990, p. 32

No período de 1981 a 1996, Augusto Abelaira publica crônicas na seção “Ao pé das letras”. Abelaira, além de romancista, dramaturgo e tradutor, dedicou-se ao jornalismo, tendo sido diretor da *Seara Nova* e da *Vida Mundial* e cronista de *O Jornal*. Em dezembro de 1992, publica um texto intitulado “A propósito do diário de Samuel Pepys”, onde começa afirmando não ser um leitor de diários, mas que, com a leitura da obra do escritor inglês, descobre uma série de curiosidades sobre a relação do escritor com a literatura: a razão da escrita, os motivos da publicação, o perfil do leitor.

LETRAS

A propósito do diário de Samuel Pepys

AO PÉ DAS LETRAS

ALBERTO ARRABAL

N O GRANDE LUSTRE DE «HAROLD» DE...
...a vida de Samuel Pepys, autobiografia, não de jornal, mas, à maneira das atas, sempre foi cuidadoso sempre que tem tempo de escrever, não de qualquer modo, e não de qualquer natureza, pelo menos se não pensarmos na qualidade das mesmas. De uma vez quando, porém, quando era o diário em si, aquilo aliado. Para escrever o tempo, para estabelecer o desenvolvimento de uma vida, para estabelecer o desenvolvimento de uma vida, para estabelecer o desenvolvimento de uma vida...



...a vida de Samuel Pepys, autobiografia, não de jornal, mas, à maneira das atas, sempre foi cuidadoso sempre que tem tempo de escrever, não de qualquer modo, e não de qualquer natureza, pelo menos se não pensarmos na qualidade das mesmas. De uma vez quando, porém, quando era o diário em si, aquilo aliado. Para escrever o tempo, para estabelecer o desenvolvimento de uma vida, para estabelecer o desenvolvimento de uma vida...

TEATRO MUNICIPAL DE ALMADA

«Espectáculo benéfico»

Jorge Uliedap «II.»

D. QUIXOTE

de António José de Silva

2.ª Mes

COMPAÑIA DE TEATRO DE ALMADA

FUNDAÇÃO ENG. ANTÓNIO DE ALMEIDA

«MEDIAEVALIA»

TEXTOS E ESTUDOS

Revista Semestral

n.º 1

SANTO AGOSTINHO

«A NATUREZA DO BEM»

Introdução, Tradução e Notas de Mário A. Santiago de Carvalho

Texto Latino do CSEL

VENDE-SE

— Coleção completa do JL —

— 17 volumes encadernados —

Resposta a este jornal ao n.º 1117

livraria o jornal

PARAGUAY — ALICANTARA

«A QUESTÃO DE SALTO»

1914 • 1916

João Dias Baptista

«E tu, povo de Salto, diz comigo a alma do
vivo: Sou Barroco — fútil, menta
dizer carácter de grande na amplitude
plena»

Introdução

CDI 1914

Trabalho de Salto

FUNDAÇÃO ENG. ANTÓNIO DE ALMEIDA

Figura 22 - Ao pé das letras. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, n.º 546, 22 a 28 de dezembro de 1992, p. 7

No âmbito das resenhas, aparecerem os nomes de Carlos Reis, E. M. de Melo e Castro Fernando Guimarães, João Rui de Sousa, Manuel Frias Martins. A seção “Trabalho de casa” recebe resenhas escritas pelo crítico português conhecido no Brasil pelos estudiosos queirosianos, Carlos Reis. No *JL* de número 398, de janeiro de 1999, Reis comenta a obra *Eça de Queirós Cronista*. Do “Distrito de Évora” (1867) às “Farpas” (1871-72). Já no n.º 742, de março de 1999, António Lobo Antunes, com a obra *Livro de Crônicas*, destaca-se na coluna. Ainda no mesmo ano, no n.º 762, o livro *Escrever a casa portuguesa*, de Jorge Fernandes da Silveira, publicado pela Universidade Federal de Minas Gerais, entra na discussão.



Figura 23 - Trabalho de casa, *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, nº 398, 13 a 26 de janeiro de 1999, p.12

A seção “A crítica (im) possível” recebe resenhas dos autores E. M. de Melo e Castro – poeta, crítico e ensaísta, com Doutorado em Letras pela Universidade de São Paulo (1998), e professor colaborador da USP na área de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa; Fernando Guimarães – poeta, ensaísta, crítico literário e tradutor, licenciado pela Universidade de Coimbra em Ciências Histórico-Filosóficas, pesquisador do Centro de Literatura da Universidade do Porto, onde desenvolve trabalhos de pesquisa relacionados com a recensão das revistas literárias portuguesas publicadas desde 1889; João Rui de Sousa – poeta e ensaísta, licenciado em Ciências Históricas e Filosóficas pela Faculdade de Letras de Lisboa; Manuel Frias Martins – professor da Faculdade de Letras de Lisboa, com doutorado em Teoria da Literatura.

Fernando Guimarães publica em setembro de 1992 no *JL* uma resenha sobre a antologia organizada por Mário Cesariny de Vasconcelos, intitulada “Surreal – Abjeccionismo”.



Figura 24 - A crítica (im) possível, *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, nº 532, 15 a 21 de setembro de 1992, p.13

José Sesinando, ensaísta, crítico e tradutor literário. Colaborou em diversas publicações como: *O Tempo e o Modo*, *Expresso*, *Colóquio-Letras*. Responde pela seção “Escrituralismo” no *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Trata-se de uma seção localizada ao final dos exemplares do *JL*. Seus textos prezam pelos jogos de palavras. No nº 401 do *JL*, Sesinando escreve o texto “Seque-se o lógico”. Algumas frases retiradas do texto apontam o caráter bem-humorado da seção: a) Dom Quixote comia sem guardanapo e enchia a roupa de nódoas: por isso lhe chamaram Dom Quixote de La Mancha. b) Nem a morta escapa aos impostos: por isso se fala na taxa de mortalidade.



Figura 25 - Escrituralismo, *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, nº 401, 13 a 19 de março de 1990, p.32

As diversas seções do *Jornal de Letras, Artes e Ideias* mostram o desejo de seu diretor de tornar a publicação, na sua especialidade, generalista e acessível. Além de vários artigos de fundo e notícias, o jornal reserva um grande número de páginas aos seus críticos.

Quando surgem na década de 1980, os suplementos literários dos jornais portugueses – cuja importância tinha sido determinante até o 25 de Abril de 1974 – ou haviam acabado ou estavam reduzidos a folhas mais ou menos de pouco relevo. E não existia uma revista de livros dirigida a um público amplo.

O *JL*, desde seu início, é pensado para um público potencialmente vasto, buscando preencher a falta de um noticiário cultural efetivo encontrado nos jornais diários. Uma das qualidades do *Jornal de Letras, Artes e Ideias* é dar informações e fornecer textos que os leitores não encontrariam em outros lugares.

1.5 Cartas do leitor

De modo geral, a seção do jornal onde são publicadas cartas dos leitores pode ser descrita como um espaço em que o leitor tem voz sobre os mais diversos temas, constituindo-se como um dos lugares da imprensa escrita onde o cidadão tem a oportunidade de se expressar. Trata-se, primordialmente, de um lugar para o debate. Possui estrutura dialógica, uma vez que as cartas dirigem-se a interlocutores diversos, internos ao jornal. As cartas podem se endereçar ao diretor do jornal, a um colunista, a outro leitor-escritor de cartas ou mesmo a um jornalista.

As cartas dos leitores são vistas como uma ferramenta de intervenção do público. Há muito tempo a imprensa entendeu que não deve ignorar seus leitores, o que pode gerar uma imagem negativa da empresa jornalística. A publicação das cartas dos leitores em locais próprios dentro da lógica de paginação do jornal tem como objetivos aumentar o intercâmbio entre a imprensa e seu público e alargar o número de vozes que se exprimem dentro do jornal. Não se pode esquecer que os textos enviados pelos leitores estão sujeitos a uma seleção baseada em critérios editoriais do jornal.

A proposta desta etapa da tese consiste em verificar, por meio de alguns exemplos retirados da seção “JLeitores”, como a voz do leitor é construída no *Jornal de Letras, Artes e Ideias* e, paralelamente, observar quem são os leitores do jornal, examinando os países de que esses escritores das cartas provêm.



Figura 26 - Algumas rubricas da seção “JL” Leitores

Na década de 1990, percebe-se que há uma periodicidade maior na publicação de cartas de leitores no *JL* durante os primeiros anos do período. Como expresso em alguns números do *JL*, a periodicidade é um problema enfrentado pela seção. No número 395 do *JL* aparece a seguinte mensagem do diretor, comprovando essa situação:

Nesta secção, que agora recomeçamos a publicar, inserimos cartas, opiniões e sugestões ou até pequenos textos de outra índole, dos nossos leitores, a quem pedimos desculpa por durante um lapso de tempo não termos dado qualquer seguimento à sua correspondência. Esperamos agora fazê-lo mais regularmente, reservando-nos o direito, como é de uso, de reduzir ou reescrever as cartas que o exijam, respeitando o seu sentido e conteúdo essencial. (*Jornal de Letras, Artes e Ideias*, nº 395, de 30 de janeiro a 5 de fevereiro de 1990, p.30)

No número 555 do *JL*, surge novamente uma nota do diretor do jornal apontando a falta de regularidade na publicação das cartas dos leitores.

Durante meses esta secção, o “JLeitores”, não saiu. Gostaríamos que a partir de agora retomasse regularmente a publicação. Para isso pedimos aos leitores que nos escrevam, enviando as suas opiniões sobre o *JL* ou sobre quaisquer factos da vida literária e artística, comentários, notícias, etc. Pedimos que sejam concisos e claros. De qualquer modo, reservamo-nos o direito de sintetizar ou editar as suas cartas, sempre respeitando o seu sentido e conteúdo. (*Jornal de Letras, Artes e Ideias*, nº 555, de 22 de fevereiro a 1 de março de 1993, p.30)

Apesar de enfrentar certa falta de regularidade de publicação em alguns momentos, a seção “JLeitores” tem seu lugar na história do *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. A leitura dos trechos acima aponta a natureza das cartas que figuram nesse espaço de debate. As cartas são, sobretudo, textos de comentário, interpretação, opinião e sugestão. Demonstrem a opinião do leitor sobre o *JL* ou sobre assuntos envolvendo a literatura e as artes em geral, trazem sugestões para o jornal ou textos breves. Existe um trabalho de edição das cartas, tendo em vista o espaço dispensado à seção.

De acordo com os textos encontrados na seção “JLeitores”, no período de 1990 a 1994, percebe-se uma diversidade de países cujos leitores encaminham cartas ao *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Predominantemente, esses leitores são de Portugal – Lisboa, Vila da Feira, Algés, Válega, Oeiras, Cascais, Setúbal, Porto, Açores, Santarém – e de países de colonização portuguesa – Brasil (São Paulo), Índia (Pangim, estado de Goa),

Moçambique (Nampula), Angola (Luanda). Mas também aparecem cartas provenientes de outros países, como Romênia (Bucareste), China (Pequim), Espanha (Galícia), França (Orgeval e Paris), Alemanha (Friburgo).

Essa pequena seleção de leitores comprova que o *Jornal de Letras, Artes e Ideias* cumpre seu papel de difusor da cultura e língua portuguesas pelo mundo. Da China, vem o seguinte comentário de um leitor que aponta essa missão:

JL na China

Sou um professor do Instituto de Línguas Estrangeiras de Beijing, onde ensino língua portuguesa. Gosto muito de ler o **JL** porque com essa leitura consigo saber muitas coisas, entre outras, sobre a vida literária e artística, e elevar o meu nível de língua portuguesa. O **JL** é lido por todas as pessoas que estudam português [...] (*Jornal de Letras, Artes e Ideias*, nº 401, de 13 a 19 de março de 1990, p. 31)

As cartas de leitores encontradas no *JL* giram em torno de alguns temas recorrentes. São eles: corrigir ou esclarecer uma cobertura jornalística considerada pelo leitor incorreta ou insuficiente; expressar uma crítica em relação ao jornal; contar pequenas histórias; elogiar ou parabenizar o jornal e provocar ou continuar uma polêmica.

Em uma das cartas publicadas no ano de 1990, surge o comentário de um leitor sobre uma matéria publicada no *JL*. Segundo esse leitor, faltaria uma análise mais aprofundada sobre determinado aspecto da produção de uma importante figura da cultura portuguesa, o musicólogo João de Freitas Branco:

Parabéns a V.

[...] Mas a razão imediata desta minha carta é, por um lado, felicitar-vos também as justas páginas, cheias de interesse, que dedicaram a João de Freitas Branco, por outro lado, lamentar que não tenham tratado mais a sua faceta de musicólogo, numa óptica mais especializada, e sua acção à frente do Teatro de S. Carlos. Luís Amaral – Porto. (*Jornal de Letras, Artes e Ideias*, nº 396, de 6 a 12 de fevereiro de 1990, p.29)

Junto à carta do leitor, aparece publicada uma resposta do jornal. O diretor do *JL* posiciona-se de modo franco, atribuindo nominalmente a José Ribeiro da Fonte, que exerceu a função de diretor do Teatro S. Carlos, e a Nuno Barreiros, estudioso da

música portuguesa do século XX, a responsabilidade pela ausência de textos que abrangessem o papel de musicólogo de Freitas Branco.

N. R. Em alguns textos havia alusões à acção de J. F. B. no S. Carlos. Mas quer quanto a este aspecto, quer quanto ao musicólogo esperávamos que tivessem sido desenvolvidos em textos solicitados, prometidos e afinal não entregues, de José Ribeiro da Fonte e Nuno Barreiros. (*Jornal de Letras, Artes e Ideias*, nº 396, de 6 a 12 de fevereiro de 1990, p.29)

Outro leitor observa a ausência no *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, nos primeiros anos da década de 1990, de um espaço maior para tratar os assuntos relacionados à televisão. Assim, sugere, dentre outros, o seguinte: “E, já agora, mais uma: Por que o **JL** não tem crítico de televisão?” (*Jornal de Letras, Artes e Ideias*, nº 460, de 30 de abril a 6 de maio de 1991). Não há dúvidas de que o *JL*, com o passar dos anos, foi ampliando seu leque de assuntos, incluindo a discussão sobre a televisão, o cinema e as novas mídias de comunicação, sempre prezando pela qualidade. Comportamento este que contribuiu para a ampliação do número de leitores e para a sua permanência no mercado.

Nas cartas surgem pedidos de ratificações de textos, notícias e informações veiculadas pelo jornal. Pode-se citar, como exemplo, o caso do número 468 do *JL*, em que se lê um pedido de correção de um dado biográfico do escritor Raul Proença (1884-1941), atuante intelectual português durante as primeiras décadas do século XX, um dos fundadores da revista doutrinária e crítica *Seara Nova*. A carta escrita por uma de suas sobrinhas enuncia a seguinte incorreção:

Proença, morte no Porto
Tendo lido o vosso excelente artigo sobre Raul Proença publicado no número 25 de Maio último, permito-me apontar um ligeiro *lapsus calami*: o meu tio por afinidade Raul Proença faleceu não em Lisboa, mas no Porto (mais precisamente no Hospital Psiquiátrico Conde de Ferreira, situado na Rua Costa Cabral). M. Luísa Mouillat-Nobre de Lacerda Paris (França). (*Jornal de Letras, Artes e Ideias*, nº 468, de 25 de junho a 1 de julho de 1991, p. 30)

Vem de Angola a crítica de um leitor a respeito da dificuldade de se adquirir os exemplares do *Jornal de Letras, Artes e Ideias* em pontos de venda no país. No comentário é possível também verificar que a leitura do jornal português, em muitos

casos, torna-se coletiva, assim, os números de venda do *JL* não representam de forma precisa seu alcance:

E então Angola?

Lido e admirado em meios mais ligados à vida literária e artística (há exemplares de assinantes que passam de mão em mão, lidos por muitas pessoas), o *JL*, porém, não se vende em Angola. E há pessoas que o desejavam comprar e não podem. Quando será resolvida esta situação? A. J. Marques Luanda Angola. (*Jornal de Letras, Artes e Ideias*, nº 478, de 3 a 9 de setembro de 1991, p. 22)

Na seção “JLeitores” do número 510 do *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, surge um depoimento motivado pela notícia da morte do escritor português Manuel Ferreira. Esse texto pertence a Hans-Peter Heilmair Reichenbach, pesquisador de área de Línguas e Literaturas, interessado na situação linguística de Cabo Verde e na evolução de relacionamento entre português e crioulo. Hans-Peter demonstra admiração e respeito por Manuel Ferreira:

Conheci o Manuel Ferreira numa das suas aulas sobre Literaturas Africanas que então ministrava – estávamos em 1980 – na Faculdade de Letras de Lisboa. Se já antes disso tinha pensado vagamente em estudar tais literaturas, foi ele quem me fez arrancar, definitivamente, para a descoberta desse terreno e, particularmente, do chão crioulo tão fértil em letra e som. (*Jornal de Letras, Artes e Ideias*, nº 510, de 14 a 20 de abril de 1992, p. 31)

Por sua vez, no número 603, aparecem cartas de leitores demonstrando insatisfação com a mudança na periodicidade da publicação do *Jornal de Letras, Artes e Ideias* que, no ano de 1994, passa de semanal para quinzenal. Uma das cartas traz a seguinte mensagem:

Contra o “JL” quinzenal

FOI COM PESAR QUE LI NO NÚMERO 600 do *JL* da vossa intenção de, em breve, passar este a quinzenário! Quero, por esta forma, protestar contra esse projecto e solicitar o favor de ponderarem bem em semelhante decisão. (*Jornal de Letras, Artes e Ideias*, nº 603, de 6 a 12 de fevereiro de 1990, p.27)

Prontamente, na mesma edição, sai uma resposta do diretor do jornal, explicando as razões para essa alteração:

N. R. – Agradecemos as cartas destes leitores – que à semelhança de outros se nos dirigiram discordando do “regresso” do **JL** à periodicidade quinzenal. [...] pretende-se também que essa alteração signifique uma **valorização** do “**JL**”, e não o inverso. Assim, passará a ter mais páginas, novas rubricas, melhor papel, etc. (*Jornal de Letras, Artes e Ideias*, nº 603, de 6 a 12 de fevereiro de 1990, p.27)

Na seção “JLeitores”, as pessoas comuns podem falar com o *JL* e do *JL*. O leitor pode mostrar sua visão do jornal. Como fez Abílio Ferreira, no número 460, o leitor mostra consciência da importância da publicação no que se refere à divulgação da cultura e a seu enriquecimento pessoal:

[...] O **JL** veio preencher muitas lacunas. Há dez anos me informa da panorâmica cultural do País e do estrangeiro, relembra efemérides, dá a conhecer inéditos, sugere obras a adquirir. Enfim, um bom companheiro que em muito tem contribuído para a minha realização pessoal, em paralelo com o exercício da profissão. Por isso, congratulo-me com a sua existência e faço votos para que prossiga a nobre tarefa a que se propôs. Abílio Ferreira da Silva. Vila da Feira (*Jornal de Letras, Artes e Ideias*, nº 460, de 30 de abril a 6 de maio de 1991, p. 30)

Outro leitor, vindo agora dos Estados Unidos, elenca algumas das formas de se valer da leitura dos exemplares do *Jornal de Letras, Artes e Ideias* na área da Educação, frisando a necessidade de se ter acesso a uma publicação preocupada com a cultura de língua portuguesa:

O *JL* e o ensino da língua e literatura portuguesa nos Estados Unidos Para o professor de língua [...] representa material indispensável na sala de aula, pois os seus textos podem ser utilizados desde o primeiro ano até uma turma de conversação avançada. Para o de literatura, funciona como um manancial a informa-lhe a respeito do que anda acontecendo no mundo literário lusófono. Para o estudante de pós-graduação, serve como instrumento indispensável de trabalho numa futura pesquisa ou preparação de tese ou dissertação. Como se pode ver, o **JL** é um instrumento indispensabilíssimo para quem trabalha em terras onde nem sempre a semente dá muitos frutos (que me perdoe o Padre Vieira). Francisco Caetano Lopes Junior, Assistant Professor of Luso-Brazilian Literatures Stanford University – California – EUA. (*Jornal de Letras, Artes e Ideias*, nº 471, de 16 a 22 de julho de 1991, p. 31)

Renomada Professora e pesquisadora brasileira, Nádía Battella Gotlib, assinala a presença do *JL* em terras brasileiras por meio de uma carta endereçada ao jornal, na qual anuncia que realizou a doação de sua coleção do *JL* para a biblioteca da PUC Minas, Instituição de Ensino que possui um curso de Pós-Graduação em Letras. Gotlib (1991, p.30) diz: O “**JL**”, periódico cuja leitura já se tornou obrigatória entre o público intelectual brasileiro, tem sido extremamente útil como divulgador da cultura portuguesa entre nossos alunos de Letras.

Na seção “JLeitores”, existem cartas de leitores que utilizam os textos publicados no jornal como um ponto de partida para os seus comentários; outros leitores percebem o próprio jornal como base para suas cartas. Assim, o *Jornal de Letras, Artes e Ideias* torna-se o sujeito do debate entre os leitores.



Figura 27 - JL Leitores. *Jornal Letras, Artes e Ideias*, nº 395, de 30 de janeiro a 5 de fevereiro de 1990, p. 30

O espaço das cartas de leitores colabora para que quem lê o *JL* possa passar da posição de mero consumidor a cidadão socialmente comprometido. Essa mudança de papel na participação do leitor colabora imensamente para a qualidade do jornal.

1.6 Anúncios publicitários

A publicidade oferecida no *Jornal de Letras, Artes e Ideias* geralmente é de áreas vinculadas ao interesse do público do periódico, como propagandas de lançamentos de livros, peças teatrais, exposições e filmes, livrarias. Os anúncios publicitários inseridos no *JL* refletem as ideias do jornal e buscam perpetuar valores já consolidados pela publicação. A venda de anúncios no espaço do *JL* colabora para a geração de receita, viabilizando a produção do jornal. Com isso, permite que o periódico possa ser vendido a um preço mais competitivo.

Os anúncios reproduzem o diálogo do jornal com seu público. Oferecem opções, divulgam produtos e serviços, programação de eventos ligados à cultura. Por meio da publicidade existe uma reafirmação de ideias, valores e padrões expostos pelo jornal. O aviso abaixo indica o cuidado do diretor do *Jornal de Letras, Artes e Ideias* com a escolha dos anunciantes do periódico.



Figura 28 - Aviso publicitário recorrente nos exemplares do *JL*

A publicidade faz parte dos elementos que integram o projeto construído pelo jornalista José Carlos de Vasconcelos, que é o *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Os anúncios refletem os princípios norteadores da publicação, o interesse em divulgar a cultura de língua portuguesa.

A imprensa aparece em diversos anúncios publicitários presentes no *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. O próprio *JL* torna-se objeto de propaganda. Em uma das chamadas, a atenção está voltada para o caráter dinâmico do jornal.

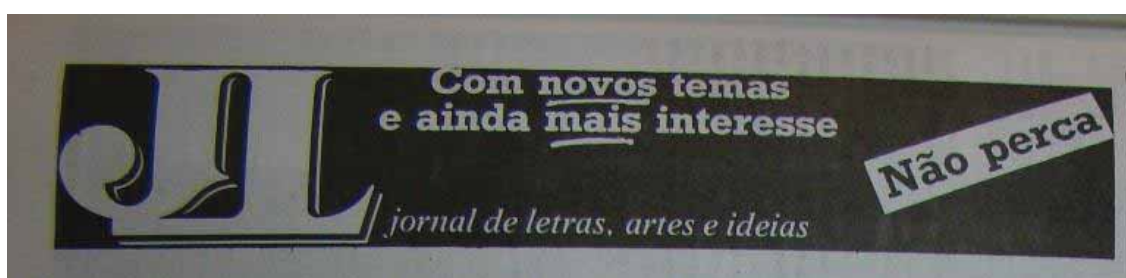


Figura 29 - Anúncio publicitário do *JL. Jornal de Letras, Artes e Ideias*, nº 600, de 4 a 10 de janeiro de 1994

Como exemplo de propaganda de veículos de imprensa, pode-se citar o caso do *Diário de Lisboa*, que tem algumas de suas seções promovidas no *JL*. Não são só os aspectos literários dos jornais que têm destaque, como a crônica de Umberto Eco e as crônicas inseridas na seção “Público e Privado”, de Alberto Alberoni; a publicação “Os Portugueses e o Dinheiro”, que revela a relação dos portugueses com a economia, também é anunciada.



Figura 30 - Anúncios publicitários do *Diário de Lisboa. Jornal de Letras, Artes e Ideias*, nº 600, de 4 a 10 de janeiro de 1994

Em se tratando de anúncios relacionados à programação cultural, a Fundação Calouste Gulbenkian pode ser citada. Tomando uma página inteira do *JL*, a Instituição privada portuguesa – criada em 1956 – tem, em diversos exemplares do jornal, seu calendário de eventos divulgado. A sede da Fundação fica em Lisboa. A Fundação desenvolve uma vasta atividade em Portugal e no estrangeiro, dentro dos objetivos definidos pelos seus estatutos: a caridade (saúde e proteção social), a arte, a educação e a ciência. Dispõe de uma orquestra, de um coro e de uma companhia de bailado; realiza exposições individuais e coletivas, cursos, encontros, temporadas de concertos e ciclos de espetáculos. No número 391 do *Jornal de Letras e Ideias*, encontra-se o calendário da temporada de música e dança dos meses de janeiro a março de 1990 dessa reconhecida Instituição Portuguesa, que aposta no *JL* como um veículo para promover seus espetáculos e aproximá-los de seu público-alvo.

Figura 31 - Programação cultural da Fundação Calouste Gulbenkian. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, nº 391, de 2 a 8 de janeiro de 1990

Diferentes artes são projetadas nos anúncios publicitários inseridos nas páginas do *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. A música, como já apontada pela Programação cultural acima, o teatro, a arte plástica, a dança, o cinema e, sobretudo, a literatura são objetos da propaganda vista no jornal. Festivais, concursos, cursos promovidos por

universidades e prêmios ligados à esfera cultural valem-se da credibilidade do *JL* frente a seus leitores para conseguir uma exposição na mídia.

Do teatro, aparecem cartazes de peças geralmente confeccionados com desenhos e letras destacadas, enfatizando o título da obra. Seguindo esse padrão, surgem os anúncios das peças “Casa de boneca” e “Nunca nada de ninguém”, ambas as produções apoiadas pela Fundação Calouste Gulbenkian. O cartaz da peça “Nunca nada de ninguém” mostra a primeira adaptação desta obra da escritora portuguesa Luísa Costa Gomes para os palcos. A encenação conta com a dramaturgia de Ana Tamen; a cenografia e os figurinos são de Nuno Carinhas; os atores, Lúdia Franco, Rita Blanco, Alexandra Rosa, Teresa Roby, Nuno Melo, Paulo Filipe Monteiro e João Lagarto.



Figura 32 - Anúncio da peça “Casa de boneca”, de Henrik Ibsen. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, nº 391, de 31 de dezembro a 7 de janeiro de 1991



Figura 33 - Anúncio publicitário da peça "Nunca nada de ninguém", de Luísa Costa Gomes. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, nº 496, de 7 a 13 de janeiro de 1992

Grande parte dos anúncios publicitários inseridos no *Jornal de Letras, Artes e Ideias* provém da área das Letras, especialmente dos lançamentos de obras literárias. Há um privilégio da presença de obras oriundas do universo da língua portuguesa. O romance *A Casa dos Mestros*, da escritora cabo-verdiana Orlanda Amarílis, por exemplo, aparece no número 391 do *JL*.



Figura 34 - Anúncio do livro *A Casa dos Mestros*, de Orlanda Amarílis. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, nº 391, de 31 de dezembro a 7 de janeiro de 1991

Os escritores portugueses Serafim Ferreira, com o livro *Sombras e Lugares*, José Cardoso Pires, com *A Cavalo no Diabo*, e Maria Judite de Carvalho, com *Seta Despedida*, figuram nos anúncios do *JL*. Na propaganda há uma ênfase maior no título do livro e também em sua capa. No caso do anúncio de *Sombras e Lugares*, aparece uma foto do crítico, editor e escritor Serafim Ferreira; por sua vez, no caso de *Seta Despedida*, são adicionadas informações sobre a autora: “A grande romancista das vidas solitárias e secas; dos pequenos mundos sem horizontes e também do lado mágico da existência”. Como forma de chamar a atenção para a temática do romance, o anúncio de *A Cavalo no Diabo* vem acompanhado por uma frase do escritor inglês William Blake: “Voa, pois, no dorso do Diabo (...) e assim verás mundos e ouvirás vozes que te eram interditas.”

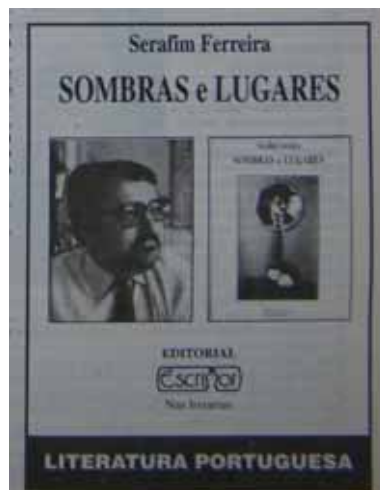


Figura 35 - Anúncio do livro *Sombras e Lugares*, de Serafim Ferreira. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, nº 600, de 4 a 10 de janeiro de 1994



Figura 36 - Anúncio do livro *A Cavalo no Diabo*, de José Cardoso Pires. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, nº 631, de 21 de dezembro de 1994 a 3 de janeiro de 1995



Figura 37 - Anúncio do livro *Seta Despedida*, de Maria Judite de Carvalho. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, nº 657, de 20 de dezembro de 1995 a 2 de janeiro de 1996

No que diz respeito à estrutura das propagandas encontradas no *JL*, identifica-se a recorrência da apresentação do nome do produto/serviço anunciado e endereço desse serviço. Os produtos e serviços divulgados no *Jornal de Letras, Artes e Ideias* têm uma estreita relação com os valores e com o propósito do periódico. Desse modo, a propaganda faz parte do contexto do jornal.

2 AS ENTREVISTAS DO *JL*: ESTRUTURA E CONTEÚDO

O principal objetivo do presente capítulo consiste na apresentação das entrevistas publicadas no *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Observar-se-á como alguns teóricos que estudam a entrevista podem contribuir para um entendimento desses textos, levando-se em consideração que as entrevistas do *JL* refletem o contexto de toda a publicação no que se refere à valorização da cultura de língua portuguesa.

2.1 Literaturas de língua portuguesa

A principal diretriz contida no projeto editorial formulado por José Carlos de Vasconcelos para o *Jornal de Letras, Artes e Ideias* reside na valorização do que é português, especialmente do que faz parte do universo da cultura e língua portuguesa. Esse pensamento pode ser visto nas diversas seções do jornal, inclusive nas entrevistas. Existe uma preferência por entrevistar autores de língua portuguesa.

As Literaturas de Língua Portuguesa englobam uma pluralidade de culturas repartidas no espaço geográfico. No primeiro âmbito, aparecem as áreas da Europa, América do Sul, África e Ásia, enquanto nas nacionalidades figuram a literatura de Portugal, Brasil, Cabo-Verde, Guiné Bissau, São Tomé e Príncipe, Angola, Moçambique e Timor Leste, todas conectadas pela partilha da mesma língua oficial de comunicação e representação discursiva, a Língua Portuguesa.

A língua que ganha importância de instrumento de comunicação passa a ser também dispositivo da “codificação estética e ideológica que através dela se identifica e peculiariza um instrumento valioso como fundação, para uma comunidade que se sustém sobre esse pilar como denominar comum” (SANTILLI, 2003, p.29).

O fato de diferentes literaturas se escreverem em língua portuguesa não ratifica a afirmação “a língua expressa a alma de seu povo”, uma vez que cada povo possui elementos de identificação nacional. Estudar tais literaturas significa reconhecer a língua portuguesa como uma grande família linguística, uma língua da cultura no mundo – assim como francês, o inglês, o árabe – e, ao mesmo tempo, aprender as individualidades das culturas que a partilham.

Uma mesma língua serve como mediador de distintas literaturas com linguagens estéticas próprias, por isso consideradas literaturas nacionais diferentes. Em síntese, analisar cada cultura em particular não pode dissociar-se da necessidade de se levar em conta o diálogo entre as culturas.

Diversas reuniões políticas, congressos, seminários acadêmicos e encontros têm resultado em acordos de cooperação e parcerias políticas e educacionais, cujos objetivos são discutir interesses comuns e criar uma maior união entre os países que, além do idioma, apresentam raízes histórico-sociais semelhantes, um exemplo é a CPLP – Comunidade dos Países de Língua Portuguesa. Foro multilateral privilegiado para o aprofundamento da amizade mútua e da cooperação entre os seus membros, no conjunto de suas atividades, a CPLP desenvolve a promoção e a divulgação da língua portuguesa como no caso do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (29 de novembro de 2008) e a Promulgação da Lei nº 10.639, em 9 de janeiro de 2003, que instituíram a obrigatoriedade do ensino de História da África e da Cultura Afro-brasileira nas escolas do Brasil.

As entrevistas do *Jornal de Letras, Artes e Ideias* surgem com a proposta de estreitar o diálogo entre os países falantes da língua portuguesa por meio da promoção e defesa dos valores da literatura, da cultura e das artes desses povos.

Do conjunto de sessenta e uma entrevistas selecionadas da década de 1990 para esta tese, quarenta e três escritores são entrevistados e catorze autores aparecem em mais de uma entrevista: Álvaro Guerra (2), António Lobo Antunes (4), Augusto Abelaira (2), Baptista-Bastos (2), Fernando Campos (2), Helder Macedo (2), Helena Marques (2), José Saramago (2), Lúcia Jorge (2), Manuel Alegre (2), Mário Cláudio (4), Mia Couto (2), Pepetela (2) e Urbano Tavares Rodrigues (2).

A maioria dos autores entrevistados possui a nacionalidade portuguesa, mas também existem representantes das literaturas africanas. Pelo critério do país de nascimento, conta-se com oito autores africanos no corpus da tese: Germano Almeida (Cabo Verde); Helder Macedo (África do Sul); José Eduardo Agualusa (Angola); Manuel Rui (Angola); Mia Couto (Moçambique) Orlando da Costa (Moçambique); Pepetela (Angola) e Wanda Ramos (Angola).

É possível, por meio da leitura das entrevistas do *JL*, chegar-se a uma definição de lusofonia, ou seja, desse fenômeno que liga os países de língua portuguesa. Para isso, foram retirados trechos de entrevistas que discutem essa interação.

Luís Carlos Patraquim, nascido em Maputo (Moçambique), poeta e jornalista vê a língua e a literatura como elementos capazes de estreitar os laços entre os países:

“JL” – De que forma é que analisas o debate sobre a nacionalidade literária de certos escritores?

L.C.P. – [...] o escritor moçambicano que escreve em português tem de ter a consciência da tradição da língua portuguesa. É absolutamente delirante e paranoico tentar extrapolar para o plano literário aquilo que pode ser uma atitude política – que é preciso recusar o antigo colonizador para se poder afirmar. Portugal afirma-se contra a Espanha, e Moçambique, numa certa altura, precisou de se afirmar contra Portugal. Em termos literários não é assim, e daí que a língua possa ser matriz e é de uma superação deste tipo de contingências.⁵⁰

Por sua vez, José Eduardo Agualusa acredita que é a habilidade em utilizar a língua portuguesa, a competência em transformar as palavras em literatura o grande diferencial que faz com que o público queira ler os escritores africanos. Soma-se a isso, no caso de Portugal, o fascínio proveniente da afinidade cultural com a África, outro fator determinante para se entender a literatura angolana no contexto português:

“JL” – O que é ser escritor africano, no teu caso angolano, em Portugal?

J.E.A. – [...] Hoje, os editores quando publicam um escritor africano fazem-no porque acreditam nele, na sua capacidade de interessar o público. Essa é uma atitude muito mais saudável, evidentemente. Acho que há interesse pela boa literatura. Acho que, quando as pessoas compram o Mia Couto, não o fazem fundamentalmente porque ele é moçambicano, mas porque sabem que vão ter prazer em ler Mia Couto. Não é por ele ser moçambicano, é porque ele é um homem que maneja a língua portuguesa de uma forma genial. Penso que essa é a razão por que essas pessoas agora e hoje leem escritores africanos. Evidentemente, no caso de Portugal existe outra afinidade cultural. De alguma maneira, os portugueses continuam fascinados por África, isto existe, isto está dentro do imaginário português [...].⁵¹

O escritor Mia Couto aponta aspectos históricos para o fato de a língua portuguesa se manter viva no continente africano. Segundo ele, o modo como a colonização portuguesa aconteceu foi determinante para que ainda hoje o idioma sirva como ferramenta de comunicação entre os países:

⁵⁰ PATRAQUIM, Luís Carlos. “A poesia é culturalmente empenhada”. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Lisboa, n. 502, p. 16-17, 18 fev. 1992. Entrevista concedida a Nelson Saúte.

⁵¹ AGUALUSA, José Eduardo. “Angola é uma ilha”. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Lisboa, n. 549, p. 11-12, 12 jan. 1993.

“JL” – A prova de que o Português é uma língua viva?

M.C – Provavelmente é a língua mais viva da Europa, por causa desse processo com que está a ser retrabalhada e de uma maneira bastante profunda. E o que acontece nas ex-colónias portuguesas não acontece, ao mesmo nível, nas ex-colónias inglesas ou francesas.

“JL” – Por quê?

M.C. – O segredo não reside na língua em si, mas nos processos históricos que estiveram na base da presença em África. Toda a concepção da colonização inglesa era o *apartheid*. Os africanos tinham espaço para desenvolver as suas próprias línguas, mas estavam do outro lado. Os franceses queriam fazer dos africanos franceses de pele preta. Os portugueses, onde estiveram, exerceram uma presença mais corporal, mais profunda mesmo ao nível das relações de parentesco. Geraram mulatos. [...] ⁵²

Nas palavras de Luciana Stegagno Picchio, estudiosa da literatura portuguesa, devem ser respeitadas as diferenças e as contribuições dadas por cada um dos países que falam Português:

“JL”- Enquanto estrangeira, como vê a causa lusófona?

L.S.P. – Creio que é um fenómeno extraordinário. Veja o Brasil: tem uma língua homogénea, do Norte ao Sul, com pouquíssimas diferenças. É preciso conservar isto, mas com as diferenças naturais. Não é preciso nivelar tudo. O português de Portugal é uma coisa belíssima, mas é o português de Portugal. Por outro lado, o problema da lusofonia deve ter em conta também a questão do substrato linguístico no oriente. Lá, onde já não se fala português, ficou muito da língua portuguesa. A adopção da língua portuguesa pelas antigas colónias foi um sinal de qualquer coisa que as unia enquanto nação. Não estou de acordo com o nivelamento ortográfico. Há duas pronúncias diferentes e devem ser mantidas. No Brasil, o português simplificou-se porque foi língua de comunicação entre índios e negros, e depois entre vários imigrantes. Cada um deixou a sua contribuição. Não se pode anular isto. A língua é a História. Oswald de Andrade dizia: “A língua é a soma milenar de todos os nossos erros.” Isso é bom! Que querem? Que voltemos todos a falar latim? ⁵³

Alfredo Bosi discute a dificuldade imposta na divulgação das literaturas brasileira e portuguesa. Trata do fenómeno do *best seller* e das condições impostas pelo mercado cultural. O crítico brasileiro vê na função desempenhada pelas Faculdades de

⁵² COUTO, Mia. Um escritor abensonhado. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Lisboa, n. 6221, p. 14-16, 17 ago. 1994.

⁵³ PICCHIO, Luciana Stegagno. O mar é dos portugueses. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Lisboa, n.716, p. 6-7, 25 março de 1998.

Letras uma forma de se manter o interesse pelos escritores de Portugal no Brasil e vice-versa:

“JL” – Fernando Pessoa dizia que sua pátria era a língua portuguesa. Entretanto, as últimas gerações pouco conhecem o que se escreve nos outros países lusófonos, e isto também acontece hoje em Portugal e no Brasil. O que brasileiros e portugueses perdem com isso?

A.B. – Vejo dois movimentos contrários nesse campo de inter-relações que se estabelecem nos países de língua portuguesa. De um lado, é inegável que a cultura média vive sob o impacto da globalização comercial, o que atinge directamente o fenómeno social da leitura. É a era do *best seller* e da pura propaganda aliciadora das curiosidades mais triviais do homem médio. Com isso, perde-se muito: que o leitor brasileiro, ainda que medianamente culto, terá informações sobre os grande autores portugueses, que, no entanto, eram lidos e apreciados aqui no século XIX, como Garrett, Camilo e Eça de Queirós? Hoje, se não são as faculdades de Letras a incentivar a leitura de autores desse quilate, certamente não será o mercado que vai fazê-lo. O mesmo acontece em Portugal em relação a autores brasileiros já clássicos. Mas há o movimento contrário, que procura, encontra e aprofunda o conhecimento do escritor do outro lado do mar, e, nesse sentido, é inegável que sobretudo os cursos de Letras têm dado uma contribuição respeitável à compreensão mútua. [...]⁵⁴

Diante dos trechos expostos das entrevistas, algumas conclusões a respeito do conceito de lusofonia podem ser indicadas:

- O autor que escreve em Português deve ter consciência da tradição da língua portuguesa;
- A língua portuguesa pode colaborar para a superação de conflitos gerados no período da colonização;
- Existe o interesse pela boa literatura. O escritor tem de saber utilizar bem a língua portuguesa e produzir prazer em seus leitores por meio de suas obras;
- Não se pode negar a afinidade cultural e os processos históricos que envolvem os países que falam Português;
- As diferenças e contribuições de cada país para a construção da língua portuguesa devem ser respeitadas.

⁵⁴ BOSI, Alfredo. A crítica e a estética. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, Lisboa, n.745, p. 23, 21 abr. 1999.

2.2 A entrevista do *Jornal de Letras, Artes e Ideias*

A técnica da entrevista figura desde os primórdios no jornalismo. Também aparece na psicologia, na medicina, nas ciências sociais. Enfim, são diversas áreas que veem a entrevista como uma ferramenta para captar informações.

A Professora e jornalista brasileira Stela Guedes Caputo, no livro intitulado *Sobre Entrevistas - Teoria, prática e experiências* (2006), examina o conceito de entrevista e a aplicação prática desse gênero. Procura, em sua obra, responder às seguintes perguntas sobre a entrevista: Como escrever sobre tantos assuntos tão diferentes usando a entrevista? Como construir perguntas a respeito de pautas tão distintas? Por onde começar e como terminar a entrevista? Como se comporta um jornalista na hora da entrevista? Jornalistas e pesquisadores entrevistam da mesma maneira?

Nas palavras de Caputo, a entrevista define-se assim:

Quanto a mim, penso que a entrevista é uma aproximação que o jornalista, o pesquisador (ou outro profissional) faz, em uma dada realidade, a partir de um determinado assunto e também a partir de seu próprio olhar, utilizando como instrumento perguntas dirigidas a um ou mais indivíduos. Mas é só isso? Talvez não. Então aqui, outra vez, a palavra escapa, não consigo aprisioná-la em um conceito. [...] O que sinto, e apenas sinto, é que, quando o jornalista realiza bem essa aproximação, a entrevista se torna uma experiência. Uma experiência de olhar o mundo e ouvir o outro. (CAPUTO, 2006, p.28)

Para Caputo, muito mais do que dominar a técnica da entrevista, cabe ao entrevistador estabelecer uma sintonia com o entrevistado, buscando extrair o máximo possível do diálogo imposto pela entrevista. Uma das perguntas feitas ao escritor João de Melo em entrevista realizada pela jornalista do *JL* Maria Leonor Nunes, no ano de 1992, exhibe essa sensibilidade pregada por Caputo: “olhar o mundo e ouvir o outro”. A pergunta de Leonor e a resposta de Mello são as seguintes:

“JL” – As suas histórias reflectem algum desencanto?

J.M. – O desencanto existe. A literatura, por vezes, pode fazer o seu registro. Continuamente, perguntamo-nos o que se ganhou e perdeu no concerto de tudo o que vivemos. E sentimos que há uma parte de

nossa vida, do capital de esperanças, lutas e crenças que foi desperdiçada. [...]⁵⁵

Por sua vez, Daniel Piza (2007) aponta a necessidade de o jornalista estar bem preparado para realizar a entrevista. Isso significa evitar as perguntas fúteis e não pedir dados que uma simples pesquisa já lhe traria fornecido. No caso da entrevista com escritores literários, recomenda que o entrevistador leia os principais trabalhos e entrevistas dadas pelo entrevistado; esse processo facilitará a elaboração de perguntas pertinentes. Nas entrevistas publicadas no *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, é claramente perceptível que o entrevistador possui conhecimentos a respeito do entrevistado, tem informações sobre sua vida e obra, o que garante mais qualidade às entrevistas. É comum que as perguntas das entrevistas tracem relações entre as obras dos autores entrevistados, o que requer conhecimentos prévios dos entrevistadores. Isso acontece na entrevista de Augusto Abelaira ao *JL*:

“JL” – A idade dos seus protagonistas, de “A Cidade das Flores” [1959] até “O outrora Agora”, vai acompanhar a sua. Por quê?

A.A. – Digamos que o autor vai utilizando uma certa experiência. A mais directa, talvez. Não sei explicar – tem-me dado jeito de ir dando às personagens a idade que vou tendo.⁵⁶

Outra obra dedicada a entender o fenómeno da entrevista intitula-se *Para o estudo da entrevista*, da professora portuguesa Vera da Silva (2009). No prefácio do livro, Arnaldo Saraiva afirma a importância da entrevista para a imprensa em Portugal, fato que se intensificou a partir do início do século XX. Por seu teor comunicativo, contribui como ferramenta democrática na divulgação de personalidades. O *JL* contempla em suas entrevistas as personalidades que estão em destaque nas literaturas de língua portuguesa: quem publica, quem escreve nos anos 1990 tem espaço no jornal.

A autora portuguesa Vera da Silva faz uma reflexão sobre o género entrevista e opta por se fixar na análise das entrevistas de tema político. De acordo com Silva (2009, p.120), “A entrevista – verdadeira invenção dialógica do no nosso tempo – pode visar, estimular ou desmoralizar jogos de poder, ao mesmo tempo em que revela o enredo entre o individual e o social.” A entrevista mostra-se capaz de por meio de uma voz

⁵⁵ MELO, João de. “Alguém nos apontou as espingardas...”. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Lisboa, n. 504, p. 8-10, 3 de março 1992. Entrevista concedida a Maria Leonor Nunes.

⁵⁶ ABELAIRA, Augusto. A palavra é de ouro. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Lisboa, n. 665, p. 8-10, 10 abr. 1996. Entrevista concedida a Rodrigues da Silva.

individual, de uma revelação, de uma história caracterizar toda uma época. Nas entrevistas do *JL*, surgem discussões sobre a situação do escritor, sobre as dificuldades de se viver exclusivamente da literatura. Conclui-se que a década de 1990 não foi uma época muito favorável à profissionalização do escritor, em termos financeiros, como comenta a autora Alice Vieira:

“JL” – Pode-se dizer que Alice Vieira se profissionalizou em termos de escrita?

A.V. – Penso que sim. Não viverei exclusivamente dos livros, mas o dinheiro com que vivo não é o que me paga o jornal. Neste momento, tenho 14 livros publicados, com várias edições, cá e no estrangeiro, mas só agora consegui deixar o jornal, e mesmo assim... Até aqui não foi possível. Viver da escrita é muito complicado. As reedições em termos financeiros são como publicar um livro novo. Ganho oito por cento da edição...⁵⁷

Já a professora brasileira Cremilda Medina de Araújo publica a obra *Entrevista: o diálogo possível* (1990). Medina (1990) vê a entrevista, em termos gerais, como uma técnica de obtenção de informações que apela ao indivíduo, ao particular, dando-lhe créditos sem uma preocupação científica. Para a autora, a entrevista é uma técnica de interação social que permite a aproximação de grupos, pessoas e sociedades e serve para a “pluralização de vozes e à distribuição democrática da informação”. Essa é a meta principal das entrevistas do *JL*: a “pluralização de vozes e à distribuição democrática da informação” dos autores de língua portuguesa; apresentar ao público leitor dos mais variados lugares as figuras que fazem parte do contexto literário da atualidade.

Cremilda Medina (1990) reforça em seu texto as quatro leis propostas por Groth que regem o jornalismo: atualidade, periodicidade, universalidade e difusão. A finalidade é lembrar que nenhuma pauta de entrevista nasce se não tiver um “gancho”, ou seja, uma relação com algum fato do momento. As entrevistas do *JL* surgem, normalmente, como pretextos para divulgar uma obra recém-lançada, um ganhador de um prêmio importante, um escritor que lança seu trabalho no exterior. Existe um fato que motiva a entrevista, e este acontecimento gera amplo interesse na comunidade de leitores da literatura de língua portuguesa. A respeito da periodicidade e da difusão, o *JL* sustenta-se economicamente como empresa jornalística; mantém um ritmo de

⁵⁷ VIEIRA, Alice. A profissionalização de uma escritora. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, Lisboa, n. 436, p. 16-17, 13 nov. 1990. Entrevista concedida a Isabel Fragoso.

publicações invejável; está no mercado sem interrupções de publicação em um ano sequer desde 1981, tendo como público-alvo os falantes da língua portuguesa por todo o mundo; esforça-se para alcançar um número cada vez maior de indivíduos, e a Internet vem colaborar para isso: o *JL* pode ser adquirido em formato digital.

Algumas obras teóricas sugerem uma classificação para a entrevista. O pesquisador Nilson Lage, em *A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística* (2006), afirma que: “A entrevista é o procedimento clássico de apuração de informações em jornalismo. É uma expansão da consulta às fontes, objetivando, geralmente, a coleta de interpretações e a reconstituição de fatos” (LAGE, 2006, p. 73). Em relação à classificação quanto aos tipos, do ponto de vista dos objetivos, divide a entrevista em ritual, temática, testemunhal, em profundidade. E em relação às circunstâncias de realização, a entrevista pode ser ocasional, confronto, coletiva, dialogal. As entrevistas publicadas no *JL* são temáticas, uma vez que possuem um elemento desencadeador – lançamento de um livro, o recebimento de um prêmio, a nomeação para algum cargo de prestígio –, e demonstram profundidade: o jornal disponibiliza um espaço considerado adequado para as entrevistas, existindo a oportunidade para o debate de ideias. De acordo com as circunstâncias, no *JL* as entrevistas recebem o nome de dialogal. Nota-se uma troca de informações e experiências entre entrevistador e entrevistados.

De acordo com Medina (1990), baseada na classificação de Edgar Morin, as entrevistas podem ser agrupadas em duas tendências: a de *especularização* e a de *compreensão* (aprofundamento). A última categoria é na qual as entrevistas do *JL* melhor se encaixam, pois o objetivo da entrevista está em fornecer informações pertinentes da cultura e literatura portuguesas para os leitores de modo objetivo, não erudito e acessível ao público em geral.

O conceito de *entrevista de compreensão*, por sua vez, subdivide-se em *entrevista conceitual*, *entrevista/enquete*, *entrevista investigativa*, *confrontação-polemização* e *perfil humanizado*. A primeira e a última categoria são as que melhor caracterizam as entrevistas do *JL*, cujas definições são as seguintes:

- 1) *Entrevista conceitual*. O entrevistador busca bagagem informativa, põe sua curiosidade e espírito aberto a serviço de determinados conceitos que, reconhece, a fonte a ser entrevistada detém. O repórter, no sentido mais amplo de sua função de intermediador na sociedade, é um especialista. É especializado, sim, na técnica de reportagem, na

qual a entrevista ocupa espaço privilegiado. Vai procurar especialistas de várias correntes de informação e interpretação. No caso, está acima de tudo interessado em *conceitos*, não em comportamentos. Isto, se entrevista um filósofo, um sociólogo, um cientista, um economista. (MEDINA, 1990. p.17)

Já o Perfil humanizado:

5) *Perfil humanizado*. Ao contrário da especularização, a entrevista com finalidade de traçar um perfil humano não provoca gratuitamente, apenas para acentuar o grotesco, para “condenar” a pessoa (que estaria pré-condenada) ou para glamorizá-la sensacionalisticamente. Esta é uma entrevista aberta que mergulha no outro para *compreender* seus conceitos, valores, comportamentos, histórico de vida. (MEDINA, 1990, p.18)

No *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, a entrevista se caracteriza como *conceitual* na medida em que procura compreender os mecanismos que envolvem a produção literária contemporânea: o que significa produzir literatura, qual sua função na sociedade contemporânea, o papel do escritor. E aproxima-se da definição de *perfil humanizado* porque, em cada entrevista, detém-se de modo verticalizado no exame de um autor, buscando entender a vida, a obra e os desafios enfrentados por essa figura.

Seguindo as características da *entrevista conceitual*, no *JL*, grande parte das entrevistas publicadas apresenta-se como um diálogo explícito entre um EU e um TU, jornalisticamente conhecidas como *pergunta-e-resposta* (P-R) ou *pingue-pongue*. Esse formato, de acordo com Medina (1990), prevalece pelo grande peso dos conceitos emitidos pela fonte de informação, ficando em segundo plano, assim, o papel de um narrador indireto com a função de situar o ambiente e as circunstâncias da entrevista. A distinção entre as perguntas e as respostas, a palavra do entrevistador e a palavra do entrevistado ocorre geralmente pelo uso do simples claro e negrito ou pelas aspas.



Figura 38 - Exemplo de layout de entrevista do JL – nº411 (1990)

Apenas três, das sessenta e uma selecionadas, não recorrem ao modelo *pergunta-e-resposta* (P-R) ou *pingue-pongue*. Nesse caso, valem-se da alternância entre o comentário do entrevistador e palavras do entrevistado; as aspas e o negrito são utilizados para marcar a autoria do discurso. A pergunta não aparece de modo explícito, e o entrevistador tem mais espaço para mostrar sua opinião sobre os assuntos discutidos.



Figura 39 - Exemplo de layout de entrevista do JL – nº436 (1990)

Ainda segundo Medina (1990), o jornalismo tenta impedir a *morte do momento*. A professora ainda comenta que a dupla *fluência-eficiência* seria a chave para a comunicação, para a entrevista. Aplicando essas duas afirmações no contexto do *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, conclui-se que as entrevistas produzidas sob o comando de José Carlos de Vasconcelos constituem um repositório da vida literária em suas diferentes décadas e que o segredo das entrevistas do JL está seguramente na seleção de seus entrevistadores, profissionais especialistas, acadêmicos ou não, nas áreas do conhecimento em que atuam como repórteres.

Os Manuais de redação e estilo dos jornais *Estadão* e *O Público* frisam que deve haver *respeito à opinião do entrevistado* por parte do entrevistador, o que complementa a ideia de José Marques de Melo (2010), para quem o repórter assume a função de “mediador”, desempenhando empaticamente o papel de “intérprete” do receptor. O reconhecimento da sociedade e a valorização do papel do *Jornal de Letras, Artes e Ideias* no âmbito dos estudos literários provêm do comprometimento com a veracidade e do apreço pelas literaturas de língua portuguesa.

A respeito da função do jornalista, Nilson Lage diz:

Só que a tarefa do jornalista não é a venda do produto, e sim de um padrão de gosto. Quer dizer: quem escreve a crítica sobre uma nova peça de teatro ou a reportagem sobre um ator cômico deve ter compromissos com o teatro, não com a peça em si ou com aquele ator em particular. (2006, p.119)

Esse pensamento de Lage resume bem os ideais presentes no *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Existe um respeito pela língua portuguesa e uma espécie de dever em garantir sua divulgação de modo sério e profissional acima de todos os desejos individuais.

2.2.1 Balanço das entrevistas do *JL* (1990-1999)

A partir dos dados recolhidos por meio da leitura das entrevistas do *Jornal de Letras, Artes e Ideias* publicadas ao longo da década de 1990, cujo entrevistado é escritor literário, passam a descrever-se os resultados obtidos, em função de alguns tópicos: nacionalidade do autor entrevistado; motivo gerador da entrevista; tipo da entrevista; quantidade de entrevistas por ano; os dez autores mais recorrente na década. Para a análise foram contempladas exclusivamente as entrevistas literárias. Durante a década de 1990, houve um total de 223 entrevistas dessa categoria em um universo de 371 números do *JL* publicados no período.

No que diz respeito à quantidade de entrevistados, o número total é de 168 diferentes autores⁵⁸. É comum encontrar um autor em mais de uma entrevista publicada. Em ordem de maior quantidade de entrevistas, aparecem os seguintes autores: José Saramago com seis entrevistas concedidas ao *JL*; António Lobo Antunes, José Cardoso Pires, Mário Cláudio, Mia Couto com quatro entrevistas; Helena Marques, José Fernandes Fafe, Manuel Alegre, Pepetela e Urbano Tavares Rodrigues com três entrevistas cada um.

Saramago destaca-se na década de 1990. O autor lança quatro livros no período: *O Evangelho Segundo Jesus Cristo* (1992), *Ensaio sobre a Cegueira* (1996), *Todos os Nomes* (1997) e *A Caverna* (1999). E recebe diversos prêmios literários: Prêmio

⁵⁸ A lista completa com o nome dos autores entrevistados durante a década de 1990 pelo *JL* encontra-se no Apêndice A.

Bordalo de Literatura da Casa da Imprensa, em 1991; o Grande Prêmio Vida Literária, atribuído pela Associação Portuguesa de Escritores, em 1993; o Prêmio Camões, em 1995; e o Prêmio de Consagração de Carreira, da Sociedade Portuguesa de Autores, em 1995. No ano de 1998 acontece a grande consagração do escritor, Saramago recebe o Nobel de literatura. A alta produção literária e o reconhecimento público por meio de Prêmios fazem com que José Saramago seja o autor mais entrevistado pelo *Jornal de Letras, Artes e Ideias* durante os anos 1990.

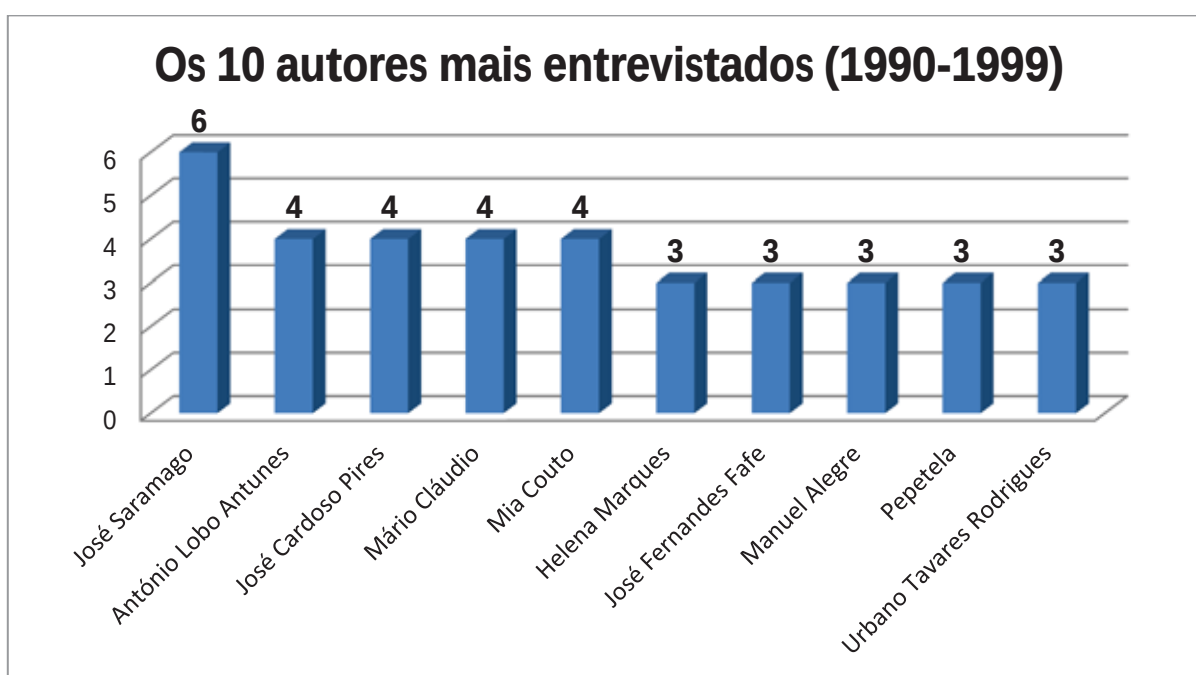


Gráfico 10 - Os 10 autores que mais foram entrevistados pelo *JL* – 1990-1999

Nas entrevistas com autores literários do *Jornal de Letras, Artes e Ideias* realizadas nos anos 1990, observa-se uma diversidade na nacionalidade dos entrevistados, são dezessete diferentes países de origem desses escritores. No que se refere aos escritores de língua portuguesa, Portugal está em primeiro lugar, com cento e quarenta e quatro escritores; o Brasil fica em segundo lugar com treze autores; seguido da Espanha que possui onze autores. Os autores de literatura africana estão representados por catorze autores, sendo sete de Moçambique, seis de Angola e um de Cabo Verde. A proximidade linguística faz com que a Espanha apareça em terceiro lugar nesse quadro.

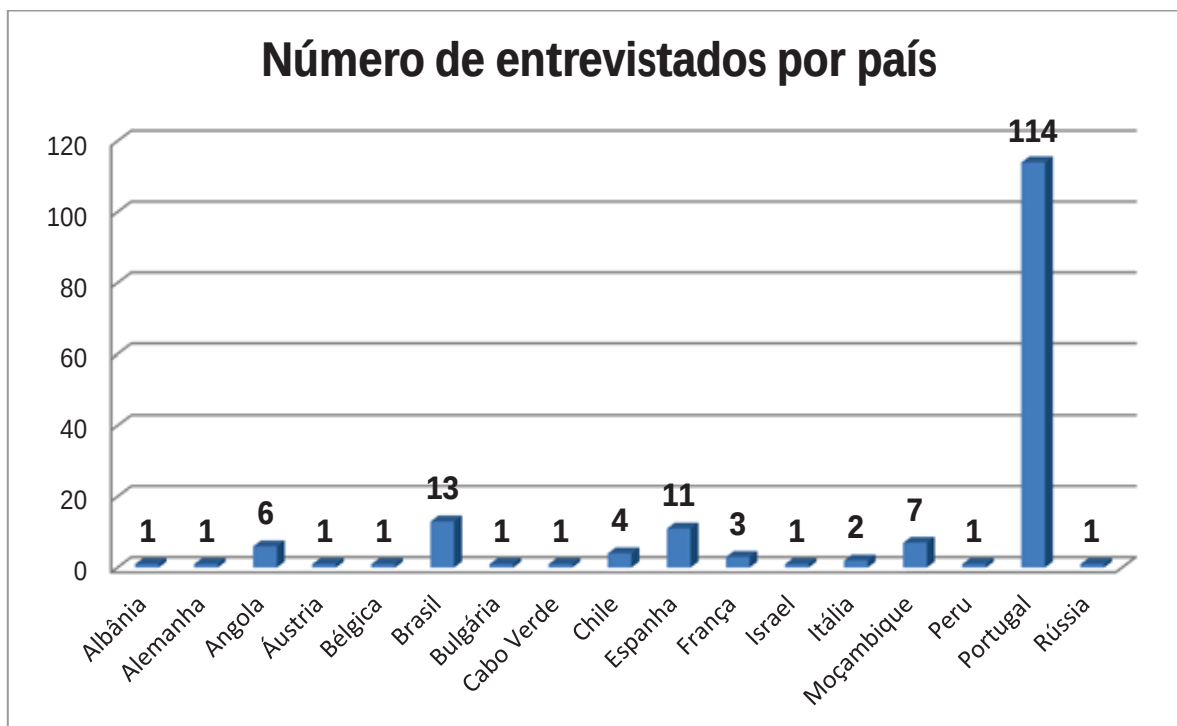


Gráfico 11 - Número de autores entrevistados por país - 1990-1999

O gancho, a razão, o motivo, ou seja, o enfoque determinante que justifica e sustenta a entrevista literária no *Jornal de Letras, Artes e Ideias* ao longo da década de 1990 está ligado principalmente a alguns temas, são eles: o lançamento de um livro; o balanço da carreira de um autor; o recebimento de Prêmio; a nomeação para algum cargo de relevância no campo das Letras; uma efeméride, a comemoração de aniversário de alguma data especial, como nascimento ou anos de carreira; a tradução de obra para o Português; a visita, no caso de autor estrangeiro, a Portugal; a participação ou organização em Congresso conhecido pelos literatos. De fato, o *Jornal de Letras, Artes e Ideias* mostra-se em sintonia com o mercado editorial. Nas entrevistas do *JL*, o leitor encontra os autores que produzem literatura nos anos 90. A entrevista do *JL* serve como uma espécie de filtro que seleciona o que, na visão de José Carlos de Vasconcelos e sua equipe, merece ter espaço nas páginas do jornal, divulgando dessa forma as obras literárias para o público leitor.

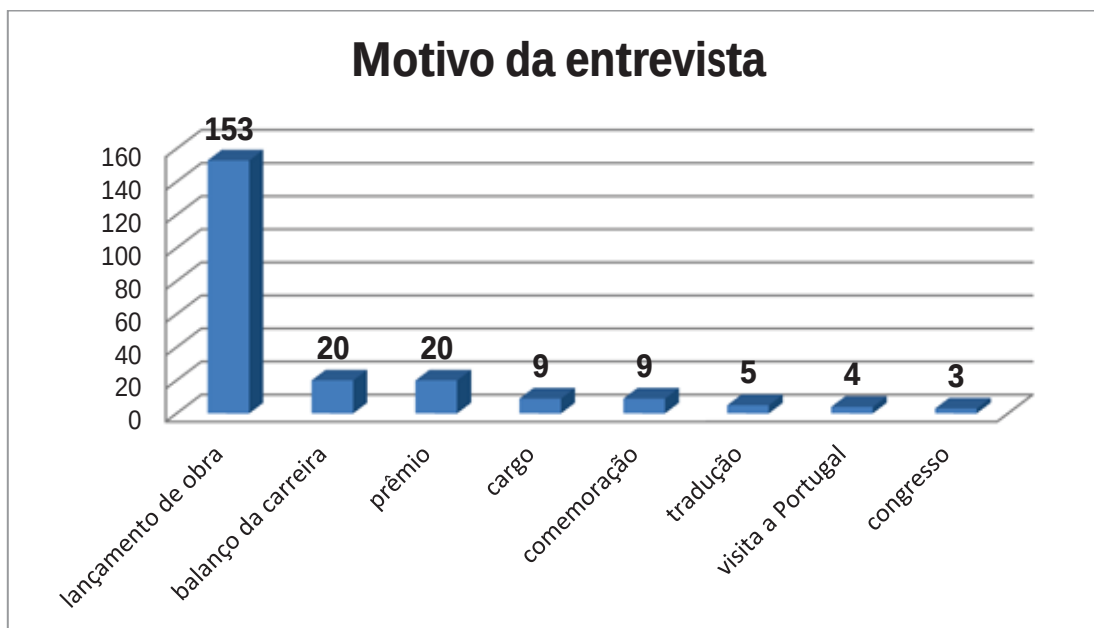


Gráfico 12 - Principal motivo para a realização da entrevista – 1990-1999

Nas entrevistas com autores literários publicadas na década de 1990 no *JL* prevalecem de forma indiscutível o modelo *pergunta-e-resposta* (P-R). Esse tipo de entrevista também conhecido como ou *pingue-pongue* está presente em cento e noventa e nove entrevistas. Já o modelo de alternância entre o comentário do entrevistador e palavras do entrevistado, quando as aspas e o negrito são utilizados para marcar a autoria do discurso, a pergunta não aparece de modo explícito e o entrevistador tem mais espaço para mostrar sua opinião sobre os assuntos discutidos aparece em apenas vinte e quatro entrevistas. A preferência pelo tipo *pergunta-e-resposta* (P-R) revela o interesse em privilegiar as palavras dos autores, o que eles pensam a respeito dos assuntos em questão.

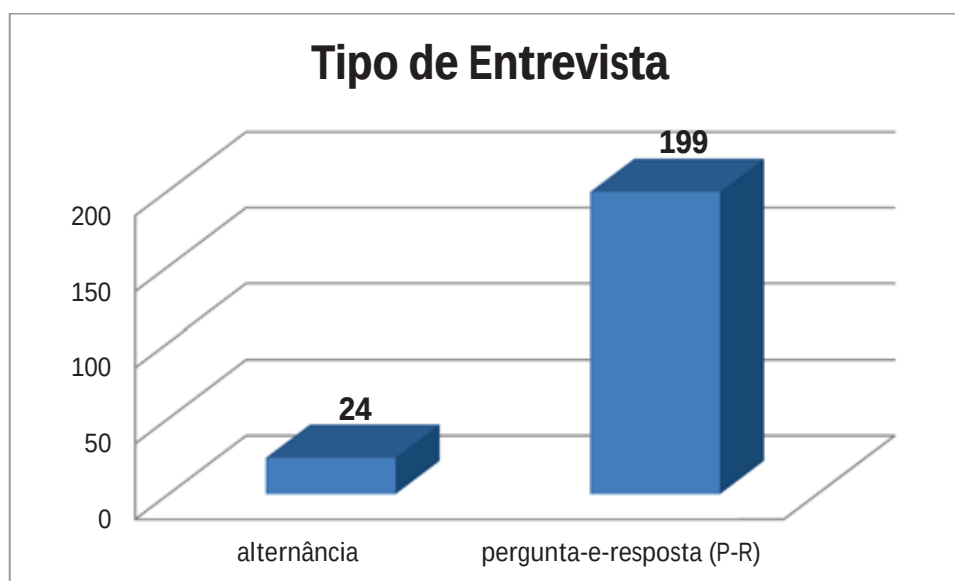


Gráfico 13 - Tipo da entrevista – 1990-1999

Os entrevistadores mais constantes durante a década de 1990 no que diz respeito às entrevistas com autores literários no *JL* são figuras com respeitada atuação no campo jornalístico. José Jorge Letria é poeta, dramaturgo, ficcionista e ensaísta, desde muito cedo se dedica ao jornalismo. Colaborou em várias publicações renomadas, dentre elas: *Colóquio/Letras*, *Hífen*, *Vértice*, foi subchefe de redação do *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Maria Leonor Nunes, Sara Belo Luis e José Carlos de Vasconcelos, diretor do *JL*, são jornalistas profissionais com larga experiência na realização de entrevistas. Rodrigues da Silva é formado em História, iniciou sua vida profissional no *Diário Popular*. A História também integra a formação acadêmica de Maria João Martins, a jornalista é licenciada em História e mestre em História dos Descobrimentos e Expansão Portuguesa pela Faculdade de Letras de Lisboa. Já Luís Almeida Martins é formado em Letras e jornalista. Carlos Vaz Marques exerce o jornalista profissional desde 1987, iniciou no jornalismo na redação do *JL*. Assim como o humorista Ricardo Araújo Pereira, que também ingressou no jornalismo por meio do *Jornal de Artes Letras e Ideias*. De origem moçambicana estão o escritor e jornalista Júlio Conrado e Nelson Saúte, escritor, jornalista e comentador político.

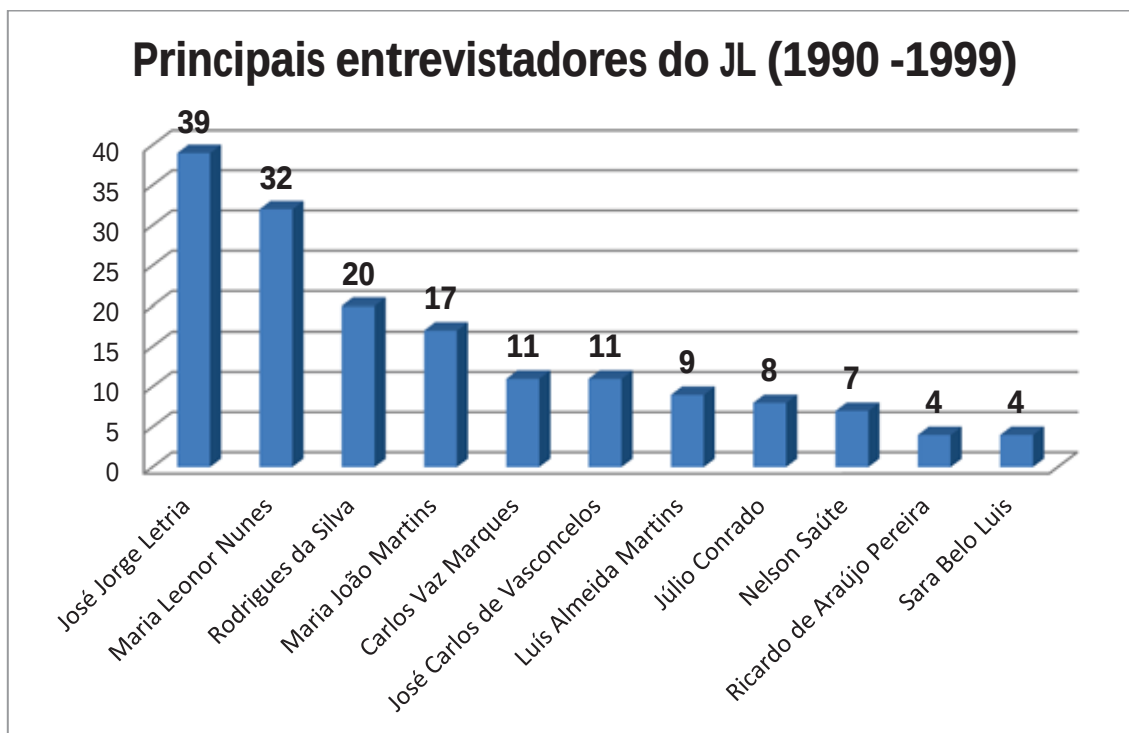


Gráfico 14 - Principais entrevistadores do JL – 1990-1999

Este breve balanço das entrevistas realizadas com autores literários na década de 1990 nas páginas do *Jornal de Letras, Artes e Ideias* demonstra que José Saramago foi a figura que teve mais espaço nessa seção do jornal; os entrevistados são na maioria pertencentes a países de língua portuguesa; o lançamento de livro é apontado como maior responsável pela presença de um autor em uma entrevista; o modelo de entrevista mais comum no JL é o tipo *pingue-pongue*; os entrevistadores são jornalistas profissionais e/ou pessoas inseridas no mundo das Letras, o que colabora para a credibilidade da seção.

2.3 José Carlos de Vasconcelos entrevista Saramago

As entrevistas publicadas no *Jornal de Letras, Artes e Ideias* apresentam características que as aproximam do ensaio, da crítica e do que o professor português Carlos Reis conceitua como texto doutrinário. Segundo Reis:

Entendemos aqui por **textos doutrinários** testemunhos de escritores que, quase sempre imersos no fluxo da produção literária a que se

referem, procuram estabelecer e propor orientações para essa produção literária e mesmo, nalguns casos, para a do futuro. (REIS, 2001, p.489)

Isso ocorre porque nas entrevistas o autor fala sobre seu fazer literário, sobre sua relação com os mecanismos envolvidos na difusão da literatura em sua época e propõe a configuração e consolidação sociocultural de sua imagem enquanto escritor. Por meio das entrevistas, acontece a divulgação das obras literárias escritas pelos autores entrevistados e também o debate de ideias.

Inserire-se neste capítulo o exemplo de uma entrevista publicada no *JL* na década de 1990. O objetivo é demonstrar a pluralidade de informações contidas no texto e a coerência no encadeamento das ideias presentes na entrevista. Optou-se por suprimir as perguntas do entrevistador e transcrever apenas as palavras do escritor, só acrescentando alguma palavra que fosse imprescindível para seu entendimento⁵⁹.

A entrevista escolhida foi “José Saramago: “Deus é o mau da fita”⁶⁰, realizada pelo diretor do *JL* José Carlos de Vasconcelos no ano de 1991. O assunto principal da entrevista é o romance *Evangelho segundo Jesus Cristo*, que chegava às livrarias naquele ano; mas muitos outros temas ligados a sua vida e obra surgem nesse diálogo. Saramago apresenta uma proposta de estudo para o romance. O autor expõe argumentos e reflexões que abarcam desde como nasceu a ideia para o livro até o que pensa da morte. Saramago debate diversos temas: as influências para a escrita do romance, o processo de criação da obra, a estrutura da narrativa, os elementos utilizados para captar o leitor, as personagens (José, Deus, Jesus, Maria, Maria Madalena), o papel do narrador, a conceituação de romance histórico, a relação do “Evangelho” com seus demais livros, os projetos para o futuro.

Logo no início da entrevista, Saramago responde acerca da motivação para a escrita do livro *O Evangelho segundo Jesus Cristo*, que acabava de ser lançado. Explica o processo de criação do polêmico romance que narra a vida de Jesus:

O ponto de partida desta história são os Evangelhos, como conhecidos, sobre a existência que se supõe ter sido a de Jesus. Mas os Evangelhos falam apenas de alguns episódios da sua infância,

⁵⁹ Foi feita a atualização ortográfica de alguns vocábulos. Por exemplo: “facto” para “fato.”

⁶⁰ A entrevista na íntegra pode ser encontrada em: SARAMAGO, José. José Saramago: “Deus é o mau da fita”. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, Lisboa, n. 487, p. 8-10, 5 nov. 1991. Entrevista concedida a José Carlos de Vasconcelos.

escassíssimos, depois da parte final da sua vida, quando começam os milagres, etc. Entre estes dois momentos há um grande vazio, era preciso **ocupar** ou **encher** todo o tempo que resta; mais, era necessário dar-lhe uma coerência.

Assim, há toda uma invenção que não é menor do que nos romances anteriores em boa parte deles. Acrescente que neste livro se pretende – à luz de uma vida que não está contada nos Evangelhos, e que é inventada neste – fazer uma revisão dos próprios fatos narrados naqueles evangelhos. Ou seja: é a invenção que dá um sentido novo aos dados supostamente adquiridos.

Em relação às influências que nortearam a construção do romance, o escritor português demonstra conhecer os principais autores que escreveram sobre a vida de Jesus, cita: o filósofo e historiador francês Ernest Renan (1823-1892), com sua famosa biografia *Homem de Nazaré*; o escritor grego Níkos Kazantzákis (1883-1957), com o livro *A Última Tentação de Cristo*; o autor italiano Giovanni Papini (1881-1956), que escreveu *História do Cristo*; Daniel-Rops (1901-1965), escritor e historiador francês, autor de *A Vida diária nos tempos de Jesus*; o Prêmio Nobel de literatura em 1952, o escritor francês François Charles Mauriac (1885-1970) que produziu *Vida de Jesus*. Entretanto, Saramago diz ter se concentrado na leitura dos Evangelhos e de leituras sobre a história da época para contar seu relato da vida de Jesus:

Li o Renan há muitíssimos anos (hoje não se percebe, ou só se percebe à luz da época, o escândalo que causou) e não voltei a ler, nem fiz leituras das múltiplas vidas de Cristo que se escreveram, do Kazantzakis ao Papini e ao Daniel Rops ou ao que no François Mauriac tem a ver com os Evangelhos. Pelo contrário, tentei ir para este livro despindo-me de tudo aquilo que tivesse sabido antes por outras leituras que não os Evangelhos, o Novo e o Velho Testamento. Fiz algumas leituras foi sobre a época, a história do tempo, o modo de viver, os costumes, a habitação, os trajes, a comida, isso tudo sobre o que ia assentar o meu edifício ficcional.

Ainda sobre o método de concepção do romance, José Saramago relata sua preferência pelo Evangelho de S. Marcos e como surgiu a “atmosfera” para envolver as personagens na narrativa:

Em relação aos Evangelhos, acho mais interessante o mais antigo, o de S. Marcos, por ser o mais simples, o mais direto, o menos adornado. Literariamente os outros são talvez mais belos, mas o de Marcos é a informação básica.

Não poderia descrever a concepção de um ser com um destino como será o de Jesus como qualquer coisa de banal, tinha de rodeá-lo de uma certa atmosfera que tem a ver com a importância do acontecimento quer com a necessidade de captar o leitor para ela. E nascer, seja um deus ou um ser humano vulgar, pode ser encarado como qualquer coisa que requer de nós uma atitude reverencial. A atmosfera que envolve tudo isso, a luz violeta no céu com nuvens comoovelos espalmados, como pequenos flocos ligados uns aos outros, no fundo foi o aproveitamento de uma experiência direta de uma manhã em que eu saí de casa muito cedo e desde a ponte até Palmela, quase Setúbal, o céu estava assim, maravilhoso. Foi um espetáculo de que não me esqueci... Isso aconteceu já depois da ideia do livro, mas antes de o começar. E nesse momento fiquei com a certeza de que ia aproveitar essa luz, essa atmosfera, na altura de juntar José e Maria.

Na entrevista realizada por José Vasconcelos com Saramago é possível obter informações sobre as principais personagens do romance *O Evangelho segundo Jesus Cristo*. Entender o que afasta a obra da tradicional história de Jesus, as teses e interpretações que dão ao romance uma nova perspectiva histórica, a começar pelo papel de Deus na narrativa:

Havia que considerar a presença de Deus na questão da paternidade de Jesus. Uma vez que Jesus é filho de Deus eu não quis retirar a Deus essa paternidade. Então a única maneira de o fazer, de conciliar essa necessidade com o fato de Jesus ser filho biológico de José e Maria, era Deus passar por ali naquele momento e como que participar naquela paternidade, o que é dado por aquela atmosfera, aquela luz, tudo isso. Deus aproveitou a ocasião. Mas, como se recorda, isso mesmo é posto em dúvida pelo próprio anjo; é um modo de que eu tenho, entre outros, é como sucede em diversas passagens, de desmontar seriamente pela ironia (porque a ironia é uma coisa séria) coisas que assumiram demasiada importância.

Por sua vez, a figura de José é dramática: sai de coisa nenhuma que é um Evangelho para outra dimensão humana que lhe é dada por esse sentimento de culpa. Deus, Deus de certo modo é de fato o mau da fita: em primeiro lugar, quase dá vontade de dizer, é a encarnação do Poder, tornando o Poder neste caso ainda mais abstrato que o próprio Deus o encarnaria. E quando o Poder (além de ser naturalmente antipático) se exerce de uma forma tão autoritária, tão opressiva, como na relação de Deus com Jesus, quando sabemos tudo que se vai passar em sofrimento, em horror, em renúncias, em sacrifícios, em torturas, em tudo aquilo, além do que de positivo teve – que foi a história do Cristianismo, dá vontade de tratar – a mim deu-me – Deus como o grande responsável. Ao querer mais poder, mais influência, mais domínio, Deus de certo modo é o político que não olha meios para atingir os seus fins.

Saramago aponta as diferenças na atuação de Jesus no seu romance e nos Evangelhos. O que deixa claro o caráter polêmico da narrativa diante do cânone da Igreja Católica:

Já Jesus desde o primeiro momento está a ser conduzido, embora ninguém o saiba, pela mão invisível de Deus. É uma espécie de jogo de xadrez em que após uns tantos lances há o xeque-mate que é a morte na cruz. Claro que tudo isto é um bocado irrespeitoso, no bom sentido: não se pode dizer que o meu romance seja uma leitura edificante; ou é uma leitura edificante de outro modo.

Parece que no “Evangelho” Jesus quer apressar seu fim; isso acontece não tanto porque ele queria chegar ao fim, mas por uma tentativa de iludir a vontade ou decisão de Deus, fazendo alguma coisa à sua revelia, como que não lhe dando tempo de se aperceber do que está a passar. Assim, Jesus decide morrer não como Filho de Deus, mas apenas como rei dos Judeus, como alguém que tem a ambição política de se tornar rei do seu povo, expulsar os romanos, governar Israel. O que ele não sabe é que é mesmo isso que está previsto na lógica de Deus, é um dos lances desse jogo de xadrez que não acaba com seu sacrifício: nesta minha interpretação, o Cordeiro de Deus é o cordeiro que Deus sacrifica.

Após mostrar a posição de Jesus no romance, Saramago expõe o papel de Deus e do Diabo na obra. A luta do bem e do mal vista por meio dessas duas figuras é recorrente na história do cristianismo:

Tratando da relação de Deus e do Diabo, eu acho que eles andam sempre juntos em todas as circunstâncias. Sempre que a **influência** de Deus se alarga, a do Diabo alarga-se também. Eles, não podem deixar de coexistir. Não é possível imaginar uma religião em que haja apenas Deus como Sumo Bem sem a correspondente existência do Mal que, pelos vistos, segundo lições da própria Igreja, parece que é exterior ao homem, que o influencia, o tenta, o conduz por maus caminhos, para o pecado. Eu diria que tudo isto nos torna a nós, pobres seres humanos, a vida muito difícil.

Ao tratar do desempenho do narrador no seu romance, José Saramago menciona o conceito de romance histórico. Afirma que *O Evangelho segundo Jesus Cristo* tem um tema que se encaixa nesse gênero de narrativa que mescla fatos históricos e ficção. Mas, não se trata de um romance histórico, uma vez que o romance traz referências da época atual, da linguagem de hoje e o narrador pode se deslocar em grandes espaços de tempo:

Em uma posição dialética, é assim que se encontra o narrador num romance que tenha um tema que nós chamamos histórico. Ainda falando do narrador, no caso do “Memorial do Convento”, há muitas referências a acontecimentos que vêm depois, não podem ser do conhecimento das personagens, são só do conhecimento do narrador, que portanto introduz deliberadamente anacronismos. No caso deste livro, não se trata tanto do recurso a este jogo, mas, sim, do fato do ponto de observação ser outro, o de Deus, que olha para o tempo para diante e para trás, pode ver tudo e saber tudo. Não é o narrador que faz isso, ele utiliza esse conhecimento que Deus tem e que Jesus passa a ter, quando o força a contar-lhe aquilo que vai acontecer depois. Digamos que o narrador usa esse processo em segunda mão.

Com a utilização de referências a realidades atuais e à linguagem de hoje, nego essa ideia de eu fazer romances históricos. Eu não faço nada romances históricos. Num romance histórico, o narrador não se atreveria nunca a esses saltos contínuos no tempo, a tais referências a modos de fazer, a modos de pensar, a modos de dizer que não são da época. Por exemplo, quando José surpreende a conversa dos soldados que vão matar as crianças em Belém, um deles é designado pela patente de sargento, para produzir esse efeito de deslocação constante no tempo.

Retomando o comentário das personagens do romance, Saramago, de modo ousado e consciente da polêmica que suas palavras podem gerar, descreve José, um dos santos mais populares da Igreja Católica, “protetor da Igreja Católica Romana”, como sendo um “criminoso por omissão”:

Nos Evangelhos, José considera a sua ação a coisa mais natural deste mundo, nem lhe passa sequer pela cabeça fazer aquilo que qualquer homem comum, suponho eu, faria: avisar os seus vizinhos de que vêm aí os soldados de Herodes matar os seus filhos. Eu atrevo-me a dizer, contra a letra e o espírito dos Evangelhos, e suponho que contra todos os comentadores, que, em linguagem penal de hoje, José é um criminoso por omissão. E vai pagar com aquilo com que em geral essas coisas se pagam: o remorso, o sentimento de culpa, que de certa maneira lhe vai destruir a vida, ou pelo menos que lhe destrói a alegria e a tranquilidade.

O escritor português resume o que vem a ser a sua versão da vida de Jesus. Saramago desmitifica a divindade da figura de Jesus e a aproxima do plano comum dos seres humanos, com desejos e vontades próprias:

Jesus herda esse sentimento de culpa porque os filhos herdaram tudo dos pais. Jesus herda esse sentimento de culpa, que ele começa por não compreender em que consiste, e que vem depois a descobrir. Afinal de contas, a gente lê os Evangelhos e pergunta: o que é que

Jesus andou a fazer durante aquele tempo todo? E não há resposta, claro. Segundo a minha versão, é este fato, a descoberta daquilo que aconteceu com seu pai e porque Jesus se sente responsável: para salvar a sua vida perderam-se as vidas de vinte e tantas crianças. (Em termos estatísticos, considerando a importância de Belém na época, calcula-se que o número de crianças com aquela idade fosse esse). Esta história explica por sua vez a ruptura de Jesus com a família, que resulta da leitura dos Evangelhos, cujas causas nunca são ditas. Eu não podia contentar-me com esta ausência de explicação e creio que a que dou pelo menos faz sentido.

Diferente dos Evangelhos, a figura de José ganha destaque na história contada por Saramago. A expiação da culpa e o pecado se encontram tanto em José quanto em Jesus, na visão de Saramago, são esses sentimentos os grandes impulsionadores para a estruturação da narrativa. A morte de José colabora para problematizar e questionar o estatuto de verdade do relato bíblico:

Sou mais exigente com José. Não vejo José como figura meramente decorativa, um ancião impotente que é colocado nos Evangelhos para fazer avultar mais ainda a pureza e a virgindade de Maria. Eu achei que um pai tem um lugar na relação com a sua mulher. Há ali uma família e eu perguntei-me que família é esta, como é que ela se constitui? Do meu ponto de vista, constitui-se normalmente, como qualquer família da época naquela região e com aquela religião. O que acontece a partir daí ainda tem de obedecer às regras do tempo e ao tipo de relação intrafamiliar – depois, há o elemento perturbador da intromissão de Deus. Mas naquilo que tinha a ver com José, como pai e como marido, eu entendi que lhe devia dar uma vida – e uma morte. A morte de José de certa maneira antecipa a morte do próprio filho. É como se cada um deles tivesse de pagar pela mesma culpa, expiar a mesma culpa.

Não há referência à morte de José nos Evangelhos. Há em alguns Evangelhos apócrifos, que a Igreja não reconhece, mas eu também não utilizei essas versões da morte de José. Considerei, sim, que sendo a época na Galileia de guerra, porque efetivamente havia guerra e foram crucificados, naquela época, dois mil judeus.

A referência das cruzes espalhadas quilometro a quilometro que dariam a volta em Portugal aparece para que o leitor tenha uma ideia clara, visual, espacial, do que representa dois mil crucificados. Fazer morrer José nessa altura não é ilógico, sobretudo quando tem a iniciativa de tentar salvar aquele vizinho em Séfars, uma cidade que foi arrasada, a 8 quilómetros de Nazaré. Bom, mas se há uma vigamestra neste livro é exatamente essa culpa, que me levou a repetir a cena de Jesus entre os doutores num contexto completamente diferente: Jesus não vai dar lições aos doutores, vai perguntar sobre a culpa e a expiação da culpa, essa mesma culpa que o levou a sair da casa dos seus pais.

Continuando o comentário das personagens do romance *O Evangelho segundo Jesus Cristo*, Saramago fala a respeito das personagens femininas da obra Maria, mãe de Jesus, e de Maria Madalena, a pecadora arrependida. O autor na releitura que faz dos Evangelhos da bíblia desmitifica o sagrado, mostrando Maria Madalena como companheira de Jesus, questionando assim a moral religiosa dogmatizada pela Igreja:

Vamos ver a força das personagens femininas na lógica do tempo. Basta citar aquilo que os judeus diziam, e não sei se ainda dizem hoje, “bendito sejas tu, Senhor, por não me teres feito mulher”. Por aqui se vê quão limitado era na sociedade do tempo o papel da mulher. Era uma sociedade, se quisermos empregar o termo atual, **machista**, por excelência. Todo o culto que se organiza depois à volta de Maria é um culto que vem muitíssimo tarde, do século VI ou do século VIII até aos dias de hoje, em que, de repente, parece que a Virgem Maria tem mais importância que Jesus, e Jesus tem mais importância que Deus. Ora bem, Maria Madalena é o irregular, o marginal, é o que não pertence àquela sociedade; digamos que, sendo como é, uma prostituta, está fora.

Maria Madalena vive com Jesus até à morte, o que também não tem de scandalizar ninguém porque no grupo constituído por Jesus e pelos discípulos andavam acompanhados pelas mulheres que os serviam. E o entendimento do que significa este “**serviam**” fica à conta de cada um, pode entender-se mais ou entender-se menos. Na minha leitura, Maria Madalena é a companheira de Jesus a partir do momento em que se conhecem, e companheira ficará até ao fim. E para tomar a lição dos Evangelhos, mesmo depois, porque Jesus aparece-lhe após a Ressurreição.

Saramago permanece na sua defesa de promover Jesus a uma concepção humana, com uma gama de sentimentos inerentes ao homem. O Jesus apresentado por Saramago é um adolescente “comum”, que julga os pais severamente, que abandona sua casa:

Mas repare, mesmo nos Evangelhos, Jesus não é aquilo a que se podia chamar, em termos corrente hoje, um bom filho. Quando, a dada altura, lhe vão dizer – e agora refiro-me aos Evangelhos – “**estão ali tua mãe e teus irmãos**”, ele responde, “**quem são minha mãe e meus irmãos? Minha mãe e meus irmãos são aqueles que me seguem**”. E não vai ver. Há um ou outro passo em que a família diz que ele está louco. Quer dizer, a relação de Jesus com a família é uma má relação. De quem é a culpa? Isso os Evangelhos não o dizem. Eu, por mim, o que me preocupou muito foi humanizar aquela gente, humanizar figuras que se tornaram, dá vontade de dizer, de altar.

No romance saramaguiano, os milagres de Jesus são recuperados por meio de um novo ponto de vista, sugerindo possibilidades inéditas de leitura dos fatos bíblicos:

Os milagres são todos desmontados. Repare, e só para lhe dar um exemplo, a história dos demônios que Jesus expulsou do possesso e entraram nos porcos: o homem ficou liberto, os porcos atiraram-se no mar, morreram todos afogados e Jesus encontra-se diante da inutilidade daquele milagre. E como os demônios não podem morrer, é fácil presumir que ficaram disponíveis para entrar no mesmo possesso. Na descrição dos milagres, às vezes numa pequena palavra, há sempre ironia, e de vez em quando, mesmo uma censura explícita a Jesus como, por exemplo, quando ele fica indignado pelo fato de a figueira não ter frutos numa altura em que não os podia ter e amaldiçoa a pobre figueira que não estava em época de dar frutos. E há o outro milagre, que é o milagre chave nos Evangelhos, o da Ressurreição de Lázaro, que, neste caso, é negada, porque ainda Maria Madalena lhe diz que ninguém cometeu tantos pecados que mereça morrer duas vezes.

José Saramago também é questionado na entrevista a respeito da linguagem da obra, especificamente se houve a dificuldade na construção dos diálogos entre Jesus e Deus:

Olhe que não posso dizer que foram fáceis de se escreverem os diálogos de Jesus com Deus, mas decorreram da própria situação. Quer dizer: se não se fugir às dificuldades que cada réplica coloca, se não se procurar encaminhar o diálogo pelo caminho mais fácil para chegar a uma conclusão pré-determinada, é uma coisa muito estimulante e não é difícil porque o narrador não está nem do lado de um nem do lado de outro, limita-se a deixar que as personagens sejam tão espertas ou tão estúpidas quanto naturalmente têm de ser, tem muito a ver com o teatro. E é um tipo de diálogo que bebeu muito do jogo dialético do diálogo socrático. O narrador antipatiza francamente com Deus. E simpatiza com Jesus.

O autor português retrata sua visão impar em relação à tão conhecida história de Jesus, reafirma fazer ficção; relata a história sagrada por meio de paródia, ironia, intertextualidade e metaficção historiográfica:

O problema de Jesus é que não pode de fato fugir ao seu destino, embora creia que talvez o consiga. Há um determinismo, uma espécie de fatalidade que rege todos os seus comportamentos. Até certa altura, ele não dá conta disso, e daí que o sintamos aparentemente mais livre de tomar decisões. A partir de certa altura, em que tem consciência do

peso que lhe caiu em cima, do destino que vai ter de cumprir, luta já com pouquíssima fé, tem já a convicção clara da sua derrota final, embora ele tente ainda emendar aquilo que já não tem emenda.

De fato, ele é um homem sem saída. É um títere, é uma marioneta, não é nada o filho de Deus, porque se o fosse, estariam os dois de acordo. Até nos próprios Evangelhos, Jesus às vezes dá-nos a impressão de que sente o seu destino demasiado pesado, se sente como alguém que não tem a vida nas suas mãos.

Este é um dos mil Jesus possíveis, é o meu Jesus, que eu inventei, que eu criei a partir de certos dados a que eu dei uma vida. Não tenho qualquer razão particular para acreditar mais neste Jesus pelo fato de ser meu do que qualquer outro que porventura surja noutra obra, escrito por outro autor. Portanto, tenho a consciência clara de que o meu Jesus é uma criatura de ficção e para mim vale tanto, neste aspecto, como a Blimunda, o Ricardo Reis ou o Raimundo Silva.

No entanto, é uma ficção bastante especial, porque escrever um livro em que Jesus é uma das personagens principais, ou a principal se quiser, e viver com ela durante vários meses, ou até anos, como aconteceu neste caso, é uma experiência nova. Eu não saí dessa experiência crente, não houve qualquer espécie de conversação ou de revelação que tivesse acontecido enquanto escrevia o livro, saio dele como entrei, com as mesmas convicções. Mas, insisto, é uma experiência que outros escritores (no fundo bebemos todos desse leite do Cristianismo, aquilo que somos ao Cristianismo o devemos, mesmo aqueles que não creem) deviam tentar.

Saramago responde a José Carlos de Vasconcelos o motivo que o levou a escrever um romance sobre a vida de Jesus, sendo um escritor ateu e comunista. Não existe uma preocupação em ser excomungado da Igreja pelas ideias contidas em seu romance:

Eu vivo nesta sociedade: portanto, ateu, comunista e tudo isso, não me retira o direito de questionar ou de estudar uma figura que é decisiva, é a figura fundamental na civilização em que eu vivo. Não, nunca fui católico. A religião não tinha lugar na nossa casa. A minha mãe só depois dos 70 anos passou a ir à igreja. Fui batizado, é o único sacramento que me caiu em cima.

Posso ser excomungado, mas não penso que a Igreja me tome tanto a sério ao ponto de excomungar. Eu acho que a Igreja vai fazer de conta que o livro não existe. O que não significa que não surjam por aí alguns ataques, mas não será a Igreja diretamente como instituição que vai produzir uma nota ou um comunicado. Um editorial da Radio Renascença é capaz de dar. Isso nem me diverte nem me preocupa. Cumpro uma espécie de dever: tinha de escrever este livro, está escrito. O que possa acontecer depois atingir-me-á de uma maneira ou de outra, positivamente ou não, mas, de uma certa maneira, as questões que se vierem a pôr não são comigo. São com o livro. Sou o seu autor e único responsável, não o podem retirar de circulação. Não há inquisição, não há censura.

“É preciso ser-se Deus para gostar tanto de sangue”. É uma frase dura, mas que aplica a qualquer religião, não tem apenas a ver com o Cristianismo. Se formos ver por aí o que se passa em matéria de religiões, é o absurdo. A relação entre os crentes, entre os fieis, e Deus passou e continua a passar pelo sofrimento, isso é uma coisa que não entra na cabeça, que eu não concebo. Porque você repare: Deus não tem o direito de criar seres a não ser para sua – sua, deles – felicidade. A questão é esta: uns morreram por acreditarem que depois há outros que vão morrer por não acreditarem. Deus não pode aceitar que alguém não acredite, portanto, na lógica da sua posição, ele tem de estar de acordo com a Inquisição. Jesus assusta-se com isso, e pergunta: **Mas isso é realmente necessário?** E é então que o Diabo diz: **Acabemos com esta história, eu deixo de ser o Mal, fico outra vez contigo, não há mais problemas.** Mas Deus responde-lhe: **Nem pensar.** Quer dizer, você não me serve.

A seguir, Saramago trata da relação com seus leitores, não demonstra apreensão sobre a possibilidade de seu novo romance causar polêmica ou não ser bem aceito pelo público. Mostra-se confiante na qualidade da obra que escreveu. E vê no *Evangelho*, um livro mais claro, mais linear e menos barroco do que os anteriores:

Os meus livros anteriores são aquilo que são, no fundo são histórias que as pessoas lêem, de que gostam ou não, mas não põem em causa nada de fundamental. E este livro põe. Portanto, cada leitor vai reagir. É bem possível até que eu perca alguns leitores habituais, que toleraram algumas irreverências (algumas heresias), nos livros anteriores, mas que diante deste podem dizer: “Este senhor excedeu-se.” Em resposta a isso, direi que não excedi, penso que fui até onde sentia que devia ir. Não caio na hipocrisia ou na tentação de dizer que este livro até é uma manifestação do respeito que tenho pela figura de Jesus, direi apenas que, para mim, ateu, como para um crente, a questão da relação do Homem com um Deus é importante. É essa relação básica, essencial, radical, que eu ponho em causa neste livro. Penso que não era fácil conduzir este livro de outra maneira a não ser de uma forma mais clara e linear. De qualquer forma, é realmente verdade que os meus livros têm vindo a encaminhar-se para uma simplificação formal, embora na “História do Cerco de Lisboa” haja dois planos narrativos e, com diferenças de estilo e linguagem, julgo que “O Evangelho”, até pelo próprio tipo de narrativa, que é no fundo contar a vida de alguém à medida que os fatos se vão sucedendo, tinha necessariamente de ser mais simples e linear. Mas de qualquer modo, creio que neste momento da minha vida há uma necessidade de maior contenção de uma certa exuberância, de um certo gosto de cultivar modos de narrar embricados.

José Saramago volta a falar sobre o tema da criação do romance *O Evangelho segundo Jesus Cristo*, agora passa a descrever detalhadamente o processo de escrita da obra, comentando as dificuldades impostas ao trabalho do escritor literário:

Porque eu não quero dizer que este livro só pudesse ter sido escrito por um português. A qualquer escritor de qualquer país onde o Cristianismo é religião podia ocorrer esta ideia, mas em todo o caso aquilo que está aí é também a relação que nós, portugueses, temos com a Igreja Católica, tem a ver com as tensões, os conflitos, as contradições e as dificuldades da vida com essa mesma Igreja. Portanto, de uma certa maneira este livro não está tão ausente de Portugal e da realidade concreta portuguesa de hoje e de sempre como pode parecer; julgo que é um livro que continua, por razões diferentes e por um outro caminho, o que já vinha de trás.

Um terço do livro foi escrito de fato num mês. Não porque eu quisesse acabar o livro à força, não tinha qualquer razão para cair nessa tolice, mas porque pude criar condições de isolamento e de concentração tais que me permitiram viver apenas para o livro, viver com o livro. Mais: podia ter acontecido que, apesar de ter criado essas condições, o livro **saísse** sem dificuldade. O que acontece realmente é que eu vivi um mês como nunca vivi outro, não quero dizer de exaltação ou euforia, mas com a noção do que é viver para um trabalho que nos ocupa por inteiro.

Já, tinha apenas que deixar ver como é que as coisas iam saindo e organizá-las. Escrevi de fato de um jorro; 150 páginas num mês significa 5 páginas diárias: até lhe posso dizer que, em regra, escrevi duas páginas de manhã e três à tarde, porque nisso tenho uma disciplina que acho que dá frutos. E o livro dá-me a mim, e creio que dará aos leitores, uma impressão de coisa sólida.

O túnel não é plano, sobe e depois desce, a gente chega ao cimo da lomba do túnel e vê que ainda está longe, mas já há uma luzinha. O início deste livro, por exemplo, foi mastigadíssimo, teve 20 ou 30 versões. As duas ou três primeiras páginas são decisivas, preciso de senti-las a meu gosto. No caso do “Evangelho”, porém, é curioso assinalar que as páginas de que estou a falar não são aquelas com que começa – e já me aconteceu algo de semelhante com o “Levantado do Chão” e com “História do Cerco de Lisboa”. É que inicialmente o romance começa logo pelas páginas de concepção de Jesus. Cheguei a acabar esse capítulo e a começar o seguinte, mas com a sensação estranhíssima de que faltava qualquer coisa, o livro não estava a convencer-me. E de repente surgiu a necessidade de escrever um novo 1º. capítulo em que é a descrição minuciosa de uma gravura do Dürer tem um sentido: é como se eu dissesse **aqui está a representação tópica deste acontecimento, agora vamos contar a história.**

Este livro é, de fato, uma meditação total sobre o erro. E neste caso não um simples erro de interpretação sobre um fato histórico. Mais do que sobre um erro, pode-se dizer que é uma meditação sobre uma falsidade, sobre o vazio. Se Deus não existe, Jesus não pode ser seu filho, toda a sua civilização, chamada de judaico-cristã, assenta sobre o nada. O que eu não gostaria é que este livro fosse encarado apenas sobre os seus aspectos polémicos – que os tem –, mas fosse visto como a obra literária que é.

Já no final da entrevista, Saramago fala com entusiasmo de seus projetos para o futuro, dos próximos livros que pretende escrever:

Outro dia veio-me uma ideia e, como é hábito, surgiu-me um título – embora eu não saiba se ele se manterá para um livro que, fiel ao meu costume, eu chamo já: “Ensaio sobre a Cegueira”. É capaz de ser um romance, mas com feição mais alegórica, vamos lá ver. “O livro das Tentações” poderá ter a ver mais com certas reflexões autobiográficas, mas sem ser uma biografia; não tenho uma vida que a valha a pena contar. É um pouco isto: como é que este senhor que chegou a esta idade, que viveu uma certa vida e que fez um certo trabalho, o que é que ele pensou e viu ao longo do tempo? Não memórias, mas uma certa memória.

Será outro, com certeza. Sabe, tive uma ideia – nunca o disse, é a primeira vez que estou a revelar – que era escrever uma biografia do padre António Vieira, não sei se o chegarei a fazer. Não se trataria de uma biografia erudita e fria, mas de uma biografia romanceada não será a melhor palavra, respeitando os fatos históricos, mas contada com muita proximidade. Enfim, não sei ainda bem como, nem sei se um dia o farei, mas que gostava... gostava. A vida do padre António Vieira é impressionavelmente rica!

Buscando compreender o sentimento que o escritor tem diante do passar do tempo, nas vésperas de completar 69 anos de idade, José Saramago é perguntado sobre o entendimento que tem acerca da morte:

Não tenho medo da morte. Aos 17 ou 18 anos me tornou evidente a consciência da morte; isso causou-me um terrível abalo, sofri isso muito a sério, em certos momentos ficava paralisado por essa ideia de a minha vida ter de acabar. Mas como veio, passou; foi talvez, mais um processo de nascimento, de descoberta do mundo, e a partir daí vivi perfeitamente em paz com essa ideia. E o que é mais curioso é que nesta altura da vida – daqui a 15 dias faço 69 anos, estou quase septuagenário – tenho uma grande serenidade de espírito, o que talvez se explique por ter uma vida a que se pode chamar de feliz. O que tenciono é viver os anos que ainda tiver para viver, poucos ou muitos, com meu trabalho, a minha mulher, serenamente. Às vezes digo que quem morre com 20 anos morre na sua velhice e não sabia. Se podendo ter morrido aos 20 anos eu puder acrescentar pelo menos mais 50, é quase uma eternidade!

Por meio deste exemplo de entrevista do *JL*⁶¹, é possível entender que o entrevistador e o entrevistado para construírem uma grande entrevista enfrentam desafios similares ao de se criar uma narrativa. Existe a necessidade de se captar o interesse do público, selecionar informações valiosas para o objetivo do texto, imprimir coerência e lógica no desenvolvimento das perguntas e, principalmente, tornar a entrevista um texto capaz de refletir toda a problemática que envolve o ato de produzir literatura em um determinado tempo da História.

⁶¹ SARAMAGO, José. José Saramago: “Deus é o mau da fita”. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, Lisboa, n. 487, p. 8-10, 5 nov. 1991. Entrevista concedida a José Carlos de Vasconcelos.

3 COMENTÁRIO DAS ENTREVISTAS DO *JL* (1990-1999)

O objetivo deste capítulo é demonstrar que as entrevistas publicadas no *Jornal de Letras, Artes e Ideias* na década de 1990 servem como fonte documental e de informações para a história e a crítica das literaturas de língua portuguesa, especialmente as contemporâneas. A relação *autor-obra-público* – fundamental para o conceito de sistema literário – do Professor brasileiro Antonio Candido é o ponto de partida para se evidenciar a presença nas entrevistas de informações relevantes sobre as relações entre os escritores e as condições particulares de produção dos romances do período. A leitura das entrevistas permite a caracterização do papel social dos escritores, o entendimento de alguns aspectos da construção das obras literárias e indica elementos da formação do público leitor.

Nesse sentido, o estudo crítico das entrevistas da década de 1990 do *Jornal de Letras, Artes e Ideias* é feito à luz da historicização dos escritos de Candido, recolhidos de *Literatura e Sociedade* (2000) e *Formação da literatura brasileira* (1997). Ainda existe o interesse em discutir algumas características daquilo que o sociólogo francês Pierre Bourdieu nomeia como *campo literário*, conceito que prevê um conjunto de fatores socioculturais que compõem o espaço onde o escritor atua e legitima seu ofício. Assim, por meio da imprensa escrita, mais especificamente através das entrevistas de uma publicação periódica reconhecida no mundo lusófono – o *JL* –, podem ser compreendidos aspectos das relações dos termos de inserção do escritor no chamado contexto social de produção.

A obra do escritor, crítico literário, sociólogo e professor Antonio Candido possibilita refletir sobre a relação complexa literatura/sociedade. Candido concebe a literatura como um “sistema” para cuja configuração são fundamentais: uma intenção de se produzir uma literatura específica; a existência de um conjunto de produtores literários; um sistema imaginário próprio; e um público receptor para essa produção simbólica.

Tanto na obra *Formação da literatura brasileira* (1997) como em “A literatura e a vida social” e “O escritor e o público”, de *Literatura e Sociedade* (2000), Candido mostra uma preocupação em propor uma noção de sistema literário. Essa definição de literatura pode ser notada na seguinte passagem de *Formação da literatura brasileira* (1997):

considerada aqui um sistema de obras ligadas por denominadores comuns, que permitem reconhecer as notas dominantes duma fase. Estes denominadores são, além das características internas (língua, temas, imagens), certos elementos de natureza social e psíquica, embora literariamente organizados, que se manifestam historicamente e fazem da literatura aspecto orgânico da civilização. Entre eles se distinguem: a existência de um conjunto de produtores literários, mais ou menos conscientes do seu papel; um conjunto de receptores, formando os diferentes tipos de público, sem os quais a obra não vive; um mecanismo transmissor (de modo geral, uma linguagem, traduzida em estilos), que liga uns a outros. O conjunto dos três elementos dá lugar a um tipo de comunicação inter-humana, a literatura, que aparece sob este ângulo como sistema simbólico, por meio do qual as veleidades mais profundas do indivíduo se transformam em elementos de contacto entre os homens, e de interpretação das diferentes esferas da realidade. (CANDIDO, 1997, p.23)

E nos trechos de *Literatura e Sociedade* (2000):

Na medida em que a arte é — como foi apresentada aqui — um sistema simbólico de comunicação inter-humana, ela pressupõe o jogo permanente de relações entre os três, que formam uma tríade indissolúvel. O público dá sentido e realidade à obra, e sem ele o autor não se realiza, pois ele é de certo modo o espelho que reflete a sua imagem enquanto criador. Os artistas incompreendidos, ou desconhecidos em seu tempo, passam realmente a viver quando a posteridade define afinal o seu valor. Deste modo, o público é fator de ligação entre o autor e a sua própria obra.

A obra, por sua vez, vincula o autor ao público, pois o interesse deste é inicialmente por ela, só se estendendo à personalidade que a produziu depois de estabelecido aquele contacto indispensável. Assim, à série autor-público-obra, junta-se outra: autor-obra-público. Mas o autor, do seu lado, é intermediário entre a obra, que criou, e o público, a que se dirige; é o agente que desencadeia o processo, definindo uma terceira série interativa: obra-autor-público. (CANDIDO, 2000, p.33-34)

A literatura é, pois, um sistema vivo de obras, agindo umas sobre as outras e sobre os leitores; e só vive na medida em que estes a vivem, decifrando-a, aceitando-a, deformando-a. A obra não é produto fixo, unívoco ante qualquer público; nem este é passivo, homogêneo, registrando uniformemente o seu efeito. São dois termos que atuam um sobre o outro, e aos quais se junta o autor, termo inicial desse processo de circulação literária, para configurar a realidade da literatura atuando no tempo. (CANDIDO, 2000, p.68)

As três passagens apresentam em comum a definição de arte/literatura como “sistema simbólico de comunicação inter-humana” e, como tal, pressupondo os elementos constitutivos de qualquer ato de comunicação. No caso da literatura, Candido aponta a formação do triângulo *autor-obra-público*.

No modelo de análise proposto pela sociologia dos campos de Bourdieu, o campo literário se define como um espaço social formado por diferentes forças - sociais, políticas, culturais, ideológicas, econômicas – capazes de atuar sob um determinado sujeito social que dele participa. Nas palavras de Bourdieu, o campo literário conceitua-se como:

[...] este universo aparentemente anárquico e de bom grado libertário [...] é o lugar de uma espécie de balé bem ordenado no qual os indivíduos e os grupos desenham suas figuras, sempre se opondo uns aos outros. Ora se defrontando, ora caminhando no mesmo passo, depois dando-se as costas, em separações muitas vezes retumbantes, e assim por diante, até hoje... (BOURDIEU, 1996, p. 133)

Dessa maneira, para Bourdieu, a obra literária não resulta unicamente do esforço de um gênio criador, isolado do mundo; ao contrário, a obra artística está envolvida na gênese do campo literário, com todos os fatores que o envolvem.

Como metodologia para o comentário das entrevistas optou-se por seguir a ordem alfabética dos escritores entrevistados, tendo assim como resultado a criação de um índice. Para a seleção das entrevistas foram utilizados dois critérios: o entrevistado é um autor de língua portuguesa; o tema motivador da entrevista está relacionado ao lançamento de um romance. Dessa forma, chegou-se ao conjunto de sessenta e uma entrevistas da década de 1990. Antes do comentário das entrevistas, foram inseridos alguns dados biográficos⁶² dos autores com o propósito de apresentá-los.

Os trechos das entrevistas escolhidas discutem pontos importantes para o entendimento da produção literária de língua portuguesa dos anos 90, como o contexto da produção das obras, a condição do escritor, a imprensa literária, a dupla vida do

⁶² Fonte: Base de Dados de Autores Portugueses. Mantida pela Direção-Geral do Livro, dos Arquivos e das Bibliotecas é a maior base de dados biobibliográficos de autores portugueses disponível online, reunindo presentemente mais de 5000 autores. Em constante atualização, esta base de dados teve origem no Dicionário Cronológico de Autores Portugueses que, publicado entre 1983 e 2001, contemplava já mais de 3500 autores nascidos entre o século XII e 1940. Recentemente, a base de dados de autores (Escritores) foi alargada a ilustradores portugueses (Ilustradores). Pesquisa de autores disponível em: <: <http://www.dglb.pt/sites/dglb/portugues/autores/Paginas/PesquisaAutores.aspx>>.

escritor – que, muitas vezes, não pode viver exclusivamente do ofício da escrita – e a importância da crítica literária.

3.1 Autores entrevistados com nome iniciado pela letra A a G

Almeida Faria

Almeida Faria [Montemor-o-Novo (Alentejo)/Portugal, 1943]. Ficcionista e Professor de Filosofia na Universidade Nova de Lisboa. Seus romances publicados são: *Rumor Branco* (1962), *A Paixão* (1965), *Cortes* (1978), *Lusitânia* (1980), *Cavaleiro Andante* (1983), *O Conquistador* (1991) e *O Murmúrio do Mundo* (2012).

Faria é categórico ao afirmar em entrevista ao *JL* o poder exercido pela crítica literária portuguesa no âmbito da influência da venda de livros. O autor demonstra um sentimento de insatisfação com o valor que a crítica recebe no país:

A.F. - “A crítica em Portugal tem hoje um poder...”

“JL” – Não é assim nos outros países também?

A.F. – Não sei. Confesso que não sei. Talvez seja.

De resto, vivemos numa era em que é mais importante criticar do que criar.

Em todo caso, aqui, para um país relativamente pequeno como o nosso, o público segue muitíssimo o que dizem dois ou três jornais e, pura e simplesmente, não compra.

Há casos em que os próprios autores me disseram: a venda parou imediatamente assim que o jornal tal disse que era mau. [...]

Sobretudo, parece-me que é injusta esta situação, tanto mais que dá muito mais trabalho escrever um livro – que leva às vezes anos – do que escrever uma crítica em poucas horas. [...]⁶³

Na visão do escritor, a crítica jornalística exerce um grande poder no cenário literário português, sendo um fator que interfere diretamente no sucesso ou não das obras lançadas no país.

Já quando comenta seu romance intitulado *O Conquistador* (1991), Almeida Faria aponta uma característica marcante da obra: a presença do tom irônico para tratar da história de Portugal:

⁶³ FARIA, Almeida. As trovas de Faria. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Lisboa, n. 411, p. 7-9, 22 maio 1990. Entrevista concedida a Carlos Vaz Marques.

“JL” – Já lhe ocorreu que este livro pode ser lido quer como uma brincadeira jocosa quer como uma forte ironia em relação ao tema da identidade cultural, que tem sido o tema preferido dos autores portugueses? Este seu romance não será uma forma jocosa de falar da identidade nacional recorrendo a um D. Sebastião virado para outras conquistas?

A.F. – É e não é. Acho, sem dúvida, que é um livro totalmente irónico. Do princípio ao fim. Só o último capítulo é que tem uma tonalidade bastante mais séria. É, aliás, nesse capítulo que eu evoco a figura do Mário Botas, embora, sem lhe mencionar o nome. Aquele amigo que desenha é, evidentemente, ele.⁶⁴

O romance *O Conquistador* (1991) faz uma paródia do mito de D. Sebastião, que, no imaginário do povo português, foi um conquistador de terras. Na obra de Almeida Faria, o personagem principal chama-se Sebastião e é um grande conquistador de mulheres.

A respeito do público leitor, o autor fala da satisfação de agradar às pessoas por meio de seus livros, o que para ele tem maior valor do que ganhar um prêmio:

“JL” – Qual será a maior alegria que este livro ainda poderá vir a dar-lhe? Um prémio...

A.F. – Não. Gostava que agradasse a algumas pessoas.

A gente escreve para que gostem de nós. Somos pessoas com carências metafísicas, muitas vezes. Não gostaram de nós quando éramos crianças, por exemplo, e escrevemos para suprir essa falta.⁶⁵

Apesar dessa opinião, o reconhecimento por meio de prêmios é constante em sua carreira. Almeida Faria ganhou o Prêmio Revelação de Romance da Sociedade Portuguesa de Escritores (1962), o Prêmio Aquilino Ribeiro da Academia das Ciências de Lisboa (1978), o Prêmio Dom Dinis da Fundação da Casa de Mateus (1980), o Prêmio Originais de Ficção da Associação Portuguesa de Escritores e o Prêmio Universidade de Coimbra de 2010.

Álvaro Guerra

⁶⁴ FARIA, Almeida. As trovas de Faria. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Lisboa, n. 411, p. 7-9, 22 maio 1990. Entrevista concedida a Carlos Vaz Marques.

⁶⁵ FARIA, Almeida. As trovas de Faria. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Lisboa, n. 411, p. 7-9, 22 maio 1990. Entrevista concedida a Carlos Vaz Marques.

Álvaro Guerra (pseudônimo de Manuel Soares), [Vila Franca de Xira/Portugal, 1936-2002]. Romancista e diplomata, graduado em Direito pela Faculdade de Lisboa. Estreou na ficção em 1966 com o romance *Os Mastins*. Seu romance *A Lebre* foi considerado o melhor livro de ficção publicado em 1970. A “trilogia dos cafés” – *Café República*, *Café Central* e *Café 25 de Abril* – busca retratar um período que se estende da I República ao 25 de Abril. Por sua vez, a obra *O Disfarce* (1969) tem como temática a guerra colonial.

O escritor português Álvaro Guerra não vê uma ligação entre a obra literária e a transformação da sociedade. Mostra certo sentimento individualista ao encarar seus livros, distante de um comprometimento engajado. Para ele, a realização do autor estaria no próprio ato da escrita, na criação da obra literária:

“JL” – A sua literatura procura fazer uma espécie de barragem contra o esquecimento?

A.G. – Sim. Mas não quer dizer que assumo, de alguma forma, uma missão. Para mim, escrever é um modo de egoísmo, sendo uma forma de me realizar. Não tenho uma perspectiva altruísta ao escrever os meus livros. Sou o meu primeiro leitor.⁶⁶

Uma pergunta recorrente nas entrevistas do *JL* se refere às influências e às afinidades intelectuais dos autores, seja por meio de movimentos literários, seja por meio de outros escritores e obras. No caso de Álvaro Guerra, a questão está centrada no escritor Alves Redol, figura importante do Neorrealismo português:

“JL” – Nasceste literariamente ao meio do neo-realismo, mas revelaste-te contra os seus dogmas. O teu conhecimento com o Alves Redol influiu alguma coisa no facto de teres começado a escrever?

A.G. – No ter começado a escrever sim, mas no ter escrito aquilo que escrevi não. Quanto a essa questão do neo-realismo, eu sempre entendi que o mundo é colorido e não a preto e branco.⁶⁷

Quando aborda o romance *Crimes Imperfeitos* (1990) Álvaro Guerra concentra-se em enumerar os temas de desenvolvidos no enredo:

⁶⁶ GUERRA, Álvaro. “Falar as pessoas da sua própria memória”. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Lisboa, n. 570, p. 16-17, 8 jun. 1993. Entrevista concedida a Maria Leonor Nunes.

⁶⁷ GUERRA, Álvaro. Álvaro Guerra, de Vila Velha para o mundo... *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Lisboa, n. 440, p. 16-18, 11 dez. 1990. Entrevista concedida a José Carlos de Vasconcelos.

“JL” – O que dirias em uma dúzia de linhas de “Crimes Imperfeitos”?

A.G. – Em “Crimes Imperfeitos” narram-se coisas inventadas, entretecidas à beira de alguns abismos reais – o terrorismo, a espionagem, a banalização dos crimes pela imagem, a luta de interesses da polícia e da economia, o fim da utopia que conhecemos, a possibilidade (ameaçada) de manter emersas algumas ilhas onde o homem coincide com a humanidade que apregoa. Talvez seja um livro triste, como o crime e como o castigo inerente à sua natural imperfeição. O destino das personagens atravessa muitas fronteiras, as da geopolítica, as da História, e as dos acontecimentos e ideias que são fronteiras tão arbitrárias como as outras.⁶⁸

O escritor Álvaro Guerra vê no romance *A Guerra Civil* (1993) a continuidade de um projeto iniciado em *Razões do Coração* (1991) no que diz respeito ao objetivo da obra, utilizar a história para refletir sobre a realidade vivida no presente, característica que se encontra em vários romances publicados na década de 1990:

“JL” – “A Guerra Civil” dá continuidade, de algum modo, a “Razões do Coração”, que publicou anteriormente. Como inscreve esse romance na sua obra?

A.G. – Sem que constitua, em termos de intriga, o seguimento de “Razões do Coração”, é um livro que, realmente, vem na sequência das grandes linhas que segui, pela primeira vez, nessa obra. Ou seja, trata-se de um romance histórico, em que utilizo a História como uma metáfora para falar de problemas que estão hoje, muito presentes... ou talvez muito ausentes.⁶⁹

Ao tratar do romance *A Guerra Civil* (1993), Álvaro Guerra mostra que não existe uma preocupação excessiva com o leitor em seu processo de escrita:

“JL” – Falou numa certa atitude egoísta de criação, mas pensa que uma obra deste género alicia os leitores?

A.G. – Devo dizer que não nos leitores, quanto estou a escrever, embora não seja indiferente às reacções que um livro possa ter. Talvez, por isso, os meus livros são contra a moda, contra a corrente. Aliás, acho que isso nem é inocente. As modas passam, mesmo as de marginalização do que é português.⁷⁰

⁶⁸ GUERRA, Álvaro. Álvaro Guerra, de Vila Velha para o mundo... *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Lisboa, n. 440, p. 16-18, 11 dez. 1990. Entrevista concedida a José Carlos de Vasconcelos.

⁶⁹ GUERRA, Álvaro. “Falar as pessoas da sua própria memória”. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Lisboa, n. 570, p. 16-17, 8 jun. 1993. Entrevista concedida a Maria Leonor Nunes.

⁷⁰ GUERRA, Álvaro. “Falar as pessoas da sua própria memória”. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Lisboa, n. 570, p. 16-17, 8 jun. 1993. Entrevista concedida a Maria Leonor Nunes.

Essa “atitude egoísta” no ato da criação artística resulta, na opinião do autor, na escrita de obras classificadas como transgressoras, uma vez que não seguem os modelos vigentes.

António Alçada Baptista

António Alçada Baptista [Covilhã, 1927 – Lisboa, 2008]. Ensaísta, ficcionista e memorialista. Formado em Direito. Sócio da Academia Brasileira de Letras, da Academia das Ciências de Lisboa e da Academia Internacional de Cultura Portuguesa. Por ocasião dos seus oitenta anos, comemorados em 29 de janeiro de 2007, publicou-se o volume de homenagem ao autor intitulado *António Alçada Baptista – Tempo Afectuoso* (coord. de Guilherme de Oliveira Martins e M^a. Helena Mira Mateus).

Baptista, ao tratar de sua produção escrita, diz que cresceu em uma sociedade ainda propensa ao drama, fruto da influência do escritor Camilo Castelo Branco. Entretanto, sua escolha foi seguir um caminho afastado dos moldes ditos trágicos, o que considera uma atitude mais adequada à época contemporânea:

“JL” – Diz no livro que as pessoas se sentem muito pesadas para poderem voar. Sente-se assim às vezes?

A.A.B. – Sinto, só que eu desdramatizei completamente as coisas. A juventude é muito dramática, leva as coisas muito a sério. Eu também dramatizava tudo porque vivia numa sociedade dramática. O drama era criado para enobrecer uma sociedade completamente pobre de aspirações. Eu apanhei ainda resquícios de uma sociedade camiliana. Evoluiu-se no sentido da desdramatização.⁷¹

Quando perguntado sobre a ligação da personagem Francisco do romance *O Riso de Deus* (1994) com a temática e o estilo vistos em suas crônicas, Baptista responde ao entrevistador explicando o que para ele significa a escrita literária, uma projeção do escritor:

⁷¹ BAPTISTA, António Alçada. De bem com a vida. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Lisboa, n. 604, p. 5-6, 1 fev. 1994. Entrevista concedida a Maria João Martins.

“JL” – Este Francisco tem muito a ver consigo? Eu não digo que seja autobiográfico, mas encontro, ali, muito do tom e dos temas das suas crónicas.

A.A.B. – Nós projectamo-nos é na ficção. Nós escrevemos sobre o que vivemos ou imaginamos. A história com a Hannah passou-se assim: eu conheci uma mulher bastante mais velha do que eu em casa de Edgar Morin e tivemos uma espécie de *coup de foudre*. Depois, ela foi para os Estados Unidos e nunca concretizámos. Eu resolvi imaginar como que teria sido.⁷²

António Alçada Baptista acredita que é o público leitor o grande responsável pelo sucesso de um escritor, deixando assim o papel da crítica em segundo plano:

“JL” – A História da Literatura faz uma selecção necessariamente justa?

A.A.B. – Não cometeu grandes injustiças. Quem consagra os escritores é o público. Foi o que aconteceu com o Balzac, o Dostoievski, o Tolstoi, o Camilo ou o Eça. Eram bons porque tinham muitos leitores e não porque a crítica dissesse bem deles. Eu sinto que sou um escritor de público, o que, aliás, me interessa muito. Não me interessa fazer textos exotéricos porque a cultura é lúdica. Se uma pessoa não se diverte a ler um livro meu, pode pô-lo de parte. Ninguém tem de ter os livros de ninguém. Nos meus livros, projecta-se uma classe social que não tinha escrita – a burguesia. O Soeiro Pereira Gomas, o Gogol falam dos pobres. A burguesia não tinha quem o fizesse.⁷³

Baptista julga-se um “escritor de público”. A imprensa colaborou para aproximar este autor de seus leitores. Possui vasta colaboração em várias publicações como *A Capital*, o *Semanário* ou a revista *Máxima*, também participou de programas de rádio e televisão. Foi, ainda, diretor da revista *O Tempo e o Modo*, entre 1963 e 1969, do jornal *O Dia*, e diretor da revista *Oriente*.

António Lobo Antunes

António Lobo Antunes [Lisboa, 1942]. Romancista, graduado em Medicina, com especialização em Psiquiatria. A experiência em Angola durante a Guerra Colonial como tenente e médico do exército português (de 1971 a 1973) marcou fortemente os

⁷² BAPTISTA, António Alçada. De bem com a vida. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Lisboa, n. 604, p. 5-6, 1 fev. 1994. Entrevista concedida a Maria João Martins.

⁷³ BAPTISTA, António Alçada. De bem com a vida. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Lisboa, n. 604, p. 5-6, 1 fev. 1994. Entrevista concedida a Maria João Martins.

seus três primeiros romances. Tornou-se um dos escritores portugueses mais lidos, vendidos e traduzidos em todo o mundo. Em 2007 foi distinguido com o Prémio Camões.

Em uma de suas respostas às entrevistas do *JL*, António Lobo Antunes promove a discussão de alguns comportamentos notados nos escritores em Portugal. Coloca-se à margem desse processo de autopromoção, que percebe por parte de alguns produtores literários do país. Indica que o ato de escrever impõe um estilo de vida mais recluso e fora dos grandes círculos sociais. Cita os autores portugueses José Cardoso Pires e João de Melo como integrantes de seu círculo de amizades:

“JL” – O Lobo Antunes coloca-se um bocado à margem dos próprios meios jornalísticos. Vive um bocado isolado.

A.L.A. – Eu dou-me com poucas pessoas e com poucos escritores. Até porque não há tempo quando se está a trabalhar, às vezes nem para os amigos. E não sei se existem muitos mentideros, ou muita má-lingua, ou muita inveja, ou muito ciúme. Estou um bocado fora disso. O único escritor com quem eu me dou muito é como o José Cardoso Pires. Falamos quase diariamente ao telefone. Depois há outras pessoas com quem me dou: também me dou com o João de Melo. Há outros escritores que eu admiro muito e que respeito, sobretudo poetas. Agora, mandar as críticas de lá de fora para os jornais, ou os prémios que se ganham no estrangeiro, é tudo tão português! Acho que é uma questão de pudor, também.⁷⁴

Em outro momento fala do árduo trabalho do escritor. Afasta-se da ideia do autor como um ser “iluminado”, que cria suas obras de forma quase mágica. Dedicção, esforço e tempo são as palavras norteadoras do dia a dia de quem faz literatura, segundo a visão de Lobo Antunes:

JL – Continuas a escrever à mão, horas?

A.L.A. – Sempre à mão, doze, treze horas por dia. Tenho a sensação que estou metido num canil. Mas não é mérito nenhum: um operário trabalha mais do que eu. E se queres escrever livros bons tens que trabalhar muito. O Stendhal pôde ditar a *Cartuxa de Parma* em 54 dias, mas um milagre assim só me aconteceu com a *Explicação dos Pássaros* (1981), que escrevi em seis meses. Os outros deram-me imenso trabalho. Escrevo duas versões de cada capítulo e passo à frente até o fim. Depois leio tudo e começo a trabalhar sobre isso. A primeira versão tem pouco a ver com o que é publicado, mas já contém as soluções todas. Naquela magma está tudo. Como se fosse

⁷⁴ ANTUNES, António Lobo. “Quis escrever um romance policial”. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Lisboa, n. 538, p. 8-11, 27 out. 1992. Entrevista concedida a Luís Almeida Martins.

uma estátua num jardim antigo, envolta em folhas, entulho, lama. Que tens que ir limpando até aparecer a estátua que está debaixo. Daí tu notares – e é verdade – a cada vez maio depuração da minha escrita. Desaparecem os advérbios, os adejectivos. E metáforas. Já uso as directas.⁷⁵

Nas entrevistas do *JL* também há espaço para se fazer pequenos balanços da vida e da carreira literária. Lobo Antunes, por exemplo, comenta, em 1994, alguns fatos marcantes ocorridos durante os quinze anos de carreira e dez livros lançados. Percebe-se o papel decisivo que teve o agente literário no que se refere à distribuição de livros de Antunes pelo mundo. Nas palavras do escritor, as obras literárias contribuíram imensamente para que pessoas extraordinárias passassem por sua vida:

“JL” – [...] Agora já dobraste os 50 anos, és um dos escritores portugueses mais conhecidos no mundo, já ganhaste o Nobel de cá e, às vezes, fala-se de ti para o Nobel propriamente dito. Não me digas da obra, diz-me da vida. Entre os 35 e os 50, entre o primeiro livro e o décimo, entre o psiquiatra que escrevia umas coisas e o escritor que passa pelo hospital, entre o anonimato e a consagração, como é que a tua vida mudou?

A.L.A. – Foi tudo muito depressa, tudo muito inesperado. É a ti que compete julgar, não a mim, mas em todo o caso penso que ainda conservo a mesma inocência e a mesma virgindade do olhar dessa altura. Pelo menos espero que assim seja. Agora é evidente que a minha vida mudou desde a última vez que falamos. Não sei se nós os dois amadurecemos. Se calhar, envelhecemos só nuns sítios e apodrecemos noutros. Mas os livros também são uma engrenagem. Quando nos conhecemos eu ainda não tinha sido apanhado por ela. Fui-o a seguir a “Os Cus de Judas”, quando, de repente, recebi uma carta da América, do agente do Sabato e do Drummond, dizendo-me que queria ser meu agente, e eu pensei que era uma brincadeira. Não respondi, ele voltou a escrever e eu achei “por que não, é chique ter um agente”. Logo a seguir começaram as traduções, primeiro nos Estados Unidos, depois noutros países... Olha, o Mário Saa dizia que “cada um tem a idade com que nasceu”. E eu, sob esse aspecto, penso que não mudei muito. Nalgumas coisas mudei, mas ao longo destes quinze anos houve, sobretudo, estes dez livros, os amigos que os livros me trouxeram e a oportunidade de conhecer pessoas excepcionais. Como o homem a quem este livro é dedicado, o meu editor francês. (E um grande editor é talvez mais difícil de encontrar ainda que um grande escritor). Houve, sobretudo, todos esses encontros maravilhosos e continua ainda a haver uma grande surpresa por isto tudo estar a acontecer. É uma alegria misturada com espanto, um orgulho misturado com medo.⁷⁶

⁷⁵ ANTUNES, António Lobo. Mais perto de Deus. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Lisboa, n. 757, p. 5-8, 6 out. 1999. Entrevista concedida a Rodrigues da Silva.

⁷⁶ ANTUNES, António Lobo. A confissão exuberante. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Lisboa, n. 613, p. 16-19, 13 abr. 1994. Entrevista concedida a Rodrigues da Silva.

Um outro balanço da escrita de Lobo Antunes é proposto no lançamento do romance *Exortação aos Crocodilos* (1999). O entrevistador deseja comparar o primeiro livro do autor *Memória de Elefante* (1979) com o mais recente:

JL – Li-o como ele não deve ser lido: a mata-cavalos, e são quase 400 páginas. Ao princípio, andei às aranhas. Depois achei a coisa empolgante. Mas tive tempo para reler a *Memória de Elefante* (ME) [1979] para comparar. O teu salto, em vinte anos e doze romances, é verdadeiramente prodigioso. Quer na escrita, quer na própria estrutura do romance.

A.L.A. – Não são bem vinte anos, serão para aí vinte e cinco, porque esse primeiro livro andou em bolandas, recusado pelas editoras. Eu, se fosse editor, teria aceite a *ME* não tanto pelo que era, mas por aquilo que prometia. Porque nele se sente uma força muito grande, apesar das ingenuidades de um primeiro livro. A minha ideia de literatura hoje é muito diferente. Vais aprendendo com o tempo e, pelo menos para mim, cada livro serve para corrigir o anterior. No fundo, o que tenho escrito, livro a livro, é uma *ME* sucessivamente corrigida.⁷⁷

Ao falar da recepção de obras por parte da crítica, Lobo Antunes demonstra um apreço pela crítica realizada pelos próprios autores e uma posição de descrença pelo trabalho feito por profissionais que só se dedicam a criticar:

“JL” – Mesmo temendo cair em pecado de omissão fala de amigos escritores cujas obras admira e cujo exemplo não perde de vista: José Cardoso Pires, Agustina Bessa-Luís, João de Melo, João Miguel Fernandes Jorge, Lídia Jorge, Mário Cláudio, Pedro Tamen, Egito Gonçalves e Eugénio Andrade. Aqui fica o registro dos nomes, tal como foram mencionados, no tom afetoso da estima e da admiração.

A.L.A. – “Acho que os escritores percebem muito melhor o que escrevemos que os críticos. Os escritores têm, afinal, a mesma humildade dos leitores comuns. Os críticos raramente entendem o nosso trabalho. O Jorge Amado, numa carta que me mandou sobre o “Fado Alexandrino”, dizia, mais ou menos, que não tinha nem vocação nem pretensão de ser crítico, mas que distinguia o bom do ruim.”⁷⁸

⁷⁷ ANTUNES, António Lobo. Mais perto de Deus. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Lisboa, n. 757, p. 5-8, 6 out. 1999. Entrevista concedida a Rodrigues da Silva.

⁷⁸ ANTUNES, António Lobo. António Lobo Antunes, de paixão à prova. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Lisboa, n. 438, p. 7-8, 27 nov. 1990. Entrevista concedida a José Jorge Letria.

Aponta a dificuldade em conseguir agradar sempre a seus leitores. Lobo Antunes diz que com a leitura de várias obras do mesmo autor, o leitor perde o olhar de “frescura”, do “primeiro encontro”, o que o trabalho do escritor cada vez mais desafiador:

JL – Não é preciso esperares: os teus livros têm hoje uma profundidade cem mil vezes maior que os primeiros.

A.L.A. - O ideal que eu gostaria de conseguir era combinar o ofício que ganhei com a frescura que gostaria de ter mantido. Mas muitas vezes não fomos nós que perdemos a frescura, foram os leitores que já leram vários livros nossos. E já não conseguem a maravilha de um primeiro encontro.⁷⁹

Discordando do entrevistador que vê o tom intimista como marca principal do romance *A Ordem Natural das Coisas* (1992), Lobo Antunes credita à polifonia o caráter original da obra. Fala ainda da inclusão dessa obra em um ciclo de sua produção que abrange livros cujos enredos se passam na cidade de Benfica:

“JL” – O seu novo romance, “A Ordem Natural das Coisas”, está agora a chegar às mãos do público. Parece-me mais próximo dos primeiros – intimista, cheio de reminiscências – do que os mais recentes. Estarei a ver bem?...

A.L.A. – Sob este ponto de vista nunca tinha imaginado. Os primeiros são muito mais lineares. Este é um livro mais polifónico, com muitas vozes, portanto, tecnicamente estará muito longe dos outros. Penso que este livro pertence a um ciclo que acabará com o próximo (e que já abrangia o “Tratado das Paixões”) e que quase se poderia chamar “Ciclo de Benfica”, porque o cenário é, sobretudo, centrado na Benfica da minha infância.⁸⁰

O entrevistador do *JL* propõe um resgate da história do surgimento do romance *Morte de Carlos Gardel* (1994). Lobo Antunes enfatiza o olhar de “desencanto” frente às novas gerações recuperado na obra:

“JL” – Se calhar, não te lembras, mas na nossa primeira entrevista, em 1979, já falavas no Carlos Gardel que viria a aparecer no título deste romance. Disseste então: “Quando pus o

⁷⁹ ANTUNES, António Lobo. Mais perto de Deus. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Lisboa, n. 757, p. 5-8, 6 out. 1999. Entrevista concedida a Rodrigues da Silva.

⁸⁰ ANTUNES, António Lobo. “Quis escrever um romance policial”. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Lisboa, n. 538, p. 8-11, 27 out. 1992. Entrevista concedida a Luís Almeida Martins.

pôster do Guevara no quarto, tive a sensação de que o Guevara era uma espécie de Carlos Gardel da revolução.”

A.L.A. – Falando com o editor, citei-lhe essa frase e disse-lhe que haveria de a retomar. A “Morte de Carlos Gardel” é a morte de muita coisa. Não vale a pena explicar. É óbvio: a morte de uma geração, de seus sentimentos, das suas emoções. Nesse sentido é que continua as mesmas obsessões, os mesmos temas...⁸¹

Lobo Antunes recorre à filosofia, a grandes pensadores, chega a citar Descartes e Leibniz com o intuito de explicar o título do romance *Tratado das Paixões da Alma* (1990). A complexidade da paixão, repleta de inconstâncias, esclarece o nome da obra:

“Como todos os meus livros – revela –, este teve vários títulos antes de se fixar no que agora tem. É um título cartesiano, que se liga a livros de Descartes e de Leibniz. É também, em parte, uma homenagem a eles. É um livro acerca da paixão e dos vários tipos de paixão. A história trata, na minha ideia, das várias formas de paixão de alma que existem; da paixão, do ódio, do afecto e da amizade. Os sentimentos nunca são quimicamente puros. São sempre muito contraditórios dentro de nós. Os sentimentos têm sido um tema central do nosso país.”⁸²

No momento em que Lobo Antunes comenta sua relação com o público, aproveita para enfatizar seu descontentamento com o comportamento dos críticos frente a seus livros:

“Em relação aos leitores e aos escritores, não sou um mal-amado. Em relação aos críticos, sim. Acho que sou bom alvo. É fácil dizer bem de outras pessoas. E é curioso que muitos dos que dizem mal dos meus livros tenham começado precisamente a escrever à Lobo Antunes. O Jorge de Sena fala muito bem disto: temos a mania de confundir as pessoas com os livros. Acho que marca pontos a meu favor o facto de as pessoas terem uma relação forte, por vezes violenta com os meus livros. [...]”⁸³

António Lobo Antunes aparece como entrevistado em quatro ocasiões distintas para debater seus romances durante os anos 90 no *JL* (1990, 1992, 1994 e 1999). Nas

⁸¹ ANTUNES, António Lobo. A confissão exuberante. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Lisboa, n. 613, p. 16-19, 13 abr. 1994. Entrevista concedida a Rodrigues da Silva.

⁸² ANTUNES, António Lobo. António Lobo Antunes, de paixão à prova. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Lisboa, n. 438, p. 7-8, 27 nov. 1990. Entrevista concedida a José Jorge Letria.

⁸³ ANTUNES, António Lobo. António Lobo Antunes, de paixão à prova. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Lisboa, n. 438, p. 7-8, 27 nov. 1990. Entrevista concedida a José Jorge Letria.

entrevistas, o autor fala da vida, da obra e mostra o que pensa do contexto literário português, condenando o comportamento de alguns escritores e críticos literários.

António Manuel Pires Cabral

António Manuel Pires Cabral [Chacim/Macedo de Cavaleiros, 1941]. Poeta, dramaturgo, ficcionista e tradutor, A. M. Pires Cabral pertence à chamada geração de 70. Licenciado em Filologia Germânica pela Universidade de Coimbra, foi durante trinta e seis anos professor do ensino secundário. É autor de centenas de crônicas em diversas publicações periódicas ou temáticas, sobretudo nas áreas da intervenção cívica, da etnografia, da história local, da crítica literária e de costumes.

Ao ser questionado sobre a diferença de um autor residir no centro ou no interior do país, António Manuel Pires Cabral pondera as vantagens e desvantagens de se estar na capital Lisboa. Coloca os benefícios em termos de valores editoriais de se manter na área de maior concentração econômica de Portugal – Lisboa – e as benesses que a tranquilidade do campo pode proporcionar – Vila Real:

“JL” – Acha então que se paga uma factura pesada, num país como Portugal, por se viver em Vila Real ou noutra qualquer cidade ou vila longe de Lisboa?

A.M.P.C. – De um ponto de vista de oportunidades editoriais, sem dúvida. Longe dos olhos, longe do coração. Mas isso não é tudo na vida. Desafio qualquer escritor de Lisboa a dizer como eu: “Vou todos os dias a pé para o trabalho, vivo a cinco minutos do emprego.” Desconfio que alguns de bom grado trocariam, se pudessem, a sua segurança editorial por esta vantagem, digamos, ecológica... Estou a brincar, claro está. Mas quando uma pessoa entra a desmontar aquilo a que antes chamei “feira das vaidades”, às vezes dá por si a pensar que o que verdadeiramente vale a pena é independência e ar puro. Faço-me entender?⁸⁴

Mais uma vez, a história de Portugal aparece em um romance da década de 1990 de forma parodiada. No romance *A Casa Ardida* (1993), de António Manuel Pires Cabral, o espaço ficcional construído por uma casa e todas as etapas de sua destruição remetem à ruína na aristocracia rural portuguesa:

⁸⁴ CABRAL, António Manuel Pires. A casa das palavras. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Lisboa, n. 548, p. 12-14, 5 dez. 1993.

“JL” – Escreveu, pois, sobre uma casa e sobre o tempo que essa casa “habitou”. Essa casa é símbolo ou metáfora de alguma coisa? O fogo que a queimou destruiu também sinais de um tempo?

A.M.P.C. – Acho que sim, embora honestamente tenha que dizer que, pelo menos a nível de consciente, nunca disse a mim próprio: ora vamos lá a escrever um romance que seja metáfora disto ou daquilo. Mas o subconsciente prega-nos partidas e pode bem calhar que tenha encaminhado malgré moi a acção do romance por forma a que ele acabasse por funcionar como metáfora. De quê? Da decadência da aristocracia rural, naturalmente. Mas o fogo foi apenas a consumação e a confirmação de uma ruína que vinha de longe, apesar das aparências de prosperidade. [...] ⁸⁵

Do ofício de escritor, António Manuel Pires Cabral comenta como vê a situação vivida pelos escritores de seu tempo no que se refere ao marketing e o fascínio que pode ser despertado no leitor pela promoção da mídia:

“JL” – O Pires Cabral foi distinguido muito justamente com o Prémio Literário do Círculo de Leitores, e, no entanto, a sua obra como ficcionista não teve ainda o reconhecimento merecido. Como explica essa situação?

A.M.P.C. – Periferia, amigo, periferia. Quem está ao lume é que se aquece. Não gosto de fazer confrontos entre a minha obra e a de outros escritores, não está no meu feitio. Cada um escreve como pode ou sabe, ou ainda como lhe mandam. Mas não posso deixar de reparar em como muito ficcionista anda por aí publicado e re-publicado desproporcionalmente aos seus méritos, apenas porque está achegado ao tal do borralho. A coisa talvez tenha ainda outras explicações possíveis. Sempre fui avesso a operações de marketing e charme, não está no meu feitio insinuar-se, suplicar, pôr-me em bicos dos pés. Ou talvez eu valha pouco como escritor, e nesse caso não chega a haver injustiça nenhuma no caso. De resto, quem pode com segurança dizer que este escritor é bom e aquele é mau, sem que o rodar do tempo lhe tenha criado perspectiva? O máximo que podemos dizer é que achamos bom ou mau um escritor, mas não podemos pretender ser o juízo antecipado da história. Ou me engano muito, ou desta feira das vaidades, que é o mundo dos escritores, só meia dúzia de nomes de obras passarão no teste do tempo: o resto é folclore, efêmero como um fósforo. Como Bulhão Pato, bardo muito celebrado no seu tempo, mas de quem hoje só se recordam as amêijoas... ⁸⁶

⁸⁵ CABRAL, António Manuel Pires. A casa das palavras. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Lisboa, n. 548, p. 12-14, 5 dez. 1993. Entrevista concedida a José Jorge Letria.

⁸⁶ CABRAL, António Manuel Pires. A casa das palavras. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Lisboa, n. 548, p. 12-14, 5 dez. 1993. Entrevista concedida a José Jorge Letria.

António Manuel Pires Cabral fala sobre o papel desempenhado pela mídia no trabalho de divulgação das obras literárias, assunto debatido em várias entrevistas da época.

António Rebordão Navarro

António Rebordão Navarro [Porto, Portugal, 1933]. Poeta, ficcionista, crítico literário e cronista. Em 1952, estreia como poeta, mas é, sobretudo, como romancista que virá a afirmar-se nos anos seguintes. Tem uma participação ativa no jornalismo. Possui colaboração dispersa por diversos jornais e revistas, nomeadamente em *Bandarra*, *Vértice*, *Colóquio-Letras*, *Sul* (Brasil), *Deucalión* (Espanha), *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, *Letras e Letras*, *Jornal de Notícias*, *Diário de Notícias*, *Diário de Lisboa*, *O Comércio do Porto*, *Primeiro de Janeiro*, *Expresso*.

Navarro, ao ser perguntado se existe um desconforto entre ele e os críticos, responde indicando nomes de grandes críticos portugueses que analisam seu trabalho, mas também menciona a presença de um chamado “terrorismo cultural” em Portugal: críticos que se silenciam diante das obras de alguns escritores:

“JL” - Considera-se mal-amado pela crítica?

A.R.N. – Não me considero mal-amado se tiver em conta nomes como os de João Gaspar Simões, Jacinto Prado Coelho, Maria Lúcia Lepeki, João Palma-Ferreira, [...]

Mas já não poderei dizer o mesmo de uma espécie preocupada em votar-me ao silêncio, voto que vou logrando, continuando a trabalhar. Ao lado dela, poderei colocar essa horda [...], exercendo um dado tipo de terrorismo cultural que, no entanto, não chega a produzir efeitos funestos, visto não interessar já a ninguém, nem a leitores nem a escritores.⁸⁷

Os países que serviram durante anos como colônias de Portugal aparecem em diversos romances da década de 1990. Como acontece com a região de Macau, China, na obra *As Portas do Cerco* (1992), de António Rebordão Navarro. O romance faz uma homenagem ao poeta português Camilo Pessanha, figura que passou por Macau deixando sua marca:

⁸⁷ NAVARRO, António Rebordão. “Nada deve ser alheio à ficção”. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Lisboa, n. 518, p. 5, 9 jun. 1992. Entrevista concedida a António de Almeida Mattos.

“JL” – Camilo Pessanha preside a todo o romance. É uma homenagem, pretexto ou apenas para dar cor?

A.R.N. – Deverá ser difícil para nós, portugueses, alhear de Macau Camilo Pessanha, embora a sua memória no território não vá muito além de uma pequena rua. Mas Camilo Pessanha foi sempre considerado por mim um dos nossos Poetas Grandes, daí que naturalmente desejasse homenageá-lo num livro sobre Macau que ele amou, odiou, criticou e louvou ao longo de páginas por certo ainda muito pouco conhecidas, muito pouco divulgadas.⁸⁸

Tratando da recepção do livro *As Portas do Cerco* (1992), Navarro demonstra acreditar no papel ativo da construção da leitura, do sentido que permeia a obra literária por parte do leitor, mas para isso cabe ao escritor tornar possível esse trabalho:

“JL” – O seu discurso atento mantém a enumeração que, revelando uma grande riqueza lexical e de imaginação, parece aproximar-se do anacoluto. Isso não poderá dificultar a recepção do texto?

A.R.N. – Quanto a mim, nem o maldito IVA poderá dificultar a recepção do texto!

Eu acho que o escritor não tem de se dirigir a um público passivo, inerte, conformado, sob pena de a passividade, a inércia, a conformidade sobre ele se abaterem justamente.

O escritor é um criador, por isso mesmo um ser altamente responsável. Estará, todavia, no seu direito, no pleno gozo do seu estatuto, ao pretender a participação activa, se não mesmo esforçada, dos possíveis leitores. Se o não fizer, não se respeita nem os respeitam.⁸⁹

Com tom de sarcasmo, Navarro aponta o imposto IVA (Imposto sobre o Valor Acrescentado, imposto que incide sobre o consumo) como responsável por prejuízos no processo de recepção dos livros em Portugal. É a comunicação literária sendo afetada por um fator económico.

Augusto Abelaira

Augusto Abelaira [Coimbra, 1926 - Lisboa, 2003]. Romancista, dramaturgo e tradutor. Exerceu o magistério por algum tempo e se dedicou, depois, ao jornalismo, tendo sido diretor da *Seara Nova* e da *Vida Mundial* e cronista de *O Jornal* e do *JL*.

⁸⁸ NAVARRO, António Rebordão. “Nada deve ser alheio à ficção”. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Lisboa, n. 518, p. 5, 9 jun. 1992. Entrevista concedida a António de Almeida Mattos.

⁸⁹ NAVARRO, António Rebordão. “Nada deve ser alheio à ficção”. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Lisboa, n. 518, p. 5, 9 jun. 1992. Entrevista concedida a António de Almeida Mattos.

A influência da crônica e do magistério na escrita romanesca de Augusto Abelaira é assinalada pelo entrevistador do *JL*. Abelaira confirma essa ideia, diz que a atividade jornalística reflete no romance *Outrora Agora* (1996) e em todo seu fazer literário:

“JL” – Foi professor cinco anos, mas dir-se-ia ter ficado professor para toda a vida. Os seus textos no “JL” são aulas e no sentido socrático: levando o leitor a descobri-se a si próprio (como quem sabe que a pedra contém já em si a estátua que dela há-de brotar). Aliás, o primeiro capítulo deste romance é quase uma crônica.

A.A. – É verdade que certos passos do livro podem ser crônicas. A partir do momento em que comecei a escrever crônicas, elas começaram a influenciar o escritor, vieram a reflectir-se na minha escrita romanesca. Quanto ao ser professor... pois, fui professor e gostei de o ter sido. É provável que o professor não tenha morrido em mim.⁹⁰

Em outra entrevista, Augusto Abelaira faz uma didática explanação sobre as diferenças entre o jornalista e o escritor: o primeiro escreve para milhares de pessoas, tem a necessidade de estar conectado com o dia a dia da sociedade; já o escritor possui um público mais restrito, há um grande espaço de tempo para que um romance chegue às livrarias. Abelaira mostra caminhar de forma competente nas duas vertentes:

“JL” – O Abelaira foi director da “Seara Nova”, da “Vida Mundial”, e tem uma longa experiência de colaboração em jornais. Para si há uma grande distinção entre o (um) jornalista e o (um) escritor?

A.A – Há quanto a mim uma única distinção: enquanto o romancista, em Portugal (e em geral), escreve para 3 a 6 mil pessoas, um jornalista tem que ter consciência que está a escrever para dezenas de milhares de pessoas. No meu caso, quando escrevo um romance, parto do princípio que os leitores, a tal “meia dúzia de pessoas”, têm uma cultura mais rica do que os meus possíveis leitores das crônicas dos jornais, os tais milhares. Esta dupla escrita acaba por se tornar para mim um jogo fascinante.

Por outro lado, o que me atrai no jornalismo é a necessidade de me ligar ao dia-a-dia, ao concreto. Quando escrevo um romance, posso levar 3, 4 ou 5 anos, e essa actividade não tem nenhuma ligação com o quotidiano.⁹¹

⁹⁰ ABELAIRA, Augusto. A palavra é de ouro. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Lisboa, n. 665, p. 8-10, 10 abr. 1996. Entrevista concedida a Rodrigues da Silva.

⁹¹ ABELAIRA, Augusto. Augusto Abelaira: “Escrevo romances policiais sem cadáver”. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Lisboa, n. 420, p. 8-11, 24 jul. 1990. Entrevista concedida a José Carlos de Vasconcelos.

No caso do romance *Deste modo ou daquele* (1990), Augusto Abelaria comenta que é a comunicação entre as pessoas o tema da obra. O que chama a atenção nas palavras do escritor é o fato de ele afirmar ser este o tema que vem desenvolvendo ao longo de anos em suas obras. A mudança temática, segundo o escritor, só ocorre depois da certeza frente às ideias relacionadas ao assunto em questão:

“JL” – Penso que, em “Deste modo ou daquele”, o problema das relações amorosas, e de certa forma o da comunicabilidade e incomunicabilidade entre as pessoas, continua a ser o tema dominante.

A.A. – Porque eu ainda não tenho ideias seguras acerca do tema, continuo a desenvolvê-lo. Se nos romances anteriores tivesse resolvido esse problema, naturalmente já não escrevia mais sobre o assunto. No dia em que tenha certezas, deixo de escrever – ou então invento outros problemas. Isto de escrever é um divertimento, sem dúvida, mas um divertimento com sentido, ou pelo menos com algum sentido, em que um indivíduo procura, para si próprio, clarificar as coisas, ou pelo menos algumas das quais mais o preocupam.⁹²

Outra figura da história de Portugal a surgir em um romance da década de 1990 é o ex-primeiro ministro Cavaco no livro *Outrora Agora* (1996), de Augusto Abelaria:

“JL” – Num homem como você, formado em Histórico-Filosóficas, com uma perspectiva histórica do mundo, não lhe parece demasiada a importância dada neste romance ao ex-primeiro-ministro? Há pelo menos uma dezena de referências explícitas a ele, e uma personagem chega a dizer: “Teremos Cavaco até à eternidade...”

A.A. – Nós estamos a falar num momento em que o Cavaco até já acabou, mas na altura em que o romance se passa ele é efectivamente primeiro-ministro. E as personagens vivem a emoção do momento, têm o chamado desabafo. Estão desencantadas. Quando afirmam “temos Cavaco até à eternidade” (sabendo que, em última análise, os seres humanos morrem), elas não acreditam que se houver eleições o Cavaco caia. É uma visão pessimista acerca da sociedade portuguesa nesse instante, aparentemente fascinada (sabemos hoje que não era assim) por aquele D. Sebastião.⁹³

Quando questionado sobre a classificação do livro *Deste modo ou daquele* (1990) como romance policial, Abelaira propõe uma definição para o gênero, no qual

⁹² ABELAIRA, Augusto. Augusto Abelaira: “Escrevo romances policiais sem cadáver”. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Lisboa, n. 420, p. 8-11, 24 jul. 1990. Entrevista concedida a José Carlos de Vasconcelos.

⁹³ ABELAIRA, Augusto. A palavra é de ouro. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Lisboa, n. 665, p. 8-10, 10 abr. 1996. Entrevista concedida a Rodrigues da Silva.

não é o crime a principal característica, mas a intenção de criar enigmas para o leitor, de criar jogos por meio da linguagem:

“JL” – Em minha opinião, este seu novo livro tem, tanto ou mais do que outros anteriores, muito de jogo, tem armadilhas, ratoeiras, características que terão muito que ver com o romance policial. Está de acordo? Já alguma vez pensou em escrever um romance policial?

A.A. – Estou de acordo. Escrevo romances policiais sem cadáver, sem crime, sem roubo. Se considerarmos um romance policial como um livro em que o autor pretende “enganar” o leitor, os meus romances são policiais. Se há uma coisa que me diverte ao escrever, é tentar ir enganando o provável leitor, ao mesmo tempo em que me engano a mim próprio. [...] ⁹⁴

Ao se deter em explicar o processo da criação literária, Augusto Abelaira diz que em cada romance existe uma personagem com a qual o autor dialoga durante o ato da escrita, sendo esta figura o leitor em potencial do escritor:

“JL” – O protagonista de “Outrora Agora” diz que os filhos se estão nas tintas para a memória dos pais. Mas você, já depois do seu pai morrer (em 1990, com 92 anos), confessou que ainda ‘conversava’ com ele. E também com Carlos de Oliveira [1926-86]. Ainda lhe acontece isso?

A.A. – Todas as pessoas têm um interlocutor que, às vezes, não é um interlocutor real. É com ele que, efectivamente, conversam as próprias conversas que não chegaram a ter com elas vivas. É o dialogante, o interlocutor. Na maioria dos romances há uma personagem que não aparece: aquela – imaginária – com o qual o romancista conversou durante a escrita. É o romance, ao fim e ao cabo, é a conversa com essa personagem. Seria, aliás, interessante saber qual foi a personagem imaginária com a qual Stendhal dialogou quando escreveu os seus romances, ou com quem Dostoievski conversou enquanto ia escrevendo, porque verdadeiramente o público do romancista é essa personagem imaginária. É para ela que ele se dirige. ⁹⁵

As entrevistas publicadas no *JL* revelam detalhes do processo da criação literária. É possível vislumbrar as similaridades e as discrepâncias vistas no trabalho dos diversos escritores.

⁹⁴ ABELAIRA, Augusto. Augusto Abelaira: “Escrevo romances policiais sem cadáver”. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, Lisboa, n. 420, p. 8-11, 24 jul. 1990. Entrevista concedida a José Carlos de Vasconcelos.

⁹⁵ ABELAIRA, Augusto. A palavra é de ouro. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Lisboa, n. 665, p. 8-10, 10 abr. 1996. Entrevista concedida a Rodrigues da Silva.

Baptista-Bastos

Baptista-Bastos [Lisboa, 1934]. Jornalista, romancista e ensaísta. Iniciou a sua carreira profissional aos dezenove anos em *O Século*. Colaborou, como cronista, em diversos periódicos: *Jornal de Notícias*, *A Bola*, *Tempo Livre*, e, como crítico, em *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, *Expresso*, *Jornal do Fundão* e *Correio do Minho*. Recebeu inúmeros prêmios, dentre os quais: Prêmio Nacional de Reportagem/Prêmio Gazeta 1985, Prêmio “O Melhor Jornalista do Ano” (1980 e 1983), Prêmio Pen Clube (1987) e Prêmio Cidade de Lisboa (1987).

Em relação ao ofício de escritor, Baptista-Bastos recorre às palavras de Gorki⁹⁶ para enfatizar a importância dos ganhos financeiros para quem faz literatura. Aponta que 72% da população de Portugal não sabem compreender um texto literário. Em sua visão, esse dado faz com que o trabalho do escritor seja extremamente complicado no país, uma vez que restringe demasiadamente o número de potenciais leitores:

“JL” – Acusam-te, por vezes, de queres ser um Mailer à portuguesa. Injustamente?

B.B. – Ele tem uma escrita muito barroca que não tem nada a ver com a minha. Acho que já nem conseguiria ler outras vez “Os Nus e os Mortos”. Mas gosto ainda hoje do Gorki, a quem um dia disseram que devia cuidar mais a escrita. Ele respondeu que não tinha o dinheiro nem o tempo do conde Tolstoi. Afinal de contas, o escritor não é mais do que um homem que se esconde através das palavras que expõem. Em Portugal, os que escrevem batem-se contra dezoito por cento de analfabetos, sessenta e dois por cento de portugueses que nunca leram um livro e setenta e dois por cento que não sabem interpretar um texto.⁹⁷

A discussão dos diálogos entre a literatura e o cinema, da literatura e do jornalismo, ganha espaço nas entrevistas do *JL*. Baptista-Bastos confirma a influência da sétima arte sobre sua produção tanto literária quanto jornalística:

“JL” – Pouco se costuma falar da tua relação com o cinema. Foste crítico de filmes. Publicaste um livro ensaístico sobre cinema. De que modo é que o cinema tem deixado marca na tua escrita?

⁹⁶ Máximo Gorki [Nizhni Novgorod/Rússia, 1868-1936]. Pseudônimo de Alexei Maximovitch Peshkov. Exponente da literatura proletária.

⁹⁷ BAPTISTA-BASTOS. Um homem que vive em voz alta. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Lisboa, n. 652, p. 8-10, 11 out. 1995. Entrevista concedida a Maria Leonor Nunes.

B.B. – Fui crítico de cinema, e o cinema continua a ser uma das minhas grandes disponibilidades. Devo dizer que sei filmar. Continuo a estudar e a ler coisas sobre cinema. Não é só o cinema, mas o cinema também tem uma dedada imprescindível em tudo aquilo que eu escrevo, não só em ficção mas também em jornalismo.⁹⁸

No romance *Um Homem parado no Inverno* (1991), Baptista-Bastos comenta que busca retratar os sentimentos, as angústias, as relações entre os indivíduos que vivem no Portugal de sua época. Parece haver uma espécie de saudosismo do modo como se vivia no passado, por isso a expressão “desencanto”, utilizada pelo entrevistador, e o pensamento de que o país passa por um período de tédio, exibido por Baptista-Bastos:

“JL – Na parte inicial do livro, diz-se que Portugal é um país onde já ninguém gosta de ninguém. Será que este é o livro do desencanto, livro sobre o desencanto de Portugal?”

B.B. – Este livro é uma narrativa de fenómenos, dos fenómenos que são instâncias do medo, de precaução, de desespero e falta de solidariedade. Não procuro buscar as causas das coisas. O que me interessa neste livro, assim como nos outros anteriores, é de fato fazer a narrativa, a descrição de fenómenos e epifenómenos. Portugal, na minha perspectiva, vive um período de tédio, um período de faz que anda, mas não anda, um período em que as pessoas quase que andam com a pistola em cima da mesa, e isso choca-me, porque eu tive relações com várias gerações de pessoas que me adicionaram valores diferentes destes, valores éticos, princípios de tolerância e formas de entendimento, entre outros. [...] ⁹⁹

A História portuguesa contribui para a construção do romance *O Cavalo a Tinta-da-China* (1995), de Baptista-Bastos. António de Oliveira Salazar (1889-1970), figura associada à ditadura portuguesa, integra a obra:

“JL” – O que te fascina tanto na figura de Salazar?

B.B. – A tirania fascina-me. Interessa-me descobrir o que leva alguém a tyrannizar e os tyrannizados a serem tão submissos. Reparei que todas as pessoas de quem tenho falado nos meus livros são seres anulados, que sofreram uma geral ou particular tyrannia. Do lar, da família, da profissão ou da política.¹⁰⁰

⁹⁸ BASTOS, Baptista. Um homem inflamado de razão. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Lisboa, n. 491, p. 8-10, 3 dez.1991. Entrevista concedida a José Jorge Letria.

⁹⁹ BASTOS, Baptista. Um homem inflamado de razão. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Lisboa, n. 491, p. 8-10, 3 dez.1991. Entrevista concedida a José Jorge Letria.

¹⁰⁰ BAPTISTA-BASTOS. Um homem que vive em voz alta. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Lisboa, n. 652, p. 8-10, 11 out. 1995. Entrevista concedida a Maria Leonor Nunes.

Quando pensa em seu público leitor, Baptista-Bastos tem uma percepção muito clara da faixa etária que sua obra consegue atingir e das razões para que isso ocorra:

**“JL” – O que pensas da morte, da felicidade e da juventude?
Assim mesmo: três perguntas de chofre, numa só!**

B.B. – [...] Aliás, os meus leitores privilegiados são pessoas muito novas, são pessoas dos 18 aos 25 anos, até 30 anos. Eu penso que isso se deve a uma forma muito clara de eu me expressar. [...] ¹⁰¹

Ainda no que se refere à recepção do público, Baptista-Bastos fala do desejo de ser um escritor universal, de conseguir chegar a todos os leitores:

“JL” – Sentes-te hostilizado nesta cidade onde nasceste?

B.B. – Sou um lisboeta puro. Nasci na Ajuda e moro em Alfama. Uma pessoa dos bairros. Os meus livros reflectem-no. E não quero ser outra coisa senão um escritor de bairros. Como todas as pessoas que escrevem, a minha ambição é ser universal. E o mundo não é mais do que um conjunto de ruas e de bairros. ¹⁰²

As entrevistas do *JL*, além de tratarem dos elementos da comunicação literária, permitem o reconhecimento de alguns sentimentos e desejos dos escritores que fazem parte do cenário da literatura dos anos 90.

Clara Pinto Correia

Clara Pinto Correia [Lisboa, 1960]. Após ter se licenciado em Biologia pela Universidade de Lisboa, doutorou-se pela Universidade do Porto, seguindo uma carreira universitária e de pesquisa na área da Embriologia no Instituto Gulbenkian de Ciência e nos Estados Unidos. Em paralelo, mantém desde bastante jovem uma atividade constante como escritora, que acumula com a colaboração em diversos jornais e revistas. Destaca-se no panorama literário português pelo ritmo de publicação, pela

¹⁰¹ BASTOS, Baptista. Um homem inflamado de razão. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Lisboa, n. 491, p. 8-10, 3 dez.1991. Entrevista concedida a José Jorge Letria

¹⁰² BAPTISTA-BASTOS. Um homem que vive em voz alta. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Lisboa, n. 652, p. 8-10, 11 out. 1995. Entrevista concedida a Maria Leonor Nunes.

variedade de gêneros cultivados, constando, na sua bibliografia, inquéritos, fotonovela, literatura infantil, crônica, poesia, narrativa e divulgação científica.

Clara Pinto Correia se expressa contrária a qualquer rótulo imposto à produção literária dos escritores. Não apoia a denominação “escrita feminina”: em sua opinião, as classificações acabam por inferiorizar o trabalho dos autores:

“JL” – Acha que não se deve falar em uma escrita feminina?

C.P.C. – Acho que não. É perigoso e, a longo e médio prazo, pode ser pernicioso que se classifiquem as escritas em femininas, masculinas, de velhinhos ou de jovens, de brancos ou pintados. Acho tão horrível e contraproducente pretender-se que existe uma escrita feminina como uma escrita jovem. São disparates e tonterias. Colar-se a qualquer obra de criação um rótulo de subcategoria A, B ou C é passar-lhe um atestado de menoridade. É empobrecedor.¹⁰³

Com o objetivo de comentar o romance *Ponto Pé de Flor* (1990), Clara Pinto Correia fala do surgimento da ideia para a escrita da obra. Demonstra um sentimento de admiração que a acompanha desde a infância, a que ela chama de “universo privado das mulheres”, e que se caracterizaria como uma forma especial de ver e se comunicar com o mundo identificada nas mulheres:

“JL” – Uma vocação precoce. Não parou mais de escrever. E como aparece agora o “Ponto Pé de Flor”?

C.P.C. – É uma história que, eventualmente, também começa quando aprendi a escrever. Desde que comecei a ter o mínimo de entendimento e de capacidade de raciocínio, sempre me fascinou muito o universo privado das mulheres, uma certa forma de entendimento subterrâneo e de transmissão em código inexistente de mensagens cifradas altamente desestabilizadoras e irônicas.¹⁰⁴

Clara Pinto Correia produz uma literatura de mulheres, mas não no sentido feminista restrito: produz uma literatura que discute o gênero de forma ativa e de acordo com o seu tempo.

Fernanda Botelho

¹⁰³ CORREIA, Clara Pinto. Clara e o mundo cor-de-rosa. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Lisboa, n. 429, p. 6-7, 25 set. 1990. Entrevista concedida a Maria Leonor Nunes.

¹⁰⁴ CORREIA, Clara Pinto. Clara e o mundo cor-de-rosa. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Lisboa, n. 429, p. 6-7, 25 set. 1990. Entrevista concedida a Maria Leonor Nunes.

Fernanda Botelho [Porto, 1926 - Lisboa, 2007]. Poetisa e ficcionista. Colaborou em várias outras publicações, como *Graal*, *Europa*, *Panorama*, *Tempo Presente*, *Diário de Notícias* e, ainda na TV, no programa “Convergência”. Fez diversas traduções. O *Inferno*, de Dante, valeu-lhe uma medalha da Direção Geral das Relações Culturais de Itália.

No caso de Fernanda Botelho, quando perguntada a respeito da classificação da sua produção literária, a escritora responde que a definição de matriz psicológica cai bem aos seus livros, tendo em vista sua preocupação em tratar as personagens pelo modo como agem:

“JL” – Considera-se uma escritora de matriz psicológica?

F.B. – Sim, apesar de eu, raramente, fazer interioridade, ou seja, é pelo comportamento que revelo as personagens, e não por descrever aquilo que sentem. Um exemplo disto foi o que disse Eduardo Prado Coelho acerca do meu último livro *Dramaticamente Vestida de Negro*, o mais duro nesse sentido: “quando acabei, estava sufocado”. Isto, aliás, também para mim, é um processo de escrita doloroso...¹⁰⁵

Ao tratar do romance *As Contadoras de Histórias* (1998), Botelho demonstra uma preocupação em desmistificar qualquer traço autobiográfico no romance. A autora afirma buscar, no exercício de observação do cotidiano, elementos para construir suas personagens:

“JL” – Neste seu novo livro, identifica as três personagens femininas com a sua experiência em diferentes idades?

F.B. – Não. Não se trata de um romance biográfico. A questão é que as pessoas que me rodeiam, e a minha própria vivência, informam-me de modo a construir as diferentes histórias. Digamos que sou observadora e faço também alguma exploração a partir daí. O que se passa aqui é que as três mulheres desta história são personagens ociosas e bastante perversas. Eu não poderia ser as três ao mesmo tempo...¹⁰⁶

Como nascem os romances? Quais são as fontes e influências dos escritores? São algumas perguntas respondidas nas entrevistas do *JL*. A autora portuguesa Fernanda Botelho, por exemplo, produz suas obras tendo como material a observação da

¹⁰⁵ BOTELHO, Fernanda. Uma escrita dolorosa. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Lisboa, n. 735, p. 9, 2 dez. 1998. Entrevista concedida a Gisela Pissarra.

¹⁰⁶ BOTELHO, Fernanda. Uma escrita dolorosa. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Lisboa, n. 735, p. 10, 2 dez. 1998. Entrevista concedida a Gisela Pissarra.

vida das pessoas. É o olhar da escritora diante dos fatos do dia a dia que permite a construção suas das histórias.

Fernando Campos

Fernando Campos [Águas Santas/Maia/Portugal, 1924]. Professor, pesquisador, ensaísta e ficcionista. Licenciou-se em Filologia Clássica pela Universidade de Coimbra. Professor de Humanidades, o seu primeiro romance, *A Casa do Pó*, publicado em 1986, recupera o romance histórico em Portugal. Recebe o Prêmio Eça de Queirós, da Câmara Municipal de Lisboa, em 1995. *Psiché*, publicado em 1987, é um texto memorialista. Seguem: *O Pesadelo de dEus* (1990), *A Esmeralda Partida* (1995). Tem colaboração regular no *Jornal de Letras Artes e Ideias*.

Fernando Campos comenta a questão da influência literária. É categórico ao afirmar que não busca imitar outros autores, mas tem consciência de que sempre há traços, características que são adquiridas dos demais:

“JL” – O autor tem consciência de que sua escrita trilha um rumo pessoalíssimo, que não é passível de ser confundido com outros que fazem, a par do seu, a qualidade inegável da ficção portuguesa contemporânea.

F.C. – Se acha que há ruptura em relação a outras escritas e outras obras, isso é bom. Não quero imitar ninguém, embora saiba que temos sempre em nós algo dos outros. Por isso leio muito pouco de quem poderia imitar. [...]”¹⁰⁷

O escritor ainda elucida detalhes da formulação do título do romance *O pesadelo de dEus* (1990). Desde a capa do livro, Campos busca estabelecer um jogo ficcional com leitor:

“JL” – [...] por que razão está, no título do seu novo referência, o d de Deus em caixa baixa? [...]

F.C. – Fiz isso precisamente para me fazerem essa pergunta. Cada leitura terá a sua própria resposta, a sua leitura. O livro começa na capa, portanto no título, e a capa também fui eu quem fiz. [...] Não é uma obra de teológica. É uma obra de ficção.¹⁰⁸

¹⁰⁷ CAMPOS, Fernando. Fernando Campos: a escrita perguntadora. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Lisboa, n. 433, p. 6-7, 23 out. 1990. Entrevista concedida a José Jorge Letria.

¹⁰⁸ CAMPOS, Fernando. Fernando Campos: a escrita perguntadora. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Lisboa, n. 433, p. 6-7, 23 out. 1990. Entrevista concedida a José Jorge Letria.

A História de Portugal está presente no romance *A Sala das Perguntas* (1997). Fernando Campos traz a figura de Damião Góis, o último grande cronista português, para as páginas de sua obra. Campos responde ao JL os motivos que o levaram a realizar essa escolha:

“JL” – Com *A Sala das Perguntas* volta novamente ao romance que exige investigação histórica e trata a figura de Damião Góis. Por quê?

F.C. – Há um período da História de Portugal, que vai desde a morte de D. João II até D. João III, sobre o qual eu ainda não tinha escrito. Comecei por fazer *A Casa do Pó*, que se passa em fins do século XVI. O século XV, o reinado de D. João II, tratei-o em *A Esmeralda Partida*. Há, portanto, no meio, um vão que era preciso preencher. Para tal, queria uma figura de época que fosse típica do humanismo. Ora, o nosso Damião de Góis vai ser amigo de todos os humanistas, até de Lutero e de Melanchton. Era a pessoa ideal, um humanista extraordinário... Depois, ainda por cima, aconteceu-lhe a prisão, a perseguição pela Inquisição. E, ao fim e ao cabo, a Igreja agora, ao fim de tantos séculos, está a pedir desculpa, a dar razão afinal àquela gente que punha em dúvida certas coisas. Era gente que estava para além do tempo, esclarecidíssima, gente moderna e actual.¹⁰⁹

Fernando Campos enumera alguns de seus romances históricos e declara realizar uma cuidada e meticulosa pesquisa para poder recriar ao pormenor tudo o que se passa em cada período da História de seu país.

Fernando Dacosta

Fernando Dacosta¹¹⁰ [Luanda/Angola, 1945]. Ficcionista, autor dramático e jornalista. Formado em Filologia Românica pela Faculdade de Letras de Lisboa. Estreou como dramaturgo com *Um Jipe em Segunda Mão* (Grande Prêmio de Teatro da RTP), editada em 1983. Com *O Viúvo* (Grande Prêmio da Literatura do Círculo de Leitores) e *Os Infiéis* firmou-se no domínio da ficção.

Fernando Dacosta, em um primeiro momento, parece não responder de forma clara à pergunta sobre o que leva o escritor a optar por ter em suas obras temas que remetem de forma alegórica à História de Portugal, o que faz com que o entrevistador

¹⁰⁹ CAMPOS, Fernando. Histórias de enigmas. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Lisboa, n. 734, p. 14-15, 18 nov. 1997. Entrevista concedida a Sara Belo Luís.

¹¹⁰ Fonte: Infopédia – Enciclopédia e Dicionários Porto Editora.

insista na questão. Dacosta acaba colocando os eventos históricos ocorridos no país como impulsionadores desta opção. Mostra, também, que não está sozinho; outros escritores e artistas das mais diferentes áreas compartilham esse olhar sobre as coisas nacionais, o que caracterizaria um verdadeiro fenômeno dos anos 90:

“JL” – Depois do romance “O Viúvo” e da peça de teatro “A Nave Adormecida” (para não falar de outros textos teus), “Os Infiéis” é mais uma alegoria de Portugal. Por que motivo insistes tanto no tema. Por que essa fixação nesse tema?

[...]

“JL” – Mas não respondeste à minha primeira pergunta. Por que essa tua fixação nesse tema?

F.D. – Eu penso que não sou só eu... A maior revolução que o 25 de Abril nos trouxe foi o descolonizarmo-nos culturalmente. A gente escrevia segundo as opiniões que vinham da França, ou da Inglaterra ou da Alemanha, ou dos Estados Unidos. Com o 25 de Abril e a perda do corpo territorial ultramarino, os escritores, inconscientemente, começaram a voltar-se para si próprios. O Saramago, por exemplo, avançou com metáforas extraordinárias, que culminaram na “Jangada de Pedras”. Não estou sozinho... Quando pensávamos que éramos pessoas isoladas a fazer isto, verificou-se que não era assim. Sob os nossos pés havia como que uma corrente que estava a ligar muitas coisas. Vimos isso também no cinema, no último filme de Manoel de Oliveira, na pintura, na música... Enfim, começa a perceber-se que se trata como que de raízes que estão a tocar várias zonas. Eu talvez tenha sido dos primeiros a afirmar isto, a aperceber-me deste fenómeno através de conversa com pessoas como o prof. Agostinho da Silva. Normalmente, havia muito o complexo de falar nestas coisas porque, durante anos, a esquerda em Portugal cometeu o grande erro de deixar à direita os problemas da portugalidade, com o preconceito de que falar das coisas portuguesas era ser nacionalista. E não é verdade.¹¹¹

Fernando Dacosta comenta que o período em que Portugal tinha o controle das colônias e os anos seguintes do fim desse processo são épocas utilizadas de modo alegórico em diversos de seus romances. Em especial no romance *Os Infiéis* (1992), existe uma preocupação em retratar o colonialismo por meio do ponto de vista de personagens que são contra o sistema estabelecido e lutam para a garantia de seus ideais:

“JL” – Depois do romance “O Viúvo” e da peça de teatro “A Nave Adormecida” (para não falar de outros textos teus), “Os Infiéis” é

¹¹¹ DACOSTA, Fernando. Viagem ao fundo de Portugal. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Lisboa, n. 511, p. 8-10, 21 abr. 1992. Entrevista concedida a Luís Almeida Martins.

mais uma alegoria sobre Portugal. Por que motivo insistes tanto no tema?

F.D. – É, realmente, uma alegoria sobre o colonialismo, sobre como chegámos ao fim de cinco séculos em que Portugal teve colónias e finalmente se libertou delas. Penso que isso começa a ser tema de reflexão a vários níveis. E penso que a ficção é um processo quase privilegiado de fazer reflectir sobre este tempo que foi importantíssimo para nós, que nos marcou profundamente e que deixará ainda marcas. “O Víúvo” era, de facto, a metáfora de Portugal que perdia as colónias. Este, “Os Infiéis”, é mais sobre aquelas gerações que, lutando e enfrentando as normas estabelecidas, ousaram afirmar as suas ambições, os seus pensamentos, a sua diferença, e que, portanto, ousaram ser infiéis ao estabelecido na época para serem fiéis a si próprios e tentaram coisas melhores.¹¹²

Apesar do núcleo de interesse da entrevista ser o lançamento do romance *Os Infiéis* (1992), o entrevistador do *JL* tece relações com outras obras do escritor Fernando Dacosta possibilitando, ao leitor do periódico, um entendimento mais contextualizado a respeito da escrita do autor.

Francisco Duarte Mangas

Francisco Duarte Mangas [Rossas/Vieira do Minho/Portugal, 1960]. Jornalista, poeta, ficcionista, com uma extensa e premiada bibliografia – Prêmio Carlos de Oliveira, Prêmio Eixo Atlântico de Narrativa Galega e Portuguesa e Grande Prêmio de Literatura ITF.

A opção por não escrever mais poesia para Francisco Duarte Mangas está intimamente relacionada com o contexto histórico em que Portugal se insere. Para o autor, a poesia já não tem espaço nas terras portuguesas, uma vez que não se nota um sentimento de inquietação por parte dos escritores daquele país:

“JL” – E a poesia, ficou pelo caminho?

F.D.M. – Escrever poesia, neste país dito de poetas, é difícil. Está quase tudo dito. Olha, os nossos vizinhos galegos escrevem muito – para eles a palavra ainda é uma arma, e a revolução... permanente.¹¹³

¹¹² DACOSTA, Fernando. Viagem ao fundo de Portugal. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Lisboa, n. 511, p. 8-10, 21 abr. 1992. Entrevista concedida a Luís Almeida Martins.

¹¹³ MANGAS, Francisco Duarte. “Os fantasmas de Vilarinho” *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Lisboa, n. 606, p. 6-7, 15 fev. 1994. Entrevista concedida a Maria Leonor Nunes.

Do romance *O Diário de Link* (1993), de Francisco Duarte Mangas, o mistério reside na identidade da personagem principal e no modo como o autor chegou até ela. Mangas esclarece que foi por meio da leitura e da pesquisa que teve conhecimento da existência de um alemão que viveu em Vilarinho, Portugal, no século XVIII. O escritor valeu-se de informações sobre essa figura histórica para caracterizar a personagem título de seu romance:

“JL” – Chegou o momento de desvendar um segredo: quem é o Link?

F.D.M. – Descobri-o, como muitas outras coisas, no livro de Jorge Dias sobre a aldeia comunitária de Vilarinho da Furna. O Link que Jorge Dias cita, para descrever a hospitalidade do povo dessa aldeia minhota, era um alemão que, nos fins do século XVIII, arribou a Portugal com a missão de estudar a flora. Dessa viagem, surgiram três grossos volumes, editados no princípio do século passado, na Alemanha e em França. Além do roteiro das plantas, o naturalista germânico deixou um retrato positivo do nosso país.

Link, pensei: Eis a personagem que procurava para me ajudar a contar a morte húmida e silenciosa de Vilarinho da Furna.¹¹⁴

Em mais um romance da década de 1990, aspectos da História de Portugal colaboram para a estruturação temática da narrativa.

Francisco José Viegas

Francisco José Viegas [Vila Nova de Foz Côa/Portugal, 1962]. Licenciado em Estudos Portugueses na Universidade Nova de Lisboa. Conhecido do grande público pelo seu percurso jornalístico é um escritor versátil, que já publicou obras de divulgação, de poesia, romances, contos, teatro e relatos de viagens. Colaborou nos periódicos *JL*, *Expresso* e *Semanário* e foi editor da área cultural de um semanário de curta duração, *O Liberal*. Em 1987, tornou-se chefe de redação da revista trimestral *Ler*.

Mesmo não sendo uma personagem histórica, Filipe Castanheira, do romance *As Duas Águas do Mar* (1992), de Francisco José Viegas, abarca os conflitos de uma época:

¹¹⁴ MANGAS, Francisco Duarte. “Os fantasmas de Vilarinho” *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Lisboa, n. 606, p. 6-7, 15 fev. 1994. Entrevista concedida a Maria Leonor Nunes.

“JL” – As suas personagens, sobretudo Filipe Castanheira, reflectem, de algum modo, a “depressão” deste tempo de que falava?

F.J.V. – É claro que reflectem um pouco essas depressões culturais, sobretudo o receio que acabem as coisas com sabor: os cigarros açorianos, a imagem do mar, determinadas comidas e memórias, um rosto que não se esquece. A nossa condição moderna passa por esse receio e também pela coragem de enfrentar o desaparecimento. Voltando aos anos 80, penso que aquilo que marcou essa década foi a noção de que as coisas desapareceram e de que não há remédio para isso...¹¹⁵

Francisco José Viegas mostra-se um grande observador da realidade. Procura estar atento aos acontecimentos rotineiros para conseguir material para a escrita de seus livros. O que interessa ao autor são as histórias de pessoas comuns. Assinala o papel fundamental desempenhado pelo romance no que se refere à transmutação do real para a ficção:

“JL” – É um observador dos comportamentos humanos para construir as suas personagens?

F.J.V. – Não. Gosto de histórias. Agora estou interessadíssimo num homem da Polícia Judiciária, que anda de “Harley Davis”, fuma charutos, tem muitos quadros lindíssimos em casa e, muito variavelmente, anda na macrobiótica ou come chocolates e bebe leite. Interessam-me as histórias que envolvem a vida das pessoas. Histórias comuns, banais. Rushdie, numa entrevista, dizia que as pessoas lêem livros para saber o que vai na casa ao lado. É verdade. Mas, exactamente na casa ao lado, acontecem as coisas mais surpreendentes, mais ficcionais e ficcionadas. A realidade ultrapassa, de facto, tudo o que possamos imaginar. E, por isso, acho que o romance não morreu.¹¹⁶

Viegas acredita que ainda existe um espaço para o romance, este gênero capaz de recriar a ordem do mundo, de representar a realidade humana. O romance *As Duas Águas do Mar* (1992) tem como cenário a Ilha de Açores, e seus personagens trazem características do “português médio, aquele português adorável que tem todos os defeitos mais horríveis e pirosos da alma portuguesa e também algumas virtudes fabulosas como o humor ou a noção de sagrado, do mistério, do drama”.

Germano Almeida

¹¹⁵ VIEGAS, Francisco José. “Toda a literatura é policial”. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Lisboa, n. 513, p. 16-17, 5 maio 1992. Entrevista concedida a Maria Leonor Nunes.

¹¹⁶ VIEGAS, Francisco José. “Toda a literatura é policial”. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Lisboa, n. 513, p. 16-17, 5 maio 1992. Entrevista concedida a Maria Leonor Nunes.

Germano Almeida¹¹⁷ [Ilha da Boavista/Cabo Verde, 1945]. Escritor e advogado. Licenciou-se em Direito pela Universidade de Lisboa. Nome marcante da literatura de expressão portuguesa. Alguns dos seus livros publicados são: *O Testamento de Senhor Napumoceno da Silva Araújo* (1989), adaptado ao cinema por Francisco Manso, em 1997; *O Meu Poeta* (1990); *O Dia das Calças Roladas* (1992); *A Ilha Fantástica* (1994); e *Os Dois Irmãos* (1995).

Germano Almeida conta em entrevista ao *JL* a respeito de sua atuação como editor. A editora serve para divulgar a literatura de Cabo Verde. Almeida comenta a dificuldade de viver exclusivamente da literatura. O escritor cabo-verdiano mantém-se financeiramente com seu trabalho de advogado. Ainda relata o grande esforço que existe para se publicar livros em Cabo Verde:

“JL” – Dez anos depois, já hoje pode viver apenas da literatura?

G.A. – Nem pensar. Em Cabo Verde agora até recebo menos, porque a editora dá-me alguns livros e depois diz que já estou pago. Sou sócio e não recebo dividendos [risos]. A gente diverte-se com a editora. A nossa preocupação é não dever à gráfica e não ter que pagar com o nosso dinheiro. Alguns livros que temos publicado não se vendem, mas os meus, por acaso, vendem-se bem e cobrem os prejuízos. [...] ¹¹⁸

Perguntas que refletem sobre possíveis relações entre o romance recém-lançado e aspectos biográficos do autor podem ser encontrados nas entrevistas do *JL*. Germano Almeida afirma, por exemplo, valer-se de informações sobre sua família para criar o romance *A Família Trago* (1998), mas diz que seu objetivo não é autobiográfico. A intenção do autor reside em retratar seu local de nascimento, a ilha da Boa Vista:

“JL” – O livro é uma saga, passa-se na Boa Vista, a sua ilha natal, e é dedicado à sua mãe.

G.A. – Tem imensos dados pessoais e da minha família [24 irmãos e meios-irmãos!], mas não a retrata nem é autobiográfico. Aproveitei nomes de avós e tios do lado da minha mãe, e, como ela morreu no ano passado, quando estava a acabar o livro, achei que devia dedicá-lo. Não é a saga da minha família; será, sim, a saga da minha ilha. Que é a terceira ou quarta em tamanho e das menos habitadas (4 mil pessoas). Extremamente pobre, tem excelentes condições para o

¹¹⁷ Fonte: Infopédia – Enciclopédia e Dicionários Porto Editora.

¹¹⁸ ALMEIDA, Germano. Amor em tempo de cólera. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Lisboa, n. 718, p. 16-17, 22 abr.1998. Entrevista concedida a Rodrigues da Silva.

turismo, que se está a tentar implementar. Com todos os inconvenientes que isso tem.¹¹⁹

Aspectos financeiros e de ordem prática para a publicação de um livro, como a possibilidade de ter uma gráfica acessível, surgem nas discussões que permeiam as entrevistas do *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Para que o livro chegue ao público, existe uma série de percalços que precisam ser vencidos. Essa situação parece ficar ainda mais difícil em um país cercado por problemas de ordem social, como Cabo Verde.

Hélder Macedo

Helder Macedo [Krugersdorp/África do Sul, 1935]. Poeta, romancista, ensaísta, crítico literário, conferencista e professor universitário. Em 1960, radicou-se em Londres. Após o “25 de Abril de 74”, regressou a Portugal. Seu primeiro livro de poesia, *Vespéral* (1957), é publicado quando ele tem apenas 21 anos. Estreou na ficção com *Partes de África* (1991), mas foi o romance *Pedro e Paula* (1998) que lhe garantiu a consagração como romancista. Sua colaboração quase sempre de caráter ensaístico encontra-se em publicações como *The Times Literary Supplement*, *Modern Language Review*, *Graal*, *Colóquio-Letras*, *O Tempo e o Modo*, *Hidra I*, *Nova Renascença*, *Expresso*, *JL*, *Diário de Lisboa*, *Diário de Notícias*.

No caso da entrevista de Hélder Macedo ao *JL*, a pergunta do entrevistador anuncia uma possível influência da obra *Nome de Guerra*, do escritor português Almada Negreiros (1893-1970), no romance *Partes de África* (1991), do entrevistado, o que causa certa estranheza em Macedo, que responde tecendo elogios a Almada e invocando outros escritores canônicos como Camões, Pessoa, Sterne, Machado de Assis e Cesário:

“JL” – A frescura da tua prosa, que dir-se-ia ainda em cueiros – mas uns cueiros sábios que se chega e não de que se parte... –, lembra-me, às vezes, a prosa do “Nome de Guerra”. É não pequena parte da energia que permeia todo o livro e que, por isso, tanto nos seduz. Parece-te imprópria a aproximação?

H.M. – Impróprio seria eu concordar com ela! Não tinha pensado nisso. Sabedoria em cueiros... É a mais difícil, exige primeiro o tal honesto estudo com longa experiência misturado de que falava o

¹¹⁹ ALMEIDA, Germano. Amor em tempo de cólera. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Lisboa, n. 718, p. 16-17, 22 abr.1998. Entrevista concedida a Rodrigues da Silva.

Camões, e depois a tal aprendizagem em desaprender de que falava o Caeiro. O Almada, quer o soubesse quer não, jogava na mesma equipa que o Machado de Assis e o Sterne, e alguns desses outros magníficos senhores de que falávamos há pouco. É também a equipa em que eu gostaria de alinhar, nem que fosse como suplente... Olha, tomara eu, tomara eu saber ver as coisas com a sábia inocência do Almada, com a inocente sabedoria do Cesário.¹²⁰

Helder Macedo explica os motivos que fizeram com que só aos cinquenta e cinco anos, depois de mais de trinta anos de carreira, o autor pudesse estrear na ficção. Aponta as dificuldades impostas pela censura em Portugal para a publicação de romances. E deixa clara sua capacidade, enquanto escritor de sucesso, de transitar pelo ensaio, poesia e romance:

“JL” – Aos 21 anos, o Helder estreia-se na poesia, aos 40 no ensaio, aos 55 no romance [em 91, com “Partes de África”]. Por que só então no romance?

H.M. – Tinha escrito romances antes. E contos também. Simplesmente, não era possível publicá-los, com a censura em Portugal. Escrevi-os já em Londres, sem as peias que havia cá. O que significava, por um lado, que estava livre para escrever o que quisesse e, por outro, não livre para publicar em Portugal, que era onde queria publicar. Mas sobre a sua pergunta, digamos que há pessoas que entram na terceira idade, eu decidi entrar na terceira carreira: a de romancista.¹²¹

O autor Helder Macedo inscreve uma pequena reflexão sobre o romance *Partes da África* (1991) nas páginas do *JL*. Ao tratar do enredo, deixa registradas algumas características da obra: tom pessoal, forma de meditação e presença da reconciliação como tema principal:

“JL” – Este romance de agora – *Partes de África* – parece-me que é muitas coisas ao mesmo tempo. [...]

H.M. – [...] *Partes da África* [...] é uma meditação sobre a Lei. E também, num registo mais pessoal, uma homenagem, uma conversa entre dois adultos que a morte de um e o envelhecimento do outro tornaram quase da mesma idade: o pai e o filho. É uma obra de reconciliação. [...]¹²²

¹²⁰ MACEDO, Helder. O império revisado. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Lisboa, n. 488, p. 8-9, 12 nov. 1991. Entrevista concedida a Eugénio Lisboa.

¹²¹ MACEDO, Helder. Ser português à distância. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Lisboa, n. 717, p. 6-7, 8 abr. 1998. Entrevista concedida a Rodrigues da Silva.

¹²² MACEDO, Helder. O império revisado. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Lisboa, n. 488, p. 8-9, 12 nov. 1991. Entrevista concedida a Eugénio Lisboa.

Por meio da exposição de Helder Macedo, podem ser compreendidas algumas das ideias que o escritor tem referentes à criação das personagens. Considera que existe certa “autonomia” das personagens a partir de um determinado momento do processo de escrita. Além disso, o escritor mostra o desafio que foi construir a personagem feminina Paula, de *Pedro e Paula* (1998):

“JL” – Uma das coisas mais interessantes de “Pedro e Paula” é o momento como você, autor, se mistura com as personagens. Ou é cúmplice delas. Acontece, porém, que é muito mais cúmplice do elemento feminino (como, aliás, já confessou quando do romance anterior). Diga lá a razão dessa maior cumplicidade com as mulheres.

H.M. – Há duas questões na sua pergunta. Vamos à primeira: uma coisa que acontece a qualquer romancista é que, a certa altura da escrita, as personagens adquirem uma identidade própria. De início, o autor pode decidir delas, mas, a partir de certa altura, se se está a ser verdadeiro na criação, as personagens dão luta, dizem “não, não; isso não faço”. Eu decidi lidar com esse problema pondo as personagens em quase diálogo comigo, autor. Quanto ao elemento feminino, sim. Para mim um dos interesses nesta exploração foi o de tentar entender, tão por dentro quanto um homem heterossexual o consegue, um comportamento feminino. [...] Nesse contexto, a personagem inventada de Paula tornou-se de tal modo real que eu fiquei a desejar conhecer a rapariga. E aí joguei com todas as ambiguidades, explorando esse fascínio crescente de – enquanto homem e autor dessa personagem – ter começado a dialogar com ela.¹²³

O prazer resultante da apreciação artística serve como tema para que Helder Macedo reflita sobre o modo como gostaria que seu romance fosse recebido pelos leitores:

“JL” – [...] Como gostarias que o teu livro fosse lido?

H.M. – Acima de tudo, que fosse lido com prazer. O único pecado mortal, em arte, é ser chato. E talvez não só em arte... E, se através desse prazer, qualquer percepção – como dizes – a “três dimensões” sobre o que somos agora – todos nós, os ex-colonizados e os ex-colonizadores – clicasse na mente das pessoas, melhor ainda. [...] ¹²⁴

¹²³ MACEDO, Helder. Ser português à distância. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Lisboa, n. 717, p. 6-7, 8 abr. 1998. Entrevista concedida a Rodrigues da Silva.

¹²⁴ MACEDO, Helder. O império revisado. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Lisboa, n. 488, p. 8-9, 12 nov. 1991. Entrevista concedida a Eugénio Lisboa.

Por meio das entrevistas concedidas por Helder Macedo ao *JL*, vêm à tona informações que ajudam na compreensão do que o autor entende por literatura e de como o fazer literário é construído por ele.

3.2 Autores entrevistados com nome iniciado pela letra H a N

Helena Marques

Helena Marques [Carcavelos/Cascais/Portugal, 1935]. Jornalista e ficcionista. Só tardiamente se dedicou à ficção, ao publicar, em 1992, *O Último Cais*, distinguido com quatro prêmios literários (Prêmio Revista Ler/Círculo de Leitores, Grande Prêmio de Romance e Novela da Associação Portuguesa de Escritores, Prêmio Máxima de Revelação e Prêmio Bordalo de Literatura da Casa da Imprensa) e alcançando grandes tiragens em Portugal. *O Último Cais* foi traduzido para alemão, búlgaro e romeno.

Helena conta que o espaço que ganha relevância no romance *O Último Cais* (1992) é a Ilha da Madeira. A autora escolheu viver em Lisboa, mas guarda recordações da infância passada nesse local. A presença da Ilha da Madeira como cenário ficcional nasce de um sentimento pelas pessoas que habitaram os primeiros anos de vida da escritora:

“JL” – Para si, o espaço ilha é um mero lugar geográfico ou algo mais do que isso?

H.M. – É muito mais. Ninguém se liberta de uma ilha. Eu decidi deixar a Madeira e viver em Lisboa e não estou nada arrependida. Lisboa é a minha terra hoje em dia, o sítio onde eu gosto de estar. Vou ainda à Madeira esporadicamente porque tenho lá a minha mãe. Mas a Madeira já não me diz nada. A Madeira que eu guardo, que me marcou e que viverá comigo até ao fim é a Madeira da minha infância – a cidade onde cresci, onde viveram os meus pais. E os meus avós, as figuras marcantes da minha vida. A Madeira faz parte de mim, não consigo me libertar.¹²⁵

A escritora mostra uma atitude mais próxima da crítica feminista. Acredita que homens e mulheres apresentam posturas distintas na escrita literária, principalmente quanto se trata de descrever o amor:

¹²⁵ MARQUES, Helena. Helena Marques. Trabalho do coração. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Lisboa, n. 537, p. 10-11, 20 out.1992. Entrevista concedida a Maria João Martins.

“JL” – Disse que as histórias de amor contadas pelos homens são diferentes. Sinto isso ao ler o seu livro. Mas, mais concretamente, em que consiste esta diferença?

H.M – É difícilimo entrar no espírito, no corpo e nas sensações de uma pessoa, a menos que haja realmente uma relação muito forte. No caso do Marcos e da Raquel, havia essa relação muito forte, havia essa identificação física. As pessoas não se descobrem num mês nem num ano e muito menos sexualmente. Não há experiência sexual que se revele totalmente em meia dúzia de meses. Normalmente, quando um escritor conta uma história de amor que acontece entre as suas personagens, não terá obrigatoriamente essa experiência prolongada e profunda. É evidente que isto também se pode aplicar a uma mulher escritora. De qualquer modo, como os homens têm sido, por tradição, os donos da literatura, as imagens que nos chegaram são muito falsificadas. Os homens que descrevem actos de amor que resultam imediatamente à primeira vez é completamente falso. Isso pode acontecer excepcionalmente, mas está demonstrado clínica, psicológica e afectivamente que não é possível que o par humano se realize num encontro fortuito. [...] ¹²⁶

Novamente aparece uma pergunta nas entrevistas do *JL* questionando a presença de elementos biográficos na construção do romance. Agora é a vez de Helena Marques responder a essa interrogação pensando na obra *Deusa* (1994):

“JL” – Voltando à “Deusa” e apesar desse seu aparte sobre a “experiência própria”, o livro não tem nada de biográfico?

H.M. – Nada, mas este sentimento de que lhe falei comecei-o a sentir a partir de certa altura da minha vida com o Rui, que tem quase a minha idade (tem menos um ano). E perturbou-me muitíssimo. [...] Foi o que eu e o Rui sempre dissemos um ao outro: “No dia em que gostares de outra pessoa, tudo bem. As pessoas são civilizadas...” Mas a morte não é isso. Transcende-nos, ultrapassa a nossa vontade. ¹²⁷

As etapas vencidas da seleção do tema até o envio da versão final do livro à editora são comentadas pelos escritores nas páginas do *JL*. No caso de Helena Marques, a autora relata a importância de ter a crítica literária Maria Lucia Lepecki como sua primeira leitora do romance *O Último Cais* (1992):

“JL” – Sendo ‘O Último Cais’ o seu primeiro romance, pode-se dizer que foi longamente pensado e trabalhado?

¹²⁶ MARQUES, Helena. A angústia da morte numa mulher feliz. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Lisboa, n. 624, p. 12-13, 14 set. 1994. Entrevista concedida a Rodrigues da Silva.

¹²⁷ MARQUES, Helena. A angústia da morte numa mulher feliz. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Lisboa, n. 624, p. 12-13, 14 set. 1994. Entrevista concedida a Rodrigues da Silva.

H.M. – Foi. Foi um livro muito pensado, muito amadurecido. Fiz um esboço num entusiasmo lento, que são duas coisas diferentes. Foi um livro muito intenso que puxou muito por tudo o que tenho cá dentro, mas lentamente. Depois de fazer a primeira fase do livro, digamos que o primeiro esboço, mostrei a um pessoa de quem sou muito amiga e por quem tenho grande respeito como crítica, que é a Maria Lucia Lepecki. Ela estava de partida para Cabo Verde [...] e eu dei-lhe o livro mesmo na véspera de ela partir. Para meu espanto, passadas aí umas duas semanas, recebi carta dela a dizer-me “o teu livro é envolvente”, e a seguir apontava uma série de defeitos sobre os quais tinha toda a razão. [...] Trabalhei: houve coisas que pouco mudei, outras foram totalmente refeitas, e essa palavra da Maria Lúcia foi de grande importância. [...] Tenho uma grande confiança na Maria Lúcia. [...]¹²⁸

Como se nota, as entrevistas do *JL* divulgam os pormenores do trabalho do escritor, suas angústias, a insegurança frente a um novo livro. O romance não nasce pronto: é necessário muito trabalho e dedicação por parte dos escritores.

Hélia Correia

Hélia Correia [Lisboa, 1949]. Licenciada em Filologia Românica, foi professora do ensino secundário. Uma das colaboradoras mais ativas do suplemento “Juvenil”, do *Diário de Lisboa*. Poetisa e dramaturga, mas foi enquanto ficcionista que Hélia Correia revelou-se como um dos nomes mais importantes e originais da década de oitenta, ao publicar, em 1981, *O Número dos Vivos*. A sua escrita para teatro tem sido levada aos palcos por várias companhias de Lisboa.

Em entrevista para o *JL*, Hélia Correia relata que iniciou seu trabalho como escritora nos moldes da poesia, entretanto, o contato com a produção de Herberto Helder teve grande impacto sobre seu modo de ver a literatura. Um sentimento de desencontro frente à escrita poética fez com que a autora se voltasse exclusivamente para a ficção:

“JL” – No princípio, você escreveu, sobretudo, poesia e foi por aqui que a qualidade da sua escrita começou a ser notada. Depois houve um grande silêncio aqui e ali interrompido. Será que a poesia se mudou, no seu caso, de armas e bagagens para dentro dos livros de ficção que hoje escreve?

¹²⁸ MARQUES Helena. Helena Marques. Trabalho do coração. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Lisboa, n. 537, p. 10-11, 20 out. 1992. Entrevista concedida a Maria João Martins.

H.C. – Hoje muito raramente escrevo poesia. Cheguei a fazer uma ediçãozinha muito marginal nos Quatro Elementos Editores. Acho que o que aconteceu comigo foi o seguinte: eu comecei por escrever muita poesia e depois deu-se uma catástrofe na minha vida, que foi ler o Herberto Helder. E hoje tenho o distanciamento suficiente para dizer que é uma descoberta que quase pode matar uma pessoa. Até fiz textos para cantigas na euforia que se seguiu ao 25 de Abril. Foi importante para me enriquecer e para tomar a medida certa das coisas no meio de tanta cegueira e insensatez. Depois voltei outra vez para dentro de mim, andei a tactear, a tactear na prosa e acho que agora me sinto um pouco mais encontrada. [...] ¹²⁹

O leitor do *JL* pode acompanhar as idas e vindas na escrita do romance *A Casa eterna* (1991) e o fecho quase mágico que a autora impõe ao processo, quando se refere à autonomia das personagens ao adquirirem “vida”:

“JL” – E esses instantes e esses capítulos foram longos e descontínuos? Impôs-se uma disciplina, um ritmo de trabalho?

H.C – O livro levou bastante tempo a ser escrito, porque foi várias vezes interrompido. No princípio eu tinha só a ideia de um homem que regressa a casa ao fim de muito tempo. Depois, fiz uma pausa de quase um ano para ir falar grego no “Édipo”. Fiquei de tal maneira cansada que estive quase um ano a descansar. Depois peguei no livro num Verão e apareceram novas personagens. Foi-se completando assim o puzzle narrativo. As personagens ganharam autonomia suficiente para entrarem e saírem. ¹³⁰

O dia a dia da escritora, algumas dificuldades que permeiam o trabalho de Hélia Correia, como as interrupções sofridas na escrita do romance *A Casa eterna* (1991), servem de tema para a formulação de perguntas da entrevista do *JL*.

Inês Pedrosa

Inês Pedrosa [Coimbra/Portugal, 1962]. Iniciou muito jovem uma carreira jornalística, desde logo reconhecida pela atribuição de vários prêmios. Como jornalista, tem desenvolvido trabalho especialmente na área cultural das mais prestigiadas publicações portuguesas – como no *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, no semanário *Expresso* e na revista *Ler* –, para além de ter sido diretora da edição portuguesa da revista *Marie Claire* entre 1993 e 1996. É também autora e apresentadora de vários

¹²⁹ CORREIA, Hélia. Hélia Correia: o eterno retorno. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Lisboa, n. 462, p. 8, 14 maio. 1991. Entrevista concedida a José Jorge Letria.

¹³⁰ CORREIA, Hélia. Hélia Correia: o eterno retorno. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Lisboa, n. 462, p. 8, 14 maio 1991. Entrevista concedida a José Jorge Letria.

programas culturais no rádio e na televisão. Estreou como ficcionista em 1992, com o romance *A Instrução dos Amantes*, livro que mereceu excelente recepção por parte do público. Em 1997, o seu segundo romance, *Nas Tuas Mãos*, foi vencedor do Prêmio Máxima de Literatura.

Tratando do jornalismo, Inês Pedrosa enaltece a importância de se publicar na imprensa. Relata que guarda seus textos jornalísticos para, quem sabe um dia, aproveitar as ideias contidas neles em alguma criação literária:

“JL” – O que ia perguntar a seguir liga-se com isso: reconheço neste livro os seus textos, ou vice-versa. Quanto a certos artigos, não; tendem para o excesso de adjectivos. Mas o que me parece é que está aqui o melhor do seu jornalismo.

I.P. – Isso é outra grande vantagem dos computadores. Agora, até guardo os textos que faço para o jornalismo. Porque já que as pessoas têm a teoria de que os textos de jornal são para deitar fora, e são, eu devo dizer com a maior das frontalidades: se tiver uma brilhante ideia que tenha aproveitado para um texto jornalístico, se tiver uma frase muito boa, vou lá buscá-la com a maior descontração. [...]¹³¹

Inês Pedrosa enfatiza a importância da opinião de outros autores, editores e familiares para a publicação de um romance. A escritora vê como algo positivo essa troca de experiências durante o processo de formulação de uma obra:

“JL” - Demorou muito a escrever o livro.

I.P. – Demorei. Já há muitos anos que andava com intenções de escrever um livro. Assim, a escrever de seguida comecei há uns três anos e tal. O problema foi o da reescrita: mostrei-o ao Cardoso Pires, ao Fernando Dacosta, ao Alçada Baptista, ao Mega Ferreira (e ao editor Nelson Matos, que me fez uma revisão preciosa). Depois fiz uma última versão, com remates de toda a gente. Acho que um livro também serve para isso, sou bastante amiga de qualquer deles e penso que esta é uma forma de partilhar. Para mim, o facto de ter estado a trabalhar num livro em que muita gente deu opinião, e é óbvio que também o meu marido acompanhou, é reconfortante. De facto, tenho a sorte de ter um grupo de amigos excepcional, divertimo-nos imenso juntos, vamos juntos para todo o lado. E, depois, olho para eles e são todos brilhantes...¹³²

Com a resposta da escritora portuguesa Inês Pedrosa, são conhecidas personagens importantes que colaboraram para que o romance *A Instrução dos Amantes*

¹³¹ PEDROSA, Inês. “Acho que acrescento alguma coisa”. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Lisboa, n. 515, p. 8-10, 19 maio 1992. Entrevista concedida a Dóris Graça Dias.

¹³² PEDROSA, Inês. “Acho que acrescento alguma coisa”. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Lisboa, n. 515, p. 8-10, 19 maio 1992. Entrevista concedida a Dóris Graça Dias.

(1992) chegasse às livrarias. A autora cita nominalmente escritores atuantes na década de 1990: Cardoso Pires, Fernando Dacosta, Alçada Baptista, Mega Ferreira e o editor Nelson Matos.

Jacinto Rego de Almeida

Jacinto Rego de Almeida [Alcanhões/Santarém/Portugal, 1942]. Ficcionista e cronista. Em 1968, ainda jovem oficial da Armada como protesto contra o regime de Salazar, foi exilar-se no Brasil. Anistiado em Abril de 1974, regressou a Portugal e ingressou nos quadros do Ministério dos Negócios Estrangeiros. Foi, então, nomeado para o posto de adido econômico na Embaixada de Portugal em Brasília, após alguns anos de exercício das mesmas funções no Rio de Janeiro. Foi, durante anos, colaborador regular do *JL* com a crônica “Carta do Brasil”. Publicou o seu primeiro livro, a coletânea de contos *As Palavras e os Atos*, no Brasil, em 1987, posteriormente editado em Portugal com o título *O Afiador de Facas* (1988). O seu primeiro romance é uma narrativa de ficção policial intitulada *Crime de Estado* (1998).

Para Jacinto Rego de Almeida é feita uma pergunta a respeito do romance policial, mais especificamente o motivo da escolha desse formato narrativo para o romance *Crime de Estado* (1998). Depois de apontar algumas razões provenientes da ascensão da chamada cultura de massa, o autor detém-se nas preferências do leitor contemporâneo. Almeida acredita que o romance policial, por se tratar de uma fórmula já conhecida pelas pessoas, alcança um êxito maior de aceitação:

“JL” – Por que, agora, um romance policial?

J.R.A. – Nós podemos perceber que a partir dos anos 70 se atenua cada vez mais a distinção, a fronteira, entre a chamada alta cultura, a cultura erudita e a cultura de massas ou cultura popular. E no mundo contemporâneo a cultura de massas transformou-se na cultura dominante. E isto, a meu ver, contribuiu para valorizar o romance policial. Também a citação ou o pastiche têm ocupado um espaço maior em relação à ênfase que era dada à originalidade na criação literária. O tema já conhecido ou a estrutura já experimentada trazem um prazer adicional ao leitor, e isto aplica-se muito bem ao gênero policial porque se trata justamente de uma estrutura muito popular e conhecida. Também, a meu ver, há pontos de contacto entre a tragédia grega, que faz parte do inconsciente da nossa cultura, e a investigação criminal. Ambos buscam a verdade. [...]¹³³

¹³³ ALMEIDA, Jacinto Rego. Um romance *noir*. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Lisboa, n. 735, p. 8, 2 dez. 1998.

Em outra pergunta da entrevista, Jacinto Rego de Almeida aponta alguns traços do enredo de *Crime de Estado* (1998) onde é possível relacionar à obra com o gênero romance policial e o romance *noir*:

“JL” – O que é *Crime de Estado*?

J.R.A. – É um romance policial, ou melhor, um romance *noir*. A sua narrativa inclui crime e investigação, situações indefinidas e um pressentimento de desastre, como é habitual neste género literário. A sua acção decorre em Portugal e num país africano imaginário; em grande parte passa-se no meio diplomático, que conheço muito bem. Os seus personagens são detectives privados, antigos informadores da PIDE, prostitutas e diplomatas, aventureiros e banqueiros internacionais. O narrador é um detective privado, o dr. Mário Lisboa, formado em Direito. É uma narrativa ágil, lê-se num fôlego.¹³⁴

Jacinto Rego de Almeida demonstra pensar na recepção do público leitor ao escolher o gênero policial para estruturar seu romance *Crime de Estado* (1998) por ser um gênero valorizado e popular, na sua opinião, ao gosto dos leitores contemporâneos.

João Aguiar

João Aguiar [Lisboa, 1943 - 2010]. Jornalista e escritor. Licenciou-se em Jornalismo pela Universidade Livre de Bruxelas. Viveu alguns períodos fora de Portugal, em Moçambique, na Bélgica (1966-1969), em Angola, onde cumpriu o serviço militar (1969-1974), e na Holanda (1974-1976). Como jornalista, trabalhou no jornal *O Comércio* e na Emissora Oficial de Angola, em Luanda, e, em Lisboa, na Rádio e Televisão Portuguesa, nos jornais *A Luta*, *Diário Popular*, *O País* e *Diário de Notícias*, e nas revistas *Nova Imagem* e *Sábado*. Em 1984, estreou como romancista com *A Voz dos Deuses*.

Aguiar afirma a presença de algo do autor na configuração das personagens, todavia essa parte autobiográfica mescla-se ao universo da ficção, tornando difícil estabelecer uma separação entre esses dois polos:

¹³⁴ ALMEIDA, Jacinto Rego. Um romance *noir*. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Lisboa, n. 735, p. 8, 2 dez. 1998.

“JL” – O escritor cria sempre personagens que têm qualquer coisa de autobiográfico?

J.A. – Sempre. Mas as personagens nunca são retratos. Ninguém pode dizer que me conhece porque analisou as personagens centrais dos meus livros. No caso de “Os Comedores de Pérolas”, há muito de mim naquela figura que ficionei. Não é um livro autobiográfico, visto que os factos são inventados. Todavia, é difícil dizer o que há do meu olhar na personagem. E também não o quero mostrar.¹³⁵

Por sua vez, em *Os Comedores de Pérolas* (1992), escolhe Macau como cenário por ver na região algo bem particular em relação aos demais lugares que passaram pelo processo de fim do domínio português:

“JL” – O que o atraiu, particularmente, em Macau para suscitar a criação de “Os Comedores de Pérolas”?

J.A. – Muitas coisas. Há em Macau uma dimensão diferente ao nível da chamada diáspora portuguesa, que igualmente vivi em Angola. Os horizontes são abertos, e as pessoas, mais ligadas. Por outro lado, aquela zona do mundo é muito bonita e muito diversa de Hong Kong, o que caracteriza bem as distintas maneiras de estar portuguesa e inglesa. Além disso, senti aquilo a que chamo, no livro, a “angústia sorridente” dos últimos anos sob a bandeira de Portugal.¹³⁶

João Aguiar mostra-se preocupado com a reação do público, com as vendas de seus livros e com a opinião dos críticos.

“JL” – Isso afectou-o muito?

J.A. – Não, porque a partir do momento em que publicamos, temos de nos habituar a levar na cabeça. Se não temos esse *fair play*, então será melhor mostrarmos as obras apenas aos amigos, que dirão maravilhas, e ficaremos felizes. Mas não sou, de facto, indiferente à reacção do público. Gosto e quero que os meus livros sejam vendidos, lidos e, de preferência, apreciados.¹³⁷

Com o romance *Os Comedores de Pérolas* (1992), João Aguiar passa a integrar o conjunto de escritores da década de 1990 que elegem o tema do colonialismo. A História de Portugal e de suas ex-colônias despertam interesses nos autores desse período.

¹³⁵ AGUIAR, João. João Aguiar: um adeus a Macau. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Lisboa, n. 541, p. 16-17, 17 nov. 1992. Entrevista concedida a Maria Leonor Nunes.

¹³⁶ AGUIAR, João. João Aguiar: um adeus a Macau. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Lisboa, n. 541, p. 16-17, 17 nov. 1992. Entrevista concedida a Maria Leonor Nunes.

¹³⁷ AGUIAR, João. João Aguiar: um adeus a Macau. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Lisboa, n. 541, p. 16-17, 17 nov. 1992. Entrevista concedida a Maria Leonor Nunes.

José Eduardo Agualusa

José Eduardo Agualusa¹³⁸ (Huambo/Angola, 1960). Escritor de ascendência portuguesa e brasileira. Em 1975, começou a estudar Silvicultura e Agronomia em Lisboa, no entanto, acabou por abandonar os estudos para se dedicar ao jornalismo e à literatura. Membro da União dos Escritores Angolanos colaborou em numerosos jornais e revistas como o *Expresso*, o *Semanário*, o *África Jornal* e o *Público*. Alguns de seus livros publicados: *A Conjura* (1989), *D. Nicolau Água-Rosada e Outras Estórias Verdadeiras e Inverossímeis* (1990), *Coração dos Bosques* (1991), *A Feira dos Assombrados* (1992), *O Ano em que Zumbi Tomou o Rio* (2002) e *O Vendedor de Passados* (2004). O romance *Nação Crioula*, vencedor do Prêmio RTP, em 1997, confirmou-o como uma das mais importantes vozes da literatura africana de expressão portuguesa. Entre outros prêmios que recebeu, constam o Grande Prêmio Gulbenkian de Literatura para crianças (2002) e o XII Prêmio “Independent” de Ficção Estrangeira (2007). Com o romance *O Vendedor de Passados*, foi o primeiro angolano laureado com o prêmio do Reino Unido.

Para José Eduardo Agualusa, o efervescente ambiente histórico fornecido pelo século XIX em Angola torna-se um elemento gerador de ficção. Essa história mantém-se viva e é possível de ser estudada por meio dos jornais da época, daí a imprensa ter um papel importante no registro desse tempo:

“JL” – Há alguma razão para essa paixão? Há um *leitmotiv* que propiciou esse fascínio pelo século XIX angolano: os seus heróis e os seus símbolos?

J.E.A. – Há uma razão muito profunda mesmo. É no século XIX que mergulham as raízes da nossa angolanidade. Eu dei-me conta disso de facto quando comecei a ler os jornais do século passado. Eu costumo chamar a atenção para este facto: entre 1880 e 1900 há mais jornais dirigidos por angolanos, em Angola, do que entre 1900 e a época actual. Então, começando a ler estes jornais, é quase um complexo e um imenso romance. É uma sociedade pequena e fechada, e os jornais falavam uns dos outros. Ao fim de algum tempo, uma pessoa encontra-se imersa neste mundo e é difícil resistir a ele. É um mundo fascinante: de pequenas intrigas – é verdade –, mas, ao mesmo tempo, de grande complexidade social. Por exemplo, uma coisa que me apaixona muito é a miscigenação em termos culturais. Na altura,

¹³⁸ Fonte: Infopédia – Enciclopédia e Dicionários Porto Editora.

Luanda era uma sociedade propícia a isso e com histórias interessantíssimas.¹³⁹

O romance *A Feira dos Assombrados* (1992) encerra um ciclo de admiração pelo século XIX angolano, exposto na obra de José Eduardo Agualusa. Esse sentimento nasce pela leitura de jornais que retratam a época. Na obra se apresenta Angola vivendo anos de grande agitação social:

“JL” – “A ‘Feira dos Assombrados’ perfaz deste modo o ciclo ficcional que “A Conjura” inaugura, abordando sempre o tema a que poderíamos chamar o protonacionalismo angolano?”

J.E.A. – É. É de facto o fim de uma trilogia. É o último livro. Não me sinto tentado a escrever mais sobre esta época. É o fim de um grande fascínio que eu tive pelo século XIX, que começou com a leitura dos jornais que se faziam na época, meados do século XIX. Fiquei extremamente cativado, apaixonado por esta época, e os três livros são resultado dessa paixão.¹⁴⁰

O que chama a atenção nas palavras de José Eduardo Agualusa quando perguntado o que é ser um escritor africano em terras portuguesas é sua explicação para o interesse dos leitores portugueses pela literatura africana. O escritor afirma que a qualidade literária impera na decisão de se comprar uma obra vinda da África:

“JL” – O que é ser escritor africano, no teu caso angolano, em Portugal?

J.E.A. – [...] Hoje, os editores, quando publicam um escritor africano, fazem-no porque acreditam nele, na sua capacidade de interessar o público. Essa é uma atitude muito mais saudável, evidentemente. Acho que há interesse pela boa literatura. Acho que, quando as pessoas compram o Mia Couto, não o fazem fundamentalmente porque ele é moçambicano, mas porque sabem que vão ter prazer em ler Mia Couto. Não é por ele ser moçambicano, é porque é um homem que maneja a língua portuguesa de uma forma genial. Penso que essa é a razão por que essas pessoas agora e hoje lêem escritores africanos. Evidentemente, no caso de Portugal existe outra afinidade cultural. De alguma maneira, os portugueses continuam fascinados por África; isto existe, isto está dentro do imaginário português, é fatal, os jornais sabem disso: quando há notícias de África de língua portuguesa, as pessoas compram mais jornais. Por exemplo: o Fernando Dacosta, que nisso é um escritor exemplar, o seu último livro vai nesta direcção. E

¹³⁹ AGUALUSA, José Eduardo. “Angola é uma ilha”. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Lisboa, n. 549, p. 11-12, 12 jan. 1993.

¹⁴⁰ AGUALUSA, José Eduardo. “Angola é uma ilha”. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Lisboa, n. 549, p. 11-12, 12 jan. 1993.

não é só o caso do Fernando Dacosta. Há escritores portugueses que voltaram literariamente a África, muitas vezes com o pretexto da guerra colonial, como o caso do excelente Manuel Lamas, o caso da Lúcia Jorge, o caso de outros escritores portugueses cuja paixão por África é evidente, é um pretexto para regressar ao espaço físico e cultural que persiste no seu imaginário.¹⁴¹

José Eduardo Agualusa faz uma explanação sobre o contexto literário das literaturas de Língua Portuguesa, discutindo o lugar da África na produção dos escritores africanos e portugueses e a postura dos leitores diante de obras que vêm de lá.

José Saramago

José Saramago [Azinhaga/Golegã, 1922 - Lanzarote/Ilhas Canárias/Espanha, 2010]. Prêmio Nobel de Literatura em 1998. Com um curso em serralharia mecânica (1939), vai, ao longo dos anos, repartir a sua atividade profissional pela tradução, a direção literária e de produção numa editora, as colaborações várias em jornais e revistas, destacando-se a função de crítico literário que manteve na *Seara Nova*, o trabalho no “Suplemento Literário” do *Diário de Lisboa* e o cargo de diretor-adjunto do *Diário de Notícias*, 1974-75. Tendo iniciado a sua carreira nas letras em 1947, com o livro *Terra do Pecado*, é em 1980, com o romance *Levantado do Chão*, que José Saramago produz aquilo a que já se convencionou chamar o seu “primeiro grande romance”.

Saramago reflete sobre as grandes questões norteadoras de sua obra. Consegue resumir toda a sua produção a partir de dois pontos essenciais para o ser humano: a vida e a morte. A escrita surge como uma missão, uma tentativa de colaborar para tornar o mundo um lugar melhor:

“JL” – Que grande modéstia. Não é dessas grandes questões essenciais que tratam sempre os seus livros? Questões essas que, no fundo, têm que ver com uma única: a vida e a morte?

J.S. – Aí está. Se calhar, as grandes questões essenciais são uma ou duas: Viver, por quê? E morrer, por quê? É mais fácil responder à segunda pergunta. Porque tudo tem que morrer, mas viver? Por quê? E para quê? E ainda viver como? São coisas que me preocupam. Nesta altura, poderia estar tranquilamente a gozar o sol, as praias e as montanhas de Lanzarote. Longe deste mundo. Feliz. E podem

¹⁴¹ AGUALUSA, José Eduardo. “Angola é uma ilha”. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Lisboa, n. 549, p. 11-12, 12 jan. 1993.

perguntar por que escrevi um livro tão duro [“Ensaio Sobre a Cegueira”], que não recua diante de nada. A minha resposta é esta: eu estou bem, mas o mundo não está. [...] ¹⁴²

Em outra entrevista ao *JL*, Saramago fala de sua postura diante do tema da morte:

“JL” – Falou há pedaços da idade e que chegou da vida que viveu e sobre a qual admite escrever. Tem medo da morte?

J. S. – Não tenho. Aos 17 ou 18 anos tornou-se-me evidente a consciência da morte. Isso causou-me um terrível abalo, sofri isso muito a sério, em certos momentos ficava paralisado por essa ideia de a minha vida ter de acabar. Mas como veio, passou; foi, talvez, mais um processo de nascimento, de descoberta do mundo, e a partir daí vivi perfeitamente em paz com essa ideia. E o que é mais curioso é que nesta altura da vida – daqui a quinze dias faço 69 anos, estou quase septuagenário.... – (risos) tenho uma grande serenidade de espírito, o que talvez se explique por ter uma vida a que se pode chamar feliz. O que tenciono é viver os anos que ainda tiver para viver, poucos ou muitos, com meu trabalho, a minha mulher, serenamente. Às vezes digo que quem morre com 20 anos morre na sua velhice e não sabia. Se podendo ter morrido aos 20 anos eu puder acrescentar pelo menos ainda mais 50, é quase uma eternidade! ¹⁴³

Uma “meditação sobre a falsidade, sobre o vazio”, é assim que Saramago descreve o tema da obra *O Evangelho Segundo Jesus Cristo* (1991). O autor explica começando pela hipótese da não existência de Deus, passando pelo fato de Jesus, assim, não ser filho de Deus e culminando na afirmação que toda a civilização conhecida como judaico-cristão estaria alicerçada sobre algo então não existente:

“JL” – O Saramago disse uma vez que toda a sua obra era uma meditação sobre o erro. Agora mais do que nunca?

J.S. – Este livro é, de facto, uma meditação total sobre o erro. E neste caso não é um simples erro de interpretação sobre um facto histórico. Mais do que sobre um erro, pode-se dizer que é uma meditação sobre uma falsidade, sobre o vazio. Se Deus não existe, Jesus não pode ser seu filho; toda a sua civilização, chamada judaico-cristã, assenta sobre o nada. ¹⁴⁴

¹⁴² SARAMAGO, José. José Saramago. O escritor vidente. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Lisboa, n. 653, p. 15-17, 25 out. 1995. Entrevista concedida a Maria Leonor Nunes.

¹⁴³ SARAMAGO, José. José Saramago: “Deus é o mau da fita”. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Lisboa, n. 487, p. 8-10, 5 nov. 1991. Entrevista concedida a José Carlos de Vasconcelos.

¹⁴⁴ SARAMAGO, José. José Saramago: “Deus é o mau da fita”. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Lisboa, n. 487, p. 8-10, 5 nov. 1991. Entrevista concedida a José Carlos de Vasconcelos.

Saramago relaciona o surgimento do romance *O Ensaio sobre a cegueira* a problemas de saúde ocorridos com seus olhos, um fato biográfico que teria colaborado para a construção da história ficcional:

“JL” – É curioso que venha falar de uma cegueira colectiva quando vivemos cada vez mais entre imagens. O que o levou a escrever este romance?

J.S. – Averiguar as razões por que escrevi este livro é algo que, provavelmente, não está ao meu alcance. Poder-se-ia dizer que surgiu como uma espécie de ressonância de uma experiência difícil, já que tive um deslocamento da retina no olho direito e, depois, uma catarata no olho esquerdo...¹⁴⁵

Mais do que contar histórias aos leitores, Saramago vislumbra tocar em questões extremamente importantes para o ser humano em seus livros:

“JL” – Neste caso de “Ensaio Sobre a Cegueira”, a estranheza é tanta que as pessoas perguntam quase instintivamente: mas é um romance?

J.S. – É como se tivesse uma quantidade de coisas para dizer e houvesse em mim uma espécie de costela pedagógica. Provavelmente, não terá muito sentido aos olhos das outras pessoas, mas penso que aquilo que me preocupa certamente preocupa os outros. Sobretudo os meus leitores, para que a minha função como escritor não seja apenas – e este ‘apenas’ não é redutor – a de contar histórias bem contadas. No fundo, é como se andasse na vida e, nesta altura, ainda mais preocupado com umas quantas questões essenciais, que podem parecer presunçosas...¹⁴⁶

José Saramago, ao falar do romance *Ensaio Sobre a Cegueira* (1995), demonstra o desejo de dar aos seus leitores mais do que histórias. Saramago amplia a função do escritor literário, da literatura na vida das pessoas, passando a ter como objetivo discutir intrínsecas para o ser humano e colaborar para tornar o mundo um lugar melhor.

Júlio Moreira

¹⁴⁵SARAMAGO, José. José Saramago. O escritor vidente. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Lisboa, n. 653, p. 15-17, 25 out. 1995. Entrevista concedida a Maria Leonor Nunes.

¹⁴⁶SARAMAGO, José. José Saramago. O escritor vidente. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Lisboa, n. 653, p. 15-17, 25 out. 1995. Entrevista concedida a Maria Leonor Nunes.

Júlio Moreira [Lisboa, 1930]. Ficcionista. Viveu em Cabo Verde de 1944 a 1946 e, no Brasil, de 1968 a 1971. Colaborou nos periódicos *& Etc*, suplemento do *Jornal do Fundão*, “Suplemento Literário” do *Diário de Lisboa* e *Cadernos Brasileiros* e tem contos publicados na revista *Escritor*. Seu romance *A Barragem* (1993) venceu o Prêmio PEN Club. É ainda autor de livros didáticos e de ficção para crianças e adolescentes, entre os quais, *A Grande Viagem dos Homens* (2010) e *O Dia Claro* (2011).

Na opinião do escritor, a literatura permite que o autor tenha uma qualidade de vida maior que as pessoas comuns, pois o trabalho de escrever traz benefícios psíquicos:

“Jornal de Letras” – Que motivação o leva à escrita?

J.M. – É um impulso antigo. Ainda na escola primária, tive uma professora que prezava muito a redacção, e ganhei vários prêmios... Portanto, a literatura acompanhou-me sempre e funciona como um factor de equilíbrio e de compensação. De certo modo, faz-se evitar os tranqüilizantes, que as pessoas consomem em larga escala...¹⁴⁷

Constantemente, os entrevistadores do *JL* buscam informações a respeito de características dos romances que lhes chamam a atenção. Por exemplo, *A Barragem* (1993), de Júlio Moreira, não apresenta marcas de tempo e espaço de forma evidente. Assim, o autor é convidado a tratar do assunto:

“JL” – Isto é visível em “A Barragem”. A sua narrativa recorta uma realidade sem referências espaciais e temporais? Por quê?

J.M. – Não me preocupa que os sítios que descrevo existam numa determinada área geográfica. Misturo todas as minhas memórias num universo que vou construindo. De resto, não tenho uma intenção específica quando começo a escrever um objecto literário. Parto, em geral, de um clima. Depois, as coisas adquirem uma dinâmica própria, e eu entro no jogo com as personagens, com os lugares que invento.¹⁴⁸

Júlio Moreira comenta a situação vivida pelo gênero romance. De acordo com o autor, observa-se uma supremacia do audiovisual na época contemporânea, e, nesses tempos de mudança, a obra literária passa a ser vista como um produto:

¹⁴⁷ MOREIRA, Júlio. À queima-roupa sobre o narrador. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Lisboa, n. 574, p. 12-13, 6 jul. 1993. Entrevista concedida a Maria Leonor Nunes.

¹⁴⁸ MOREIRA, Júlio. À queima-roupa sobre o narrador. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Lisboa, n. 574, p. 12-13, 6 jul. 1993. Entrevista concedida a Maria Leonor Nunes.

“JL” – Mas acha que a forma literária do romance está esgotada, como alguns defendem?

J.M. – Quanto a mim, a crise da literatura de ficção tem duas vertentes. Por um lado, existe o primado do audiovisual, que reduziu a própria relação entre as pessoas de uma família à passividade de espectadores, enquanto a leitura passou a ter um papel insignificante. Por outro lado, as crises do romance ou de qualquer forma de expressão estética estão muito ligadas às crises históricas e económicas. A obra estética é o produto do grande ser biológico, a sociedade. A actual crise da literatura poderá ter a ver com estes factores. Mas há que sublinhar ainda que a escolha do objecto literário passa por uma indústria que tem como objetivo colocar e vender produtos.¹⁴⁹

Saber o que os escritores pensam da chamada “crise do romance” ou “crise da literatura” são interrogações que acompanham diversas entrevistas do *JL*. É a oportunidade de o autor falar o que pensa do cenário literário vivido durante a década de 1990. Alguns se mostram otimistas, outros mais pessimistas, alguns, como Júlio Moreira, entendem o fenómeno como algo ligado à economia e ao momento vivido pela sociedade.

Lídia Jorge

Lídia Jorge [Bolíqueime/Loulé/Portugal, 1946]. Romancista, contista e autora de peça de teatro. Licenciada em Filologia Românica. Professora em Lisboa e em África, para onde partiu em 1970. Ali viveu o marcante ambiente da Guerra Colonial, que mais tarde descreveria no romance *A Costa dos Murmúrios*. De regresso a Lisboa, continuou a atividade docente e, em 1980, publicou o romance *O Dia dos Prodígios*. A linguagem narrativa deste romance e do seguinte – *O Cais das Merendas* – remete à atmosfera do realismo mágico. A autora tem, entretanto, vindo progressivamente a adotar um tom mais realista, nomeadamente em *O Jardim sem Limites*.

Lídia Jorge atribui ao romancista um papel ativo nas mudanças sociais. Isso significa comprometer-se com a história que se constrói a cada dia, livrar-se de uma postura de exclusão e isolamento diante dos problemas do mundo:

¹⁴⁹ MOREIRA, Júlio. À queima-roupa sobre o narrador. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Lisboa, n. 574, p. 12-13, 6 jul. 1993. Entrevista concedida a Maria Leonor Nunes.

“JL” – Como escritora, qual é a relação sobre o objeto a que dedica a sua atenção? Assiste para conhecer?

L.J. – Não me sinto como observadora. Acredito que no acto de escrever há uma parte de intervenção, que já não é política, mas de salvação da sociedade em termos globais e de uma antropologia que me parece estar em vias de uma alteração muito grande. A nossa modernidade foi criada sobre o romance e, como tal, o futuro terá de ser ainda filho do romance. Deste modo, o romancista, mais do que qualquer outra pessoa que trabalhe com os materiais da escrita, tem grandes responsabilidades. Ele faz um pouco de descoberta do mistério do mundo. Como cidadã, não só mergulho numa cultura, como mergulho numa História. Não consigo, nem quero, manter-me à margem desse comprometimento. Não podemos deixar que se perca o respeito pelo rosto do outro. Procuro, de facto, que a escrita assuma uma dimensão ética.¹⁵⁰

Quando convidada a classificar sua produção, as palavras de Lília Jorge demonstram sua adesão ao movimento neorrealista. Isso porque a autora vê em suas obras uma ligação entre a realidade e algo que está além do palpável. Ainda nesse sentido, a autora explica a diferença entre a escrita ficcional e os trabalhos de carácter filosófico ou ensaístico, baseando-se na ausência de um único tema gerador no caso da literatura e no fato de que na literatura nem tudo está dito e explícito para o leitor:

“JL” – Acha que é um bocado neo-realista?

L.J. – Eu acho que sim, porque o grande favor da narratividade é o salto no desconhecido traduzir um salto daquilo que é inefável, ou seja, estabelecer uma relação entre a parte que é escondida e a parte visível. Um assunto em si nunca conduz a isto, porque um assunto já traz todas as suas partes explícitas. Ora, aquilo que acontece e que é, no fundo, o último reduto de grande sentido da narratividade no final deste século parece-me a mim que é o oculto aparecer como um valor que depois se vem a explicar. Por isso eu nunca escrevi sobre um tema, não vou poder escrever sobre um tema. Um tema dá uma tese filosófica, dá um ensaio, mas a ficção é alguma coisa que eu diria que é tão gratuita que é profundamente séria. Talvez seja, de tudo, o mais sério.¹⁵¹

Na obra *O Jardim sem limites* (1995), de Lília Jorge, há uma forte referência ao cinema, ao universo da imagem. A autora atribui essa marca à própria configuração da sociedade contemporânea, que tem na imagem um de seus alicerces:

¹⁵⁰ JORGE, Lília. O rosto dos outros. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Lisboa, n. 656, p. 14-16, 6 dez. 1995. Entrevista concedida a Maria João Martins.

¹⁵¹ JORGE, Lília. “A ficção é o mais sério de tudo”. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Lisboa, n. 534, p. 8 12, 29 set. 1992. Entrevista concedida a Luís Almeida Martins.

“JL” – Há um aspecto no seu romance que me parece muito inovador: a forma como introduz o universo da imagem, extremamente importante na contemporaneidade. Há constantes referências ao cinema, por exemplo, e há uma reflexão sobre o papel da dita imagem na vida das gerações mais jovens.

L.J. – Eu quis fazer um livro sobre “A Fúria de Viver” acrescentada a um desejo grande de superação e de atingir os seus limites. Um dos pontos mais importantes da nossa civilização é o ser outro e ser superior a mim próprio, através da imagem. Aliás, a própria rapariga que acaba de morrer – a Susana Marina – também é isso. Não tenho dúvidas de que o facto do ser humano passar do redondo para o plano, como passaporte para um ser superior, é uma espécie de viver por delegação através da imagem. Ao mesmo tempo, está é a forma mais violenta de cada um se transformar no outro, de se submeter a estereótipos. É como se cada homem nascesse com o destino de procurar uma imagem que não a sua. É a própria falência do existencialismo.¹⁵²

Lídia Jorge trata do surgimento do romance *A Última Dona* (1992) como algo orgânico, um sentimento, uma necessidade intrínseca que motiva a escritora a debruçar-se sobre a construção dessa narrativa:

“JL” – Como é que nasceu “A Última Dona”?

L.J. – “A Última Dona” foi uma espécie de história, ou antes, uma fábula, ou parábola, que se impôs e que eu percebi que não era só isso. Tinha mais do que isso, tinha um sentido profundo, e o sentido foi para mim um desafio, desafio esse que eu achei tão importante que acabei por interromper o romance que estou a escrever para obedecer a esse impulso. Dediquei algum tempo a ceder a esse impulso e continuo contente por lhe ter cedido.¹⁵³

Para a autora Lídia Jorge, o escritor tem um papel primordial na formação de seus leitores:

“JL” – Para mim, o caso paradigmático de escritor que vivia da escrita e tinha um elo com o público é o Ferreira de Castro. Ele era, efectivamente, lido!

L.J. – Era importante. Aí é que está. Uma literatura é feita de escritores como o Ferreira de Castro e de escritores ao lado, como o Vergílio Ferreira, nesse tempo. E por escritores como foi o Namora e como foi a Agustina, na altura. Uma Literatura é feita com os escritores de vários naipes e dirigindo-se a vários universos. Repugna-

¹⁵² JORGE, Lídia. O rosto dos outros. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Lisboa, n. 656, p. 14-16, 6 dez. 1995. Entrevista concedida a Maria João Martins.

¹⁵³ JORGE, Lídia. “A ficção é o mais sério de tudo”. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Lisboa, n. 534, p. 8-12, 29 set. 1992. Entrevista concedida a Luís Almeida Martins.

me que uma literatura seja tão pretensiosa que só queria escrever para a elite e que confunda a grande projecção em número com má qualidade. Uma literatura é feita com uma diversidade de vozes. Por exemplo, eu acho que a Maria Velho da Costa (para falarmos de uma escritora de hoje) tem uma excelente qualidade e não me parece ter um público muito amplo. Ela preserva uma qualidade que se dirige a um grupo de pessoas, que não me parece que seja superior nem inferior à de escritores que estão a vender 60 e 70 mil exemplares. Eu sou contra a choraminguice dos escritores. Os escritores escolhem isto porque querem. Devemos é estar, na retaguarda, junto do público em geral. Eu suponho que os escritores tenham altivez suficiente para mostrarem que o são porque o querem e que é voluntariamente que se arriscam a este tipo de contingências. A contingência faz parte do nosso *métier*. [...]¹⁵⁴

Lídia Jorge, diferente de alguns escritores que se queixam da falta de leitores, vê no problema uma oportunidade para que o autor reflita sobre seu próprio trabalho. De acordo com a escritora, cabe ao autor posicionar-se diante da multiplicidade de leitores.

Manuel Alegre

Manuel Alegre [Águeda/Portugal, 1936]. Escreve poesia, ficção e memórias. Na sua obra, as temáticas da Guerra Colonial e do exílio são dominantes. O reconhecimento dos leitores e da crítica nasce com os seus dois volumes de poemas, *Praça da Canção* (1965) e *O Canto e as Armas* (1967). Estreia na ficção com *Jornada de África* (1989). Tem colaboração em muitos jornais e revistas: *A Poesia Útil*, *Seara Nova*, o suplemento do *Diário Popular* “Letras e Artes”, *Cadernos de Literatura*, *Jornal de Poetas e Trovadores* e *JL*.

Manuel Alegre defende o neorrealismo, mostrando respeito pelo movimento, apesar de afirmar estar mais próximo dos moldes românticos. Critica um suposto sentimento de aversão pelos escritores neorrealistas vistos em alguns setores da sociedade:

“JL” – Você é um romântico.

M.A. – Sim. Com uma propensão epopeica, digamos assim. Ou com a nostalgia da epopéia, como diz muito bem o Eduardo Lourenço. Mas tenho muito respeito por poetas e por escritores do neo-realismo. E há hoje uma coisa perversa, canalha, de ajuste de contas com o neo-realismo. Reabilitam-se poetas do fascismo e muito bem, se são

¹⁵⁴ JORGE, Lídia. “A ficção é o mais sério de tudo”. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Lisboa, n. 534, p. 8-12, 29 set. 1992. Entrevista concedida a Luís Almeida Martins.

grandes poetas. Mas parece que o maior de todos os crimes é ter sido neo-realista. Ou escritor ou poeta da resistência. Como se isso tivesse sido um pecado maior. Se uma pessoa defende certas posições de esquerda ou desfila no dia 25 de Abril pela Avenida da Liberdade, logo pessoas estimáveis e jornalistas com grande responsabilidade dizem: “Lá vai a frente neo-realista”. Acho uma coisa perversa, que começa a ser demais, com um carácter de ajuste de contas estético, de perseguição, de discriminação política.¹⁵⁵

O amor, tema universal que aparece em obras ao longo da história da literatura, é comentado por Manuel Alegre. O autor recorre às palavras de Camões para definir esse sentimento tão presente como tema no universo literário:

“JL” – Fala da paixão como um “exílio da casa do ser”. Em seu entender, o amor provoca essa desorganização tão extrema, capaz de interferir com a identidade do indivíduo?

M.A. – A primeira paixão mexe com o ser todo, embora todo o amor seja uma desorganização. Eu diria que é quase uma subversão do ser. É, ao mesmo tempo, um sentimento de festa e desespero. “É o fogo que arde sem se ver”, de que falava o Camões. Aliás, julgo que ninguém o definiu melhor do que ele. É, ao mesmo tempo, um supremo estrado de graça e de desgraça, marcado pela incerteza, pelo ciúme, pela angústia e, sobretudo, pela intuição da efemeridade, que, no entanto, também é a única hipótese de eternidade que se tem.¹⁵⁶

Como alguns escritores já trataram em entrevistas ao *JL*, Manuel Alegre explica o que ele chama de “autonomia” das personagens. O autor também é enfático ao afirmar que o romance *Alma* (1995) não é uma biografia, mas uma obra de ficção:

“JL” – Pois, e as cidades mudam mais depressa que o coração dos homens. Mas o miúdo, protagonista e simultaneamente narrador, chama-se Duarte Faria. Você, é óbvio, cujo nome completo é Manuel Alegre de Melo Duarte.

M.A. – E o meu pai é Faria. Faria de Melo Duarte. Mas isto não é uma biografia. Uma pessoa escrever a partir das suas vivências é um problema, porque as coisas são e não são. Começa-se a escrever e as personagens autonomizam-se. Nós próprios somos o autor, o narrador e, a certa altura, uma coisa qualquer. É assim. Quem ler o livro e conhecer aquelas pessoas reconhecerá algumas delas, mas elas são e não são. São uma transfiguração.¹⁵⁷

¹⁵⁵ ALEGRE, Manuel. Em busca do tempo perdido. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Lisboa, n. 654, p. 12-15, 8 nov. 1995. Entrevista concedida a Rodrigues da Silva.

¹⁵⁶ ALEGRE, Manuel. Um livro de saudades. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Lisboa, n. 734, p. 12-14, 18 nov. 1998.

¹⁵⁷ ALEGRE, Manuel. Em busca do tempo perdido. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Lisboa, n. 654, p. 12-15, 8 nov. 1995. Entrevista concedida a Rodrigues da Silva.

Manuel Alegre fala sobre o livro *A Terceira Rosa* (1998), classificando-o como um ensaio sobre a paixão. Cita a influência de Camilo Castelo Branco e Bernardim Ribeiro para a formulação do romance:

“JL” – Li “A Terceira Rosa” como um livro em que a política surge quase diluída, como se fosse apenas o cenário de uma espantosa história de amor...

M.A. – Este é quase um ensaio sobre a paixão – a primeira paixão de que todas as outras são declinações, como dizia outro dia a Lúcia Jorge. A primeira paixão está marcada pela morte, pois constitui simultaneamente a revelação da vida em toda a sua plenitude e da morte, ou da perenidade. Houve dois livros que me marcaram muito: o “Amor de Perdição”, do Camilo Castelo Branco, e o “Menino e a Moça”, do Bernardim Ribeiro.¹⁵⁸

Mais uma vez aparece em uma entrevista do *JL* o tema das influências literárias. O autor Manuel Alegre enumera dois romances importantes da História da Literatura Portuguesa: “Amor de Perdição”, de Camilo Castelo Branco, e o “Menino e a Moça”, de Bernardim Ribeiro, como sendo fontes de referência para a escrita de seu livro *A Terceira Rosa* (1998).

Manuel Rui

Manuel Rui [Nova Lisboa (hoje Huambo), Angola, 1941]. Romancista, cronista, poeta, crítico e ensaísta. Licenciado em Direito pela Universidade de Coimbra. Colaborou ainda em Lisboa na revista *Mensagem* da Casa dos Estudantes do Império, no jornal *República* e no suplemento “Mosca” do *Diário de Lisboa*. Tem colaboração dispersa por várias publicações estrangeiras, nomeadamente o suplemento literário de *O Estado de São Paulo* e a revista *Svetová Literatura*, de Praga.

A cidade de Coimbra é citada na entrevista concedida ao *JL* por Manuel Rui. O escritor faz uma volta ao passado e elenca algumas figuras da literatura portuguesa que conviveram com ele durante o período da faculdade em Coimbra. Como se nota pela resposta de Rui, as Letras faziam parte do universo universitário:

“JL” – Quem era a sua geração, em Coimbra?

¹⁵⁸ ALEGRE, Manuel. Um livro de saudades. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Lisboa, n. 734, p. 12-14, 18 nov. 1998. Entrevista concedida a Maria João Martins.

M.R. – Sem querer ser ousado, tivemos na Faculdade de Direito uma geração muito, muito boa. Ideologias à parte, aí estão o José Manuel Mendes, o Lopes Dias, dos “Poemas Livres”, o Francisco Lucas Pires... Para fazer um bocadinho de antropologia cultural, seria bom ver o nosso livro de curso, onde vêm poesias dedicadas de uns aos outros. O Oscar Monteiro, que foi um dos líderes da Frelino, tem, na pagela dos terceiranistas, um poema que me é dedicado, onde fala dos milagres de porvir, que é isto que nós não sepultamos, mas assistimos.¹⁵⁹

Rui discute o significado do título do romance *Rioseco* (1997). O autor afirma que, apesar do nome, a obra trata quase exclusivamente do mar, que simboliza a busca constante por mudanças:

“JL” – A linguagem e a estrutura das 532 páginas deste seu longo romance, *Rioseco*, são a metáfora de uma imensidão de metáforas, digamos, uma diáspora de falas e sabedorias?

M.R. – O romance chama-se *Rioseco*, mas quase só fala do mar. O mar é uma obsessão pessoal, uma constante: “Nada permanece que não seja / para a constante mudança / Que o diga o mar.” Respondendo mais directamente à pergunta: sim somos muitas línguas, muitas diferenças culturais. Ser país assim, multilinguístico e multicultural, é ser mais rico para a criatividade contra o nacionalismo tacanho, chauvinista, baseado quase só na raça e língua. Num país assim, sempre o real se decifra por ângulos cada vez mais diferentes e a própria comunicação é multicriatividade pelo que é essencial: o homem.¹⁶⁰

Manuel Rui, representando Angola, integra o conjunto de escritores africanos que são convidados a concederem entrevista ao *JL* para falar do lançamento de seus romances.

Maria Isabel Barreno

Ficcionista e ensaísta. Licenciada em Ciências Histórico-Filosóficas pela Faculdade de Letras de Lisboa. Conhecida pelo público como coautora das *Novas Cartas Portuguesas* – as outras são Maria Teresa Horta e Maria Velho da Costa –, obra que, em 1972, provocou repercussão na vida literária portuguesa.

¹⁵⁹ RUI, Manuel. O rio como metáfora. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Lisboa, n. 698, p. 14-15, 16 jul. 1997. Entrevista concedida a Zetho Cunha Gonçalves.

¹⁶⁰ RUI, Manuel. O rio como metáfora. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Lisboa, n. 473, p. 14-15, 16 jul. 1997. Entrevista concedida a Zetho Cunha Gonçalves.

Apontada como uma das responsáveis pela renovação da novelística portuguesa na transição dos anos 60 para os anos 70. Cronista e autora de textos de caráter ensaístico, dispersos por jornais e revistas nacionais e estrangeiros, foi também chefe de redação da edição portuguesa da revista *Marie Claire*.

Para Maria Isabel Barreno, não se mostra muito fácil a análise da própria produção literária. Utiliza a expressão “o escritor está sempre a escrever o mesmo livro” para retratar o seu percurso literário e de seus pares. Apesar da dificuldade em se autoanalisar, afirma que convivem em sua escrita dois gêneros: um realista, voltado a retratar a sociedade, e outro, mais perto da poesia, do fantástico:

“JL” – Considera o seu percurso romanesco pautado pela lógica e pela coerência?

M.I.B. – Há sempre uma lógica no percurso um escritor – o escritor está sempre a escrever o mesmo livro, uma vez que vem de uma mesma vivência que se vai expressando de formas diferentes. Todavia, não estou muito consciente dessa “lógica”, talvez porque não me interesse ser eu própria a fazer a análise dos meus livros, se bem que um aspecto particular da minha escrita me tenha saltado aos olhos: **“De Noite as Árvores São Negras”** é um romance realista, tenta retratar a sociedade num dado tempo – a sociedade em que vivi na altura em que o escrevi com tudo o que tinha de sufocante, preconceituoso, fechado, etc. Mas eu julgo existir em mim uma outra tendência, um género de prosa mais próximo do meu lado poético – comecei por escrever poesia, só que nunca publiquei –, uma prosa imaginativa na linha do fantástico, do especulativo.¹⁶¹

A metáfora presente no título do romance de Maria Isabel Barreno, *O Chão Salgado* (1992), ganha uma explicação por parte da autora. É a aridez, a solidão, a figura do deserto nos mais diferentes tipos de espaços, físicos e psicológicos, que remetem a essa imagem esboçada no nome do livro:

“JL” – Finalmente, falemos de *O Chão Salgado*. *O Chão Salgado*, por quê?

M.I.B. – No livro há um lugar que é um “chão salgado” e que foi tornado estéril para que nada mais ali mexesse e vivesse.

E isto é também, enfim, uma metáfora, relativamente a espaços que ficaram desertos e ninguém visita: espaços colectivos, espaços psicológicos afastados não só da vivência quotidiana mas até do próprio imaginário das pessoas. E assim regresso à literatura de tipo fantástico. Não que o livro tenha algo de muito marcadamente

¹⁶¹ BARRENO, Maria Isabel. Maria Isabel Barreno entre o realismo e o fantástico. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Lisboa, n. 509, p. 6-7, 7 abr. 1992. Entrevista concedida a Júlio Conrado.

fantástico, irrealista. Mas tem suficientes indícios que o impedem de ser “localizado” num tempo e espaço precisos. Há nele coisas que se podem aplicar ao tempo e à sociedade de agora, e há coisas que muito claramente remetem para um futuro. [...] ¹⁶²

Nas entrevistas do *JL*, os escritores deixam registradas suas visões em relação aos romances publicados. Trata-se de uma crítica feita pelo próprio criador da obra literária. São as ideias e os pensamentos que orientaram o autor no caminho de construção do livro.

Maria Ondina Braga

Maria Ondina Braga [Braga/Portugal, 1932 - 2003]. Romancista, cronista, poeta e tradutora. Ainda adolescente, muda-se para a Inglaterra, tendo aí concluído um curso superior de língua inglesa, e, em seguida, para a França. Em 1960, vai para Angola como professora do ensino secundário e, no ano seguinte, para Goa. A invasão do território pelos indianos obriga-a a ir para Macau. O contato com estes diversos mundos fornece à autora um conhecimento e uma experiência que lhe permitirão escrever as suas primeiras narrativas. Tem colaboração nos jornais *Diário de Notícias* e *Diário Popular*, *A Capital* e nas publicações *Panorama*, *Mulher*, *Colóquio*, *JL* e *Letras e Letras*.

Em relação à sua produção literária, Maria Ondina Braga comenta a preferência por escrever sobre a temática da alma, os sentimentos que envolvem o ser humano:

“JL” – É sobre as emoções que escreve?

M.O.B. – É mais sobre a alma das pessoas. Mais sobre o interior que sobre o exterior. Não costumo descrever muito. Antes falar dos sentimentos, dos medos, das paixões, dos sustos, dos pressentimentos. [...] ¹⁶³

Ao explicar sua opção pela palavra “nocturno” no romance *Nocturno em Macau* (1991), Maria Ondina Braga reflete sobre os próprios objetivos do romance e de toda a sua escrita:

¹⁶² BARRENO, Maria Isabel. Maria Isabel Barreno entre o realismo e o fantástico. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Lisboa, n. 509, p. 6-7, 7 abr. 1992. Entrevista concedida a Júlio Conrado.

¹⁶³ BRAGA, Maria Ondina. “Sou muito do silêncio”. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Lisboa, n. 473, p. 6-7, 30 jul. 1991. Entrevista concedida a Ana Paula Costa.

“JL – Que nocturno é este?”

M.O.B. – No dicionário de Moraes, entre outras definições, encontrei o seguinte: nocturno – um composição musical de caráter meditativo e vago. Achei que era a propósito. Todo o livro é uma meditação. Aliás, geralmente, o que eu escrevo. Vago porque tudo se vê e nada se chega a saber. Algumas personagens tomam rumos desconhecido.¹⁶⁴

Assim como o caso da entrevista de Maria Ondina Braga, os temas mais recorrentes na produção literária dos autores servem de motivo para a formulação de perguntas para os entrevistados pelo *JL*. É uma forma de fazer com que o autor reflita sobre sua trajetória na área das Letras.

Maria Roma

Maria Roma (pseudônimo de Maria José Sarmiento Freitas do Amaral) é autora de vários livros que versam sobre o universo das relações humanas.

Ao ser questionada sobre influências sofridas para a escrita do romance *Sorri, Francisca* (1990), Roma nega a existência de qualquer sentimento de preponderância de algum autor sobre sua obra. Entretanto, mostra-se uma admiradora de Rudyard Kipling (Bombaim, Índia, 1865 - Londres, Inglaterra, 1936). Enfatiza a qualidade das obras do autor cujas histórias têm como personagens crianças. Kipling é considerado pela crítica um dos grandes mestres do conto moderno:

“JL” – Ao fazer este romance, sentia-se influenciada por algum autor?

M.R. – Não. Nenhum em especial, mas por todos os que eu admiro. Acho que todos os autores que eu admiro me fascinaram. Eu acho que o máximo da observação criadora é isso mesmo: a gente observa, vai acumulando – e, tal como na observação, a gente sente isso, sente-o também nas leituras que nos marcaram. Eu sinto que houve realmente livros que me marcaram de uma forma espetacular. Sou uma apreciadora de Kipling: os livros infantis do Kipling são livros em que automaticamente a pessoa acumula qualquer coisa. A **Alice in Wonderland** para mim é um livro que me marcou imenso, não sendo propriamente o estilo que eu gostaria de seguir.¹⁶⁵

¹⁶⁴ BRAGA, Maria Ondina. “Sou muito do silêncio”. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Lisboa, n. 473, p. 6-7, 30 jul. 1991. Entrevista concedida a Ana Paula Costa.

¹⁶⁵ AMARAL, Maria José Freitas do. Maria Roma escreve deliciosamente feliz. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Lisboa, n. 428, p. 6-7, 18 set. 1990. Entrevista concedida a Luís Almeida Martins.

A autora indica a vontade de se firmar, realizar-se enquanto romancista, uma vez que se dedicava anteriormente somente a escrever para a imprensa:

“JL” – O que a levou a escrever este romance?

M.R. – Talvez um sentimento de necessidade de afirmação e de realização; talvez porque senti que estava com a mão preparada para o fazer. Eu, durante uns anos, escrevi no “Diário de Notícias” e tenho colaborado nestes últimos tempos na “Máxima” e, um dia, senti que a mão talvez estivesse feita para escrever um romance. E comecei, numa tarde de Junho, pura e simplesmente, sem nenhum esquema prévio, com uma personagem só, que era a Francisca, que eu não conhecia (não sabia os contornos dela) e que a pouco e pouco se foi afirmando, ela e as outras personagens todas, e a acção foi vindo devagarinho. Daí resultou o livro, que penso que preenche certos requisitos, porque conta uma história, o que eu acho que, em termos de romance, é importante. É importante o sentido lúdico.¹⁶⁶

Nas palavras de Maria Roma, quando o escritor se propõe a contar uma história, ele consegue atingir de forma adequada os leitores. Para a autora, a narrativa aparece como elemento capaz de cativar a leitura:

“JL” – O que a leva a considerar primordial o contar uma história?

M.R. – É importante porque não só para a pessoa que escreve é muito mais interessante, porque há o empenho que completa o empenhamento da interioridade da personagem (meter essa personagem numa vida possível e numa actualidade), como também é mais interessante para o leitor em termos de concentração da atenção. Vejo por mim. Eu leio livros de toda a sorte (tanto os surrealistas como...) mas se o livro me dá um encadeamento da acção torno-me mais feliz como leitora.¹⁶⁷

A questão a respeito da importância de se contar uma história no romance surge porque alguns romances da literatura contemporânea privilegiam as ideias, os conceitos e deixam de lado a narrativa tradicional.

Mário Cláudio

¹⁶⁶ AMARAL, Maria José Freitas do. Maria Roma escreve deliciosamente feliz. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Lisboa, n. 428, p. 6-7, 18 set. 1990. Entrevista concedida a Luís Almeida Martins.

¹⁶⁷ AMARAL, Maria José Freitas do. Maria Roma escreve deliciosamente feliz. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Lisboa, n. 428, p. 6-7, 18 set. 1990. Entrevista concedida a Luís Almeida Martins.

Mário Cláudio [Porto, 1941]. Pseudônimo literário de Rui Manuel Pinto Barbot Costa. Escreve poesia, romance, teatro, conto, crônica, novela, literatura infantil, ensaio, biografia. Escreveu textos de opinião e conferências e séries documentais para a televisão. Fez traduções, organizou antologias, prefaciou inúmeros novos autores e colaborou em mais de meia centena de diferentes jornais e revistas nacionais e estrangeiros nos últimos 30 anos. Tem ainda se empenhado na homenagem e divulgação de importantes figuras da cultura portuguesa (Nobre, Camilo, Aquilino, Eça), a par de algumas funções institucionais ligadas à Cultura, em especial a literatura.

Mário Cláudio trata dos comportamentos do escritor frente ao mercado editorial. Mostra-se contra uma postura por parte dos autores cada vez mais ligada à propaganda e aos interesses das editoras. Vê a literatura sob um ponto de vista romântico, como algo essencialmente artístico:

“JL” – Por outro motivo ainda, a profissionalização, tal como costuma ser encarada, não agrada particularmente a este homem de palavra brilhante e certa, que deixa transparecer em cada frase a longa reflexão dedicada aos temas essenciais, às pequenas e grandes coisas da existência e da literatura.

M.C. – Gosto imenso de viajar para conhecer lugares e pessoas, e não para estar atrás de uma mesa, com um ar solene, a dizer coisas sobre livros meus ou de outros autores. Acho que um autor tem a obrigação do diálogo, mas também tem o direito de não se deixar transformar em um títere do editor ou dos seus próprios livros. Não se deve fechar ao diálogo, mas tem o direito de não se render às coisas mundanas, evitando que isso lhe transforme a vida. É isso que eu não quero nem aceito.¹⁶⁸

Em outra resposta ao *JL*, demonstra que os rendimentos provenientes da venda de livros ainda são modestos em Portugal, que encarar a escrita literária como única profissão significa adotar um padrão modesto de vida:

“JL” – Quer o Mário Cláudio dizer que agora encara muito mais de frente a possibilidade de vir a profissionalizar-se como escritor? Acha que é possível ser escritor profissional hoje em Portugal?

¹⁶⁸ CLÁUDIO, Mário. Mário Cláudio: a tinta das virtudes. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Lisboa, n. 436, p. 8-9, 13 nov. 1990. Entrevista concedida a José Jorge Letria.

M.C. – É possível, se se estiver disposto a uma certa parcimônia, se disposto a aceitar uma vida pouco extravagante e não muito folgada. Nesse caso acho que é possível viver-se só do que se escreve.¹⁶⁹

Quando trata do contexto literário português, Mário Cláudio aponta a existência de duas literaturas: uma produzida no norte do país e outra no sul, que seriam literaturas complementares:

“JL” – Um tema que parece andar a fasciná-lo é o da oposição Norte-Sul no território nacional. Falemos disso. [...]

M.C. – Não sobre dúvida de que temos dois países diferentes, separados pelo sistema Montejunto-Estrela. As pessoas vivem, aí, em atmosferas indiscutivelmente diversas. Só no Norte é que surgem, na literatura, no cinema, nas artes plásticas, as personalidades “antenares”, que captam as coisas de uma forma difusa, com pouca preocupação em criarem geometrias de oposições marcadas, que antes concebem a realidade como uma tríade. Penso no Camilo, no Manoel de Oliveira, na Agustina Bessa-Luís, no Amadeo de Sousa Cardoso. E, evidentemente, no Pascoaes. São características, essas, que se costumam associar aos Celtas. Povo para quem, a par do claro e do escuro, existe um terceiro, a bruma. E, assim, como não pode pensar-se um Pascoaes a funcionar como poeta em Portimão, é inimaginável um António Sérgio em Vilar de Perdizes. E ainda bem que assim é. Ainda bem que temos uma literatura do Norte e outra do Sul. Não conflitantes, mas complementares. Há aí realmente diferentes frequências de onda. Mas ainda não atingimos o terceiro momento da tríade, que é a superação do Norte e do Sul.¹⁷⁰

O escritor Mário Cláudio comenta que, no romance *A Quinta das Virtudes* (1992), é o Estado Novo português que inspira a criação da obra. Um período conturbado na história do país, que é no livro retratado por meio da rotina de um casal de personagens:

“JL” – Há neste novo romance duas figuras centrais, uma masculina e uma feminina, que eu penso terem sido inspiradas na figura de seus pais. De resto, o Mário Cláudio afirmou algures que este é um romance protoautobiográfico. Estando essas figuras tão próximas de si, não correu o risco de se deixar envolver por elas demasiado no plano emocional?

M.C. – Quis que essas figuras fossem emblemáticas, mas tive o cuidado de não as caracterizar excessivamente para não revelar um excesso de afecto. A figura central deste meu livro, na realidade, é o período de cinco anos que o jovem casal vai viver e que é também o

¹⁶⁹ CLÁUDIO, Mário. Os clarins da memória. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Lisboa, n. 545, p. 10-11, 15 dez. 1992. Entrevista concedida a José Jorge Letria.

¹⁷⁰ CLÁUDIO, Mário. Traumas e paranoias. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Lisboa, n. 658, p. 14-16, 3 jan.1996. Entrevista concedida a Fernando Venâncio.

da consolidação de uma certa mentalidade do Estado Novo. No fundo, integrado nesse período, o jovem casal funciona na narrativa como um par de títeres, quase como robots, relativamente aos quais não há excesso de emoção. Penso, aliás, que o totalitarismo provocou precisamente isso: o medo das emoções e sensações. Eu próprio fui educado numa família onde as lágrimas eram proibidas.¹⁷¹

Mais uma vez a História de Portugal serve como pano de fundo para a escrita de um romance, desta vez é o livro *Peregrinação de Barnabé das Índias*. Romance lançado por Mário Cláudio na época de comemorações dos 500 anos dos Descobrimentos, viagem de Vasco da Gama à Índia e a viagem de Pedro Álvares Cabral ao Brasil. O livro de Mário Cláudio traz o tema a releitura da viagem de Vasco da Gama:

“JL” – Apesar de tudo isto não invalida outros aspectos, que têm a ver com a grandeza de Vasco da Gama.

M.C. – Alguma coragem – não tanta como aquela que lhe é atribuída, provavelmente -, uma grande ambição, indiscutivelmente, e também alguma inteligência política, que ele utilizou, sobretudo no fim da vida, suponho eu, depois de ter percorrido o deserto. A fase mais interessante da biografia de Vasco da Gama, para mim, é justamente essa, em que ele se terá encontrado com ele próprio. E esse é o encontro que o vai conduzir à própria morte. Talvez aí ele se tenha redimido de muitas das suas faltas, e tenha adquirido uma grandeza que em vida não teve.¹⁷²

Ao comentar detalhes sobre as etapas de criação da obra *As Batalhas do Caia* (1996), Mário Cláudio refere-se à influência que a escrita de Eça de Queirós, grande escritor português do século XIX, teve naquele momento:

“JL” – O tema deste seu romance, “As Batalhas do Caia”, é um magnífico achado.

M.C. – Era já um projecto antigo. Nasceu, imagine, em 1970. Eu tinha acabado de regressar da Guiné e vinha como se vinha de lá fisicamente degradado, psicologicamente muito perturbado. Embora já tivesse o curso e os estágios feitos, não tinha qualquer projecto, de advocacia ou de outra coisa. Sentia, sim, que não podia ficar num país onde, no próprio momento do meu desembarque, estava outro navio a carregar tropas. Era um país inabitável, em verdadeira autofagia. Foi com sentimento de desconforto e de vergonha que eu optei por sair. Quinze dias depois, estava em Inglaterra. E foi aí que, lendo “O

¹⁷¹ CLÁUDIO, Mário. Os clarins da memória. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Lisboa, n. 545, p. 10-11, 15 dez. 1992. Entrevista concedida a José Jorge Letria.

¹⁷² CLÁUDIO, Mário. Barnabé das Índias, um anti-herói. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Lisboa, n. 723, p. 17-18, 1 jul. 1998. Entrevista concedida a Rui Luis Romão.

Conde de Abranhos”, dou, em apêndice, com outro texto de Eça, “A Catástrofe”. Acabei-o em lágrimas. Não eram lágrimas patrióticas; era o sentir que o país estava ainda em estado de invasão. Invasão da hipocrisia, da maldade, da mesquinhez dos políticos. Uns anos mais tarde, surgiu-me a ideia de escrever o romance sobre o tema, que era a batalha do Caia. Lembro-me de ter falado, então, a duas pessoas desse projecto: ao Vasco da Moura e à Maria Alzira Seixo. A estrutura era completamente diferente da que tem hoje. Havia dois registos de escrita: a dum secretário fictício do Eça de Queirós e a do próprio Eça. Depois, o secretário desapareceu.¹⁷³

Algumas curiosidades sobre a escrita dos romances aparecem nas páginas do *JL*. Fica-se sabendo que foi graças ao fato de o escritor Mário Cláudio ter sido afastado de suas atividades no Museu de Literatura, permanecendo, assim, em sua casa por dois anos, que se criaram condições para a escrita do romance *A Quinta das Virtudes* (1992), uma obra que precisou de um longo trabalho de pesquisa.

“JL” – Um livro como “A Quinta das Virtudes”, por exemplo, exigiu circunstâncias muito especiais para ser escrito.

M.C. – “Este livro, de facto, nasceu de condições privilegiadas. O Museu de Literatura foi desactivado (foi este o verbo utilizado pela secretária de Estado da Cultura), e eu fiquei subitamente com um tempo inesperado e bem-vindo. Fui para casa e, durante dois anos, atirei-me positivamente à escrita do livro. Esse tempo de escrita foi precedido de um ano de pesquisa. Não tivesse havido essa circunstância privilegiada e não teria surgido um romance com esta extensão e esta capacidade de absorção”.¹⁷⁴

As palavras de Mário Cláudio expõem alguns problemas enfrentados pelos escritores, desde a falta de um reconhecimento financeiro, que motiva a dupla jornada, até a infinidade de compromissos sociais que estão obrigados a cumprir.

Mário Ventura

Mário Ventura [Lisboa, 1936 - Lisboa, 2006]. Jornalista e ficcionista. Concluído o liceu, entrou para a redação do *Diário Popular* (1958). Em 1975 entrou para a redação do *Diário de Notícias*. Fez também parte do quadro de redatores da revista *Seara Nova*.

¹⁷³ CLÁUDIO, Mário. Traumas e paranoias. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Lisboa, n. 658, p. 14-16, 3 jan. 1996. Entrevista concedida a Fernando Venâncio.

¹⁷⁴ CLÁUDIO, Mário. Mário Cláudio: a tinta das virtudes. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Lisboa, n. 436, p. 8-9, 13 nov. 1990. Entrevista concedida a José Jorge Letria.

Enviado especial do *Diário de Notícias* para Espanha, correspondente da imprensa espanhola em Portugal e editor para Portugal da prestigiada revista espanhola *Cambio 16*. A sua ficção, que se inicia a partir dos anos sessenta. Autor de volumosa e dispersa obra jornalística e literária, publicada em jornais e revistas, recebeu o Prémios Pen Clube e Cidade de Lisboa em 1986 e, novamente, Pen Clube em 1991.

Tendo em vista a longa experiência de Mário Ventura como jornalista, uma das perguntas encontradas no *Jornal de Letras, Artes e Ideias* tem como tema a contribuição que o jornalismo forneceu ao escritor para a criação de suas obras literárias:

“JL” – A prática do jornalismo durante largos anos que contributo lhe trouxe à ficção?

M.V. – Uma certa prática da escrita regular, talvez. Mas são escritas muito diferentes. Como sabe, a escrita jornalística caracteriza-se pelo facto de estar sempre sujeita à urgência. O livro não. É uma tarefa laboriosa, não me sai de jacto. No caso, o original que se publicou é já o terceiro. O que prevalece é o lado humano das coisas. Continuo a gostar de escrever histórias sobre as pessoas, talvez porque, no jornalismo, o meu primeiro trabalho foi uma notícia sobre um enforcado. Nos livros, é esse interesse pelas pessoas que também sobressai.¹⁷⁵

A respeito do romance *Évora e os Dias de Guerra*, lançado em 1992, Mário Ventura responde ao *JL* sobre o processo de construção da narrativa. O escritor seguindo a diretriz de diversos romances da década de 1990 utiliza um tema ligado à história de Portugal:

“JL” – “Évora e os Dias de Guerra” foi um livro longamente pensado?

M.V. – Foi bastante pensado, até pela sua natureza histórica. É um romance com pano de fundo histórico, mesmo que, depois, se dê outra interpretação aos factos. A epígrafe de Rodrigues Lobo (“Nas histórias verdadeiras cada um mente conforme lhe convém”) não é ocasional. Tudo decorre em torno de uma batalha (a do Ameixial), extraordinária como acontecimento militar porque representava já uma luta desesperada para ambos os lados. As personagens que se movimentam neste acontecimento são, no entanto, intemporais. São os que, na sombra, contrariam a causa portuguesa.¹⁷⁶

¹⁷⁵ VENTURA, Mário. O lisboeta ocasional. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Lisboa, n. 505, p. 5, 10 mar. 1992. Entrevista concedida a Maria João Martins.

¹⁷⁶ VENTURA, Mário. O lisboeta ocasional. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Lisboa, n. 505, p. 5, 10 mar. 1992. Entrevista concedida a Maria João Martins.

O jornalista e escritor deixa clara sua postura em relação ao entendimento do que seja um romance histórico. A palavra-chave para a utilização de fatos históricos na escrita de obras de ficção, segundo seu ponto de vista, é interpretação:

“JL” - E onde é que mente conforme lhe convém?

M.V. – Na interpretação que faço das personagens. No entanto, duvido muito de que haja uma verdade histórica no sentido da neutralidade e da imparcialidade total. Julgo que é impossível, hoje, colocarmo-nos na pele de um cronista do século XVII.¹⁷⁷

Com *Évora e os Dias de Guerra* (1992), de Mário Ventura mais um romance histórico é publicado durante os anos 90 em Portugal. Na obra um confuso e angustiado cronista relata à sua maneira o que houve durante o período em que a cidade portuguesa de Évora se manteve sitiada. Mais do que um simples relato de fatos, o romance é um testemunho das fraquezas e crueldades da natureza humana.

Mia Couto

Mia Couto¹⁷⁸ [Beira/Moçambique, 1955]. António Emílio Leite Couto é escritor e jornalista. O seu primeiro livro, *Raiz de Orvalho* (poemas), foi publicado em 1983. Seguiram-se, entre outros, *Vozes Anoitecidas* (1986), livro de contos com que estreou na ficção e que foi premiado pela Associação de Escritores Moçambicanos; *Cada Homem é uma Raça* (1990), *Cronicando* (1988), livro de crônicas; *Terra Sonâmbula* (1992), o seu primeiro romance; *Estórias Abensonhadas* (1994), *A Varanda do Frangipani* (1996), *Contos do Nascer da Terra* (1997), *Vinte e Zinco* (1999) e *Um Rio Chamado Tempo, Uma Casa Chamada Terra* (2002). Em 2001, em Portugal, Mia Couto recebeu na Fundação Calouste Gulbenkian o Prêmio Literário Mário António (prêmio atribuído a escritores africanos lusófonos ou escritores timorenses, de três em três anos) pela sua obra *O Último Voo do Flamingo*.

Couto assinala ao *JL* que existe uma dificuldade em o escritor conseguir se concentrar para produzir sua arte, desligando-se dos afazeres cotidianos e compromissos sociais:

¹⁷⁷ VENTURA, Mário. O lisboeta ocasional. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Lisboa, n. 505, p. 5, 10 mar. 1992. Entrevista concedida a Maria João Martins.

¹⁷⁸ Fonte: Infopédia – Enciclopédia e Dicionários Porto Editora.

“JL” – [...] Queria perguntar-te como é que consegues manter uma produção literária proficiente numa altura bastante adversa à criação artística.

M.C – Tudo isto é feito à custa de uma grande luta. Alguém dizia que à volta do escritor tudo se organiza como um complot para que ele não escreva. Os principais agentes deste complot são aqueles que nos amam: a família, os amigos. No caso de Moçambique há outras forças que nos afastam da escrita, como seja a profissão, a necessidade de ganhar a vida. É aqui onde faço a minha luta de esquiwa, mas minhas opções profissionais se fazem para que eu tenha este tempo.¹⁷⁹

Questionado sobre como se sente em terras portuguesas, o escritor moçambicano invoca as raízes históricas entre Moçambique e Portugal para mostrar seu estrito relacionamento com o país:

“JL” – Acabas de receber o Prémio Vergílio pelo conjunto da tua obra. [...] A pergunta não é uma, são duas: a primeira é banal: como te sentes com este prémio no currículo? A segunda é mais difícil: moçambicano, embora, sentes-te em Portugal como quê?

M.C – Começado pela resposta mais simples, direi que este prémio me deu grande felicidade. [...] A segunda questão é complicada. É que aqui sou estrangeiro, mas não sou estranho. Encontro aqui grande parte das minhas raízes. [...]¹⁸⁰

O escritor Mia Couto, no romance *Terra Sonâmbula* (1992), opta por falar sobre um movimentado período vivido em Moçambique: a época da guerra colonial. A História mais uma vez surge como “pretexto” para o trabalho literário dos anos 90:

“JL” - O teu livro narra várias histórias de uma história a decorrer em Moçambique. A falta de distância não era um perigo em relação às contradições que caracterizam o nosso presente?

M.C. – No fundo, neste livro, há um personagem que indo à procura da paz percorre os terrenos agredidos pela guerra. A história é um pretexto para uma incursão nos subterrâneos de uma nação que foi profundamente perturbada. [...] É preciso dizer que eu não estou a fazer a defesa da guerra, mas, para entender este conflito que existiu em Moçambique, é necessário levantar algumas questões que não são explicitamente do domínio político.¹⁸¹

¹⁷⁹ COUTO, Mia. Mia Couto: disparar contra o tempo. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Lisboa, n. 549, p. 9-10, 12 jan. 1992.

¹⁸⁰ COUTO, Mia. Antes de tudo, a vida. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Lisboa, n. 742, p. 7-9, 10 mar. 1999. Entrevista concedida a Rodrigues da Silva.

¹⁸¹ COUTO, Mia. Mia Couto: disparar contra o tempo. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Lisboa, n. 549, p. 9-10, 12 jan. 1992.

A história do país, neste caso os fatos ocorridos em Moçambique, ajuda a entender o sugestivo nome *Vinte e zinco* (1999). O romance aborda a formação da identidade do país:

“JL” – *Vinte e zinco* é o título do teu próximo romance, a lançar por ocasião e a propósito do 25 de Abril. Deixa-me adivinhar: o zinco (e não o cinco) é o zinco dos telhados das casas pobres dos bairros periféricos do Maputo?

M.C. – Já leste o livro, esta visto.

JL – Não. Não li. Vivi foi dois anos em Moçambique.

M.C. – Mas é isso mesmo. O livro surgiu porque o Zeferino [Coelho] me contactou a pedir para eu fazer parte de uma colecção de histórias sobre o 25 de Abril. Respondi-lhe que o 25 de Abril não é uma data nossa, de Moçambique. Só indirectamente. O nosso 25 é outro, o de Junho [de 75], a data da independência. O Zeferino disse que isso não fazia mal, porque assim a colecção até tinha outros pontos de vista, e eu comecei a construir uma história, na qual a personagem diz: “O nosso 25 ainda está para vir, por isso este é o vinte e zinco, porque eu ainda continuo a morar numa casa de madeira e zinco”. O título tem a ver com isto e com o modo como o 25 de Abril foi vivido em Moçambique. Não como uma data de ruptura, como aqui, porque lá a ruptura só se dá um ano e pouco depois.¹⁸²

A profissionalização do autor surge como assunto em uma das perguntas feitas a Mia Couto. Assim como pontuado por Mário Cláudio, o escritor comenta as dificuldades de se viver exclusivamente da escrita. A manutenção de um ritmo constante de publicações fica prejudicada pela necessidade de se ter outra profissão.

Natália Correia

Natália Correia [Fajã de Baixo/São Miguel/Açores, 1923 - Lisboa, 1993]. Estabeleceu-se em Lisboa com a mãe e a irmã aos onze anos, quando o pai emigrou para o Brasil. Foi poeta, dramaturga, romancista, ensaísta, tradutora, jornalista, roteirista e editora. O seu primeiro romance, uma narrativa infantil, *Grandes Aventuras de um Pequeno Herói*, surgiu em 1946. Nesse mesmo ano, começa a escrever poesia. Publicou numerosos livros, datando o último - *O Sol nas Noites e o Luar nos Dias* – do ano da sua morte. Correia recebeu, em 1991, o Grande Prêmio de Poesia da Associação Portuguesa de Escritores pelo livro *Sonetos Românticos*.

¹⁸² COUTO, Mia. Antes de tudo, a vida. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Lisboa, n. 742, p. 7-9, 10 mar. 1999. Entrevista concedida a Rodrigues da Silva.

A escritora vai buscar elementos que ultrapassam os fatos ocorridos no cotidiano para escrever seus livros:

“JL” – Este seu livro, sendo um texto ficcional, alimenta-se também de um referencial poético e da permanente reflexão filosófica. É isso que faz a singularidade da sua escrita?

N.C. – Não sei se a minha escrita é singular. Só lhe sei dizer que ela é impulsionada pelo desejo de uma visão da totalidade. Ambição que tem de contentar-se em procurar responder às provocações mitopoéticas, existenciais, estéticas e sóficas pelas vias do sentir, da gnose, do imaginal, do solidarismo, da antropologia do erotismo integral e da espiritualidade até patente numa ciência que abandona o caminho do poder para seguir o do saber. [...] ¹⁸³

Quando questionada sobre uma aproximação entre a obra poética *Sonetos Românticos* (1990) e o romance *As Núpcias* (1992), Natália confirma de forma irônica que existe uma cumplicidade visível nos livros, fruto de serem escritos pela mesma autora:

“JL” – Temporalmente, existe proximidade entre “Sonetos Românticos” e “As Núpcias”?

N.C. – [...] Fundamentalmente, o que devo responder à sua pergunta é o seguinte: na minha escrita, o encontro dos géneros em que ela se desdobra é inevitável porque a fonte é a mesma. ¹⁸⁴

Natália Correia procura dar um sentido de totalidade para a sua escrita ficcional, assim, lança mão dos mitos, da filosofia, da espiritualidade, da antropologia a fim de que, dessa forma, suas obras possam cumprir uma função mais completa na sociedade.

3.3 Autores entrevistados com nome iniciado pela letra O a Z

Orlando da Costa

¹⁸³ CORREIA, Natália. Natália Correia: em paz com os deuses. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Lisboa, n. 519, p. 8-9, 16 jun. 1992. Entrevista concedida a Maria Leonor Nunes.

¹⁸⁴ CORREIA, Natália. Natália Correia: em paz com os deuses. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Lisboa, n. 519, p. 8-9, 16 jun. 1992.

Orlando da Costa [Lourenço Marques (hoje Maputo), 1929 - Lisboa, 2006]. Poeta, ficcionista e dramaturgo. Passou a infância e a adolescência em Goa. Licenciado em Ciências Histórico-Filosóficas pela Faculdade de Letras de Lisboa. É como ficcionista – e com o romance *O Signo da Ira* – que o seu nome alcança sucesso literário.

Em entrevista ao *JL*, Costa, escritor moçambicano, responde sobre a condição de se sentir parte do universo português. Para o escritor, a condição de ser português está intimamente ligada ao exercício literário em língua portuguesa:

“JL” – [...] o Orlando da Costa é moçambicano de nascimento, goês de família, mas acaba por ser português por opção. Quando é que se sentiu capaz dessa opção?

O.C. – Em Lisboa eu nunca me dei apenas com estudantes goeses. Tinha o grupo da calirada, é verdade, mas abri-me a outros contactos, quer na Faculdade, quer na Casa dos Estudantes do Império, quer em pensões onde morei, e havia lá indianos, angolanos, moçambicanos. Misturei-me sempre muito com colegas de todo o lado e também daqui do Continente. Há colegas meus que, quando saíram da Faculdade, ficaram com um ou dois amigos; eu fiquei para aí com vinte. E não só com os da Faculdade, com amigos do Técnico, da Faculdade de Ciências, das lutas associativas. Mas a opção por ser português – português, de facto – só acontece com o exercício literário da língua. Em Goa eu falava português, mas também inglês e concanin.¹⁸⁵

A razão da presença da palavra “netos” no livro *Os Netos de Norton* (1994) é explicada pelo escritor ao *JL*:

“JL” – Vamos ao romance. Começemos pelo título (“Os Netos de Norton”). O Norton é, obviamente, o Norton de Mattos. Mas por que “os netos”?

O.C. – Norton de Mattos é uma baliza histórica para os personagens que, vindos do Ultramar, chegam a Portugal pouco antes da campanha eleitoral de 1949. Como a sua formação tendeu sempre para a esquerda, o grande impacto dessa campanha foi extremamente importante para a sua consciência de adultos. E até o fim da vida. Nenhum deles é filiado em partidos, mas todos eles fazem parte de uma esquerda generosa e utópica. São os netos de Norton porque, entre o general e eles próprios, há a geração dos pais deles. Mas esses pais não estão cá, estão longe.¹⁸⁶

¹⁸⁵ COSTA, Orlando da. Auspicioso regresso. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Lisboa, n. 609, p. 8-9, 8 mar. 1994. Entrevista concedida a Rodrigues da Silva.

¹⁸⁶ COSTA, Orlando da. Auspicioso regresso. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, Lisboa, n. 609, p. 8-9, 8 mar. 1994. Entrevista concedida a Rodrigues da Silva.

Dúvidas que possivelmente o leitor comum tenha em relação à escolha dos termos que formam os títulos dos romances aparecem nas perguntas dos entrevistadores do *JL*.

Paulo Castilho

Paulo Castilho [Matosinhos, Portugal 1944]. Fez os estudos primários e secundários entre a África do Sul, Hong-kong, Macau e Lisboa. Graduado em Direito, foi diplomata, Embaixador de Portugal em Estocolmo, Washington e Londres e membro do Conselho da Europa em Estrasburgo. Estreou como ficcionista, em 1983 com o romance *O Outro Lado do Espelho*, ao qual foi atribuído o Prêmio *Diário de Notícias*. Mas foi em 1989, com *Fora de Horas* (vencedor do Grande Prêmio de Romance e Novela da Associação Portuguesa de Escritores em 1990), que conquistou um lugar de destaque na ficção portuguesa contemporânea e sucesso junto do público.

O autor acredita que a existência de diversos Prêmios literários em Portugal seja algo positivo e que ajude a movimentar o mercado editorial no país. A premiação de um livro colabora para sua divulgação junto ao público leitor:

“JL” – Depreendo então que não é contra um alegado excesso de prêmios literários em Portugal...

P.C. – Repare: em Portugal edita-se muito. Para a dimensão do País edita-se talvez em excesso, mas as edições são pequenas. A divulgação dos escritores é relativamente reduzida – tirando meia dúzia de escritores com mais sucesso, é difícil a um escritor tornar-se conhecido. Os prêmios não só podem ajudar o leitor a optar por determinadas obras que de outro modo lhe passariam despercebidas, mas também criam uma certa animação em volta da literatura, além do estímulo material que eventualmente possam representar para o premiado. Por tudo isto, considero positiva a existência de prêmios literários.¹⁸⁷

Paulo Castilho vê na escolha da técnica narrativa que utiliza a primeira pessoa para a construção das quatro personagens principais do romance *Sinais Exteriores* como uma tentativa planeja pelo autor para conseguir aproximar o leitor do livro:

¹⁸⁷ CASTILHO, Paulo. A geração é um estilo. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Lisboa, n. 579, p. 6-7, 10 ago. 1993. Entrevista concedida a Júlio Conrado.

“JL” – Em “Sinais Exteriores” o narrador “fala”, na primeira pessoa, pelas quatro personagens principais. Houve alguma razão especial para escolher essa técnica?

P.C. – Neste livro, optei por uma técnica narrativa que foi pôr as quatro personagens principais a falar na primeira pessoa. É, claro, uma forma narrativa como qualquer outra e no fundo é o autor quem está a “falar” pelas quatro. Contudo, não é uma técnica inocente, utilizá-la traz determinadas consequências. E a principal consequência é procurar criar uma certa proximidade entre o leitor e o escritor, entre o leitor e o livro. É uma técnica que diminui as distâncias. Se em última análise se pode dizer que há sempre um narrador onisciente, na prática a produção concreta do texto é feita de forma que faz que cada personagem transmita apenas parte da realidade através de um ponto de vista sempre limitado.¹⁸⁸

A questão dos prêmios literários, o papel da imprensa, o marketing do livro são temas que fazem parte do universo do escritor e por isso são recorrentes nas entrevistas promovidas pelo *Jornal de Letras, Artes e Ideias*.

Pepetela

Artur Carlos Maurício Pestana dos Santos, pseudônimo de Pepetela¹⁸⁹ [Benguela/Angola, 1941]. Em 1958, partiu para Lisboa para ingressar no Instituto Superior Técnico, iniciando a sua atividade literária e política. Em 1962, partiu para a França e daí para a Argélia, onde se licenciou em Sociologia pela Universidade de Argel. Em 1985, tornou-se docente da Universidade de Angola e membro da Comissão Diretiva da União de Escritores Angolanos. Em 1997, foi homenageado com o Prêmio Camões, considerado o mais importante prêmio literário para autores de língua portuguesa.

Pepetela fala de algumas influências recebidas pela literatura angolana. Nas palavras do autor, a literatura angolana foi influenciada pela literatura produzida no Brasil e por autores da literatura norte-americana:

“JL” – Bem, na verdade, nós não conhecemos nas literaturas anglófona e francófona uma experiência igual à sua.

P. – Nós tivemos situações diferentes. Eu acho que há uma linha dentro da **literatura angolana** que vem do século passado, mas muito interna, interior à própria Angola. O nosso país teve uma colonização

¹⁸⁸ CASTILHO, Paulo. A geração é um estilo. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Lisboa, n. 579, p. 6-7, 10 ago. 1993. Entrevista concedida a Júlio Conrado.

¹⁸⁹ Fonte: Infopédia – Enciclopédia e Dicionários Porto Editora.

muito diferente dos países africanos. O que provoca uma língua diferente. Por exemplo, o que Luandino faz com a língua portuguesa em África nunca se fez com o francês ou o inglês. Aí, sem dúvida, que contribui a literatura do Brasil. Muito mais do Brasil que de Portugal. José Lins do Rego, Guimarães Rosa, Graciliano Ramos, Jorge Amado, etc. Nós conhecêmo-los antes de conhecer a literatura portuguesa moderna. Nos anos 57 e 58, chegavam a Angola normalmente. Por via destes chegávamos também aos norte-americanos. Steinbeck, John dos Passos, Hemingway, este, sobretudo, nos diálogos. Hemingway é dos escritores que mais admiro. Até a sua morte foi exemplar.¹⁹⁰

A necessidade de se ter uma profissão paralela ao trabalho de escritor se confirma na preocupação de Pepetela em voltar a atuar como Professor de Sociologia da Faculdade de Arquitetura da Universidade de Luanda. O reconhecimento e o sucesso de vendas de livros parecem não garantir, nesse momento, uma estabilidade financeira capaz de permitir que ele possa viver exclusivamente do ato de escrever:

“JL” – O seu projecto imediato como escritor é continuar a escrever. Vai regressar já a Angola?

P. – Sim, vou regressar. Imediatamente, vou ter que dar aulas a dobrar porque estive um ano fora e não havia substituto.¹⁹¹

Angola aparece no romance *Luegi*, de Pepetela, por meio dos símbolos que fazem referência à cultura do país.

“JL” – Na sua simbologia, recorre a animais, a estátuas ou máscaras. Haverá algum motivo particular para essa escolha?

P. – Isso é consciente. A cultura tradicional angolana é toda isso. São as forças da natureza, dos animais e depois as suas representações, máscaras, estátuas, etc. É fruto duma busca constante. Aparece agora no *Lueji*. A linha é a mesma: ir buscar à tradição as pedras fundamentais da angolanidade.¹⁹²

Nota-se uma relação direta entre a construção da história do país, a luta pela liberdade e o título do romance, neste caso, o romance *A Geração da Utopia* (1992):

¹⁹⁰ PEPETELA. Pepetela, um constructor da angolanidade. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Lisboa, n. 430, p. 6-7, 2 out. 1990. Entrevista concedida a Margret Ammann e José Carlos Venâncio.

¹⁹¹ PEPETELA. De utópico a profeta. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Lisboa, n. 527, p. 12-13, 11 ago. 1992. Entrevista concedida a Rodrigues da Silva.

¹⁹² PEPETELA. Pepetela, um constructor da angolanidade. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Lisboa, n. 430, p. 6-7, 2 out. 1990. Entrevista concedida a Margret Ammann e José Carlos Venâncio.

“JL” – Começemos por o título do livro: “A Geração da Utopia”. E começemos para dizer que quem diz “utopia” quer dizer que alguma coisa falhou. O que é que falhou? Ou em que é que falhou esta geração – a sua, a dos angolanos que têm hoje à roda dos 50, 55 anos e fizeram a independência?

P. – Eu creio que nós todos, que participámos nessa aventura, nessa luta para criar um país, a partir de uma certa altura perdemos um pouco o sentido da realidade. Quando a minha geração começou a luta para a libertação de Angola, tinha muitos sonhos, muitas ideias. Durante o próprio processo, certas ideias foram sendo tentadas, e começou-se a acreditar que se podia fazer qualquer coisa de diferente. E é por isso que hoje, vendo o resultado... Não se pode dizer que tenha sido inútil. De maneira nenhuma: existe um país, tentou criar-se uma nação, que eu continuo a achar que é ainda um projecto de nação não consolidado. Mas houve tantos erros e também tantos factores estranhos que se meteram no meio que não podemos dizer que aquele sonho inicial tenha sido realizado. Houve bastantes coisas que falharam. De qualquer modo, penso que temos que ser optimistas. Mas houve anos perdidos, perdemos muitos anos. Creio que temos que recuperá-los.¹⁹³

Tratando da recepção de sua obra, Pepetela usa um neologismo (“desconsegui”) para falar sobre sua tentativa de se fazer entender pelos leitores. Aponta, ainda, o povo angolano como “potenciais leitores” de seus livros:

“JL” – Uma última pergunta: os seus textos em Angola são entendidos por aqueles que considera como seus potenciais leitores?

P. – Eu espero que sim. Tem havido discussões com leitores nas makas (reuniões organizadas pela União de Escritores Angolanos). Pelas perguntas que fazem, parece sim. Se não, falhei completamente, **desconsegui.**¹⁹⁴

Rita Ferro

Rita Ferro [Lisboa, 1955]. Romancista e cronista, Rita Ferro estudou design de interiores, tendo desenvolvido, durante anos (1975-98), atividade profissional na área da publicidade e do marketing. Lança em 1990 seu primeiro livro – *O Nó na Garganta*. Com sua irmã Mafalda Ferro, organizou *Retrato de Uma Família* (1999), obra que se

¹⁹³ PEPETELA. De utópico a profeta. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Lisboa, n. 527, p. 12-13, 11 ago. 1992. Entrevista concedida a Rodrigues da Silva.

¹⁹⁴ PEPETELA. Pepetela, um constructor da angolanidade. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Lisboa, n. 430, p. 6-7, 2 out. 1990. Entrevista concedida a Margret Ammann e José Carlos Venâncio.

situa entre a recolha de memórias e a fotobiografia dos míticos avós (António Ferro e Fernanda de Castro) e de seu pai (António Quadros).

Ao falar sobre o fato de residir em Portugal, a autora enfatiza o valor que a experiência de se morar no estrangeiro pode trazer para a vida das pessoas. Indagada quanto ao medo de não conseguir sair de Portugal, viver em outro país, Ferro afirma que tem sim esse receio:

“JL” – Também tem esse medo?

R.F. – Tenho pavor. Já me enerva o facto de viver em Portugal e, dentro de Portugal, viver em Lisboa. Faltam-me raízes na província, falta-me contacto com outras civilizações e penso, muitas vezes, ‘será que eu vou morrer sem ter tido a experiência de viver num outro país, em convívio com outras pessoas, com outras mentalidades?’. Acho isto de uma pobreza terrível e, como tal, é uma inquietação.¹⁹⁵

Rita Ferro fala da personagem Pompeia do romance *O Vento e a Lua* (1993). Discorda da opinião do entrevistador sobre a classificação de “pouco convencional” atribuída à personagem e discorre a respeito da motivação para criar Pompeia:

“JL” – Como é que nasceu uma personagem tão pouco convencional como a Pompeia?

R.F. – Eu não sei se ela não é convencional. Acho que ela é um bocado convencional dentro de todos nós. Não queria propriamente ser cabotina, mas dentro de nós há sempre uma Pompeia, uma pessoa farta das rotinas, das convenções, dos espartilhos do sistema, da sociedade, a quem apetece viver uma aventura sem peias. Pompeia é tudo aquilo que queremos ser. [...] ¹⁹⁶

O romance *O Vento e a Lua* tem como subtítulo “História de uma Vagabunda”. O livro conta a história de Pompeia, que nasce na rua e a ela regressa, mesmo depois de se ter cruzado com figuras que de alguma forma modificam sua vida.

Rui Nunes

¹⁹⁵ FERRO, Rita. Todos os dias de Pompeia. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, Lisboa, n. 599, p. 6-7, 28 dez.1993. Entrevista concedida a Maria João Martins.

¹⁹⁶ FERRO, Rita. Todos os dias de Pompeia. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, Lisboa, n. 599, p. 6-7, 28 dez.1993. Entrevista concedida a Maria João Martins.

Rui Nunes [Lisboa, 1945]. Licenciado em Filosofia, é professor no ensino secundário. Em 1992, a sua obra recebe o Prêmio do Pen Clube para obras de ficção pelo livro *Osculatriz*. A escrita de Rui Nunes é, em geral, fragmentária e polifônica. Rui Nunes foi mantendo colaboração dispersa pelos seguintes jornais e revistas: *A Capital*, *Diário de Lisboa*, *República*, *Jornal de Notícias*, *O Escritor* e *Elipse*.

O autor é entrevistado pelo *JL* para falar de seu romance *Que Sinos Dobram por Aqueles que Morrem como Gado?* (1995). Uma das perguntas da entrevista gira em torno da imagem da cegueira encontrada no romance:

“JL” – Há uma frase muito bonita no início do seu livro: “Poucos viajam por estes caminhos, atalhos que levam a atalhos. Ver é estranhar. Afinal a cegueira é andar por uma terra que só conheço”. Todo o livro é atravessado por estas obsessões, pelo olhar e pela cegueira...

R.N. – O olhar sobre o mundo, e o olhar de uma pessoa que vê muito mal como é o meu caso, é talvez um olhar específico, porque tende a valorizar determinados aspectos que outros não tendem a valorizar. E, contrariamente àquilo que muita gente pensa, tende-se a valorizar o pormenor. Aproximar os olhos para ver o que é normal, mas ao mesmo tempo para desvendar uma realidade que é diferente daquela do homem que não aproxima os olhos das coisas. Daí que, de certo modo, ver seja estranhar, porque a aproximação dos olhos vai desvendando o mundo, que tem muito pouco a ver com o mundo visto à distância.

No fundo, penso que este livro é um livro sobre o processo de cegueira. Como é que se vê quando não se vê. Mas penso que a cegueira não é falta de ver. É ver de um modo cada vez mais íntimo. E diferente. Não é não ver. É ver estranhamente. [...] ¹⁹⁷

Por meio da leitura das entrevistas do *JL* fica evidente que existe uma preparação do entrevistador para a conversa com os autores. Informações sobre as obras e a vida dos escritores são vistas na elaboração das perguntas. A entrevista pode ser caracterizada como um diálogo onde tanto o entrevistador quanto o entrevistado tem um papel ativo.

Seomara da Veiga

¹⁹⁷ NUNES, Rui. Trabalho de talhe e de detalhe. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, Lisboa, n. 650, p. 4-5, 13 set.1996. Entrevista concedida a Célia Quico.

Seomara da Veiga Ferreira [Lisboa, 1942]. Licenciada em Ciências Históricas pela Universidade de Lisboa em 1969, tem dedicado grande atenção aos estudos etnográficos e arqueológicos. Nas letras, lançou-se como poetisa, em 1972, com o livro *Poesia* (1968-1970). A primeira edição de *Memórias de Agripina* é de 1993, a obra recebeu o Prémio Municipal Eça de Queiroz. Em 1995, publicou *Crónica Esquecida d'El Rei D. João II*, Prémio Complementar Eça de Queiroz. O livro *Leonor Teles ou o Canto da Salamandra* (1998) marca a maturidade literária da autora. Um romance histórico que apresenta uma perspectiva inovadora acerca de uma grande mulher da nossa história, cuja memória tem sido sucessivamente deturpada pelos relatos oficiais.

Em entrevista ao *JL*, Seomara da Veiga fala de seu primeiro romance *Memórias de Agripina*, na obra a professora e escritora traz para a ficção uma figura da História da Roma Imperial: Agripina, mãe do Imperador Nero. Ela responde ao jornal o motivo da escolha dessa mulher:

“Jornal de Letras” – A primeira questão que tenho para lhe pôr é óbvia, mas inevitável. Porquê as “Memórias de Agripina”?

Seomara da Veiga Ferreira – Eu, como tenho formação histórica, vivo no tempo. Há cerca de vinte anos pensei numa série de livros e, entre eles, a figura desta mulher extraordinária que sempre me entusiasmou, porque desde miúda leio textos clássicos, o que era um vício em minha casa. Em qualquer dos escritores da antiguidade que falam dela, havia sempre um pormenor que me obcecava e que era a morte. Por que razão aquela mulher culta, inteligente, uma princesa da casa imperial, como poder efectivo que tinha, na altura da morte, metade do Senado como ela, que tinha o Exército com ela, a Guarda Pretoriana também, se deixou matar? Foi isso que pretendi descobrir. Durante anos recolhi elementos, embora tivesse feito outras coisas, resolvi começar agora uma série de trabalhos e comecei pela imperatriz. Ela representa, sem dúvida, um grande momento da história de Roma.

Eu penso que todos os escritores querem fazer justiça sobre qualquer coisa, nem que seja sobre a sua própria vida, o seu passado, a sua sociedade e às vezes até querem transformar qualquer coisa. Eu não quero transformar nada, quero apenas mostrar algum bocadito de verdade. Neste caso, penso que fiz isso. Agripina tem sido uma figura muito maltratada.¹⁹⁸

Seomara da Veiga opta por resgatar em seu romance a história de Agripina, uma mulher forte, inteligente e injustiçada, que viveu durante o Império Romano. O romance

¹⁹⁸ FERREIRA, Seomara da Veiga. A pátria romana. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, Lisboa, n. 582, p. 9-11, 31 ago.1993. Entrevista concedida a Maria João Martins.

histórico *Memórias de Agripina* ganha em detalhes e informações graças à formação da autora, Seomara é Professora de Arqueologia e de História Romana.

Urbano Tavares Rodrigues

Urbano Tavares Rodrigues [Lisboa, 1923]. Ficcionista, pesquisador e crítico literário. Foi Professor de Português em diversas universidades estrangeiras. Aposentou-se em 1993 como Professor Catedrático da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. É membro efetivo da Academia de Ciências de Lisboa e membro correspondente da Academia Brasileira de Letras. Sua obra está traduzida em diversas línguas. Tem colaboração dispersa por publicações variadas, entre as quais o *Bulletin des Études Portugaises*, *Colóquio-Letras*, *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, *Vértice*, *Nouvel Observateur*.

Diferentes opiniões surgem nas páginas do *Jornal de Letras, Artes e Ideias* a respeito da função do escritor e de seu papel na sociedade. Urbano Tavares Rodrigues comenta a fórmula “conteúdo – forma”, enfatizando a importância do que e como se diz algo. Para o autor, é indissociável a mensagem da obra de sua estrutura. Intrinsecamente, o escritor está em consonância com o tempo, com a sociedade em que vive:

“JL” – Mas acha que o escritor tem essa função de interpretar ou de anunciar os sinais de mudanças sociais?

U.T.R. – Não lhe chamaria função no sentido de dever. Falo antes de uma função orgânica. É claro que o escritor não é autêntico, nem a obra funcional, se não tiver amor à palavra, se o romance não for, antes de mais, obra de linguagem. No entanto, não pode ser apenas estrutura e estilo. Aliás, penso que há uma ligação entre a forma de uma obra de arte e aquilo que ela diz.¹⁹⁹

O ritmo de publicação ao longo dos anos serve de tema para umas das perguntas realizadas a Tavares Rodrigues. Segundo o autor, o volume de livros publicados vem diminuindo com o passar do tempo; o motivo seria uma luta cada vez maior por alcançar a beleza artística:

¹⁹⁹ RODRIGUES, Urbano Tavares. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Lisboa, n. 569, p. 16-17, 1 jun. 1993. Entrevista concedida a Maria Leonor Nunes.

“JL” – Há quem o acuse de ter publicado em excesso durante um período da sua vida. Depois, o ritmo de publicação abrandou. Foi a produção que diminui ou foi apenas a estratégia em relação ao mercado editorial?

U.T.R. – É verdade que durante mais de uma década, de 1958 a 1971, publiquei em média um livro de ficção por ano, além de alguns ensaios e volumes de crônicas. Foi um período de pletora, de intensa produção, quase febril, na minha ânsia de viver e escrever. A partir daí, o meu ritmo abrandou, os livros passaram a sair de dois em dois anos, de três em três anos. Por quê? Devido a uma cada vez maior preocupação estilística e vontade de inovação nos processos narrativos, que condicionam, se é que não determinam, até certo ponto, a própria matéria romanesca. [...] Ultimamente luto com o receio de que esteja em mim a secar a chamada fonte de criação, de me repetir, de adornar em vão, de esmerilhar com subtilezas o preciso filão da memória, meio apagado pelo tempo. Mas uma solicitação irresistível, um apelo das raízes leva-me, ainda, de espaço a espaço, a escrever ficção. [...]²⁰⁰

No romance *Violeta e a Noite* (1991), Urbano Tavares Rodrigues opta pelo tom pessoal. O espaço ficcional escolhido é a cidade de Lisboa de fins da década de 1980 e começo da década seguinte. Na obra, o olhar das personagens, seus modos de compreender o mundo e apreender a realidade são demonstrados. O romance pode ser classificado como uma narrativa interior:

“JL” – Um novo romance cuja acção decorre neste tempo de mudança e de reexames. Como é que o situa no quadro da sua obra ficcionista? É excessivo dizer-se que tudo gira em torno da reflexão sobre o tempo e a morte?

U.T.R. – “*Violeta e a Noite*” é um romance (um políptico em cinco volantes), cerimonial em honra e aflição do tempo e da morte. Em cada painel, no fundo comum da Lisboa dos anos 1989/90, uma das cinco personagens principais fala de si e do mundo, vê, escuta, interpreta ou deforma os gestos e as palavras das outras figuras desta representação. [...] é uma narrativa essencialmente interior, carregada de reminiscências, de nostalgias, de encontros e desencontros afectivos, de cansaços e recomeços, de incertezas e inquietações, onde um homem agoniza lentamente através de vários olhares e onde se põe também o problema da eutanásia. [...]²⁰¹

Com o romance *Deriva* (1993), Tavares Rodrigues aborda o tema da morte, que também é encontrado na obra *Violeta e a Noite* (1991). Em entrevista ao *JL*, o autor é questionado a respeito da continuidade temática em sua obra:

²⁰⁰ RODRIGUES, Urbano Tavares. O mundo é uma despedida. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Lisboa, n. 460, p. 11-13, 30 abr. 1991. Entrevista concedida a José Jorge Letria.

²⁰¹ RODRIGUES, Urbano Tavares. O mundo é uma despedida. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Lisboa, n. 460, p. 11-13, 30 abr. 1991. Entrevista concedida a José Jorge Letria.

“JL” – Prossegue também em “Deriva” uma reflexão sobre a morte. Essa é uma temática central na sua obra?

U.T.R. – O amor e a morte foram sempre os temas dominantes da minha literatura, juntamente com a temática da solidariedade social. Neste livro, levei-os muito longe. Não há apenas a morte de César, mas a própria morte que habita os outros. Aliás, procuro também tratar a ideia do Além Deus. É um problema que se põe a todo homem, a dado momento, e abordei-o à maneira de alguém que não é um crente.²⁰²

Urbano Tavares Rodrigues comenta sua relação com a crítica e com o mercado editorial. O autor diz não se preocupar com a publicidade de suas obras e não se considera um escritor da moda:

“JL” – Acha-se um escritor mal-amado?

U.T.R. – Sinto que não sou publicitado, também por minha culpa, visto que tenho um certo pudor da publicidade. Por outro lado, não sou um escritor de grande venda; estarei menos na moda que Saramago ou Cardoso Pires, mas não me posso queixar de más críticas.²⁰³

Com a leitura das entrevistas do *JL*, percebe-se que cada vez mais questões como publicidade, marketing e divulgação fazem parte do universo de preocupações dos escritores.

Vitório Káli

Vitório Káli²⁰⁴ [Lisboa, 1927]. Pseudônimo de António Mesquita Brehm, Licenciado pela Faculdade de Letras de Lisboa em Ciências Histórico-Filosóficas. Foi professor do ensino secundário e do ensino universitário. Além desse pseudônimo, António Mesquita Brehm utiliza, ainda, os de José Luís Conrado e Elizar Fontenarva. A sua primeira obra data de 1943 e intitula-se *Pólvora e Sangue*. Ganhou o Prêmio Literatura do Círculo de Leitores em 1980 com seu romance *Jámika - o Livro da Noite e do Dia*, que se encontra traduzido em várias línguas.

²⁰² RODRIGUES, Urbano Tavares. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Lisboa, n. 569, p. 16-17, 1 jun. 1993. Entrevista concedida a Maria Leonor Nunes.

²⁰³ RODRIGUES, Urbano Tavares. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Lisboa, n. 569, p. 16-17, 1 jun. 1993. Entrevista concedida a Maria Leonor Nunes.

²⁰⁴ Fonte: www.alfarrabista.com

O escritor Mesquita Brehm lança mão do nome Vitório Káli para assinar suas obras. Para o *JL*, ele explica o porquê dessa dupla identidade. O que se nota na fala do autor é uma tentativa de distanciamento entre a figura do escritor e do cidadão comum, do homem de carne e osso. A literatura, no ponto de vista de Káli, confere um *status* de quase deus ao homem que escreve. A profissionalização do escritor parece não ser uma preocupação, sendo o registro do nome na história da literatura o grande reconhecimento desejado por ele:

“JL” – Quem é Vitório Káli? E Mesquita Brehm? O que distingue um do outro?

V.K. – [...] Vitório Káli não é propriamente um pseudônimo porque não me escondo atrás dele para conservar meu próprio anonimato [...] Vitório é a minha outra dimensão, que apenas contacto nos momentos muito especiais da minha existência, que escuto com veneração, me dá ensinamentos mediúnicos, me indica novas portas de entrada para outros universos, com a qual viajo para longínquas regiões desconhecidas e me apresenta a inimagináveis personagens tão reais como qualquer um de nós, embora revestidos de outra simbologia, de outras geometrias e outros conteúdos. Somos dois irmãos, duplos do mesmo ser cósmico que está para além de todos os níveis de conhecimento. Eu sou um homem racional, vivendo com humildade os problemas da vida quotidiana, sabendo, no entanto, que a nossa permanência na Terra é breve, não tem peso, e que as gentes andam desgraçadamente enganadas quando buscam, com sofreguidão, glória e proventos. Se alguma coisa de valor ficar aqui, depois de me libertar deste mundo, pertencerá a Vitório Káli, e, neste sentido, lhe reconheci a autoria desde sempre.²⁰⁵

Alguns conceitos e teorias literárias são explicados nas entrevistas publicadas no *JL*. Cabe a Vitório Káli explicar o conceito de romance alquímico atribuído à obra *Terramoto* (1992):

“JL” – “Terramoto”, o seu novo livro, é por si definido como um romance alquímico. O que é um romance alquímico?

V.K. – [...] Escrever um romance ou fazer um poema é penetrar noutras regiões do universo, procurar descobrir as nossas ligações com o passado, nossas vidas anteriores, o seu significado em relação às várias mortes que percorremos. Este romance tem naturalmente um enredo que leva o leitor a contactos do terceiro grau, como agora se

²⁰⁵ KÁLI, Vitório. Presságio e metáfora. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Lisboa, n. 547, p. 12-14, 29 dez. 1992. Entrevista concedida a Júlio Conrado.

diz, mas que penso que traduzem de perto a veracidade dos factos. Nesse sentido é um romance alquímico.²⁰⁶

Wanda Ramos

Wanda Ramos²⁰⁷ [Dundo/Angola, 1948-1998.] Poetisa, tradutora e ficcionista. Licenciada em Filologia Germânica pela Faculdade de Letras de Lisboa, foi tradutora profissional e colaborou em diversos jornais portugueses. Revelou-se literariamente com a obra *Percursos* (do Luachimo ao Luena), Prêmio de Ficção, em 1980, da Associação Portuguesa de Escritores.

Em entrevista ao *JL*, Wanda Ramos é convidada a discorrer sobre o percurso que sua obra literária vem tomando ao longo dos anos:

“JL” – “Litoral” apresenta-se como um romance de linha clássica (intriga, personagens, herói, etc.), em oposição aos romances anteriores, mais fragmentários na sua estrutura espaço-temporal e ainda, a meu ver, marcados por nítida influência da poesia. Como situas esta diferença no processo evolutivo da tua ficção?

W.R. – Talvez sim, agora me tenha de facto desprendido da influência da poesia, apesar de isso se notar já, penso, em **“Os dias, Depois”**. Creio que a partir daqui começou a haver maior demarcação entre dois “eus” literários, se assim posso dizer, aquele que escreve poesia e aquele que escreve prosa, e digo prosa porque aí também cabem crónicas e outros tipos de textos que não são ficção propriamente dita. E embora esses dois “eus” coexistam, claro, não se manifestam simultaneamente, a não ser que por exigências do próprio romance, como aconteceu agora, eu tenha de escrever – e aqui escrevi dois – poemas, que são atribuídos a duas personagens distintas. Mas talvez também seja o meu primeiro romance (**“Os dias, Depois”** são contos interligados) [...]. Quanto a “situar” essa diferença, diria que me estou a encontrar como ficcionista, ou, embora não queria parecer convencida, que me encontrei.²⁰⁸

Tomando o romance lançado pela autora no ano de 1991, *Litoral*, mais especificamente a personagem Miguel Cê, Wanda Ramos é questionada a respeito da classificação de sua escrita:

²⁰⁶ KÁLI, Vitório. Presságio e metáfora. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Lisboa, n. 547, p. 12-14, 29 dez. 1992. Entrevista concedida a Júlio Conrado.

²⁰⁷ Fonte: Infopédia.

²⁰⁸ RAMOS, Wanda. Wanda Ramos e o primo de Finisterra. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Lisboa, n. 495, p. 10, 31 dez. 1991. Entrevista concedida a Júlio Conrado.

“JL” – Miguel Cê morre de desgosto. Um desgosto de amor. Todo romance gira em torno dessa morte misteriosa (só para o fim se descobre a chave do enigma). Poderemos considerar que Wanda Ramos virou “escritora romântica”?

W.R. – Eu não diria tanto. Mas há quem pense e diga que há momentos, fases da sociedade, de uma cultura, das pessoas até, em que se manifesta nitidamente o desejo de alguma coisa que havia passado para o segundo plano ou sido esquecida. O amor é um tema universal e intemporal, claro, morrer por um desgosto de amor “cheira” a romantismo (bom e mau), tudo isso são lugares-comuns. Mas a verdade é que quando comecei a escrever este livro e delineei “fisicamente” a personagem Miguel Cê, o entrevi com uma certa aparência nostálgica, “despegada”. Ele é o diletante, encarna um velho desejo inconfessável (?) de todos nós (?) – o de não precisar trabalhar e estar na vida entregue à uma busca insaciável e nunca saciada de algo muito ligado às artes, às manifestações culturais dos povos, à natureza, ao amor. Assim esta personagem surgiu e assim me impôs; por isso, tinha de lhe dar coerência e achar os meios e os artifícios para o tentar fazer. No fim de contas, como que parti da ficção para a realidade do romance, sem reear esse rótulo de “romântico” que talvez viesse a receber. E tratar o amor, mesmo sem o nomear, é coisa que tem estado esquecida na intenção e no desejo de muitos de nós. Assim como essa ligação amor-morte, velha como o homem, ultimamente quase só tem sido tratada no âmbito das ciências.²⁰⁹

Constatou-se que, com o objetivo de compreender as relações que permeiam a atuação dos escritores que produzem romances em língua portuguesa nos anos 1990, as perguntas encontradas nas entrevistas do *JL* giram em torno de diversos temas, como por exemplo: a classificação da obra literária, o diálogo entre autor e crítica, a posição do romance na época, os mecanismos para divulgação do livro, os desafios encontrados para a profissionalização do autor, a relação da literatura com cinema e com o jornalismo.

A respeito do uso da classificação no universo literário, a escritora Clara Pinto Correia se mostra contrária a rótulos para se qualificar uma obra literária, não concorda com a denominação “escrita feminina” quando o assunto é sua produção. Diferente da postura de Helena Marques, a autora vê atitudes distantes no modo como homens e mulheres fazem literatura. Já Fernanda Botelho acredita que a categoria denominada matriz psicológica pode ser utilizada para compreender seus livros, uma vez que a autora expõe as personagens por meio do comportamento. Narrativa interior é como o romance *Violeta e a Noite* (1991), de Urbano Tavares Rodrigues recebe classificação nas páginas do *JL*. Vitório Káli define seu o livro *Terramoto* como sendo um romance

²⁰⁹ RAMOS, Wanda. Wanda Ramos e o primo de Finisterra. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Lisboa, n. 495, p. 10, 31 dez. 1991. Entrevista concedida a Júlio Conrado.

alquímico, em suas palavras, um romance que permite que o leitor tenha contato com o passado, com vidas anteriores, com outras regiões do universo. Álvaro Guerra, Lúcia Jorge e Manuel Alegre são questionados sobre a classificação de suas obras como Neorrealistas, pertencentes ao movimento iniciado na década de 1940, que tinha como característica um forte compromisso político-social, uma valorização de personagens de clara incidência socioeconômica e buscava uma representação quase documental da realidade. Guerra e Manuel Alegre negam aproximação com o movimento, Alegre afirma estar mais próximo dos moldes românticos. Lúcia Jorge mostra ver adesão de sua escrita o Neorrealismo.

Em relação à crítica literária, o autor Almeida Faria afirma que os críticos que publicam seus textos na imprensa têm grande responsabilidade pelo sucesso ou fracasso nas vendas de um livro. Alguns escritores demonstram a velha rivalidade entre autor e crítico. António Lobo Antunes, por exemplo, não confia no trabalho realizado pelo crítico profissional. Para ele, os próprios autores são os mais adequados para julgar, avaliar e comentar as obras. António Rebordão Navarro protesta contra a crítica literária portuguesa, diz existir o que ele chama de “terrorismo cultural” no país, críticos que se silenciam diante das obras de alguns escritores.

Da situação vivida pelo gênero romance na década de 90, Hélder Macedo comenta que os anos 90 abriram a possibilidade para um aumento na publicação de romances em Portugal, aponta que a censura impunha dificuldades para a expansão do gênero. A escritora Hélia Correia ingressou na literatura por meio da poesia, mas o contato com a produção de Herberto Helder fez com que repensasse seu modo de encarar a literatura, deixando a poesia para dedicar-se ao romance. Por sua vez, Francisco Duarte Mangas justifica o contexto histórico em que Portugal está inserido por sua escolha pelo romance e abandono da poesia. Nessa época, surge o primeiro romance de Maria Roma, a autora vê na escrita de romances um modo para afirmar-se no campo literário. António Alçada Baptista acredita que o romance contemporâneo deve se afastar dos moldes trágicos, da influência de Camilo Castelo Branco.

António Manuel Pires Cabral comenta que cada vez mais o sucesso de um livro relaciona-se com a divulgação na imprensa e com o trabalho de marketing. Mário Cláudio e António Lobo Antunes veem a literatura sob um ponto de vista romântico, não concordam com a ligação dos escritores com a propaganda. Paulo Castilho lembra a importância dos Prêmios literários para a dinâmica do mercado editorial.

A profissionalização do escritor, tema recorrente na História da Literatura, é um assunto debatido nas entrevistas do *JL*. Baptista Bastos fala da importância dos ganhos financeiros com a venda de livros para que o escritor possa viver exclusivamente de seu trabalho. A necessidade de ter outra profissão intensifica os desafios do trabalho de quem faz literatura é isso que pensam Mia Couto, Pepetela, Germano de Almeida e António Lobo Antunes.

Da relação entre literatura e jornalismo, Augusto Abelaira e Mário Ventura falam que existe uma diferença no comportamento do jornalista e do escritor, o último possui um público mais restrito e tem mais tempo para produzir suas obras, uma vez que o romance geralmente precisa passar por diversas versões até chegar às livrarias. Inês Pedrosa aponta que a experiência de escrever para a imprensa trouxe grande aprendizado para sua formação.

Da influência do cinema na literatura, Baptista Bastos e Lúcia Jorge tecem comentários. A autora diz que é a configuração da sociedade contemporânea, cada vez mais ligada à imagem, que justifica a presença das referências cinematográficas no romance.

Por sua vez, quando as entrevistas do *JL* se detêm em buscar informações e discutir a configuração dos romances publicados na década de 1990, as perguntas passam a ser guiadas por determinados aspectos, como por exemplo: as influências literárias para a escrita da obra, o conceito de romance histórico, o conceito de literatura, as principais características do romance, o título do livro, o processo de criação da obra.

A descoberta das influências para a criação de um romance provoca debates desde os primórdios da História da Literatura. Mário Cláudio cita a influência de Eça de Queirós para a escrita do romance *As Batalhas do Caia* (1996); Manuel Alegre refere-se às obras *Amor de Perdição*, de Camilo Castelo Branco, e o *Menino e a Moça*, de Bernardim Ribeiro, como sendo fontes de referência para a escrita do romance livro *A Terceira Rosa* (1998). Já Fernando Campos afirma que não busca imitar outros escritores, mas tem consciência que existem características aprendidas com os demais.

A presença do romance histórico na produção literária de língua portuguesa dos anos 1990 mostra-se constante. Os romances trazem uma releitura dos fatos históricos, na maioria das vezes, lançando mão da paródia e da ironia. O livro *O Conquistador* (1991), de Almeida Faria livro se vale do mito de D. Sebastião. O romance *A Casa Ardida* (1993), de António Manuel Pires Cabral tem como espaço ficcional uma casa,

que representa a ruína da aristocracia rural portuguesa. E diversos outros escritores dialogam com fatos históricos em seus romances, os que respondem a perguntas sobre o tema no *JL* são: Álvaro Guerra, António Rebordão Navarro, Augusto Abelaira, Baptista-Bastos, Fernando Campos, Fernando Dacosta, Francisco Duarte Mangas, João Aguiar, José Eduardo Agualusa, José Saramago, Mário Cláudio, Mário Ventura, Mia Couto, Pepetela, Seomara da Veiga Ferreira, Wanda Ramos.

A compreensão que o autor tem do que seja literatura acompanha as discussões dos literatos ao longo do tempo. Para o *JL*, António Alçada Baptista diz que a literatura é uma projeção do escritor; Francisco José Viegas comenta que os acontecimentos do cotidiano servem de material para a escrita de seus romances e que a literatura é a transmutação do real para a ficção; Natália Correia junta aos fatos do dia a dia os mitos, a filosofia, a antropologia para tornar sua escrita mais completa; Saramago e Lúcia Jorge veem a literatura como uma missão, uma tentativa de colaborar para tornar o mundo um lugar melhor; Júlio Moreira acredita que a literatura traga benefícios psíquicos para os escritores; Urbano Tavares Rodrigues aponta uma intrínseca relação entre o que o escritor produz e a sociedade em que vive.

As características dos romances dos anos 1990 são comentadas nas entrevistas do *JL*. António Lobo Antunes trata a polifonia como marca fundamental do livro *A Ordem Natural das Coisas* (1992); Helder Macedo cita o tom pessoal como traço marcante do romance *Partes da África* (1991); Júlio Moreira assinala a ausência de referências ao tempo e espaço como qualidade do romance *A Barragem* (1993); Paulo Castilho atribui a opção pela primeira pessoa para a criação das personagens como algo distintivo em seu romance *Sinais Exteriores* (1993).

Explicar o motivo da escolha pelo título do romance ajuda a esclarecer um pouco do processo de escrita dos autores. Por exemplo, Fernando Campos diz em entrevista ao *JL* que no romance *O pesadelo de dEus* o d de Deus está escrito em caixa baixa como forma de provocar o leitor e mostrar que se trata de uma obra de ficção, não uma obra teológica.

António Lobo Antunes se considera mal amado pelos críticos, mas sente-se muito bem acolhido pelos leitores. Baptista-Bastos mostra o desejo de conseguir chegar a todos os leitores, tornar-se um escritor universal. Lúcia Jorge acredita que o escritor exerce um papel fundamental na formação de seus leitores.

Nas entrevistas do *JL*, os autores tem um espaço democrático para discutir temas relacionados ao seu fazer literário. Comentam desde como surgiu a ideia para o romance, as etapas da escrita e a recepção da obra pelo público.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A busca de informações sobre as literaturas de língua portuguesa nas entrevistas publicadas durante a década de 1990 no *Jornal de Letras, Artes e Ideias* possibilitou reflexões a respeito do papel da imprensa na compreensão da história da literatura.

O jornal, com sua diversidade de seções, é visto como relevante documento de uma época. Assim, neste caso, resgatar as entrevistas concedidas por escritores é tomar consciência do importante acervo cultural em que os milhares de páginas do *JL* se constituem.

As entrevistas são uma forma de alimentar o intercâmbio entre o autor e o seu público, constituindo-se também um meio de alargar o leque de vozes que se exprimem nas publicações que tratam dos estudos literários. Nas entrevistas são construídas a imagem da figura do escritor e da obra ficcional. Há informações do que se lê em língua portuguesa nos anos 90. José Carlos de Vasconcelos faz uma seleção de obras literárias, constrói um cânone segundo as diretrizes do *Jornal de Letras, Artes e Ideias*.

Conforme o exposto no Capítulo 1, o *Jornal de Letras, Artes e Ideias* possui uma história singular na imprensa mundial, conseguindo manter sua periodicidade e princípios editoriais por mais de trinta anos, fato raro de acontecer. O respeito pela língua e cultura portuguesas transforma o jornal em uma referência para o leitor que deseja acompanhar o diálogo existente entre os países que têm como idioma oficial a língua portuguesa. As principais fontes para se esclarecer, de modo breve, algumas das etapas do desenvolvimento do *JL* ao longo dos anos foram: uma entrevista do diretor do jornal, José Carlos de Vasconcelos, e de uma das jornalistas responsáveis pelas entrevistas no *JL*, Maria Leonor Nunes; e a leitura do próprio jornal. Logo, as capas, seções, depoimentos, editoriais e anúncios serviram para se formular uma ideia da missão e das diretrizes que acompanham o *Jornal de Letras, Artes e Ideias*.

O Capítulo 2 da tese propõe-se a debater alguns aspectos da estrutura e do conteúdo das entrevistas do *JL*. O conceito de entrevista pode ser encontrado em diversas áreas, como a Psicologia, a Sociologia, a Comunicação. Não foram encontrados estudos que veem a entrevista como fonte de pesquisa para as Letras de língua portuguesa.

No capítulo 3, a presente tese enumerou do *corpus* selecionado vários trechos em que autores que publicaram romances nos anos de 1990, em língua portuguesa,

debatem aspectos que colaboram para se ter um panorama da década. O capítulo demonstrou que as entrevistas publicadas no *Jornal de Letras, Artes e Ideias* fornecem informações sobre o modo como os escritores da década de 1990 dialogam sobre o seu fazer literário e como eles se relacionam com a literatura.

Não obstante as limitações, este estudo a respeito das entrevistas concedidas por escritores ao *Jornal de Letras, Artes e Ideias* na década de 1990 pretende ser um contributo para o entendimento das literaturas de língua portuguesa contemporânea, além de mostrar que o *JL* configura-se como uma fonte confiável de pesquisa. Espera-se, nessa medida, que o trabalho reverta em prol de informações para pesquisadores e estudantes da área das Letras.

REFERÊNCIAS

ABELAIRA, Augusto. A palavra é de ouro. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Lisboa, n. 665, p. 8-10, 10 abr. 1996. Entrevista concedida a Rodrigues da Silva.

AGUALUSA, José Eduardo. “Angola é uma ilha”. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Lisboa, n. 549, p. 11-12, 12 jan. 1993.

ANCHIETA, Isabelle. Jornalismo cultural: por uma formação que produza o encontro da clareza do jornalismo com a densidade e a complexidade da cultura. In: AZZOLINO, Adriana Pessatte. *Sete propostas para o jornalismo cultural: reflexões e experiências*. São Paulo: Miró Editorial, 2009. p. 53-68.

BASE de Dados de Autores Portugueses. Disponível em: <>. Acesso em: 20 set.. 2011.

BIBLIOTECA e Documentação da Escola de Comunicações e Artes/USP. Disponível em: < <http://www3.eca.usp.br/biblioteca/sobre>>. Acesso em: 10 jan. 2013.

ARAÚJO, Emanuel. *A construção do livro: princípios da técnica de editoração*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; Brasília: INL – Instituto Nacional do Livro, 1986.

BOSI, Alfredo. A crítica e a estética. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, Lisboa, n.745, p. 23, 21 abr. 1999.

BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

CANDIDO, Antônio. *Formação da Literatura Brasileira: Momentos Decisivos*. 8 ed. Belo Horizonte. Rio de Janeiro: Editora Itatiaia, 1997.

_____. *Literatura e Sociedade*. São Paulo: T. A. Queiroz; 2000; Publifolha, 2000.

CAPUTO, Stela Guedes. *Sobre entrevistas: teoria, prática e experiências*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

CEDAP. Disponível em: <<http://www.assis.unesp.br/#!/cedap---centro-de-documentacao-e-apoio-a-pesquisa/cedap---centro-de-documentacao-e-apoio-a-pesquisa/>>. Acesso em: 16 out. 2012.

COUTO, Mia. Um escritor abensonhado. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Lisboa, n. 6221, p. 14-16, 17 ago. 1994.

FREITAS, Helena de Sousa. *Jornalismo e Literatura: inimigos ou amantes?* Peregrinação Publicatons, 2002.

GMCS - GABINETE PARA OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO SOCIAL. Disponível em: < <http://www.gmcs.pt/index.php?op=cont&cid=78&sid=1234>>. Acesso em: 11 jun. 2011.

HEMEROTECA Municipal de Lisboa. Disponível em: < <http://catalogolx.cm-lisboa.pt/>>. Acesso em: 12 jan. 2012.

INFOPEDIA. Disponível em: < <http://www.infopedia.pt/>>. Acesso em: 10 out. 2011.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA. *Destaque do INE*. Lisboa: INE, 2001.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA. *Portugal Social 1991-2001*. Lisboa: INE, 2003.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA. *30 Anos de 25 de Abril*. Um retrato estatístico. Lisboa: INE, 2004.

JORNAL DE LETRAS, ARTES E IDEIAS. Lisboa: Publicações Projornal, 1981.

LAGE, Nilson. *A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística*. Rio de Janeiro: Record, 2006.

MEDINA, Cremilda. Leitura crítica. In: LINDOSO, Felipe. *Rumos [do] jornalismo cultural*. São Paulo: Summus. Itáu Cultural, 2007. p. 32-34.

_____. *Entrevista: O diálogo possível*. São Paulo: Ática, 1990.

MELO, João de. “Alguém nos apontou as espingardas...”. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Lisboa, n. 504, p. 8-10, 3 de março 1992. Entrevista concedida a Maria Leonor Nunes.

MELO, José Marques de; ASSIS, Francisco de. (Orgs). *Gêneros jornalísticos no Brasil*. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2010.

MINÉ, Elza. *Páginas flutuantes*. Eça de Queirós e o jornalismo no século XIX. Cotia: Ateliê Editorial, 2000.

PATRAQUIM, Luís Carlos. “A poesia é culturalmente empenhada”. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Lisboa, n. 502, p. 16-17, 18 fev. 1992. Entrevista concedida a Nelson Saúte.

PICCHIO, Luciana Stegagno. O mar é dos portugueses. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Lisboa, n.716, p. 6-7, 25 março de 1998.

PIZA, Daniel. *Jornalismo cultural*. São Paulo: Contexto, 2007.

REIS, Carlos. *O conhecimento da literatura*. Introdução aos estudos literários. Coimbra: Almedina, 2001.

RIVERA, Jorge B. *El periodismo cultural*. Buenos Aires: Paidós, 2003.

ROCHA, Clara Crabbé. *Revistas literárias do século XX em Portugal*. Lisboa: IN-CM, 1985.

SARAMAGO, José. José Saramago: “Deus é o mau da fita”. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, Lisboa, n. 487, p. 8-10, 5 nov. 1991. Entrevista concedida a José Carlos de Vasconcelos.

SANTILLI, Maria Aparecida. *Paralelas e tangentes entre literaturas de língua portuguesa*. São Paulo: Arte & Ciência, 2003.

SILVA, Vera. *Para o estudo da entrevista*. Edições Colibri/Instituto de Estudos de Literatura Tradicional. Lisboa, 2009.

SINDICATO dos Jornalistas de Portugal. Disponível:<
<http://www.jornalistas.eu/?n=417>>.

TELO, António. *História Contemporânea de Portugal*. Do 25 de Abril à Actualidade. Lisboa: Editorial Presença, 2007. vol. 1.

TRAQUINA, N.; CABRERA, A.; PONTE, C.; SANTOS, R. *O Jornalismo português em análise de casos*. Lisboa: Editorial Caminho. Lisboa, 2001.

VASCONCELOS, José Carlos. As novas tecnologias são óptimas, mas não mudam o essencial do jornalismo. Entrevista concedida a Adelino Gomes. Disponível em: <http://perfildojornalista.eusou.com/pt/entrevista_documento.asp?det=4500&id=1876&mid=295>. Acesso em: 20 fev. 2013.

VIEIRA, Alice. A profissionalização de uma escritora. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, Lisboa, n. 436, p. 16-17, 13 nov. 1990. Entrevista concedida a Isabel Fragoso.

CORPUS DA TESE - ENTREVISTAS DO JORNAL DE LETRAS, ARTES E IDEIAS

ABELAIRA, Augusto. A palavra é de ouro. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Lisboa, n. 665, p. 8-10, 10 abr. 1996. Entrevista concedida a Rodrigues da Silva.

_____. Augusto Abelaira: “Escrevo romances policiais sem cadáver”. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Lisboa, n. 420, p. 8-11, 24 jul. 1990. Entrevista concedida a José Carlos de Vasconcelos.

AGUALUSA, José Eduardo. “Angola é uma ilha”. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Lisboa, n. 549, p. 11-12, 12 jan. 1993.

AGUIAR, João. João Aguiar: um adeus a Macau. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Lisboa, n. 541, p. 16-17, 17 nov. 1992. Entrevista concedida a Maria Leonor Nunes.

ALEGRE, Manuel. Em busca do tempo perdido. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Lisboa, n. 654, p. 12-15, 8 nov. 1995. Entrevista concedida a Rodrigues da Silva.

_____. Um livro de saudades. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Lisboa, n. 734, p. 12-14, 18 nov. 1998.

ALMEIDA, Germano. Amor em tempo de cólera. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Lisboa, n. 718, p. 16-17, 22 abr.1998. Entrevista concedida a Rodrigues da Silva.

ALMEIDA, Jacinto Rego. Um romance *noir*. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Lisboa, n. 735, p. 8, 2 dez. 1998.

AMARAL, Maria José Freitas do. Maria Roma escreve deliciosamente feliz. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Lisboa, n. 428, p. 6-7, 18 set. 1990. Entrevista concedida a Luís Almeida Martins.

ANTUNES, António Lobo. “Quis escrever um romance policial”. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Lisboa, n. 538, p. 8-11, 27 out. 1992. Entrevista concedida a Luís Almeida Martins.

_____. A confissão exuberante. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Lisboa, n. 613, p. 16-19, 13 abr. 1994. Entrevista concedida a Rodrigues da Silva.

_____. António Lobo Antunes, de paixão à prova. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Lisboa, n. 438, p. 7-8, 27 nov. 1990. Entrevista concedida a José Jorge Letria.

_____. Mais perto de Deus. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Lisboa, n. 757, p. 5-8, 6 out. 1999. Entrevista concedida a Rodrigues da Silva.

BAPTISTA, António Alçada. De bem com a vida. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Lisboa, n. 604, p. 5-6, 1 fev. 1994. Entrevista concedida a Maria João Martins.

BAPTISTA-BASTOS. Um homem que vive em voz alta. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Lisboa, n. 652, p. 8-10, 11 out. 1995. Entrevista concedida a Maria Leonor Nunes.

BARRENO, Maria Isabel. Maria Isabel Barreno entre o realismo e o fantástico. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Lisboa, n. 509, p. 6-7, 7 abr. 1992. Entrevista concedida a Júlio Conrado.

BASTOS, Baptista. Um homem inflamado de razão. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Lisboa, n. 491, p. 8-10, 3 dez.1991. Entrevista concedida a José Jorge Letria.

BOTELHO, Fernanda. Uma escrita dolorosa. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Lisboa, n. 735, p. 9, 2 dez. 1998. Entrevista concedida a Gisela Pissarra.

BRAGA, Maria Ondina. “Sou muito do silêncio”. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Lisboa, n. 473, p. 6-7, 30 jul. 1991. Entrevista concedida a Ana Paula Costa.

CABRAL, António Manuel Pires. A casa das palavras. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Lisboa, n. 548, p. 12-14, 5 dez. 1993.

CAMPOS, Fernando. Fernando Campos: a escrita perguntadora. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Lisboa, n. 433, p. 6-7, 23 out. 1990. Entrevista concedida a José Jorge Letria.

_____. Histórias de enigmas. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Lisboa, n. 734, p. 14-15, 18 nov. 1997. Entrevista concedida a Sara Belo Luís.

CASTILHO, Paulo. A geração é um estilo. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Lisboa, n. 579, p. 6-7, 10 ago. 1993. Entrevista concedida a Júlio Conrado.

CLÁUDIO, Mário. Mário Cláudio: a tinta das virtudes. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Lisboa, n. 436, p. 8-9, 13 nov. 1990. Entrevista concedida a José Jorge Letria.

_____. Os clarins da memória. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Lisboa, n. 545, p. 10-11, 15 dez. 1992. Entrevista concedida a José Jorge Letria.

_____. Traumas e paranóias. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Lisboa, n. 658, p. 14-16, 3 jan. 1996. Entrevista concedida a Fernando Venâncio.

_____. Barnabé das Índias, um anti-herói. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Lisboa, n. 723, p. 17-18, 1 jul. 1998. Entrevista concedida a Rui Luis Romã.

CORREIA, Clara Pinto. Clara e o mundo cor-de-rosa. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Lisboa, n. 429, p. 6-7, 25 set. 1990. Entrevista concedida a Maria Leonor Nunes.

CORREIA, Hélia. Hélia Correia: o eterno retorno. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Lisboa, n. 462, p. 8, 14 maio. 1991. Entrevista concedida a José Jorge Letria.

CORREIA, Natália. Natália Correia: em paz com os deuses. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Lisboa, n. 519, p. 8-9, 16 jun. 1992. Entrevista concedida a Maria Leonor Nunes.

COSTA, Orlando da. Auspicioso regresso. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Lisboa, n. 609, p. 8-9, 8 mar. 1994. Entrevista concedida a Rodrigues da Silva.

COUTO, Mia. Antes de tudo, a vida. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Lisboa, n. 742, p. 7-9, 10 mar. 1999. Entrevista concedida a Rodrigues da Silva.

_____. Mia Couto: disparar contra o tempo. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Lisboa, n. 549, p. 9-10, 12 jan. 1992.

DACOSTA, Fernando. Viagem ao fundo de Portugal. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Lisboa, n. 511, p. 8-10, 21 abr. 1992. Entrevista concedida a Luís Almeida Martins.

FARIA, Almeida. As trovas de Faria. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Lisboa, n. 411, p. 7-9, 22 maio 1990. Entrevista concedida a Carlos Vaz Marques.

FERREIRA, Seomara da Veiga. A pátria romana. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, Lisboa, n. 582, p. 9-11, 31 ago.1993. Entrevista concedida a Maria João Martins.

FERRO, Rita. Todos os dias de Pompeia. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Lisboa, n. 599, p. 6-7, 28 dez.1993. Entrevista concedida a Maria João Martins.

GUERRA, Álvaro. “Falar as pessoas da sua própria memória”. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Lisboa, n. 570, p. 16-17, 8 jun. 1993. Entrevista concedida a Maria Leonor Nunes.

_____. Álvaro Guerra, de Vila Velha para o mundo... *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Lisboa, n. 440, p. 16-18, 11 dez. 1990. Entrevista concedida a José Carlos de Vasconcelos.

JORGE, Lúdia. “A ficção é o mais sério de tudo”. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Lisboa, n. 534, p. 8-12, 29 set. 1992. Entrevista concedida a Luís Almeida Martins.

_____. O rosto dos outros. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Lisboa, n. 656, p. 14-16, 6 dez. 1995. Entrevista concedida a Maria João Martins.

KÁLI, Vitório. Presságio e metáfora. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Lisboa, n. 547, p. 12-14, 29 dez. 1992. Entrevista concedida a Júlio Conrado.

MACEDO, Hélder. O império revisado. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Lisboa, n. 488, p. 8-9, 12 nov. 1991. Entrevista concedida a Eugénio Lisboa.

_____. Ser português à distância. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Lisboa, n. 717, p. 6-7, 8 abr. 1998. Entrevista concedida a Rodrigues da Silva.

MANGAS, Francisco Duarte. “Os fantasmas de Vilarinho” *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Lisboa, n. 606, p. 6-7, 15 fev. 1994. Entrevista concedida a Francisco Duarte Mangas.

MARQUES, Helena. A angústia da morte numa mulher feliz. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Lisboa, n. 624, p. 12-13, 14 set. 1994. Entrevista concedida a Rodrigues da Silva.

_____. Helena Marques. Trabalho do coração. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Lisboa, n. 537, p. 10-11, 20 out. 1992. Entrevista concedida a Maria João Martins.

MOREIRA, Júlio. À queima-roupa sobre o narrador. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Lisboa, n. 574, p. 12-13, 6 jul. 1993. Entrevista concedida a Maria Leonor Nunes.

NAVARRO, António Rebordão. “Nada deve ser alheio à ficção”. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Lisboa, n. 518, p. 5, 9 jun. 1992. Entrevista concedida a António de Almeida Mattos.

NUNES, Rui. Trabalho de talhe e de detalhe. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, Lisboa, n. 650, p. 4-5, 13 set. 1996. Entrevista concedida a Célia Quico.

PEDROSA, Inês. “Acho que acrescento alguma coisa”. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Lisboa, n. 515, p. 8-10, 19 maio 1992. Entrevista concedida a Dóris Graça Dias.

PEPETELA. De utópico a profeta. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Lisboa, n. 527, p. 12-13, 11 ago. 1992. Entrevista concedida a Rodrigues da Silva.

_____. Pepetela, um constructor da angolanidade. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Lisboa, n. 430, p. 6-7, 2 out. 1990. Entrevista concedida a Margret Ammann e José Carlos Venâncio.

RAMOS, Wanda. Wanda Ramos e o primo de Finisterra. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Lisboa, n. 495, p. 10, 31 dez. 1991. Entrevista concedida a Júlio Conrado.

RODRIGUES, Urbano Tavares. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Lisboa, n. 569, p. 16-17, 1 jun. 1993. Entrevista concedida a Maria Leonor Nunes.

_____. O mundo é uma despedida. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Lisboa, n. 460, p. 11-13, 30 abr. 1991. Entrevista concedida a José Jorge Letria.

RUI, Manuel. O rio como metáfora. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Lisboa, n. 698, p. 14-15, 16 jul. 1997. Entrevista concedida a Zetho Cunha Gonçalves.

SARAMAGO, José. José Saramago. O escritor vidente. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Lisboa, n. 653, p. 15-17, 25 out. 1995. Entrevista concedida a Maria Leonor Nunes.

_____. José Saramago: “Deus é o mau da fita”. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Lisboa, n. 487, p. 8-10, 5 nov. 1991. Entrevista concedida a José Carlos de Vasconcelos.

VENTURA, Mário. O lisboeta ocasional. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Lisboa, n. 505, p. 5, 10 mar. 1992. Entrevista concedida a Maria João Martins.

VIEGAS, Francisco José. “Toda a literatura é policial”. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Lisboa, n. 513, p. 16-17, 5 maio 1992. Entrevista concedida a Maria Leonor Nunes.

APÊNDICE A – Lista dos autores entrevistados pelo *JL* na década de 1990

Número do <i>Jornal de Letras, Artes e Ideias</i>	Nome do escritor entrevistado
1990	
391	Peter Handke
392	Cruzeiro Seixas
393	Maria Isabel Barreno
396	Montserrat Roig
397	José Fernandes Fafe
398	Mário Cesariny
398	Hélder Prista Monteiro
399	Armindo Rodrigues
402	Pedro Tamen
407	Vittorio Placella
407	Paulo Castilho
410	João Aguiar
411	Almeida Faria
411	Yevgeny Yevtushenko
415	Eduardo Mendoza
416	Amos Uz
417	Alberto Pimenta
418	Albano Martins
419	João de Melo
419	Salgado de Matos
419	Maria Velho da Costa
420	António Mota
420	Augusto Abelaira
423	Vasco Pulido Valente
427	Gastão Cruz
428	Maria Roma
428	Dias de Melo
429	Clara Pinto Correia
430	Pepetela
431	Jacinto Rego de Almeida
433	Fernando Campos
433	Ana Miranda
435	Montserrat Roig
436	Mário Cláudio
437	Ernesto de Melo e Castro
437	Ziraldo
438	António Lobo Antunes
439	Vergílio Ferreira
440	Álvaro Guerra

442	Joaquim Pessoa
1991	
444	Françoise Verny
445	José Cardoso Pires
448	João Cabral de Melo Neto
449	Natália Correia
451	José Augusto Seabra
452	Luísa Costa Gomes
456	Francisco Assis Pacheco
459	Luís Sttau Monteiro
460	Urbano Tavares Rodrigues
462	Hélia Correia
465	Georges Mitzkov
465	José Craveirinha
466	Ungualani Ba Ka Khosa
468	Sophia de Mello Breyner
471	Egito Gonçalves
471	João Melo
472	Sousa Jamba
472	Miguel Barbosa
473	Maria Ondina Braga
474	Ilse Llosa
475	Mia Couto
476	João Luís Barreto Guimarães
477	Artur Anselmo
477	José Fernandes Fafe
482	Pedro Tamen
486	Maria Alzira Seixo
486	Ferreira Goulart
487	José Saramago
487	João Rui de Sousa
488	João Miguel Fernandes Jorge
488	Hélder Macedo
489	Chico Buarque
490	Fiama Hasse Pais Brandão
490	Julia Kriteva
491	Baptista-Bastos
492	António Tabucchi
494	António Quadros
495	Wanda Ramos
1992	
499	Leodegário de Azevedo Filho
501	António Osório
502	Luís Carlos Patraquim
503	Yvette Centeno

504	João de Melo
505	Mário Ventura
508	José Manuel Mendes
509	Maria Isabel Barreno
509	Zélia Gattai
509	Ana Hatherly
510	Guilherme de Melo
511	Ana Maria Magalhães e Isabel Alçada
511	Fernando Dacosta
512	Bernardo Atxaga
513	Matilde Rosa Araújo
513	Franciso José Viegas
514	Fausto Lopo de Carvalho
515	Inês Pedrosa
518	António Rebordão-Navarro
519	Natália Correia
521	Almeida Faria
523	Marguerite Duras
524	José Riço Direitinho
527	Pepetela
531	Jorge Listopad
533	José Carlos Gonzalez
534	Lídia Jorge
535	Silva Carvalho
535	Alexandre Pinheiro Torres
537	Helena Marques
538	António Lobo Antunes
540	José-Augusto França
541	João Aguiar
543	Luísa Dacosta
544	Jorge Vaz de Carvalho
545	Mário Cláudio
1993	
547	Franco de Sousa
547	Vitório Káli
548	A. M. Pires Cabral
549	Mia Couto
549	Eduardo Agualusa
549	Luís Bernardo Honwana
550	José Bento
552	António Mega Ferreira
553	José Fernandes Fafe
555	Harry Belevan
556	Jaime Salazar Sampaio
556	Manuel António Pina

558	Manuel da Fonseca
560	Helena Marques
562	Fernando Pinto do Amaral
566	José António Gomes
569	Urbano Tavares Rodrigues
570	Álvaro Guerra
572	Nelson Saúte
573	António Cândido Franco
574	Júlio Moreira
576	Vasco Pulido Valente
579	Paulo Castilho
580	A. Rebordão Navarro
582	Seomara da Veiga
586	José Augusto Seabra
597	Eduarda Dionísia
598	Fernando Guimarães
599	Rita Ferro
1994	
600	Manuel Alegre
602	E. M. de Melo e Castro
604	António Alçada Baptista
606	Francisco Duarte Mangas
606	Ilídio Rocha
609	Orlando da Costa
609	Hugo Claus
610	Manuel Vásquez Montalbán
610	Affonso Romano Sant'Anna
612	Marisa Teresa Horta
612	José Jorge Letria
613	José Saramago
613	António Lobo Antunes
614	António Tabucchi
618	José Luis Sampedro
622	Mia Couto
623	Ismail Kadaré
624	Helena Marques
1995	
632	Luiz Sepúlveda
633	Miguel Esteves Cardoso
635	Álvaro Cunhal
637	Joaquim Manuel Magalhães
647	Cristina Fernández Cubas
647	Mário de Carvalho
650	Rui Nunes
651	Zélia Gattai

652	Baptista-Bastos
653	José Saramago
654	Manuel Alegre
656	Lídia Jorge
1996	
657	Manuel Poppe
658	Mário Cláudio
658	Teolinda Gersão
663	Enrique Vila-Matas
664	Julieta Monginho
665	Cunha de Leiradella
665	Augusto Abelaira
666	Nélida Piñon
667	José Eduardo Agualusa
671	Teolinda Gersão
677	Paulo Coelho
678	António Franco Alexandre
1997	
688	Álvaro Cunhal
690	José Saramago
691	Xosé María Álvarez Cáccamo
692	Al Berto
693	Pepetela
694	José Cardoso Pires
695	Urbano Tavares Rodrigues
696	Luís Sepúlveda
698	Manuel Rui
699	Gilberto Mendonça Teles
703	Luiz Pacheco
707	José Cardoso Pires
709	Sophia de Mello Breyner
709	Márcio Souza
1998	
717	Hélder Macedo
718	Germano Almeida
719	Clara Pinto Correia
722	Manuel Vázquez Montalbán
723	Mário Cláudio
725	Francisco Coloane
728	Yvette Centeno
730	Jorge Edwards
731	José Saramago
733	José Cardoso Pires
734	Manuel Alegre
734	Fernando Campos

735	Jacinto Rego de Almeida
735	Fernanda Botelho
1999	
737	Antonio Muñoz Molina
737	Luísa Costa Gomes
738	António R. López
738	José Tolentino Mendonça
742	Mia Couto
743	João Ubaldo Ribeiro
746	José Eduardo Agualusa
757	António Lobo Antunes
757	Manuel António Pina
761	José Saramago